

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
Departamento de Letras, Arte e Comunicação

JN, TSF e RTP:

A tragédia de Pedrogão Grande pelo olhar dos repórteres

Relatório Final de Estágio

Mestrado em Ciências da Comunicação – Especialização em Jornalismo

Marcela Schacht

Orientador: Prof^a Dr^a Inês Aroso

- Versão Final -



Vila Real | 2019

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
Departamento de Letras, Arte e Comunicação

**JN, TSF e RTP:
a tragédia de Pedrogão Grande pelo olhar dos repórteres**

Relatório Final de Estágio
Mestrado em Ciências da Comunicação – Especialização em Jornalismo

Marcela Schacht

Orientador: Prof^ª Dr^ª Inês Aroso

- Versão Final -



Vila Real | 2019

Orientadores de estágio:

José Miguel Gaspar • Jornal de Notícias

Rute Fonseca • TSF

Maria de Fátima Faria • RTP

Orientador do Relatório de Estágio:

Professora Doutora Inês Aroso

A ti, Vó Ilda. Sei que me guardas.

Resumo

Jornal de Notícias, TSF e RTP. Três locais de estágio. Três experiências. Cada local com uma identidade muito própria e distinta. Qualquer um deles apresenta-se como sendo um nome sonante no mundo dos órgãos sociais portugueses e com contributos importantes para o jornalismo em Portugal. Uma porta que se abre ao olhar de uma estagiária, que teve a oportunidade de observar e fazer parte do dia-a-dia frenético das redações. A partir daqui tudo flui muito naturalmente. Na perspetiva de uma estagiária, tudo é uma novidade, porque na verdade, “é nas redações que se fazem os jornalistas”, como disse José Miguel Gaspar, jornalista do Jornal de Notícias. Assim, na perspetiva de uma recém-chegada, mesmo o que parece óbvio (para quem lida com os movimentos quase coreografados de uma redação) merece ser explorado e apresentado a outros novatos. Este trabalho acaba por ter como inspiração precisamente estes, os novatos. Um Relatório de Estágio que, na verdade aspira a ser um pouco mais do que apenas isso, um relatório, no sentido cru da palavra. Pretende-se que de alguma forma seja um documento de auxílio para os que sentem a necessidade de não cair de paraquedas num local onde todos têm a sua função. Os que sentem a curiosidade de perceber como é que funcionam os bastidores de um jornal, de uma rádio ou de uma televisão. Os que simplesmente procuram algumas informações para que as suas chegadas aos locais de estágio não sejam uma entrada, de olhos vendados, num novo universo.

Mas, e Pedrogão? Onde é que se encaixa o incêndio em Pedrogão Grande no meio de tudo isto? A verdade é que um conjunto de fatores se conjugou para que este fosse o resultado. O incêndio que deflagrou a 17 de junho e que fez 66 mortes, coincidiu com o período de estágio curricular na RTP. Perceber a dificuldade dos jornalistas em trabalhar num ambiente tão inóspito como era aquele, onde um turbilhão de emoções insiste em não querer desaparecer, foi o mote para abordarmos um tema tão difícil, mas tão necessário. Tornou-se bastante pertinente explorar os desafios de fazer jornalismo fora da zona de conforto, onde a linha que separa um bom, de um mau trabalho jornalístico, parece-nos tão ténue. Entrevistamos três repórteres, de cada um dos locais de estágio, para nos falarem das suas experiências no terreno e das maiores dificuldades que encontraram.

Abstract

Jornal de Notícias, TSF and RTP. Three places of internship. Three experiences. Each place with a very unique and distinct identity. Each one of them presents itself a great impact in the world of Portuguese social organs and with important contributions to journalism in Portugal. A door that opens to the eyes of an intern, who had the opportunity to observe and be part of the frenetic day-to-day of newsrooms. From here everything flows very naturally. In the perspective of a fresh intern, everything is new, because in fact, "it's in the essays that journalists are made," words from José Miguel Gaspar, a journalist from Jornal de Notícias. Thus, from the perspective of a new comer, even what seems obvious (for those who deal with the almost choreographed movements of an essay) deserves to be explored and presented to the other starters. This work ends up having as inspiration to them, the beginners. A Traineeship Report that actually aspires to be a little more than just that, a report, in the raw sense of the word. It is intended to be in some way a document of assistance for those who feel the need not to fall from parachutes in a place where everyone has their job. Those who are curious to see how is the work on the backstage of a newspaper, radio or television. Those who simply look for some information so that their arrivals to the internships are not a blindfolded entry into a new universe.

But what about Pedrogão? Where does the fire in Pedrogão Grande fits in the middle of all this? The truth is a several number of factors were combined to make this the result. The fire that broke out on June 17 and made 66 deaths, coincided with the period of curricular traineeship at RTP. Realizing the difficulty of journalists in working in such an inhospitable environment, where a whirlwind of emotions insists on not wanting to disappear, was the motto for us to approach a subject so difficult but so necessary. It has become quite pertinent to explore the challenges of journalism outside the comfort zone, where the line between good news and bad journalism seems so tenuous. We interviewed three reporters from each of the internships to tell us about their experiences on the ground and the greatest difficulties they encountered.

Agradecimentos

“Sempre chegamos ao sítio aonde nos esperam”

José Saramago (A Viagem do Elefante)

Esta é só mais uma etapa do caminho que tenho percorrido. E o quão bom é estarmos rodeados de pessoas que nos ajudam a caminhar?

Aos meus pais, que sempre fizeram tudo para que pudesse seguir o caminho que escolhi.
À minha mãe, que sempre acreditou no meu potencial e me encorajou a fazer mais e melhor. É inexplicável o orgulho que sinto por ela, uma força da natureza.

À Vó Gina e ao Vú Manel, o meu porto de abrigo, ontem, hoje e sempre.

Ao Naines, o meu companheiro de sonhos.

A toda a restante família e amigos.

A todos os professores e profissionais da UTAD TV que me acompanharam nesta jornada.

A toda a equipa do Jornal de Notícias, da TSF e da RTP.

Aos meus orientadores (e não só) das entidades acolhedoras:

José Miguel Gaspar e Hugo Silva, do JN

Rute Fonseca e Joaquim Dias, da TSF

Maria de Fátima Faria, da RTP

Aos jornalistas que aceitaram prontamente o meu convite para as entrevistas sobre Pedrogão Grande:

José Miguel Gaspar (JN), Bárbara Baldaia (TSF) e António José Pereira (RTP)

À professora que esteve sempre disponível desde o primeiro ano de licenciatura até aos dias de hoje, a minha orientadora de estágio, a Prof^ª Dr^ª Inês Aroso.

Obrigada por caminharem comigo.

Índice

Introdução 13

PARTE I: O Jornalismo visto de fora para dentro.....	16
1. Como tudo começou: perspetivas históricas.....	17
1.1.Perspetiva Histórica do jornalismo impresso.....	17
1.2.Perspetiva Histórica do jornalismo radiofónico.....	27
1.3.Perspetiva Histórica do jornalismo televisivo.....	32
2. O impacto da Internet no jornalismo tradicional.....	39
2.1.A Internet chegou a Portugal. E agora?.....	39
2.2. Os números.....	40
2.3.Uma nova forma de pensar o jornalismo.....	42
2.4.Alteração das rotinas produtivas dos meios tradicionais.....	48
2.5.O “apenas” utilizador e o repórter de ocasião.....	51
2.6.Nova era, novas funções.....	55
3. Jornal de Notícias, TSF e RTP: conhecer as redações	61
3.1.Jornal de Notícias.....	61
3.2. TSF.....	69
3.3.RTP.....	79
4. Jornal de Notícias, TSF e RTP: Breve olhar sobre os períodos de estágio..	85
4.1. Jornal de Notícias.....	85
4.1.1 O primeiro contacto com o local de estágio.....	85
4.1.2. As primeiras tarefas; o primeiro trabalho.....	87
4.2. TSF	91
4.2.1 O primeiro contacto com o local de estágio.....	91
4.2.2. As primeiras tarefas; o primeiro trabalho.....	93
4.3. RTP.....	97
4.3.1. O primeiro contacto com o local de estágio.....	97
4.3.2. As primeiras tarefas; o primeiro trabalho.....	98
4.4. As Experiências marcantes.....	103
4.4.1 Jornal de Notícias.....	103
4.4.2 TSF.....	104

4.4.3.RTP.....	106
4.5. As rotinas.....	106
4.5.1. A volta telefónica.....	106
4.5.2. A reunião.....	106
4.5.3. A Agenda.....	107
4.5.4. O transporte.....	108
4.5.5. Coordenação do Jornal da Tarde (RTP).....	109
4.5.6. Produção do Jornal da Tarde (RTP).....	110
4.5.7. Rotina Pivô.....	110
5. Apreciação crítica dos estágios	111
PARTE II: O Jornalismo visto de dentro para fora	115
6. Ser repórter em Pedrogão Grande.....	116
6.1.Pedrogão Grande: o incêndio a 17 de junho	116
6.2. Os números	120
6.3. Contextualização das entrevistas	121
6.3.1. Apresentação dos repórteres	123
6.3.2. Análise às respostas	124
6.3.2.1. O impacto: preparação e o primeiro confronto com aquela realidade.....	124
6.3.2.2. Abordagem às pessoas	126
6.3.2.3. Eu jornalista \diamond Eu “indivíduo/a”.....	130
6.3.2.4. Os limites no jornalismo	132
6.3.2.5. Os reencontros.....	135
6.3.2.6. Deixar Pedrogão Grande.....	136
7. Conclusão	139
8. Referências Bibliográficas	144
9. Anexos	150

Índice de figuras, tabelas e gráficos

Figuras

Fig.1 The London Gazette, edição de 14 de maio de 1705.....	19
Fig.2. Gazeta do Mês de Dezembro de 1641.....	21
Fig.3. Estúdio de rádio nos anos 50/60, tal como funcionou na antiga Emissora Nacional.....	29
Fig.4. Cartaz de promoção à estreia da primeira emissão televisiva em Portugal.....	36
Fig.5 e 6. Imagem da primeira emissão televisiva em Portugal.....	37
Fig.7. Exemplo de uma notícia “em desenvolvimento”	46
Fig.8. Exemplo da funcionalidade de receber notificações de novas notícias	47
Fig. 9 e 10. Sala da redação do JN	63,64
Fig.11. Sala da redação da TSF	74
Fig. 12. Estúdio da TSF – sala de edição.....	74
Fig.13. Estúdio da TSF.....	75
Fig. 14. Resumo dos números relacionados com o público da TSF.....	78
Fig.15. Perfil do ouvinte da TSF.....	78
Fig. 16. Sala de redação da RTP.....	82
Fig. 17 e 18. Audiências por canal e por programa.....	84
Fig.19. Exemplo de Breves, escritas no âmbito de estágio.....	87
Fig.20. Primeira notícia escrita em âmbito de estágio.....	90
Fig.21. Primeira versão de notícia escrita em âmbito de estágio.....	94
Fig.22. Versão final da notícia escrita em âmbito de estágio	95
Fig.23. Versão aproximada de como são as senhas de táxi.....	108
Fig.24 Imagem ilustrativa dos números associados ao incêndio de Pedrogão Grande...	120

Tabelas

Tab.1. Cronologia da História do Jornalismo Impresso.....	26
Tab.2. Cronologia da História do Jornalismo Radiofónico	31
Tab.3. Cronologia da História do Jornalismo Televisivo	38
Tab.4. Nº de tiragens de 4 jornais diários no ano 2000	68
Tab.5. Nº de tiragens de 4 jornais diários no ano 2017.....	68
Tab.6. Audiências das rádios mais ouvidas em Portugal, a junho de 2017	77

Gráficos

Gráf.1. População digital a nível global a agosto de 2017 (milhões).....	41
Gráf.2. Percentagem de utilizadores que usam as redes sociais para procurar notícias/informação	41
Gráf.3. Percentagem de utilizadores que usam as redes sociais para procurar notícias/informações.	54

Introdução

Fomos de alguma forma ousados por pretender que este seja um pouco mais do que apenas um Relatório de Estágio. Tínhamos a ambição de ir um pouco mais ao fundo da questão, abordar pequenos pormenores que na verdade, para um estagiário, sem qualquer contacto prévio com o ambiente redatorial, podem fazer toda a diferença. Atrevemo-nos a transcrever diálogos e pensamentos desta estagiária, que acredita não estar sozinha neste novo mundo. Quisemos, não apenas relatar, mas sim explorar as diferenças encontradas nas rotinas produtivas de cada meio (jornal, rádio e televisão). Espreitamos os bastidores de três redações que desenvolvem um trabalho reconhecido a nível nacional. Gostaríamos até que este trabalho pudesse vir a servir, quase como que, de um “Manual de Sobrevivência para Futuros Estagiários” se tratasse. “As dúvidas de uns, podem ser as dúvidas de outros”, a célebre frase que, de certa forma, fez com que este trabalho fizesse sentido. Uma linguagem acessível e sem “manias”, quebrar algumas das formalidades, estar mais próximo de quem lê, era a única forma de fazer com que tudo se conjugasse da forma mais harmoniosa possível. Depois de, ao todo, nove meses em estágios curriculares a ouvir que: “Conta isto como se estivesses a explicar à tua mãe ou ao teu avô. Só assim tens a certeza que estás a explicar de forma a que toda a gente perceba”, transmitiu confiança suficiente para que aqui, ao longo destas páginas, também assim seja.

Podemos começar por explicar que este trabalho se apresenta dividido em duas partes, ainda que estas se relacionem. Primeiramente, e com as devidas abordagens históricas e teóricas – nomeadamente das alterações sofridas no jornalismo nas últimas décadas -, procuramos explorar o percurso da estagiária, desde o momento em que faz as suas primeiras viagens, para os primeiros dias de estágio nas diferentes entidades acolhedoras, passando pelas experiências que mais a marcaram, os trabalhos que mais gostou de desenvolver e os pormenores práticos do dia-a-dia de uma redação. A fase em que um aluno passa por um processo de estágio é determinante, uma vez que é nessa altura em que é posto frente a frente com o jornalismo real. Obviamente, uns estágios são mais ativos do que outros, mas quer seja por observação, quer seja por atuação, a aprendizagem que daí se retira deve ser o mais sumarenta possível. Neste caso, falamos de três estágios, realizados em locais distintos (Jornal de Notícias, TSF e RTP), com métodos de trabalho distintos. Ainda que o processo de recolha de informação bruta, o

contacto com agências noticiosas e algumas das rotinas levadas a cabo nas redações sejam idênticas – porque partem do mesmo pressuposto: recolha e tratamento de informação – o método utilizado que dá origem ao produto final que chega ao público é, obrigatoriamente, diferente.

A ordem pela qual vamos apresentar as diferentes experiências, tem apenas a ver com a ordem cronológica dos estágios. O primeiro, ainda no fim da Licenciatura em Ciências da Comunicação, foi no Jornal de Notícias (JN). Foi a primeira experiência com o que realmente é o jornalismo, foi a primeiro contacto com o que realmente é uma redação e foi a primeira confrontação com a pergunta: “Se este for o meu dia-a-dia, será que ia ser feliz?”. A verdade é que o estágio tem efetivamente essa gigantesca importância, uma vez que permite aos alunos sentirem um “cheirinho” de como pode ser o seu futuro e isso pode esclarecer muitas dúvidas. Questões, questões e mais questões. Ainda bem que existem porque permitem-nos ir à procura das respostas. Muitas vezes, enquanto percorremos um caminho à procura de uma resposta, o que acontece é que nos deparamos com ainda mais questões. Foi assim que surgiu a TSF. Uma experiência em rádio podia ajudar a decidir se aquela poderia ser uma opção viável no futuro. Pela mesma linha de pensamento, surgiu a RTP. Depois de um estágio em jornal, e outro em rádio, tudo se apresentava de uma forma muito óbvia. Faltava a televisão.

Assim sendo, este Relatório de Estágio começa por observar as implicações da Internet no jornalismo, isto porque, é absolutamente necessário falar da forma como o jornalismo de hoje acontece e perceber a forma como a rede influencia o que é feito nas redações de todo o país. Passamos então aos locais de estágio, começando pelo enquadramento histórico e pela apresentação de alguns dados fundamentais. Finalmente abordamos a questão das rotinas produtivas e as grandes diferenças entre os três meios de comunicação. Para isso, vamos utilizando exemplos concretos relacionados com os períodos de estágio, de forma a que tudo esteja enquadrado num determinado contexto.

A segunda parte deste Relatório de Estágio foi absolutamente determinante para que o resultado final fosse este. Ainda em estágio na RTP começou a surgir uma certa inquietação sobre o que poderia tornar este Relatório de Estágio diferente ou com algo de novo a acrescentar ao meio académico. Era preciso algo que pudesse ser de alguma forma **comum** aos três meios (jornal, rádio e televisão), mas com **diferenças** assinaláveis o suficiente para que pudessem ser debatidas. Acontece que estive quase sempre “ali”, bem à vista, mas difícil de “ver”. Até um dia. O incêndio em Pedrogão Grande ocupou todas

as manchetes dos jornais, foi a abertura de todos os telejornais e de todas as horas noticiosas na rádio. Foi abordado por, atrevemo-nos a dizer, todos os meios de comunicação social. Estava encontrado o elemento em **comum**. As grandes redações enviaram equipas de reportagem para Pedrogão Grande, ainda numa fase em que ninguém conseguia perceber bem o que se tinha passado, mas a cima de tudo, como é que se tinha passado. Os repórteres chegaram ao terreno e tiveram de trabalhar em condições completamente adversas, principalmente ao nível emocional. Chegaram a casa de todos os portugueses relatos de histórias chocantes. Pessoas que perderam tudo. Quisemos perceber como é o jornalista, aquele que recebe as informações em bruto (sendo que tudo o que envolveu Pedrogão Grande foi de uma extrema brutalidade), lida com um cenário de absoluta devastação. Quisemos saber como é que se mantém a frieza, em prol do trabalho jornalístico – que à partida deverá ser imparcial e isento – num caso como o de Pedrogão Grande. Como é que se aborda uma pessoa que acabou de ficar sem o trabalho de uma vida? Ou que perdeu um, ou mais familiares? Foram cometidos erros, jornalisticamente falando? Escolhemos três repórteres que foram destacados pelas suas redações para fazer a cobertura deste acontecimento e, partindo do princípio que cada um, com a sua individualidade, tem a sua forma de reagir a um cenário que deixou todos em estado de choque, pareceu-nos pertinente ouvi-los e perceber como é que três pessoas distintas lidaram com a mesma situação. Estavam encontradas as **diferenças**.

Falamos então da abordagem jornalística aos trágicos incêndios em Pedrogão Grande. Depois de um breve resumo dos acontecimentos daquela semana de outubro de 2017, em que se perderam mais de sessenta vidas, fazemos uma análise das entrevistas dadas pelos repórteres: José Miguel Gaspar (JN), Bárbara Baldaia (TSF) e José António Pereira (RTP). Estas foram as primeiras escolhas, aquelas que fariam mais sentido, na nossa perspetiva, e felizmente os três repórteres aceitaram o convite. Para além de serem jornalistas com quem a estagiária privou durante os três meses que passou nas entidades acolhedoras, desenvolveram um trabalho que mereceu destaque por parte do público. Cada um com a sua visão e forma de lidar com os acontecimentos, o seu contributo para este trabalho mostrou ser fundamental para percebermos que as regras nem sempre são possíveis de seguir à risca. Discursos que falam do distanciamento que é, ou não, possível manter numa situação onde tudo foge à rotina e onde as emoções tendem a sobrepor-se à imagem do jornalista.

PARTE I:

O Jornalismo visto de fora para dentro

1. Como tudo começou: perspectivas históricas

1.1. Perspetiva Histórica do jornalismo impresso

Há vários séculos que as civilizações utilizam a imprensa para divulgar notícias e informações para as massas. Mas como é que tudo começou? Recuemos até ao ano 59 A.C, até Roma, onde pudemos ver nascer aquele que é considerado o mais antigo “jornal” conhecido: A *Acta Diurna*. Pelo que se sabe, tudo partiu de um desejo do imperador Júlio César, que ordenou que os acontecimentos e eventos mais importantes fossem divulgados ao público. Para concretizar este desejo, eram expostas grandes placas brancas, de papel e madeira, em lugares bastante frequentados, como era o caso das termas. Os cidadãos de Roma procuravam a *Acta Diurna* para se manterem a par das conquistas militares, julgamentos e execuções. No entanto, uma vez que esta era a publicação oficial do governo, as informações divulgadas não eram imparciais e, portanto, nunca eram difundidas notícias negativas de derrotas do exército romano, nem escândalos envolvendo pessoas públicas ou aliados do imperador. Uma outra característica desta publicação prende-se com a desatualização das informações. Como será fácil de compreender, uma vez que os textos eram transportados a pé ou cavalo para as principais cidades, embora a *Acta Diurna* fosse publicada todos os dias, na altura em que era exposta ao público, as informações estavam já ultrapassadas em dias, ou semanas.

Avancemos até ao séc. VIII, desta vez em Pequim, na China. Por esta altura surgiram jornais, escritos à mão, sob a forma de boletins. Durante vários séculos este era o método mais comum e apesar de terem existido algumas evoluções, quer ao nível dos materiais utilizados, quer do tipo e forma como as informações iam sendo divulgadas, o grande ponto de viragem deu-se apenas no séc. XV, quando em 1447, Johann Gutenberg inventou a prensa de papel. A partir deste momento, começou uma viagem longa, mas produtiva. Tudo se conjugou, evoluiu e aproximou da imagem que temos dos jornais de hoje. A prensa de Gutenberg, possibilitou que o trabalho que antes era realizado

manualmente pudesse ser feito em máquinas, tornando a publicação de livros e jornais muito mais vasta, célere e barata.

“(…) poder-se-ia considerar a alteração do processo de difusão cultural antes e depois de Gutenberg ter inventado a imprensa. Até Gutenberg, a reprodução de livros, além de difícil, lenta e dispendiosa, estava nas mãos de instituições que, de alguma maneira, zelavam por uma qualquer espécie de ortodoxia. Com o advento da imprensa, os livros passaram, de repente, a ser portáteis, facilmente reproduzidos e ainda mais facilmente disseminados fora de qualquer espécie de vigilância sufocante. Foi mais um novo salto qualitativo que a Humanidade encetou.”

(Sousa e Fino 2008:2-3)

Não existe um consenso sobre qual será o primeiro jornal impresso. Enquanto alguns historiadores apontam para *Noviny Poradné Celého Mesice Zari Léta 1597* (*Jornal Completo do Mês Inteiro de Setembro de 1597*), um jornal editado mensalmente em Praga, outros acreditam que o semanário *Nieuwe Tijdinghen*, produzido na Antuérpia em 1605, é a publicação mais antiga. Com o passar dos anos, e à medida que a tecnologia da prensa de papel ia sendo aperfeiçoada e reproduzida em vários locais, os jornais passaram a apresentar uma maior periodicidade e não tardou a que os governantes dos diferentes países começassem a perceber o potencial destas publicações periódicas.

A própria atividade levada a cabo pelos jornalistas começou a ser vista de uma forma mais séria e profissional, até que acabam por surgir nas Universidades da Europa os primeiros cursos de jornalismo. A par destes acontecimentos começam a surgir os chamados jornais “modernos” na Alemanha, França, Bélgica e Inglaterra na primeira metade do séc. XVII e alastraram-se aos poucos por todo o resto da Europa Ocidental. Em Inglaterra, ao serviço do rei Carlos II, o *London Gazette* é um excelente exemplo, uma vez que foi fundado nesta altura, em 1665, e ainda hoje é publicado diariamente. Desta feita, é o jornal mais antigo do Reino Unido ainda em atividade.

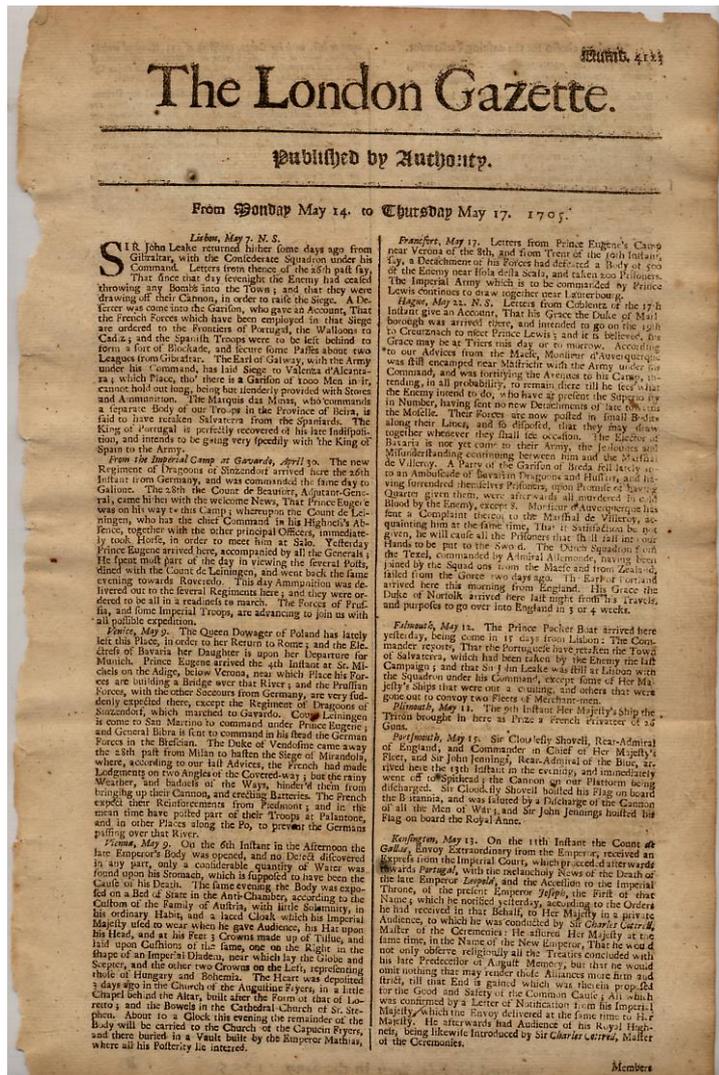


Figura 1 The London Gazette. Edição de 14 de maio de 1705, in www.thegazette.co.uk/

No entanto, se recuarmos cerca de vinte anos, poderemos testemunhar o nascimento da imprensa periódica portuguesa, em 1641, um ano depois de Portugal recuperar a sua independência, a 1 de dezembro de 1640. A *Gazeta em Que se Relatam as Novas Todas, Que Ouve Nesta Corte, e Que Vieram de Várias Partes no Mês de Novembro de 1641*, mais conhecida simplesmente por *Gazeta da Restauração*, foi vista por D. João IV como um excelente instrumento de propaganda e de legitimação do novo poder.

O segundo número da *Gazeta da Restauração* foi impresso em dezembro de 1641 e entrou em circulação a 11 de janeiro do ano seguinte. Tinha mais quatro páginas do que o primeiro e número e custava mais 4 réis, ou seja, 10 réis, em vez de 6. O preço da *Gazeta* era calculado consoante o número de páginas.

Até à publicação do nono número, impresso em julho de 1642 e posto a circular em agosto, podemos dizer que a *Gazeta* teve um percurso regular. No entanto, nos dois meses

seguintes, agosto e setembro, esta publicação viu a sua impressão e circulação interrompida por determinação do rei. Em Portugal os tempos eram de guerra e o poder régio estava com dificuldade em controlar todas as notícias publicadas. A proibição era dirigida essencialmente às publicações gerais, menos regulares, mas foi também aplicada à *Gazeta da Restauração*. Dois meses passados, a *Gazeta* volta a ter autorização para ser novamente posta em circulação, mas desta vez com novas linhas editoriais e um título diferente: *Gazeta Primeira do Mês de Outubro de Novas Fora do Reino*. Tal como o primeiro número da *Gazeta da Restauração*, impresso em novembro de 1641, tinha 12 páginas e custava 6 réis.

Numa reportagem do jornal *Expresso*, onde esta primeira publicação periódica portuguesa é homenageada, Felisbela Lopes, professora de Jornalismo na Universidade do Minho, diz em entrevista que “podemos considerar D. João IV como o primeiro governante [português] que percebeu a importância dos escritos impressos” e acrescenta que “o apoio régio às Gazetas era o modo de controlar a opinião pública na época”, uma vez que o país atravessava um momento delicado, marcado por uma grave crise económica que facilmente podia resultar em revoltas municipais. Ainda na mesma reportagem, Jorge Pedro Sousa, investigador e professor na Universidade Fernando Pessoa, salienta que “o rei e os seus conselheiros certamente conheciam o caso da Gazette [francesa] e perceberam que uma publicação portuguesa com características semelhantes poderia ser benéfica para a propaganda da nova dinastia de Bragança e para a sua legitimação simbólica”.

Fazendo uma retrospectiva sobre os vários números publicados da *Gazeta da Restauração*, Jorge Sousa deduz que tendo em conta as tiragens médias da época “é de admitir que o número de cópias por número não deverá ter superado as 300”. Adianta ainda que “a maioria das cópias circulavam em Lisboa, especialmente na Corte. No entanto, haveria quem comprasse gazetas e outras publicações em Lisboa com o objetivo de as ir lendo de terra em terra, a troco de uma pequena quantia; e outras eram enviadas por mensageiros e correios para outros lugares, por exemplo, para as sedes de bispado, para agentes importantes na administração e defesa do território, para certos conventos”. Observando o tempo de vida desta *Gazeta*, podemos concluir que esta estreia foi conturbada e que nem sempre foi possível manter a periodicidade que inicialmente estava prevista. Ao longo dos anos que esteve em circulação, houve edições bimestrais, meses em que não foi publicada, como podemos ver anteriormente, e outros em que foi impresso mais do que um número.

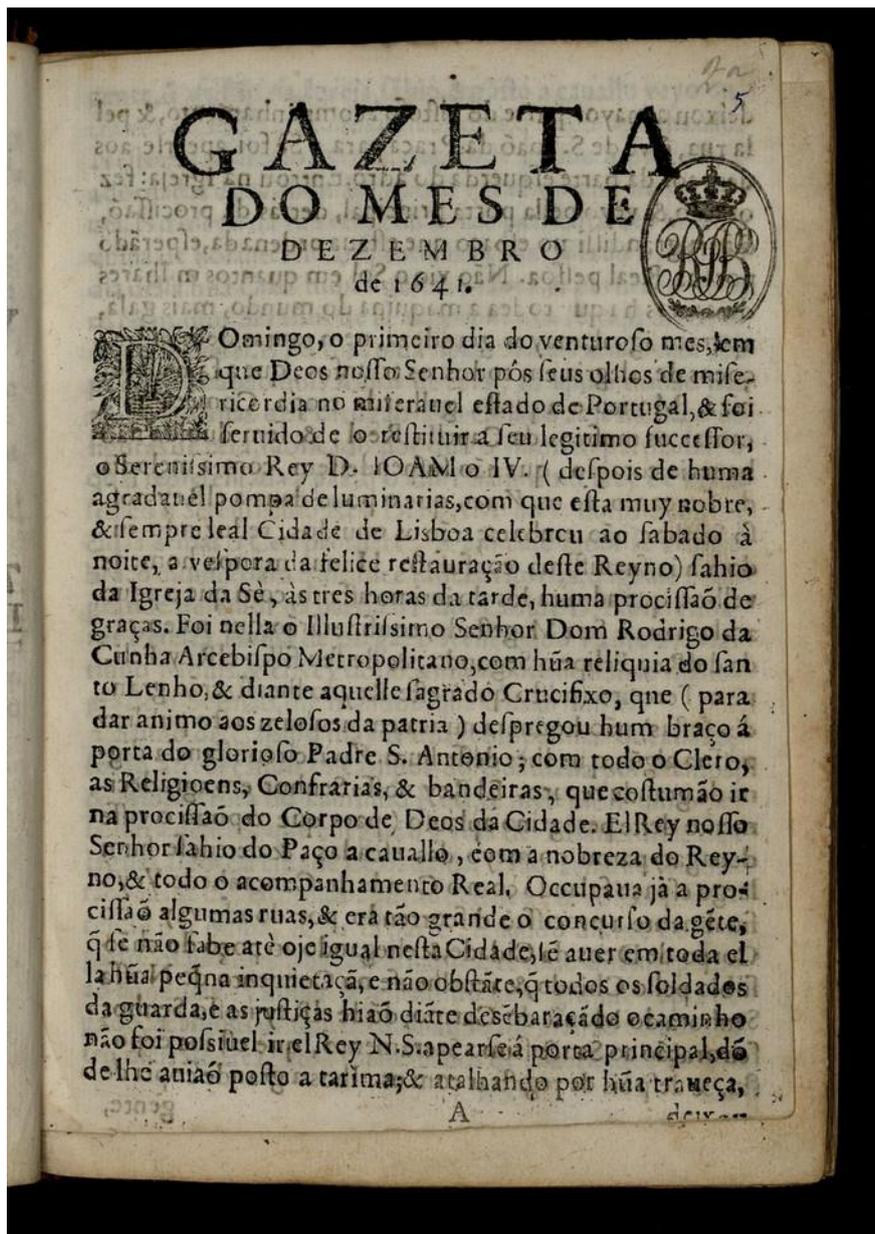


Figura 2 Gazeta do Mês de Dezembro de 1641 in www.circulodainovacao.pt

O conceito das Gazetas acabou por ter bastante sucesso um pouco por toda a Europa. O formato acaba por chegar à América, onde foram criadas e reinventadas diversas publicações do género.

Analisando a realidade que nos é mais próxima, a europeia, percebemos que estas publicações abordavam essencialmente notícias da Europa e, casualmente, incluíam informações vindas do continente americano e/ou da Ásia. Por outro lado, dificilmente se encontravam nestas páginas informações sobre assuntos nacionais. Os jornais ingleses optavam por descrever derrotas militares sofridas pela França, enquanto os jornais franceses cobriam os mais recentes escândalos da família real inglesa. Só na segunda metade do século XVII é que os jornais começaram a noticiar os acontecimentos

nacionais. No entanto, a censura fazia parte da realidade da maior parte dos países nestas épocas (alastrando-se durante várias décadas até um passado bastante recente) e, portanto, não era possível abordar todo o tipo de assuntos, principalmente aqueles que, na perspectiva dos governos, pudessem contribuir para um movimento de revolta por parte do povo. Neste âmbito, a Suécia foi o primeiro país a destacar-se pelos melhores motivos, uma vez que em 1766, aprovou uma lei que protegia a liberdade de imprensa.

Certo é que com a evolução das sociedades e com a estabilização dos países política e financeiramente, os jornais foram apresentando uma periodicidade cada vez mais frequente. Não é tarefa fácil perceber qual terá sido o primeiro jornal impresso diário, uma vez que não existe um consenso relativamente a esta matéria. Enquanto alguns autores consideram jornais diários aqueles que são publicados três ou quatro dias seguidos por semana, outros acreditam que só pode ser considerado um jornal diário, aquele que faz jus ao nome, e portanto, aquele que é publicado todos os dias. Assim sendo, optamos por apresentar aqui O *Daily Courant*, criado em Inglaterra por Elizabeth Mallet, em 1702, foi o primeiro a ser publicado todos os dias, com exceção do domingo, tal como indica Jorge Pedro Sousa no artigo *Elementos do Jornalismo Impresso*, “era apenas uma folha de papel, mas não só mostrou que as pessoas queriam conhecer rapidamente as notícias como também contribuiu para transformar o conceito de atualidade.” (Sousa 2001:20)

Em 1844, uma outra invenção voltou a revolucionar o universo jornalístico e o mundo em geral: o telégrafo. Agora, as informações eram transmitidas em questão de poucos minutos, o que permitiu que a imprensa se tornasse mais ágil, uma vez que os relatos transmitidos ao público passaram a ser mais atuais e, portanto, mais relevantes. Assim sendo, um acontecimento que ocorreu de manhã, poderia agora facilmente ser noticiado à tarde. Assistimos aqui, mais uma vez, a uma contribuição importante para a aproximação da imprensa ao formato que conhecemos nos jornais de hoje.

Em Portugal, a *Gazeta de Lisboa*, editada pela primeira vez a 1 de maio de 1809, é considerada a primeira publicação com características de jornal diário. No entanto, só em 1865, com o aparecimento do *Diário de Notícias* é que o jornalismo português entra no movimento progressista que estava a acontecer um pouco por toda a Europa. Jorge Pedro Sousa presenteia-nos com duas curiosidades sobre o primeiro número publicado do *Diário de Notícias*:

“No primeiro número do *Diário de Notícias* (29 de dezembro de 1864), a primeira notícia era “Suas Magestades e Altezas passam sem novidade em suas importantes saúdes”. Hoje em dia, se um monarca ou presidente estiver bem de saúde, isso não é notícia. Nem o jornalista iria classificar as suas saúdes de “importantes”. Além disso, ficamos a saber que nessa primeira edição foi também publicado um pedido aos leitores: "Aceitam-se e agradecem-se informações verbais ou escritas sobre quaisquer acontecimentos interessantes da vida pública; ocorrências tristes ou alegres; obras notáveis; descobertas úteis; (...) tudo, enfim, que possa interessar ao público em geral (...).”

(Sousa 2001:33)

Nesta fase, podemos observar um jornalismo que se torna cada vez menos partidário em prol de se apresentar cada vez mais factual e é nesta altura que “começa a trilhar-se o caminho que haverá de conduzir à profissionalização dos jornalistas portugueses” (Sousa 2001:21). Este fenómeno de mudança, com início nos Estados Unidos da América, fica também muito marcado pela utilização de uma linguagem cada vez mais simples e que fosse possível ser compreendida por todos. Os jornais mostram-se cada vez mais próximos do povo. A contribuir para esta nova forma de fazer jornalismo, que mais tarde fica conhecida como a primeira geração da imprensa popular, ou *penny press*, conjugaram-se um conjunto de fatores, que Jorge Pedro Sousa enumera da seguinte forma:

- Alfabetização;
- Concentração das pessoas em cidades, urbanização e urbanidade;
- Aumento do poder de compra;
- Aparecimento de empresas jornalísticas devotadas ao lucro e não à arregimentação de partidários;
- Novos valores e novas formas de vida despertam a atenção para o desporto, as viagens, etc.;
- Os progressos tecnológicos permitem o aumento de tiragens dos jornais e o decréscimo dos custos de produção.

Apesar dos primeiros passos do jornalismo moderno tenham sido dados na Europa, e só tenham sido adotados posteriormente pelos americanos, a verdade é que as grandes

evoluções e adaptações, que contribuíram para grande parte das características do jornalismo de hoje, ocorreram nos Estados Unidos da América. Chegavam futuramente à Europa, sendo que a Inglaterra era por norma o primeiro país europeu a absorver as alterações que iam sendo feitas nos EUA. A Guerra Civil Americana foi uma das grandes responsáveis pelas alterações que foram feitas na forma de fazer jornalismo, já que nesta altura, no início dos anos sessenta do séc. XIX, os jornalistas começaram a perceber a importância do trabalho que desenvolviam e sentiram a necessidade de demarcar bem o seu papel, numa tentativa de não serem confundidos com tipógrafos, telegrafistas ou outros profissionais. Era importante que se definisse bem os “territórios” de cada um e os papéis que lhes cabia desempenhar.

“Entre os milhares de repórteres que cobriram a Guerra da Secessão, o primeiro acontecimento a ser massivamente coberto, formou-se um corpo de jornalistas de guerra que foi capaz de transferir a sua agressividade e livre iniciativa para outras áreas temáticas quando a guerra terminou” (Sousa 2001:24). Foi também durante esta guerra civil que começaram a testar novas formas de obter e tratar a informação, como a entrevista, a reportagem e a crónica. É também nesta altura que aparece uma das técnicas mais utilizadas no jornalismo de hoje: a pirâmide invertida. Como trabalhavam num ambiente hostil, os repórteres sabiam que nem sempre o telégrafo funcionava na sua plenitude (e era dispendioso), por isso viam-se obrigados a colocar a informação mais importante no início da peça que enviavam para as redações para garantir que, caso o telégrafo falhasse, pelo menos as informações imprescindíveis chegavam ao destino.

No final do século XIX, os jornais estavam cada vez mais acessíveis a todo o tipo de carteiras, custando apenas um *penny*. O objetivo dos donos desses jornais era obter o máximo de lucro com as vendas, mas também com a inclusão de publicidade. Os leitores começaram a exigir outro tipo de escrita e a pressão deste novo tipo de público resultou numa factualidade que por vezes era transportada para um lado mais sensacionalista. Estavam assim reunidas as principais características da segunda geração da *penny press*.

O certo é que, apesar de várias adaptações à evolução das sociedades e do mundo, o poder de seleção e de síntese da informação, assim como a importância de utilizar uma linguagem simples e factual foram características jornalísticas que foram passando de geração em geração e ainda hoje assumem-se como sendo linhas orientadoras das grandes redações internacionais.

De salientar que as evoluções, adaptações e readaptações que foram ocorrendo um pouco por todo o mundo, não foram recebidas com todo o seu esplendor, em Portugal,

entre a década trinta e o ano de 1974. Os quarenta anos de ditadura tiveram uma grande influência na forma como o jornalismo era produzido, marcado essencialmente pela ditadura. Quando falamos do 25 de Abril, uma das mudanças que é sempre referida é a conquista da liberdade de expressão que se manifestou também na liberdade de imprensa. O país absorveu as novidades e rapidamente se atualizou, numa tentativa de se aproximar do jornalismo que estava a ser praticado no resto do mundo.

Em meados do séc. XIX, os jornais tornaram-se o principal veículo de divulgação e “entre 1890 e 1920, período conhecido como “anos dourados” da mídia, os barões da imprensa internacional como William Randolph Hearst, Joseph Pulitzer e Lorde Northcliffe construíram gigantescos impérios editoriais, detendo grande influência e poder na indústria jornalística mundial.” (Oliveira e Glanzmann 2010). O alcance das notícias publicadas nos diversos jornais, que se foram estabelecendo e ganhando reconhecimento, era cada vez maior e o papel ativo que desempenharam na evolução das sociedades não pode ser esquecido.

Ainda assim, o aparecimento da rádio nos anos 20 veio abalar este percurso de sucesso. Para além de passarem a competir pela a atenção dos anunciantes, vários jornalistas que, até então sempre tinham trabalhado em jornais, passaram para as rádios. Duas décadas depois, o jornalismo impresso volta a passar por uma prova de fogo com o aparecimento de uma nova concorrente de peso, a televisão. Para conseguirem sobreviver às mudanças do mercado, os jornais viram-se forçados a reavaliar o seu papel, uma vez que deixaram de ser a principal fonte de informação. Recusando-se a baixar os braços e a entregar às novas concorrentes a preferência do público, os editores aproveitaram os novos avanços tecnológicos e atualizaram os formatos e conteúdos dos seus jornais, com o objetivo de torná-los mais chamativos. As notícias passaram a ser mais pormenorizadas e objetivas, de forma a que a cobertura do acontecimento fosse o mais completa possível; são utilizadas fotografias em grande escala e a cores; a linguagem passa a ser mais popular, numa tentativa de aproximação ao público e são criadas novas secções, onde é dedicado mais espaço ao desporto e ao humor.

A partir de 1980, com o surgimento e popularização dos computadores e da Internet, o jornalismo clássico reinventa-se e surge o chamado web jornalismo.

Tabela 1 Cronologia da História do jornalismo impresso (a partir da prensa de Gutenberg)

Primeira metade do séc. XVII	Os jornais começam a surgir como publicações periódicas e frequentes
Segunda metade do séc. XVII	Os jornais começaram a apresentar conteúdos mais nacionais/locais ao invés de derrotas militares como acontecia até então.
1766	Suécia torna-se o primeiro país a adotar uma lei que protegia a liberdade de imprensa (até então os jornais estavam muito limitados devido à censura)
1844	Invenção do telégrafo – as informações passaram a ser transmitidas apenas nalguns minutos. Relatos mais atuais.
1890 – 1920	Anos dourados da imprensa. Começam a surgir os grandes impérios editoriais
Anos 20	Aparece a rádio e os jornais tiveram de se reajustar a uma nova realidade; Aparece a televisão. As tiragens dos jornais caem abruptamente, mas os jornais continuam a conseguir ter uma posição nos media.
A partir de 1980	Com o surgimento e popularização dos computadores e da Internet, o jornalismo clássico reinventa-se e surge o chamado web jornalismo.

1.2. Perspetiva Histórica do jornalismo radiofónico

Podemos dizer que James Clerck Maxwell, professor de física experimental, foi um dos primeiros nomes a caminhar na direção daquilo que mais tarde viria a ser a rádio. Em 1863, em Cambridge (Inglaterra), conseguiu comprovar teoricamente a possível existência das ondas eletromagnéticas, dando assim ainda mais consistência às teorias apresentadas por Faraday, Lorentz, Gauss e Ampere. No entanto, acabou por falecer sem conseguir pôr à prova a sua teoria. Nem por isso o assunto caiu no esquecimento e foram vários os cientistas que mostraram interesse em dar seguimento ao trabalho desenvolvido, até então, por Maxwell. Em 1887, Henrich Rudolph Hertz foi um dos que mais se destacou devido à construção de um aparelho onde se podia verificar a deslocação de faíscas através do ar, conseguindo desta forma comprovar que era possível passar energia elétrica entre dois pontos sem a utilização de fios. A teoria de Maxwell estava comprovada. No entanto, Hertz não conseguiu entender quais seriam as vantagens ou de que forma podia ser utilizada esta nova descoberta.

O final do séc. XIX e início do séc. XX ficou marcado por uma série de batalhas judiciais entre Nikola Tesla e Guglielmo Marconi. O cientista de nacionalidade sérvia e o italiano, respetivamente, lutavam pela conquista do título de inventor do primeiro sistema de rádio. Atualmente essa dúvida subsiste, uma vez que apesar da patente do aparelho ter sido feita por Tesla, alguns teóricos afirmam que Guglielmo Marconi é que fez os avanços nesta área e que apesar de ser o verdadeiro autor da obra, Nikola Tesla conseguiu registar todo o trabalho desenvolvido como sendo seu. Este sistema de rádio, que ficou comumente conhecido como Telegrafia Sem Fios, apenas transmitia sinais sonoros, sem nenhum sentido específico. Foram vários os cientistas e investigadores que se debruçaram sobre esta invenção no sentido de a tentar aperfeiçoar. A transmissão de voz, que foi, na verdade, o grande “salto” desde a criação do aparelho, aconteceu em 1921 e foi a partir daqui que surgiu o grande interesse mundial pela rádio. Aliás, a comercialização da rádio deu-se de uma forma bastante célere, sendo que algumas emissoras apostavam numa abordagem comercial, enquanto outras ficavam-se por uma prestação amadora.

Sabe-se também que, depois da Primeira Guerra Mundial, o aparelho era utilizado para fazer diversas transmissões, o que despertou a atenção dos governos para o verdadeiro “poder” da rádio, tanto que muitas das transmissões efetuadas eram monitorizadas clandestinamente. Com o passar do tempo, os governos passaram de “apenas” monitorizar, para começarem a servir-se da rádio, dando início às próprias emissoras.

Em Portugal, a primeira emissora profissional surge em 1925, pela mão de Abílio Nunes dos Santos, à qual atribuiu o nome CT1AA. Na verdade, estes foram os primórdios daquela que é considerada a primeira rádio do país, a Rádio Graça, que foi, por sua vez, fundada por Américo dos Santos, em Lisboa. Cinco anos mais tarde, em 1930, o norte do país vibra com o aparecimento da Rádio Sonora. Aliás, o início dos anos trinta, de uma forma geral, fica marcado pelo alastrar de diversas emissoras, um pouco por todo o país e pela necessidade crescente de profissionalizar esta área. Contratavam-se artistas, transmitiam-se radionovelas e programas humorísticos, a par, claro está, dos programas informativos. O Estado Novo, já atento ao potencial da Telegrafia Sem Fios, percebeu a importância de o Governo ter a sua própria emissora, a Emissora Nacional de Radiodifusão, popularmente conhecida apenas por Emissora Nacional – que mais tarde, após o 25 de abril, passou a denominar-se Radiodifusão Portuguesa. Ainda assim, como nos explica Nelson Ribeiro, a ideia inicial dos governantes não pôde ser levada a cabo tal como estava planeada, uma vez que, financeiramente, tornou-se incomportável cumprir com o que tinham em mente.

“Ao contrário do que previa o decreto publicado em Junho de 1933, o Estado não procedeu à aquisição imediata de uma estação emissora de onda curta. Devido a dotações financeiras insuficientes para o efeito, a única solução encontrada pela Emissora Nacional foi o fabrico de um pequeno posto de ondas curtas” (...) “A inauguração oficial da EN teve lugar a 4 de Agosto de 1935, sendo as emissões produzidas a partir dos estúdios entretanto construídos na Rua do Quelhas, em Lisboa. A emissão, transmitida através de uma estação de ondas médias, instalada em Barcarena, foi simbolicamente colocada a funcionar pelo Presidente da República, general Óscar Carmona (...)”

(Ribeiro 2007:183)



Figura 3 Estúdio de rádio nos anos 50/60 tal como funcionou na antiga Emissora Nacional in www.rtp.pt

Ainda referente a esta fase inicial da emissora do Estado, podemos encontrar no *site* da RTP (in <http://media.rtp.pt/80anosradio/historia/criacao-da-emissora-nacional/>) uma breve exposição sobre a história da mesma. Passamos então a saber que durante o período experimental a Emissora Nacional tinha como objetivo criar uma “imagem” distinta das rádios privadas que iam aparecendo um pouco por todo o país. Assim, apostava numa “transmissão musical erudita e na emissão falada, entre mensagens didáticas e propaganda, que frequentemente lhe valeram o epíteto de “Maçadora Nacional”. Em 1937, a igreja Católica também viu na rádio uma oportunidade única de chegar às populações e não quis ficar de fora deste movimento. Nasce assim, a Rádio Renascença (RR), no “ar” até aos dias de hoje.

Em 1975, o panorama radiofónico nacional sofreu várias alterações e foram várias as rádios integradas no grupo da Radiodifusão Portuguesa (RDP), que como vimos anteriormente era a Emissora Nacional, mas após o 25 de abril acabou por ser nacionalizada. Neste processo de avaliação e integração ficou de fora a Rádio Renascença, uma vez que estava protegida pela igreja Católica, uma das grandes instituições em Portugal. A partir de então era comum falar-se do monopólio RDP/RR. As rádios que não reuniam as condições necessárias, ficaram de fora deste processo e, sem apoios, acabavam por não resistir e fechar. Ainda assim, a história da rádio em Portugal passou por um período comumente abordado nos mais diversos trabalhos e artigos de investigação. Após o processo de integração das emissoras na RDP, foi proibida

a criação de novas emissoras, o que levou a um crescimento de rádios clandestinas, mais conhecidas como “rádios piratas”. Atuavam às escondidas e sempre na tentativa de ludibriar as autoridades encarregues de fechar as emissões das rádios não autorizadas. O final dos anos oitenta fica marcado por duas situações distintas: o governo tem como prioridade erradicar de uma vez a “praga” das rádios clandestinas e consegue com que a grande maioria delas seja descoberta e encerrada. “A 24 de Dezembro de 1988 fez-se silêncio absoluto aos microfones das «rádios piratas» ou «rádios livres»” (Santana 2009:19). Uma das rádios a passar por este processo foi a TSF, que ainda hoje é das rádios informativas mais ouvidas em Portugal. Na altura em que foram obrigados a fechar portas, Fernando Alves, um dos fundadores da rádio e, ainda hoje, uma das grandes vozes do panorama nacional despede-se assim:

“Amanhã vai doer mais.

Agora, ainda não demos por nada.

Temos o corpo quente da pancada.

Agora erguemos os copos e o espanto todo.

Agora não dói.

Agora, ainda não sabemos que dói.

É certo: o amor da rádio nunca acaba.

Afastai-vos da lepra que este silêncio traz.

De quarentena companheiros.

Que aos outros, aos que sobram, este silêncio também pesa.

Escutemos o silêncio das vozes que sobram.

Sussurrante nostalgia do que virá.

Voltaremos à antena numa inesperada manhã, para dizer de novo:

O amor da rádio nunca acaba!

Erguemos pois os copos e os beijos.

Uma manhã destas, surpreenderemos os espantalhos do FM.

Amada rádio, até já”.

(Santana 2009:20-21)

Um ano depois, em 1989, o governo percebe que havia emissoras a desenvolver um trabalho bastante legítimo e autoriza que algumas das rádios se possam candidatar à legalização, passando por um processo de avaliação, no qual seria analisado o percurso da rádio, o conteúdo emitido e o equipamento utilizado. Correspondendo aos padrões estabelecidos pelas autoridades fiscalizadoras, as rádios estavam então autorizadas a prosseguir com as emissões. Como poderemos ver mais adiante, a TSF foi uma das “rádios piratas” a conseguir sobreviver a esta seleção.

Tabela 2 Cronologia da História do jornalismo radiofónico

1863	James Maxwell descobriu as ondas que só foram apresentadas em 1886 por Heirich Hertz
A partir de 1896	Gugliemo Marconi aproveita o sistema de rádio inventado por Nikola Tesla e é o primeiro homem a enviar uma mensagem para o outro lado do oceano (Telegrafia Sem Fio)
1920	Surge a primeira emissora norte-americana de que há registo – K.D.K.A Segue-se uma explosão de emissoras de rádios de empresas de fabrico de recetores
1921	É feita a primeira transmissão de voz
1922	Abertas mais de 500 emissoras
1927	Profissionalização da rádio, com a contratação de artistas, transmissão de

	programas de auditório, radionovelas e programas humorísticos
Em Portugal	
Outubro de 1925	CT1AA – primeira estação emissora nacional que evoluiu para a primeira rádio, a Rádio Graça, em Lisboa
Maio de 1930	Primeira rádio no norte do país – Rádio Sonora
Primeira metade da década 30	Surgem um pouco por todo o país várias rádios. Apostavam essencialmente em programas de informação e música
1933	O Estado Novo constrói a sua própria estação emissora, a Emissora Nacional, da qual a RDP (Radiodifusão Portuguesa) é sucessora e que atualmente é a Antena 1. A sua inauguração só ocorre em 1935.
1937	A igreja católica cria a sua própria emissora, a Rádio Renascença (RR)
1984	O monopólio RDP/RR impediu que o setor se desenvolvesse e surgem as chamadas rádios “piratas”
1989	Surge a nova lei da rádio, que permitiu às rádios clandestina com melhores condições e equipamentos continuar com as suas emissões normais, como é o caso da TSF.

1.3. Perspetiva histórica do jornalismo televisivo

São vários os teóricos, investigadores e cientistas associados à invenção da televisão e a verdade é que torna-se difícil destacar um nome quando sabemos que o processo que levou à construção e funcionamento, daquela a que chamamos de “caixinha mágica”, envolveu dezenas de pessoas. As descobertas que foram sendo feitas nos campos da eletricidade e do eletromagnetismo foram fundamentais para o sucesso do trabalho desenvolvido ao longo dos anos, sendo que a ideia era tentar transmitir emissões sonoras, tal como acontecia na rádio, mas acrescentando o fator imagem. Num processo semelhante ao que vimos acontecer na rádio, foram várias as batalhas jurídicas para que se chegasse a um acordo sobre o detentor da patente do protótipo do televisor. As dúvidas recaíam sobre Vladimir Zworykin e Philo Farnsworth, uma vez que aparentemente ambos trabalharam em projetos bastante idênticos, sem saberem da existência dos trabalhos um do outro, e só em 1922 é que este conflito ficou resolvido.

“O Departamento de Patentes dos Estados Unidos receberia depois projetos idênticos de dois cientistas que tentavam registrar um novo meio de comunicação, sendo que um trabalhou sem saber o que o outro fazia.” (...) “A decisão foi favorável a Farnsworth, embora depois ele se associasse a Zworykin, e ambos sejam reconhecidos como inventores da televisão” (...)

(Sousa 2002:4)

John Logie Baird também ficou para a história do nascimento da televisão depois de, em janeiro de 1926, ter sido o responsável pela primeira demonstração pública do sistema criado - o televisor analógico - onde foi possível visualizar a transmissão, de imagens em movimento.

Através de uma breve reportagem do *Diário de Notícias* (DN) (“Primeira demonstração do "aparelho" das imagens em direto foi há 90 anos”; 26 de janeiro de 2016) ficamos a saber alguns factos importantes. Entre eles, a primeira impressão de um repórter do *The Times*, que depois de assistir à demonstração diz: “A imagem, tal como foi transmitida, era desmaiada e frequentemente desfocada, mas consubstanciou a afirmação de que através do 'televisor', como o senhor Baird chamou ao seu aparelho, é possível transmitir e reproduzir instantaneamente os detalhes do movimento e coisas como a expressão da face”. No ano seguinte, em 1927, Baird foi também o responsável por uma transmissão televisiva que ocorreu entre Londres e Glasgow. O cientista escocês

investiu todo o seu tempo neste que era o projeto da sua vida. Os trinta anos que se seguiram foram de uma luta constante para conseguir ir mais longe e melhor, sendo que conseguiu criar a sua própria empresa, a Baird Television Development Company. Foi, aliás, através da sua própria firma que conseguiu fazer a primeira emissão televisiva transatlântica do Epsom Derby, uma famosa corrida de cavalos britânica. Entre as linhas do DN podemos ainda ler que foi também Baird o responsável pelo desenvolvimento da televisão a cores.

Em 1930, era inaugurada na Inglaterra uma das estações televisivas, que ainda nos dias de hoje é uma referência mundial: a BBC. De notar que, estamos situados numa época onde a cada mês que passava se notavam francas melhorias na qualidade da imagem e do som das transmissões que iam sendo realizadas. Aliás, os técnicos consideravam que a imagem que era transmitida na altura era de alta definição. O sistema televisivo ia espalhando-se pela Europa e conquistando as pessoas. A Alemanha foi, inclusive, “o primeiro país a instalar a televisão pública, em março de 1935, adotando um padrão de média definição” (Abreu e Silva 2012:2)

Podemos até dizer que todos os países tiveram o seu ponto de viragem, ou seja, uma transmissão, um acontecimento, que conquistou a sociedade de uma forma geral. Na Alemanha, um ano depois, em 1936, a transmissão dos Jogos Olímpicos de Berlim ficou marcada por ser uma das primeiras grandes transmissões televisivas. No mesmo ano, em Londres, essa rendição das pessoas terá ocorrido da forma mais expressiva possível aquando “a transmissão da cerimónia de coroação do Rei George VI da Grã-Bretanha, que atingiu cerca de cinquenta mil espectadores” (Abreu e Silva 2012 :3). Já nos EUA, o ano de 1939 fica marcado para a história, pois foi neste ano que, com a transmissão do discurso do presidente Franklin D. Roosevelt, se iniciou realmente a comunicação eletrónica no país. “A NBC – inaugurada em abril de 1939 com um discurso do presidente Franklin Roosevelt na abertura da feira de Amostras de Nova York – foi a primeira emissora comercial do mundo” (Amorim 2015)

Assim como aconteceu noutras áreas, também a televisão sofreu grandes alterações e evoluções na sequência da Segunda Guerra Mundial, que teve início em 1939 e só viria a terminar seis anos depois, em 1945. Uma vez que grande parte dos confrontos ocorreram em países europeus, muitos foram aqueles que optaram por pôr em pausa as transmissões televisivas. A Alemanha foi o único país europeu que manteve as transmissões durante o período da guerra, enquanto que na França as televisões só voltaram a transmitir em

outubro de 1944 e na Rússia, em dezembro de 1945. A BBC, na Inglaterra, só voltou a “ir para o ar” em junho de 1946, com a mensagem de que a Segunda Guerra Mundial tinha terminado e mostra aos ingleses o desfile da vitória.

Este período ficou caracterizado pelos avanços tecnológicos que foram sendo implementados numa tentativa de colmatar as necessidades provocadas pela guerra. Assim, a NBC volta a ser pioneira quando em 1954 faz a primeira transmissão a cores.

(...)“a eclosão da segunda guerra mundial motivou um novo impulso aos receptores radiofônicos, pois existia a necessidade de construir equipamentos mais leves e portáteis para os soldados”(...) “Na realidade, a comunicação móvel ganha espaço em todos os setores da sociedade por conseguir integrar uma grande variedade de interfaces multimídia num mesmo equipamento (câmera fotográfica, rádio, gravador de áudio e vídeo, televisão, editor de texto, acesso a Internet...), aliado a praticidade, flexibilidade, dinamismo e, principalmente, mobilidade.”

(Teixeira 2012:16)

Durante alguns anos, a televisão foi considerada a companhia de poucos, visto que apenas as famílias com algum poder financeiro podiam adquirir um televisor, uma vez que, na altura em que apareceram no mercado, eram cobradas elevadas quantias. Após a Segunda Guerra Mundial, o avanço da tecnologia e dos meios de comunicação, torna possível a democratização da televisão.

Em Portugal

A história da televisão em Portugal confunde-se com a história da RTP, uma vez que esta foi a primeira estação a existir no país, como teremos a oportunidade de perceber com mais pormenor no capítulo “**Jornal de Notícias, TSF e RTP: as rotinas produtivas**”, onde reservamos um espaço para explorar a história de cada uma das entidades acolhedoras. No entanto, podemos adiantar que o início da história da televisão portuguesa para além de ter começado algumas décadas após os primeiros relatos referentes ao aparelho, a nível mundial, coincidiu também com o período de ditadura, pelo que nos primeiros anos os conteúdos emitidos eram bastantes circunscritos, e alvo de apertados controlos da censura. À semelhança do que ocorreu noutros países, também em Portugal, aquando a disponibilização dos televisores para compra e venda, os preços praticados eram bastante elevados, pelo que eram poucas as casas que continham este objeto. Era habitual a reunião de pessoas em espaços públicos que tivessem televisão para puderem assistir aos programas então transmitidos.

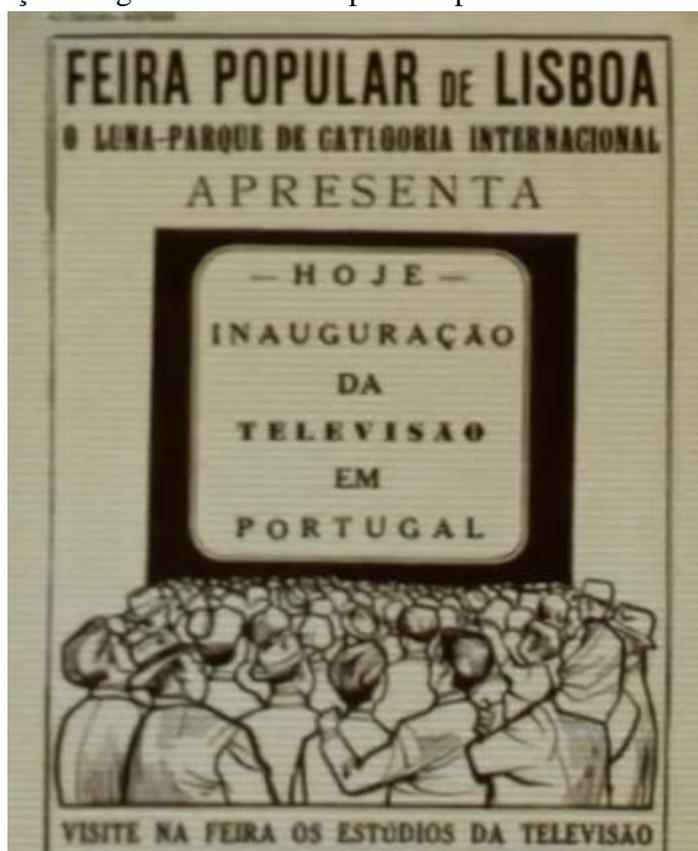


Figura 4 Cartaz de promoção à estreia da primeira emissão televisiva em Portugal, in www.rtp.pt



Figura 5 Imagem da primeira emissão televisiva em Portugal, in www.rtp.pt



Figura 6 Imagem da primeira emissão televisiva em Portugal, in www.rtp.pt

Tabela 3 Cronologia da História do jornalismo televisivo

1922	Depois de anos de experimentações e evoluções é atribuída a patente da primeira televisão a Philo Farnsworth
Janeiro de 1926	É demonstrado o primeiro sistema semi mecânico de televisor analógico (John Logie Baird)
Fevereiro de 1928	Transmitidas imagens em movimento de Londres para Nova Iorque
1936	Foi transmitida uma das grandes emissões televisivas: Jogos Olímpicos de Berlim
Depois da Segunda Guerra Mundial	Uso do televisor aumentou exponencialmente devido aos avanços tecnológicos
1954	Dá-se a primeira transmissão a cores na rede norte-americana NBC
Em Portugal	
Dezembro de 1955	Constituição da Radiotelevisão Portuguesa (RTP)
4 de setembro de 1956	Emissões experimentais da RTP
1957	Iniciam-se as emissões regulares
25 de dezembro de 1968	Inauguração da RTP2
6 de agosto de 1972	Inauguração da RTP Madeira
10 de agosto de 1975	Inauguração da RTP Açores
1975	Primeiras emissões a cores – esporádicas até 1980
1980	Emissão regular a cores; Transmissão do Festival da Canção

2. O impacto da Internet no jornalismo tradicional

2.1. A Internet chegou a Portugal. E agora?

A chegada da Internet a Portugal deu-se a passos bastante precavidos e com um olhar de alguma desconfiança por parte dos grandes grupos de investidores. Os primeiros contactos com a rede foram realizados no final de 1970 e a sua exploração era levada a cabo essencialmente por elementos ligados ao meio académico.

Estávamos no início da década de 90, numa altura em que as televisões privadas começavam a dar frutos. Nesta altura, “quem se quisesse ligar à Internet a partir de Portugal, só tinha uma hipótese: fazê-lo através do INESC (Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores) e do PUUG (Portuguese Unix Users Group), a associação de utilizadores de sistemas operativos UNIX, que em parceria, estabeleceram uma ligação internacional” (Bastos 2010). A partir de 1991 a utilização da Internet era alargada a todas as Universidades Portuguesas através da criação da RCCN (Rede da Comunidade Científica Nacional). José Legatheaux, apontado por muitos como o pai da Internet em Portugal, foi responsável pelo projecto de ligação das universidades portuguesas à Internet e o estabelecimento da primeira ligação internacional, que decorreu entre 1990 e 1991.

Em 1993, a RTP percebeu o potencial escondido na internet e no dia 28 de maio a **rtp.pt** foi oficialmente registada como domínio. É importante perceber que estávamos numa época em que o cidadão português “comum” ainda não estava minimamente a par da possibilidade dos computadores se ligarem à internet e a partir daí ser possível enviar uma mensagem para o outro lado do mundo e ela ser recebida pelo destinatário breves momentos após o momento de envio. Uma reportagem publicada pela jornalista Susana Almeida Ribeiro no *site* do Público (“Os pioneiros da Internet em Portugal”) traz até nós alguns testemunhos daqueles que foram considerados os pioneiros em Portugal, como é o caso de Pedro Ramalho Carlos que, ao recordar a altura em que começou a trocar os primeiros e-mails, no fim dos anos 80, diz: “Era inacreditável enviar uma mensagem para o outro lado do mundo, na Califórnia, e poucos minutos depois ter uma resposta (...) Com a Internet e o e-mail tudo se passava em poucos minutos.(...) Hoje este imediatismo é mais que natural”.

Em abril de 1994, ocorreu em Lisboa um seminário intitulado “Portugal na Internet”, onde foi feita uma demonstração, para o público e para os jornalistas, da Internet em funcionamento. Daí em diante, começaram a aparecer as primeiras ISP – Internet Service Providers. José Legatheaux recorda que “as primeiras ofertas comerciais só apareceram no final de 1994 e, depois, com uma oferta mais diversificada, entre 1995 e 1996”. O primeiro operador privado português a disponibilizar este serviço, a Esotérica, cobrava dez contos (aproximadamente 50 euros) por trimestre, ou seja, cerca de 16 euros por mês. Este novo ISP chamou a atenção dos portugueses, uma vez que os fornecedores que existiam até então praticavam preços que não estavam ao alcance da maioria dos portugueses. Era comum que um português, para aceder apenas ao e-mail, tivesse de pagar cerca de 40 contos mensais (o que equivale a cerca de 200 euros). Pedro Ramalho Carlos foi também o responsável pela criação da IP, uma das primeiras empresas privadas de fornecimento de Internet, a par da Esotérica. Ainda assim, só na viragem do século é que a comercialização da Internet teve um impacto significativo na sociedade portuguesa, estando diretamente ligado a este fenómeno a liberalização do mercado das telecomunicações.

Atualmente existem vários fornecedores de serviço de Internet, o que permite a existência de preços mais competitivos, e os portugueses estão cada vez mais familiarizados com as diversas funcionalidades da rede.

2.2. Os números

A Internet veio para ficar. Tornou-se algo praticamente imprescindível nas nossas vidas. Um luxo do qual já não queremos abdicar. Hoje podemos ter o mundo aos nossos pés através de um simples *click*. Esta nova era tem como base uma evolução que já não tem retorno.

Nas sociedades a norma é que, quando surge uma novidade, é necessário passar por um processo de adaptação, e no caso dos media não é diferente. Podemos utilizar como exemplo o caso da rádio e da televisão. O certo é que depois desse período, as populações enraizaram a sua utilização, de tal modo que hoje, estes sistemas fazem parte do seu quotidiano. Segundo os autores Kara Chang e Wei Fang, no artigo *Use of the internet and traditional media among young people* (2007), de 2000 a 2006 notou-se um crescimento de 114% no número de utilizadores da internet.

A nível mundial, em 2017, mais de três mil milhões de pessoas têm acesso à Internet. Assim, tendo em conta que a população mundial ronda os 7 mil milhões de pessoas, podemos dizer que quase 50% das pessoas tem acesso à Internet – um número, que segundo as estatísticas, deve ser ultrapassado já este ano.

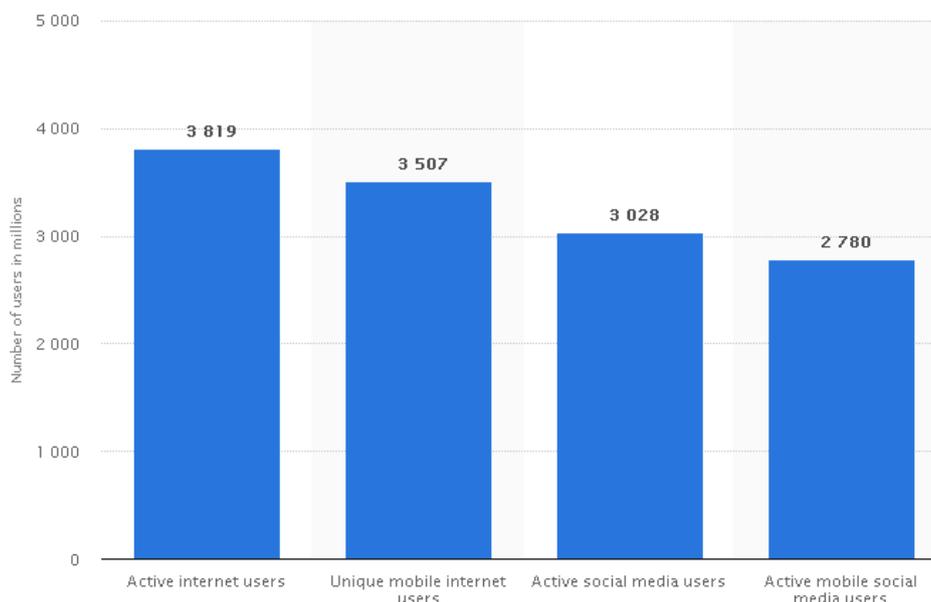


Gráfico 1 População digital a nível global a Agosto de 2017 (em milhões), in *Use of the internet and traditional media among young people*

Em Portugal, o panorama é idêntico. Segundo o estudo “Bareme Internet”, lançado pela *Marktest*, em 2016 havia 5.7 milhões de utilizadores de Internet. De ressaltar que o estudo incidiu apenas em pessoas residentes em Portugal Continental, com mais de 15 anos. Olhando para o panorama em termos percentuais, 67% da população tem acesso à Internet.

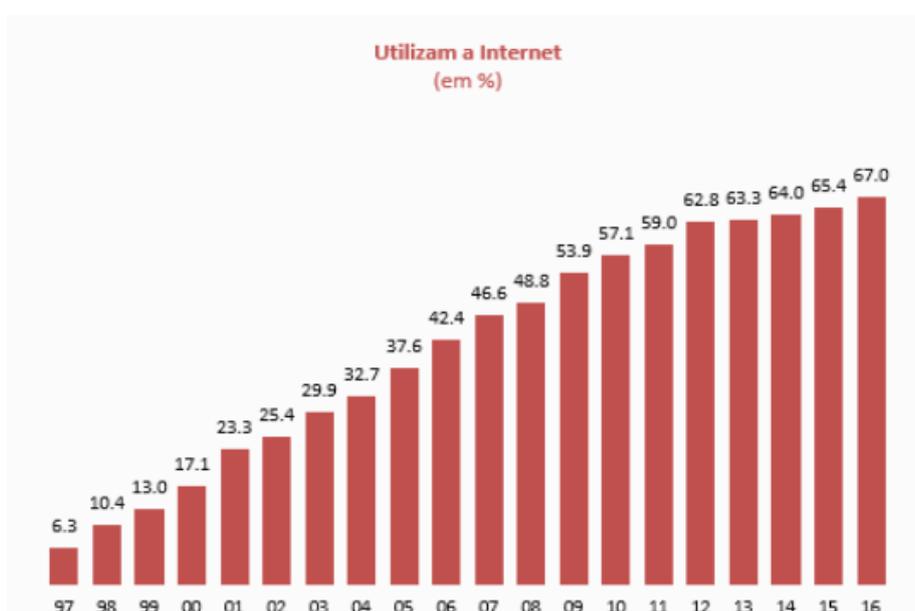


Gráfico 2 – Percentagem de utilizadores de Internet em Portugal a julho de 2016, in www.marktest.com

Estes são números que, segundo todas as perspectivas, têm tendência para aumentar ano após ano. O número de utilizadores da Internet continuará a crescer exponencialmente.

Nos dias de hoje, é importante fazermos uma reflexão na forma como a internet influencia o nosso dia-a-dia. Mais do que nunca passamos a ter a necessidade do que é instantâneo e imediato. A partir de uma determinada altura, a utilização da internet reformulou a forma como são desenvolvidos os processos de comunicação entre pessoas, o mundo real e o mundo digital, criando assim um novo leque de possibilidades de interação. “Com o aparecimento da Internet notou-se uma mudança nos modelos de comunicação estabelecidos até então. Afinal trata-se da criação de um novo meio de comunicação que converge em si vários media e que causou profundas alterações estruturais” (Silva 2016). Através da internet podemos usufruir de um conjunto de funcionalidades que alterou o nosso modo de vida, facilitando-o e tornando-o mais imediato. A comunicação em tempo real com pessoas ou empresas que estão noutros continentes, a utilização de motores de busca, o correio eletrónico e as mensagens trocadas apenas em segundos, a partilha de documentos, são apenas alguns dos exemplos das tarefas que podemos desempenhar através de um computador, tablet ou smartphone.

2.3. Uma nova forma de pensar o jornalismo

Todas as alterações e novidades que a Internet trouxe chegaram indubitavelmente aos diferentes ramos profissionais. O jornalismo foi um dos que mais mudanças sofreu e, ainda hoje, as adaptações a este “novo” meio são constantes. A tarefa de produzir e transmitir informação que era inicialmente da responsabilidade dos mass media tradicionais – jornais, rádio e televisão – passou a ser dividida com a Internet.

Para além da inclusão da internet no que são chamados os meios tradicionais do jornalismo (jornal, rádio e televisão), assistimos também há criação de um novo tipo de jornalismo: o ciberjornalismo, webjornalismo, ou apenas, jornalismo online.

Desta feita, podemos encarar o jornalismo online como aquele que é desenvolvido e difundido através do meio comunicacional da Internet. Aqui deparamo-nos com, pelo menos, dois casos distintos: as empresas jornalísticas que operam através dos meios tradicionais e que complementam o trabalho através dos sites, como é o caso de qualquer

um dos locais de estágio (Jornal de Notícias, TSF e RTP), e ainda, o caso de meios jornalísticos que operam única e exclusivamente nas plataformas online, como é o caso do jornal “Observador”. Podemos ainda acrescentar a esta reflexão o exemplo do “Jornal Económico”, que começou por ser um jornal em formato de papel, mais tarde adaptou-se a esta tendência de ter um espaço na internet e, desde 2016 que opera exclusivamente no meio online.

Neste caso, os teóricos adotam dois tipos de posições. Apesar de uns acreditarem que a aceitação em massa, que o público está a ter relativamente à presença dos media em espaços da Internet, pode ditar o fim dos formatos tradicionais, outros acreditam que os mass media tradicionais estão a conseguir adaptar-se à chegada da Internet e que, se quisessem sobreviver a esta nova era, era quase obrigatório que realmente entrassem no “jogo”. Concha Edo (2000) acredita que a prioridade é encontrar um sistema para que os meios tradicionais e a Internet encontrem o seu lugar de forma a que esta convivência seja eficaz para todos os meios de comunicação. Esta reflexão, produzida no início do século, estava já a prever o que realmente acontece nos dias de hoje: o jornalismo acabou por estabelecer uma relação indissociável da internet. A autora separou esta simbiose em dois momentos. Num primeiro momento a internet era utilizada para reproduzir exatamente as edições convencionais, ou seja, aquilo que encontrávamos num jornal ou o que víamos na televisão, era exatamente o que se podia encontrar no site. Aliás, António Fidalgo (2002) segue o mesmo raciocínio, quando diz que “a leitura de um jornal on-line tem não só obviamente semelhanças com a leitura de um jornal impresso, como também segue o seu figurino. As razões destas semelhanças advêm desde logo do facto de os produtos online, daquilo que se experimenta pela rede, copiarem os produtos tradicionais, como jornais, rádios e revistas. Se os produtos são análogos, não admira que a forma de os experimentar seja também análoga”. Ainda sobre este tema, Roberta Steganha (2010) refere que os profissionais no início do jornalismo online não estavam preparados para lidar com este novo meio comunicacional. Assim sendo, não estavam munidos de capacidades que lhes permitissem atender à nova exigência do mercado. Consequentemente, os mesmos profissionais que trabalhavam nos jornais impressos, ou noutros meios, foram designados para integrar a equipa da internet. “Os jornalistas faziam apenas “Ctrl + C” e “Ctrl + V” e tiveram que aprender a fazer jornalismo online na prática, depois de acertos e erros, pois não havia um modelo ideal a seguir.”

Numa segunda fase, Concha Edo refere que a utilização da rede acabou por interferir e alterar as rotinas jornalísticas, quer de quem produzia o seu trabalho no meio tradicional, como de quem explorava as capacidades dos sites. Aqui, mudou essencialmente o aspeto exterior, o formato das páginas, que deixam de apresentar a informação de forma linear para oferecê-la através de links que conectam entre si todos os aspetos informativos e simplificam a ampliação das notícias, a apresentação dos gráficos e fotografias e ainda a conexão com as fontes.

A verdade é que, relativamente à conquista do público, competir com o que o jornalismo na internet tem para oferecer é uma tarefa difícil. António Fidalgo considera que “(...) o computador multimédia em rede ultrapassa o papel porque junta ao texto e à imagem o som e o vídeo. Com um computador, sobretudo se ligado em banda larga, é possível aceder para além de jornais, livros e museus, também a músicas, a rádios, a televisões, telefonar e fazer vídeo-conferência” (Fidalgo 2002:8). Para acompanhar o que é publicado nos sites jornalísticos é necessário ter acesso a apenas duas coisas: um computador, ou um outro *gadget*, e acesso à rede (componentes que fazem parte do quotidiano da maioria da população). A crescente utilização de dispositivos móveis com possibilidade de acesso à internet vem também aqui acrescentar mais um ponto favorável ao jornalismo online, uma vez que é possível, em qualquer lado, a qualquer altura, consultar as mais diversas informações. Como referiu o autor “o processo tecnológico retira o homem cada vez mais do imediato e situa-o no imediato”(Fidalgo 2002:8).

Quer nos sites oficiais, quer nas páginas das redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter) é possível ter acesso aos trabalhos jornalísticos que aí são publicados, na sua grande maioria, sem qualquer custo. No caso da presença de jornais impressos nas plataformas online, existindo um custo para consultar as reportagens que aí são submetidas, por norma, o valor que é cobrado é substancialmente menor quando comparado com o que seria pago se estivéssemos a falar de uma aquisição diária do jornal impresso. Nos casos em que os jornais online trabalham através de assinaturas, o que acontece com frequência, é que os “não assinantes” têm ao seu dispor um determinado tipo, ou número, de artigos. Um outro leque de publicações está restrito apenas aos “assinantes”. Para personificar este exemplo, utilizamos o caso do jornal “Público”, cuja assinatura pode ser semanal, mensal ou anual. No caso dos utilizadores desta plataforma que **não** são assinantes, podem, por mês, visualizar um determinado número de artigos na página web e, uma vez esgotado este *plafon*, o utilizador é convidado a ser assinante

do jornal online. Ainda assim, a grande maioria das empresas noticiosas que estão presentes na rede através de sites e nas redes sociais, a consulta dos serviços, neste caso, dos trabalhos jornalísticos, é gratuita.

Quando falamos de vantagens para o utilizador, podemos acrescentar a esta componente de grande relevância, que é a gratuidade ou o baixo custo, outros fatores: a atualidade, a instantaneidade e a interatividade. Vamos por partes. Os sites de origem jornalística requerem constante atualização, caso contrário, perdem um dos grandes fatores-chave relacionados com a utilização da internet. Cada vez mais, é de extrema importância sermos os primeiros a divulgar determinada notícia. Esta emergência em “chegar primeiro” põe, por diversas vezes, em causa a factualidade das informações divulgadas, uma vez que nem sempre é despendido o tempo necessário para confirmar junto de fontes fiáveis a veracidade da informação que chega à redação. O que muitas vezes acontece, nestes casos, é publicar uma notícia com os factos sabidos, onde junto dessa informação, é acrescentada a ressalva de que a notícia está em atualização. Assim, conforme forem chegando mais informações e as mesmas forem sendo confirmadas, a notícia vai sendo atualizada.

Expresso ÚLTIMAS + OPINIÃO + ECONOMIA EXPRESSO CURTO PODCASTS TRIBUNA 09/2018 OPERAÇÃO MARQUÊS 259

INTERNACIONAL

Emitido mandato europeu de captura para Puigdemont, que se admite candidatar às eleições na Catalunha

05.11.2017 às 19:03

Audiência Nacional emitiu um mandato europeu de captura do presidente destituído da Generalitat

Supremo Tribunal de Justiça espanhol (Audiência Nacional), emitiu um mandato europeu de captura de Carles Puigdemont. A decisão da justiça espanhola acontece pouco depois de na Bélgica, Carles Puigdemont, ter dito “estar disposto a ser candidato” às eleições de 21 de dezembro na Catalunha. Apesar de estar no estrangeiro, de ter sido emitido um mandato de captura internacional e de há uma semana ter sido destituído, o ex-presidente do Governo catalão defende que estamos num mundo globalizado e que é possível fazer campanha a partir de qualquer lugar no mundo.

Numa entrevista à televisão belga RTBF, que será transmitida na íntegra esta sexta-feira à noite, o líder destituído da Generalitat, diz que considera o seu “governo legítimo e que deveria estar livre de perigo da Justiça espanhola, que não pode garantir nada. Consideramos que somos um Governo legítimo, que deve ter continuidade”.

em desenvolvimento

Figura 7 Exemplo de uma notícia "em desenvolvimento", in www.expresso.pt

A este propósito, Roberta Steganha diz que “a internet e as tecnologias de informação e comunicação modificaram os conceitos de tempo e espaço da humanidade. Agora somos regidos pela velocidade e instantaneidade” (Steganha 2010:9)

Na questão da instantaneidade, os media na internet utilizam, entre muitas, uma ferramenta que envolve o utilizador nesta necessidade do “agora”. Em praticamente todos os sites de vertente jornalística, e outros, é possível seleccionar uma opção que permite, ao mesmo, enviar notificações ao utilizador. Assim, sempre que é publicado algo na plataforma online o utilizador é informado, o que evita que o mesmo tenha de estar à procura da informação. Hoje, a informação é que procura o utilizador.

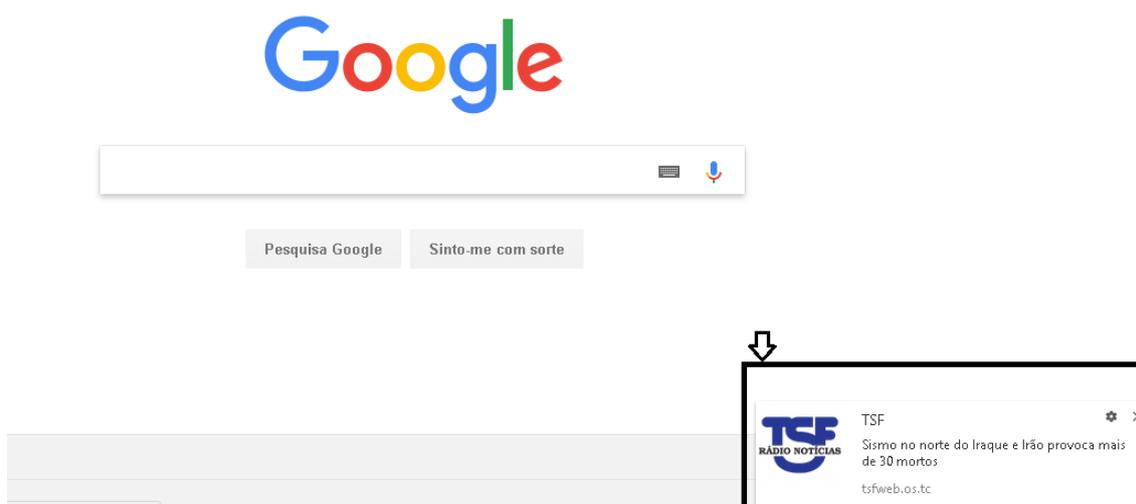


Figura 8 Exemplo da funcionalidade de receber notificações de novas notícias, in www.google.pt

A interatividade é uma das componentes que mais atrai o público para os media nas plataformas online. A possibilidade de comentar e partilhar uma notícia, o facto de haver a possibilidade, em alguns casos, de contactar com o jornalista que produziu o trabalho, clicar em links no corpo da notícia que levam o utilizador para informações relacionadas com o assunto principal, são imensos os fatores que levam o público a privilegiar este modo de “consumir” as notícias. Gil Batista (2012) encara a interatividade, característica do jornalismo online, como uma forma de aproximar os leitores dos jornalistas e vice-versa.

Sem dúvida que a internet levou o jornalismo a um outro patamar, que era até então desconhecido. Agrupou várias valências e capacidades e cresceu a olhos vistos, sendo hoje, um dos recursos preferidos do público quando o objetivo é procurar informação e atualidade. Ainda assim, não nos podemos esquecer que os media tradicionais continuam a ter o seu papel e que, na verdade, foram a base orientadora para todo o jornalismo que é produzido na internet.

“Se é certo que a internet promoveu a fusão dos elementos constituintes (imagem, texto e som) dos diversos suportes comunicacionais (televisão, rádio, imprensa), pode verificar-se simultaneamente que essa integração de redesenhou a importância, a hierarquia e o papel de cada um – antes de mais pelas peculiaridades técnicas e funcionais que lhe são próprias”

(Fidalgo 2002:10)

2.4. Alteração das rotinas produtivas dos meios tradicionais

“O jornalismo on-line não é um epifenómeno, desligado da realidade dos media tradicionais. Pelo contrário, esse jornalismo eletrónico que emerge na Internet evolui afectando e sendo afectado por aquilo que os jornalistas produzem nos meios tradicionais”.

(Pinto e Sousa 1998:9)

A internet e as suas vicissitudes tiveram um grande impacto na forma como os mass media tradicionais produziam as notícias, alterando muitas das rotinas que eram levadas a cabo inicialmente. Neste momento, mais do que nunca podemos falar num jornalismo de proximidade, ainda que muitas vezes este seja desenvolvido a grandes distâncias. Esta é a magia da Internet. Tornou possível falarmos com um especialista que está do outro lado do mundo através de uma videochamada, vermos uma conferência de imprensa em direto sem sairmos da redação, recebermos uma declaração escrita importante em questão de breves momentos, pesquisarmos notícias sobre um determinado assunto, escritas há anos atrás, em poucos segundos, e assim poderíamos continuar enumerando uma lista infundável de facilitismos e novas funcionalidades que a internet trouxe até nós. João Messias Canavilhas (2004) deixa explícito que as novas finalidades a que a internet se presta no mundo do jornalismo, melhorou-o e, por isso, o recurso à rede passou a fazer parte indissociável das rotinas jornalísticas. A verdade é que, o facto da internet estar disponível a qualquer hora e à distância de um simples gesto, trouxe à vida dos jornalistas mais tempo e conforto.

Em termos práticos, no dia-a-dia de uma redação, a Internet ocupa um espaço avultado. Ainda assim, é algo tão automático que por vezes já nem nos apercebemos do quão dependemos dela para desenvolver as tarefas mais simples, mas essenciais, como é o caso da fase de pesquisa e recolha de informação para desenvolver determinada notícia. Nelia R. Del Bianco dá-nos alguns exemplos:

“O processo de pesquisa e recolha de informações na rede apresenta inúmeras vantagens para a produção da notícia. Permite aos jornalistas se inteirarem rapidamente sobre o que já foi escrito sobre determinado assunto; torna os contactos com as fontes interativos; possibilita a ampliação e seleção de fontes de informação; agiliza a busca de dados, pesquisa e consulta a arquivos públicos, bibliotecas, órgãos

públicos; facilita a coleta de maior quantidade informação num menor espaço de tempo; além de aumentar o potencial da reportagem à distancia e do trabalho fora das redações em locais remotos.”

(Bianco 2005)

Ainda relacionado com as rotinas que hoje são levadas a cabo nas mais diversas redações, em que a internet assume um papel central, Jim Hall (2001) salienta um aspeto importante: atualmente, é de extrema importância que seja feita uma vistoria pelos diversos sites e plataformas. Este gesto, passou a fazer parte integrante das rotinas produtivas dos diferentes medias.

“The selection and checking of the day’s links have already become a central task of effective journalism. The general sources of news and information which proliferated as mass media forms have been rendered obsolete by the sheer ubiquity and volume of information”

(Hall 2001: 227-228)

Todos estes pequenos passos, hoje, levados a cabo com o auxílio da rede, reduziram substancialmente o tempo que os jornalistas passavam nesta etapa de construção da peça jornalística, deixando assim mais tempo disponível para a redação da notícia. Nos sites noticiosos é ainda possível atualizar, corrigir e alterar o que foi escrito.

No entanto, os benefícios da internet não são apenas utilizados durante o processo de desenvolvimento de uma notícia, mas também durante um procedimento que é levado a cabo em todas as redações: o agendamento. Em todas as empresas jornalísticas existe uma secção que é composta por profissionais que têm a tarefa de procurar situações/eventos que possam ser transformados em notícias e reportagens. Cabe-lhes reunir algumas informações básicas que mais tarde o jornalista possa utilizar para desenvolver o trabalho. Com a utilização da rede tornou-se mais fácil e rápido saber o que se passa à nossa volta e entrar em contacto com pessoas que nos possam fornecer novas situações. Claro está, diferentes redações, trabalham de diferentes formas e vamos ter oportunidade de observar isso mesmo, mais à frente.

Mais especificamente, no mundo da televisão, podemos observar o impacto que a rede teve nos canais televisivos que se dedicam única e exclusivamente à informação. Podemos de um certo modo comparar a “disponibilidade” que os canais noticiosos e as

plataformas informativas têm para nos oferecer. Afinal, ambos estão disponíveis 24 horas e parte-se do princípio que as informações que divulgam são atuais. Ainda assim, a televisão continua a ter as suas limitações, quer na programação que é feita, quer nos horários em que são difundidos determinados programas, quer no tempo disponível para cada reportagem (e aqui aplica-se também o caso dos jornais, que têm um número limitado de caracteres por cada notícia, e das rádios, que também trabalham com uma imposição do tempo por cada peça jornalística). Neste espetro, são várias as condicionantes a que os jornalistas dos media tradicionais têm de se adaptar diariamente. Já os sites noticiosos permitem-nos fazermos o nosso próprio percurso, ou seja, podemos optar por visualizar uma notícia (sendo que esta pode compilar texto, som e vídeo). É importante percebermos que no que diz respeito à dimensão da notícia, nas plataformas online, esta beneficia de uma maior liberdade, ou seja, é comum vermos uma reportagem na televisão com 2 ou 3 minutos e no site do mesmo canal, essa reportagem ter 5 ou 6 minutos; assim como também, uma notícia de um jornal que é mais extensa e completa se a visualizarmos no site, e no caso da rádio, para além de ser disponibilizado o ficheiro áudio, é muito comum, este ainda ser complementado com fotografias e mais informação escrita. Para além de haver esta flexibilidade no que toca ao tamanho da peça jornalística, temos ainda de acrescentar que o número de notícias que podem ser publicadas diariamente na internet ultrapassa qualquer um dos meios tradicionais, pois na rede, não se vê esta limitação de espaço e de tempo, não há grelhas, nem programações restritas a cumprir.

Passando esta fase em que consultamos uma determinada notícia, podemos a partir daí, fazer um *click* numa ligação que nos leva para outra notícia relacionada com a que vimos inicialmente. Por outro lado, podemos ainda procurar por informações relacionadas com um acontecimento que ocorreu há vários meses, sem estarmos necessariamente “presos” ao que é atual. Ao seu lado, estas plataformas noticiosas têm também a vantagem de poderem ser atualizadas em questão de segundos.

Com a evolução dos tempos e ao perceberem o impacto que estas plataformas online tinham no mundo do jornalismo e a visibilidade que começaram a conquistar junto do público, as empresas jornalísticas começaram a apostar neste meio de uma forma mais séria e profissional. Assim, começaram a ser destacados profissionais especificamente para trabalhar no meio online. Claro que esta não era uma opção viável para todos os media, uma vez que nem todos têm uma dimensão que permita contratar ou desviar

profissionais só para este tipo de trabalho. Passou a ser assim, cada vez mais importante que cada jornalista começasse a desenvolver capacidades para atuar neste meio. Aliás, hoje é essencial que no currículo de um recém-formado em jornalismo, conste, além da competência escrita, um à vontade em se mover nas mais diversas áreas multimédia, tal como a fotografia, o áudio e vídeo, e também programas informáticos de edição. Desta forma, estão mais bem preparados para responder às necessidades do mercado atual.

A este propósito Inês Aroso (2003) cita Carl Steep: “A internet não está só a criar novas formas de jornalismo, mas também de jornalistas.” É, portanto, essencial que se perceba que nesta “era online”, é exigido aos jornalistas não só um outro leque de qualificações, como também a capacidade de desenvolver várias tarefas ao mesmo tempo, pois é cada vez mais comum estes profissionais, para além de desenvolverem os trabalhos jornalísticos, tenham também de atualizar o site e as diferentes redes sociais, como é o caso do *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*.

2.5. O “apenas” utilizador e o repórter de ocasião

À medida que o espaço que o jornalismo ocupa na Internet vai sendo cada vez maior, é também cada vez mais visível o papel que o público vai tendo nesta moldura. Se por um lado, são cada vez mais os utilizadores que seguem e consultam as notícias utilizando a internet, por outro, são também cada vez mais os que não se limitam a ler e partilhar as notícias, mas sim a fazerem parte integrante delas, contribuindo, por exemplo, com fotografias e vídeos de algum acontecimento que esteja a ser noticiado. Convém ainda salientar um outro tipo de utilizador, aquele que, sem qualquer formação, desenvolve um trabalho, dito jornalístico, e que o publica de forma a que esteja ao acesso de todos os cibernautas.

Mas vamos por partes.

Em primeiro lugar, os cibernautas que utilizam a internet para consultar os mais diversos trabalhos jornalísticos têm optado por este método pelas inúmeras vantagens de que temos vindo a falar: a gratuitidade da maior parte dos sites, a possibilidade de fazer o próprio percurso, de consultar informações divulgadas há mais tempo e que já não estão sob escrutínio público, guardar e partilhar *links*, a possibilidade de comentar as notícias e entrar em contacto com os jornalistas que as escreveram. Alguns sites informativos

disponibilizam ainda conteúdo exclusivo para os utilizadores assinantes das versões online. Todas estas possibilidades criaram uma nova interação e consequentemente, uma proximidade entre o público e o mundo do jornalismo.

Temos ainda aqueles que acabam por prestar o seu contributo à notícia de uma forma mais acentuada. Falamos, por exemplo, dos que disponibilizam elementos visuais e que complementam os textos e as reportagens que os jornalistas produzem. Podemos utilizar inúmeros exemplos, mas Roberta Steganha dá o de alguém que tenha estado no Haiti em 2010 na hora em que o terramoto começou e que, com o telemóvel, gravou a catástrofe. Essa pessoa passou a estar na posse de uma imagem de valor, do ponto de vista informativo. Explorando exemplos mais recentes, podemos referir por exemplo as manifestações na Venezuela. Apesar de algumas imagens difundidas na televisão portuguesa serem filmadas e disponibilizadas pelas agências noticiosas ou pelas próprias equipas de correspondentes no país (ou ainda por enviados especiais), uma outra percentagem destes vídeos são filmados por moradores que partilham os ficheiros nas redes sociais ou os fazem chegar às televisões nacionais da Venezuela, que consequentemente foram utilizados pelos canais portugueses. Uma outra situação que encaixa nestes moldes é a situação dos incêndios, e de uma forma muito particular, o que atingiu Pedrogão Grande. É verdade que desde muito cedo os meios de comunicação social acompanharam no terreno a progressão do fogo e os seus estragos, mas ainda assim, muitos foram os vídeos e fotografias partilhadas por moradores e visitantes que estavam na região, que acabaram por fazer parte integrante de muitas reportagens. Apesar do usuário divulgar apenas informações ou elementos visuais, ao jornalista cabe-lhe transformar esses elementos numa notícia. Ainda assim, este processo de interligação entre os jornalistas e a população tem contribuído de uma forma bastante acentuada para que, por muitas vezes, a “pessoa comum” assuma o papel de uma espécie de co-autor das notícias difundidas. Roberta Steganha lembra que este não é um fenómeno recente, uma vez que a produção colaborativa de informações sempre contou com a participação da população desde o início da era de Guttenberg, já que era comum as “fontes da época” colaborarem com informações em primeira mão.

Por último, observamos o caso de cibernautas que produzem aquilo a que chamam de notícia, mas que a maior parte das vezes não cumpre os requisitos necessários a uma peça jornalística, nomeadamente a confirmação de fontes. A este propósito os autores Ricardo Jorge Pinto e Jorge Pedro Sousa salientam que “apesar de se saber que muitas

das informações disponíveis na Internet não têm credibilidade, não será menos correto dizer que as restantes poderão ter aceitabilidade jornalística”(Pinto e Sousa 1998:8). Existem inúmeros sites que publicam vários artigos, uns mais verídicos do que outros. A verdade é que, nos dias de hoje, são cada vez mais as pessoas que dominam as áreas tecnológicas, permitindo-lhes movimentarem-se neste meio de uma forma bastante natural e chegarem ao alcance de milhares de outros cibernautas. Acontece que um jornalista, principalmente com vários anos de carreira, acumula uma recheada carteira de contactos, que lhe permitem verificar as informações que chegam à redação. Esta é uma arma poderosa que o profissional de jornalismo deve utilizar sempre. O perigo adjacente a estes cibernautas, que acabam por assumir o papel de jornalistas, é precisamente este, a não formação e conseqüentemente, a não sensibilização para estas questões éticas que andam, ou devem andar, de mãos dadas com o jornalismo. Difundir uma notícia que não foi confirmada pode acarretar várias conseqüências, sendo uma delas, a propagação de algo que não é verdadeiro por todo o país. Voltar atrás neste processo é algo difícil e deve ser evitado a todo o custo.

Procuramos perceber de que forma é que estas notícias falsas, ou como são comumente conhecidas, as *fake news*, conseguem ter visibilidade e chegar ao alcance de milhares de pessoas à semelhança das informações difundidas por órgãos de comunicação considerados de boa qualidade. Encontramos dois artigos, um no Expresso (da autoria do jornalista Hélder Oliveira) e outro no Público (da autoria da jornalista Andrea Cunha Freitas) que abordam esta temática. Walter Dean, jornalista e diretor pedagógico do Committee of Concerned Journalists – entrevistado pelo jornalista do Expresso – considera que é cada vez mais difícil distinguir a verdade da mentira e que muitas das notícias que divulgam informações falsas são produzidas com o propósito de desinformar e salienta que é importante distinguirmo-las de outras em que ocorreu um erro jornalístico. Por outro lado, o sociólogo Boaventura Sousa Santos chama a atenção para o facto de os jovens procurarem e lerem as informações a partir das redes sociais, e é precisamente nestes meios onde estas *fake news* se propagam com mais facilidade.

Um estudo da Marktest desenvolvido em 2015 revela que quase um milhão e meio dos portugueses lê as notícias nas redes sociais, o que equivale a particularmente 70% dos internautas.



Gráfico 3 – percentagem de utilizadores que usam as redes sociais para procurar notícias/informação, in www.marktest.com

Desta fatia, é ainda importante salientar que 83.7% são estudantes.

Um estudo publicado na revista *Nature Human Behaviour*, referido no artigo do Público (“Como é que as notícias falsas se tornam virais?”), chegou-se à conclusão que a receita perfeita para que sejam propagadas notícias falsas consiste em dois ingredientes que fazem bem parte do nosso cotidiano: a atenção limitada e o excesso de informação.

No artigo do Expresso é ainda possível conhecermos a opinião de Fernando Ilharco, professor no Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Católica, que considera que “a atenção é o recurso mais escasso pelo qual todos competem. Vivemos numa sociedade com muita informação e, ao mesmo tempo, muito desinformada”.

No artigo do Público é-nos dado a conhecer um outro grupo de investigadores da Universidade de Indiana (EUA) e do Instituto de Xangai (China) que concluiu que “as publicações com mais qualidade têm as mesmas probabilidades de se tornarem virais, quando comparadas com as informações de baixa qualidade e falsas.” A jornalista Andrea Freitas acredita que, embora seja difícil fazer a diferenciação entre o que é verdadeiro ou falso, devemos fazer uma escolha: “ou somos apenas espetadores ou participamos” através de uma publicação ou de uma partilha.

Tudo isto leva-nos a uma outra questão: se qualquer pessoa pode procurar informação e publicar um texto jornalístico em diferentes plataformas digitais, como fazer a triagem do que realmente é a informação verídica?

2.6. Nova era, novas funções

Nos últimos anos tem sido absolutamente fulcral que os jornalistas tenham a capacidade de distinguir, dentre de um sem número de fontes e de informações que chegam continuamente às redações, quais são as mais credíveis e pertinentes. Doug Millison (cit. Inês Aroso) acredita que o jornalista deve levar a cabo “uma edição e filtragem de informação de confiança e com qualidade” e este processo “torna-se ainda mais importante na Internet, onde qualquer pessoa pode publicar qualquer coisa e fazer com que pareça importante”. Também Gustavo Cardoso refere a importância do papel do profissional de jornalismo nesta fase, referindo que “na maioria dos casos, o utilizador não possui sozinho a literacia para tal na *World Wide Web*, necessita de alguém que valide a informação”(Cardoso 2006:11). Ainda nesta ordem de ideias Maria João Antunes, Eduardo Anselmo Castro e Óscar Mealha vêm também prestar o seu contributo ao salientarem que “(...) este crescimento exponencial de mensagens trocadas, de informação e serviços disponíveis através da Rede, apesar de potenciar a partilha de conhecimentos, a troca de informações e a oferta de serviços, coloca também dificuldades de seleção, remetendo para a necessidade de existirem mecanismos de filtragem que baixem a entropia e assegurem confiança” (Antunes *et al* 2001:8). O jornalista deve então perceber que a sua formação pode ser decisiva nesta nova era. Na atual conjuntura, a sensibilidade de um profissional da área do jornalismo permite-lhe estar alerta para que possa evitar a difusão de informações erradas.

Nos dias de hoje assistimos a um mundo essencialmente tecnológico que vive, em grande parte, numa sobrecarga de informação. Esta é partilhada inúmeras vezes, chega a milhões de pessoas, que a comentam, elaboram uma opinião e que por sua vez, também a partilham com os demais. As diversas funcionalidades a que temos acesso quando consultamos alguma notícia através da internet transporta-nos para uma realidade alucinante de opções. No entanto, quando estamos diante de todas as novas possibilidades, por vezes fica para trás o essencial: a pertinência e a qualidade da

informação, do conteúdo. A este propósito Roberta Steganha dizia que é de extrema importância “pensar como se dá o jornalismo da “sociedade de informação”, na qual os interesses são regidos pela necessidade de grande quantidade de informações e velocidade, em detrimento, muitas vezes, da qualidade do material publicado”. Também Nelia R. Del Bianco diz que “os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, cotidianamente, dentre um número imprevisível e indefinido de fatos uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias é denominado de noticiabilidade”

Confirmar a informação. Mediadores. Muitos são os teóricos que têm vindo a salientar a sua crença de que, estas, vão ser as tarefas fundamentais do jornalista num futuro muito próximo. A avalanche informativa que tem vindo a acompanhar a evolução da internet e a quantidade – quase absurda – de fontes citadas, dificulta, cada vez mais, a escolha dos cibernautas e põe, por muitas vezes, em causa o nome do bom jornalismo. É certo que não podemos apenas culpar os “forasteiros” pelos maus trabalhos jornalísticos, pelas fontes que informam erradamente, pelas pesquisas que são mal realizadas (ou pelas que não são realizadas de todo), enfim, pelos insucessos jornalísticos do século XXI. Por vezes, por trás destes fracassos estão, efetivamente, jornalistas formados, que aprenderam o B-A-BA da profissão, mas que por algum motivo, não aplicaram uma das regras fundamentais: ter a certeza de que a informação é correta.

Mas voltando ao que nos levou a fazer esta reflexão, o que importa perceber é que, cada vez mais, têm vindo a aumentar a quantidade de fontes informativas e que este fenómeno encontra-se intimamente ligado à internet e à sua utilização, uma vez que, por exemplo, nos dias de hoje os meios de comunicação social não dependem tanto das agências noticiosas, já que conseguem ter acesso a muitas informações ao utilizarem a rede. Assim, passa a ser fundamental que o jornalista assuma este papel de mediador, já que através da internet é possível ter acesso a diversas informações acerca do mesmo tema e nem sempre estas coincidem. João Messias Canavilhas acredita que este processo de seleção e mediação da informação na internet é crucial e que um mediador, neste caso o jornalista, é mais importante numa situação de excesso, do que numa situação de escassez de informação.

(...)“embora o imediato possa ser perigoso, o acesso dos jornalistas à Internet permite igualmente uma rápida recolha de informações em primeira mão, sem qualquer necessidade de se esperar pelos despachos das agências. Por exemplo, em Portugal poderá aceder-se rapidamente ao discurso que o Presidente dos Estados Unidos está a proferir em Washington, desde que ele seja disponibilizado online”

(Pinto e Sousa 1998:8)

No entanto, ainda que haja esta quantidade - cada vez mais crescente - de fontes de informação, (como já costuma dizer o povo) raras vezes a quantidade é sinónimo de qualidade. Assim, é absolutamente pertinente que o jornalista passe a investir grande parte do seu tempo neste rastreio, não de quais as notícias mais importantes de serem noticiadas, mas sim da informação de qualidade que é utilizada nestas notícias. Este processo de confirmação das fontes e dos dados que chegam às redações está intimamente ligado com a credibilização dos diferentes órgãos de informação.

Um dos papéis centrais do jornalista é o de *gatekeeper*, que tenta perceber o que será importante fazer chegar ao público, que temas devem ser investigados, que informações poderão ser do interesse geral, que notícia deve ser desenvolvida e apresentada em detrimento de outras possíveis de serem noticiadas. Com a chegada da Internet temos assistido a um novo processo, uma vez que, frequentemente o público realiza as suas próprias investigações, procura as informações que são do seu interesse e já não se identifica tanto com a informação produzida para as massas. Claro que se estivermos a falar de um trabalho jornalístico de investigação, o jornalista tem acesso a fontes e depoimentos que dificilmente estariam ao dispor do público em geral. Mas, se por outro lado, falarmos de uma notícia generalista assente apenas em factos, neste caso o público tem a possibilidade de fazer o mesmo percurso que o jornalista e, como explicam Ricardo Jorge Silva e Jorge Pedro Sousa, consumir “diretamente a informação disponibilizada na Internet e deixando de lado a informação jornalística difundida nos suportes tradicionais”. Os autores salientam ainda que “nestes casos, o jornalista deixa o fulcral papel de *gatekeeper* que possuía para um sem número de informações” (Pinto e Sousa 1998:8). Este novo panorama leva-nos a crer que as sociedades cada vez dependem menos dos meios de comunicação tradicionais para se sentirem informadas. Também o jornalista Hélder Oliveira diz que: “Deixou de haver intermediação entre o público e a informação. Erros, rumores, boatos e manipulação sempre existiram, a diferença é que agora o guardião- o jornalista – que separava a verdade da mentira e decidia o que devia ser publicado perdeu poder”.

Por outro lado, Gil Batista Ferreira acredita que o papel de *gatekeeper* não é posto de lado, mas sim reajustado às novas necessidades do mundo jornalístico. “O papel da imprensa nesta nova era passou a ser trabalhar para responder à questão: “Onde está o importante?”. A verificação e a síntese tornaram-se a espinha dorsal do novo papel de *gatekeeper* do jornalista: o papel de ‘sensekeeper’”(2012:114). Concha Edo faz igualmente a sua reflexão acerca deste tema. Também ela acredita que o papel de *gatekeeper* continua a ser necessário, mas que atualmente é, de certa forma, partilhado com o público, que para além de receber as informações dos media tradicionais, faz também ele a sua própria pesquisa e procura complementar as notícias com informações que lhe pareçam necessárias.

“Aquí el “oscuro e influyente gatekeeper” comparte su tarea con los lectores que, aunque reclaman la selección de actualidad del experto, pueden intervenir personalmente, hacer su propia valoración de los hechos y de las opiniones que provocan y tener las noticias en tiempo real con la misma inmediatez que pueden ofrecer la radio o la televisión, Además, se pueden buscar con rapidez informaciones atrasadas sobre cualquier tema o acceder a otras más.”

(Edo 2000:68)

É igualmente importante percebermos que antes de existir esta relação entre a internet e o público, quando os jornalistas não exploravam uma determinada informação, muito provavelmente esta acabaria por cair no esquecimento, ou nem sequer chegaria a ser do conhecimento público, uma vez que não foi difundida pelos *mass media* tradicionais.

Hoje, esta situação mudou consideravelmente. Cada vez mais, mesmo que os coordenadores e editores das mais variadas publicações decidam não investir numa determinada informação, esta pode na mesma ser publicada nos seus websites. Sabemos que os media tradicionais, como vimos anteriormente, estão limitados pelo tempo. Não é possível um telejornal, um jornal ou um jornal de uma rádio apresentar todas as informações que chegam às redações. Assim, é necessário optar por umas em vez de outras. O que muitas vezes acontece nas televisões, é que, uma notícia, que não foi possível entrar nos telejornais principais (os que têm mais audiência, ou seja, o das 13h e o das 20h), acaba por ser encaixada no planeamento das edições dos canais informativos.

Ainda assim, as peças jornalísticas que vão para o “ar” continuam a estar limitadas pelo tempo. O mesmo acontece nas rádios. Por outro lado, os jornais não podem usufruir desta possibilidade. A solução que muitos dos media acabam por encontrar é esta: recorrer às respetivas plataformas online para fazer chegar ao público todas as informações possíveis sobre os mais variados temas, uma vez que nos websites, podem publicar um número sem fim de artigos, e os mesmos não necessitam de ter um limite de minutos ou de caracteres.

Podemos ainda observar que os jornalistas têm vindo a deparar-se, cada vez mais, com um público que cria as notícias, ou seja, por várias vezes tem acontecido ser o público a mostrar a necessidade de ver algo a ser debatido e difundido pelos media. Certamente, todos nos lembramos de situações que foram filmadas ou expostas pelas pessoas nas redes sociais e que foram tantas vezes partilhadas que acabaram por fazer a manchete de um jornal ou ser feita uma reportagem para o telejornal.

A verdade é que, por muitas modificações e adaptações a que o aparecimento da internet tenha obrigado, os jornalistas continuam a ter um papel fundamental na difusão e credibilização das notícias. Sem dúvida que a adaptação dos media tradicionais a esta onda tecnológica é fundamental para a sua aceitação e visibilidade por parte do público. Ainda assim, quer seja através da internet, quer seja através dos meios tradicionais (jornal, rádio e televisão), as sociedades estão cada vez mais exigentes e procuram informação de qualidade. Sem dúvida que “os conhecimentos técnicos são importantes. No entanto, “mais importante do que dominar a parte tecnológica é deter uma sólida base profissional como jornalista e, em consequência, possuir pensamento crítico e perceber as técnicas de escrita” (Aroso:2003), de modo a que seja possível levar até às diferentes audiências um produto final credível e fidedigno. Como diz Concha Edo, o essencial é que independentemente da plataforma em que os trabalhos jornalísticos são difundidos, o importante é que sejam bem feitos.

“Lo indiscutible es que el periodismo sigue siendo el mismo en un paisaje diferente y lo difícil, como hasta ahora, es hacerlo bien. La verdadera batalla está en los contenidos y en la fiabilidad que pueda ofrecer un medio y los mejores web serán los más visitados y los que atraerán más publicidad. Una cabecera de prestigio, con periodistas expertos, especializados y bien documentados sigue siendo la clave del éxito, también en la era cibernética”

(1) (Edo Concha 2000:71)

- (1) Concha Edo (pág.71): “O facto incontestável é que o jornalismo permanece o mesmo, numa paisagem diferente e o difícil, como até agora, é fazer isso bem. A verdadeira batalha é o conteúdo e a confiabilidade que um meio pode oferecer e os melhores sites serão os mais visitados e aqueles que atrairão mais publicidade. Um cabeçalho de prestígio, com jornalistas especializados, bem documentado continua a ser a chave para o sucesso, também na era cibernética”.

3. Jornal de Notícias, TSF e RTP: Conhecer as redações

Neste capítulo pretendemos explorar um pouco das suas histórias e das evoluções que se foram fazendo notar ao longo dos anos. É importante ressaltar que no caso da RTP, apesar de assumir funções na área da televisão e da rádio, uma vez que o estágio foi focado na área da televisão, os factos históricos apresentados neste capítulo, focam-se, assim, no setor audiovisual.

3.1. Jornal de Notícias



O Jornal de Notícias foi fundado a 2 de Junho de 1888 e viria a ser um dos jornais mais vendidos em Portugal. Desde a sua criação que sempre foi um jornal feito a partir do Norte e por isso mesmo a sua sede sempre foi na cidade Invicta. As primeiras instalações ficavam na Rua D.Pedro e aglomeravam no mesmo edifício a redação, a administração, a composição e a impressão.

Quando o jornal foi lançado, no final da década 80, o diretor era José Diogo Arroio. Desde a sua fundação, o Jornal de Notícias sempre foi um jornal diário e era constituído por quatro páginas de grandes dimensões, sendo que a última estava reservada para a colocação de anúncios. Nas restantes páginas eram escritas notícias nacionais e internacionais. O jornal apenas era vendido no Porto, Braga e Lisboa. Inicialmente as tiragens rondavam cerca de 7500 exemplares e na altura, cada exemplar tinha um custo de dez reis. Em 1890 o valor das tiragens subiu consideravelmente. Uma consequência da campanha política que o jornal fez a favor dos regenerados.

No ano seguinte o JN surge com a publicação de gravuras das figuras dominantes da revolta de 31 de janeiro, o que se veio a revelar uma grande inovação. Ainda em 1891, o jornal deixou de ser publicado à segunda-feira e só voltou a ser publicado todos os dias

durante alguns meses, em 1914, ano em que se iniciava a Primeira Guerra Mundial. Esta medida só voltou a ser definitiva em 1936.

Em 1945 lança o seu primeiro suplemento “*A Tarde*, que esteve apenas seis meses no mercado.

Em 1951 o Jornal de Notícias foi considerado um órgão de oposição ao regime.

Em 1970 o jornal muda pela terceira vez as suas instalações. Em 1911 terão mudado pela primeira vez para a Rua Elias Garcia e em 1926 para a Avenida dos Aliados. Por fim, terão mudado então em 1970 para o local onde ainda permanece a sede, na rua Gonçalo Cristóvão. Ainda assim, esta informação estará desatualizada em breve, uma vez que o edifício está à venda e o Jornal de Notícias mudará de instalações dentro de pouco tempo.

Depois do 25 de Abril as vendas voltaram a subir e em 1978 passou a ser o jornal com maior adesão a nível nacional.

Em 1981 o JN voltou a fazer uma nova tentativa e lançou o jornal suplementar “Notícias da Tarde”. O tempo de vida deste suplemento foi ligeiramente melhor do que o anterior, mas nem assim foi um caso de sucesso. “Notícias da Tarde” esteve no mercado durante três anos. Já em 1985 surgiu aquele que também viria a ser um jornal de sucesso. “O JOGO”, estreou-se como um suplemento do Jornal de Notícias e devido ao sucesso que teve no mercado, mais tarde veio a tornar-se num jornal autónomo.

Não poderia deixar de ser referido, neste parâmetro em que exploro de forma linear a História do jornal, a ligação que o JN tem com a “Volta a Portugal em Bicicleta”. Entre 1982 e 2000, durante 18 anos, a organização deste evento esteve ao encargo do Jornal de Notícias. Foi através desta e de outras formas que o jornal nortenho sempre tentou criar uma relação de proximidade com os seus leitores. As Quadras de S. João: outro exemplo de uma tradição que, desde 1929, mantém acesa a interação entre os leitores e o jornal. Todos os anos são vários os leitores que participam no concurso, enviando quadras relacionadas com a época festiva e as melhores são publicadas no jornal no dia 24 de junho. Em 1995 é líder absoluto no país e no 2003 atinge o recorde de um milhão de leitores. Resta ainda dizer que o Jornal de Notícias foi o primeiro meio de comunicação português a ter um site na Internet, o jn.pt, a funcionar desde 1995.

➤ **O Jornal de Notícias de hoje**

Em 2005, o Jornal de Notícias, assim como outros, foi comprado pela Controlinveste - um grupo de Media em Portugal. Em dezembro de 2014, a empresa passou a ter outro nome: Global Media Group.

Desde já há uns largos anos que a impressão do Jornal de Notícias não é feita na sala ao lado, ou no andar inferior ao da redação. O edifício de grande dimensão, que fica na rua Gonçalo Cristóvão, é inconfundível - com mais de dez andares e um símbolo no topo com as siglas “JN”. No segundo andar está instalada a redação. Uma sala ampla, com várias secretárias que estão aglomeradas pelas diversas secções. As únicas divisões que existem na redação são a sala de reuniões e os gabinetes dos quatro elementos da direção. Ainda assim, estas divisões são meramente estruturais porque tanto a sala de reunião como os gabinetes são envoltos em divisórias de vidro, o que faz com que tanto os jornalistas como a direção se possam ver mutuamente.



Figura 9 Redação do JN. Imagem por: Igor Martins



Figura 10 Redação do JN. Imagem por: Igor Martins

Atualmente a impressão dos jornais fica a cargo da *Naveprinter* e a distribuição pelo país fica à responsabilidade da VASP (empresa distribuidora).

As agências de notícias em que o JN se apoia são, na conhecida *Lusa*, e na Global Imagens (que como o nome indica é uma espécie de plataforma nacional de fotografias - tiradas pelos fotógrafos contratados ou colaboradores da empresa).

Em novembro de 2014 a direção do JN mudou. O jornalista Afonso Camões assumiu o cargo como diretor, sendo acompanhado por Domingos de Andrade (ex-diretor de programas e informação do Porto Canal), no cargo de diretor-executivo.

Segue uma breve apresentação dos dois órgãos máximos que chefiam atualmente o Jornal de Notícias.

Afonso Camões - Diretor:

Formou-se em 1979 na Faculdade de Economia do Porto e em jornalismo em 1997 em CFPJ (Centre de Formation et de Perfectionnement des Journalistes) sediado em Paris. Em 2002 terminou a sua Pós-Graduação em Jornalismo na Universidade Moderna de Lisboa.

Trabalhou como jornalista nos jornais “O Primeiro de Janeiro” e no “Semanário”. Foi administrador e diretor do jornal “Gazeta do Interior”, jornal regional semanal com sede em Castelo Branco e trabalhou no jornal Expresso como editor. Afonso Camões também fez crescer a sua carreira “lá fora”, tendo sido de 1991 a 1999, diretor da comunicação do governo de Macau e administração da Teledifusão de Macau. Foi administrador executivo da Controlinveste (que mais tarde viria a ser a Global Media) e também administrador não executivo da Lusa entre 2005 e 2009, passando posteriormente a presidente e diretor executivo da agência, onde permaneceu até 2014. Deixou a Lusa “por razões profissionais” e passou então a ocupar o cargo de diretor do Jornal de Notícias.

Domingos de Andrade - Diretor-executivo:

Domingos de Andrade frequentou o curso de Ciências da Comunicação na Universidade do Minho, vindo mais tarde a ser doutorado na mesma área. Foi jornalista no Jornal de Notícias ocupando o cargo de chefe de redação, até 2009. Foi diretor-adjunto de Informação da Lua até 2011 e ainda, também como diretor de Informação e Programação do Porto Canal. Neste momento ocupa o cargo de diretor executivo no jornal onde outrora tinha trabalhado. Domingos de Andrade é também docente na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica e também docente convidado no Instituto Português de Administração e Marketing. Recebeu vários prémios jornalísticos, como é o caso do Prémio Caravela, em 1995 e o Prémio Pacheco Miranda em 1998, 2000 e 2004.

Definitivamente a direção do jornal é importante e exerce uma forte influência no funcionamento do mesmo, mas para mim, enquanto estagiária, definitivamente o contacto mais próximo foi com os jornalistas da secção do Porto, que felizmente se apresentam como um grupo coeso, divertido, de pessoas simples e com um grande respeito pela profissão.

O Jornal de Notícias apresenta-se como um jornal acessível a todas as classes sociais, com uma linguagem clara e concisa. Ao abrir o jornal, podemos perceber que o mesmo está estruturado para que as notícias sejam expostas por regiões e temas principais. São várias as seções que dividem as páginas do jornal:

- Primeiro Plano
- Sociedade
- Segurança
- Praça da Liberdade
- Porto
- Ocasão
- Norte-Sul
- Política
- Economia
- Mundov
- Desporto
- Artes e Vidas
- Últimas

Em tempos, e numa tentativa de manter o jornal próximo dos leitores, o Jornal de Notícias contava com três edições distintas: a edição Norte, edição Grande Porto e edição Centro/Sul. Nestas três edições, mudavam não só as páginas da secção local, como também as capas e algumas informações de cultura e desporto.

Atualmente, devido a constrangimentos económicos só há duas edições, a do Porto e de Lisboa. O conteúdo dos jornais é igual e o que muda, geralmente, são as páginas de abertura. Neste momento, os suplementos do JN são:

- Dinheiro Vivo
- Evasões
- Notícias Magazine
- Ocasão (Classificados)

Desde os anos 90 que o Jornal de Notícias tem vindo a fazer algumas alterações ao seu logótipo e na disposição gráfica do próprio jornal. As mudanças são habituais, mas ténues de forma a não causar estranheza no público. O objetivo é sempre melhorar o aspeto visual do jornal de forma a que o mesmo se mantenha atual e atrativo.

A última alteração gráfica do jornal aconteceu ainda durante o período de estágio, nos finais de março.

“O jornal "vai ter três ritmos: uma zona que é o que leitor deve saber", com o noticiário mais importante de economia, política, país, ou seja, "hard news", uma área "mais respirável, de leitura mais folgada", onde se pode encontrar a reportagem, a entrevista ou a história de vida, e um terceiro segmento que é "o que se pode fazer hoje", com dicas de lazer. (...)

O JN vai continuar a "fazer jornalismo de proximidade, se a informação é a pedra angular de um jornal, o JN quer ser também um instrumento de coesão, que valoriza os testemunhos de cidadania", disse.

"Às limitações físicas da distribuição e do papel, bem escasso e cada vez mais caro, vamos responder com novo impulso nas nossas edições eletrónicas, em todas as plataformas digitais", acrescentou Afonso Camões. (...)

Apesar da renovação, o Jornal de Notícias mantém o preço de capa.”

No site Notícias ao Minuto, por Lusa a 28 de março, 2015-06-06
(in <http://www.noticiasao minuto.com/pais/367846/jornal-de-noticias-surge-com-novo-rosto-no-domingo>)

Tiragens

Tabela 4 Nº de tiragens de 4 jornais diários no ano 2000, in www.apct.pt

Informação Geral 2000												
PUBLICAÇÃO	1º BIMESTRE		2º BIMESTRE		3º BIMESTRE		4º BIMESTRE		5º BIMESTRE		6º BIMESTRE	
	TIRAGENS	CIRCULAÇÃO										
A-Z	Z-A											
Correio da Manhã Jornal Diário VER GRÁFICO	105.881	84.273	112.669	90.964	111.785	89.427	117.328	96.213	127.250	101.491	124.613	97.679
Diário de Notícias Jornal Diário VER GRÁFICO	87.022	63.644	118.194	89.976	112.273	82.801	83.770	54.540	89.914	61.263	82.360	57.709
Jornal de Notícias Jornal Diário VER GRÁFICO	129.332	102.395	133.187	104.933	134.863	102.592	136.718	107.473	136.215	105.873	133.214	106.229
Público Jornal Diário VER GRÁFICO	66.553	53.322	68.759	53.850	70.808	53.498	72.499	58.397	75.181	57.816	70.076	55.136

Tabela 5 Nº de tiragens de 4 jornais diários no ano 2017, in www.apct.pt

Informação Geral 2017												
PUBLICAÇÃO	1º BIMESTRE		2º BIMESTRE		3º BIMESTRE		4º BIMESTRE		5º BIMESTRE		6º BIMESTRE	
	TIRAGENS	CIRCULAÇÃO										
A-Z	Z-A											
Correio da Manhã Jornal Diário VER GRÁFICO	134.927	92.693	126.867	90.157	129.146	94.035	0	0	0	0	0	0
Diário de Notícias Jornal Diário VER GRÁFICO	24.510	14.759	24.131	14.325	23.712	14.140	0	0	0	0	0	0
Jornal de Notícias Jornal Diário VER GRÁFICO	67.228	52.248	65.175	51.733	64.890	53.130	0	0	0	0	0	0
Público Jornal Diário VER GRÁFICO	33.258	31.801	32.262	31.421	32.132	33.169	0	0	0	0	0	0

3.2. TSF



Conhecer a história da TSF implica quase que obrigatoriamente consultar o livro, que me servirá de “Bíblia” sempre que me referir à estação: “Tudo o que se passa na TSF... Para um ‘Livro de Estilo’”. No Índice, salta logo à vista um capítulo que, na minha mais profunda convicção, me será útil nesta fase: “Notas sobre a História da TSF”. Abro na página correspondente e a primeira anotação faz com que reposicione a minha atitude.

Tal como diz João Paulo Meneses, a verdade é que “os 15 anos da TSF ainda dão lastro a que se possa fazer (um)a história. Estas são, portanto, apenas algumas notas cronológicas, a ter em conta quando chegar a hora de fazer essa história – que aliás, começa antes de 1988!” (Meneses 2003: 22). Não sei que ilusão poderá ter ocorrido na minha lógica de pensamento para que pudesse supor que a História da TSF estivesse “espalmada”, tal e qual como eu pretendo, nas páginas de um único livro. É preciso investigar, falar e conhecer. O resultado dessa caminhada apresenta-se a partir de agora.

Falar da história da TSF transporta-nos para a história da rádio em Portugal. Claro que poderíamos falar da importância de Marconi e de quando em 1895, conseguiu, pela primeira vez, estabelecer comunicação à distância por ondas radioelétricas. Poderíamos também recuar ao tempo em que, em Portugal, foram feitas as primeiras experiências com a Telegrafia Sem Fios, em 1901 – é nesta altura que se começa a utilizar a sigla T.S.F pela primeira vez; ou a 1922, quando é instalada a rede Marconi, mas o objetivo aqui é enquadrar a história da rádio TSF, por isso, vamos analisar um passado mais recente.

A rádio na ditadura

“(...) nesse dia, ele (Emídio Rangel) viu-me no aeroporto do Lubango e não hesitou: largou-me às feras na antena. Eu, claro, agarrei num disco de Zeca Afonso. Assustei-o, avisou-me logo: «Tu tem lá calma, não me arranjes problemas.»”

Fernando Alves em entrevista para o *Notícias Magazine*

Nesta altura as rádios existentes eram controladas pelo regime, que utilizavam este meio comunicacional para divulgar os valores defendidos pelo Estado Novo e para manipular a opinião pública. A rádio era utilizada como um meio de entretenimento, mas sempre sob controlo.

Durante a Primavera Marcelista, as programações começaram a deixar de lado a propaganda ao regime e surgiram programas que marcaram a história, uma vez que o inconformismo passou a ser expresso de uma forma bem mais acentuada.

Chegamos a 1974. Um ano de grandes mudanças. O papel da rádio no 25 de abril é inquestionável. Como sabemos, foi através da rádio que se mobilizaram as Forças Militares. Havia “(...) objetivos definidos para cada estação implicada, o golpe contou com a rádio para transmitir as “senhas” que deram início, confirmaram e puseram em marcha o movimento das Forças Armadas.” (Cordeiro, 2004). Em 1975, Portugal passou por um dos momentos fulcrais e decisivos para a evolução da rádio no panorama nacional, que acontece num período em que a Nacionalização da radiodifusão em Portugal. Nesta altura, foram diversas as estações que foram integradas na RDP.

Em 1981, “aproveitando o programa eleitoral do novo governo, que fala em reprivatizar a rádio, é criada a TSF – Cooperativa de profissionais de rádio” constituída por um grupo de quinze pessoas, entre elas, Adelino Gomes, Emídio Rangel, David Borges e Fernando Alves.” Mais tarde, esta estação de rádio viria a ser chamada TSF – Rádio Jornal e depois, apenas TSF como é conhecida nos dias de hoje.

Foi dado o primeiro passo de uma longa caminhada que a TSF viria a percorrer.

“Após a Nacionalização a rádio portuguesa sofreu um revés bastante acentuado. A existência de um monopólio RDP/RR, impediu que o sector se desenvolvesse

normalmente até que em 1984 algo começa a mudar e surgem as chamadas Rádios Piratas” (Mouta 2010). Em Portugal, o *statu quo* nos media é desafiado, no princípio dos anos 80, com a erupção dos “rádios piratas”, que explodiram como cogumelos. (Traquina, 1997: 15). A ausência ou parca legislação sobre esta temática foi um dos principais motivos associados a este tipo de rádios, que mais tarde o Estado se via obrigado a resolver. E foi precisamente neste ano, em 1984, que a TSF deixou um marco na história, quando transmitiu, pela primeira vez, uma emissão pirata. Este momento foi descrito pelo jornal Público, em Março de 2003, ano em que a rádio celebrava 15 anos de existência. O artigo completo pode ser consultado nos anexos.

“TSF, a história da primeira emissão pirata”

“(…) Cansados de uma batalha por uma lei que permitisse lançar novos projectos nas ondas hertzianas, (...) um grupo de jornalistas da RDP teve a ideia de fazer uma emissão e pô-la no ar para trazer a discussão dos gabinetes para a rua. "Foi decisiva para que o Parlamento viesse a criar a Lei da Rádio", diz Emídio Rangel, um dos impulsionadores desta provocação às autoridades, e que viria a ser o primeiro director da TSF.

(...) Os então primeiro-ministro Mário Soares e o Presidente da República Ramalho Eanes aceitaram defender a abertura das rádios à iniciativa privada aos microfones da TSF. (...)

Depois foi necessário encontrar um local para transmitir a mensagem, a partir de emissores construídos por um engenheiro holandês. (...) Para tentar ludibriar as autoridades foram gravadas duas cópias da emissão para serem transmitidas em dois pontos diferentes de Lisboa, mas exactamente ao mesmo tempo. Com a cumplicidade de um casal amigo de Rangel, um dos emissores foi colocado num terraço de um prédio no Lumiar. O outro, (...) foi instalado no cimo de uma torre de apartamentos, o mais alto das redondezas naquela altura, em S.João da Caparica. (...) Através de um sistema de comunicação via rádio, as duas equipas (...) conseguiram largar a fita ao mesmo tempo,

precisamente às nove da manhã. (...) "Toda a gente se convenceu que a emissão seria em directo", relembra, com um sorriso. Logo pela manhã, as autoridades policiais cercaram a sede da cooperativa TSF, convencidas que seria ali que Mário Soares ou Ramalho Eanes estariam a prestar declarações. Mas não estava ninguém naquela morada. Os serviços radioelétricos, "uma espécie de polícia das ondas hertzianas", começaram então a procurar a origem do sinal pelas ruas de Lisboa, com um aparelho próprio instalado num carro, e facilmente chegaram ao prédio do Lumiar. Mas esbarraram na resistência do casal, por coincidência administradores do condomínio, que recusaram a entrada à polícia por falta de qualquer mandado judicial. (...) "Só que não contaram com a outra cópia que continuou a soar na linha de Cascais e nunca chegaram a dar por ela", revela o fundador da TSF.(...)

A operação foi considerada um sucesso. "Queríamos agitar as águas e o objectivo foi conseguido. Os jornais falaram muito disso e até o próprio Governo se viu obrigado a comentar o assunto", conta Mário Pereira, também sócio fundador da Cooperativa TSF. ”

29 de fevereiro de 1988 é uma outra data de respeitável importância. Este foi o dia escolhido para a primeira emissão da TSF em que é lida a primeira notícia, do primeiro noticiário, às 7h da manhã, lida por Francisco Sena Santos: “Paz no fisco durante três meses”. Na altura, ainda através de uma emissão pirata, que se fazia ouvir apenas em Lisboa. Uma situação que viria a mudar brevemente.

O final da década oitenta foi marcado por um conjunto de medidas que tinham como objetivo regulamentar o setor. Havia a “necessidade de lei que regulamentasse e pusesse uma certa ordem no panorama radiofónico, num processo que terminou em 1989 com a legalização” (Cordeiro 2003). Foram várias as rádios “piratas” ou “livres” (como também eram apelidadas) que acabaram por não sobreviver a esta fase, em oposição a muitas outras, que, com mais poder financeiro e sendo mais organizadas, conseguiram vingar. Alguns desses projetos mantêm-se ainda hoje, como é o caso da TSF. Ainda no final de 1988, a TSF apresenta no concurso de atribuição de alvarás, candidaturas em Lisboa, Porto, Coimbra e Faro. Acaba por garantir apenas a emissão em Lisboa e Coimbra.

Ao longo do tempo, a TSF foi conseguindo estabelecer-se um pouco por todo o país, chegando a grande parte do território continental português. Hoje, pode também ser ouvida em todo o mundo através da internet.

➤ **A TSF de hoje**

Pertencendo ao mesmo grupo que o Jornal de Notícias, a TSF fazia parte da Controlinveste Media, que a partir de 2014, passou a ser Global Media Group. No Porto, “moram” no mesmo edifício. Enquanto o Jornal de Notícias ocupa o 2º andar da torre, que se faz notar junto à estação de metro da Trindade, a TSF está instalada no andar subterrâneo.

Emídio Rangel foi o primeiro diretor da TSF. Seguiram-se David Borges, Carlos Andrade e José Fragoso. Arsénio Reis é, desde agosto de 2016, o diretor da estação.

Depois de uma experiência de estágio no Jornal de Notícias, em que a sala da redação parecia não ter fim (aos olhos entusiasmados de uma estagiária), as instalações da TSF são, comparativamente falando, substancialmente mais reduzidas. A justificação? Talvez o facto do trabalho produzido pela rádio no distrito do Porto ser, também ele, substancialmente mais reduzido do que o que é levado a cabo pelo jornal.

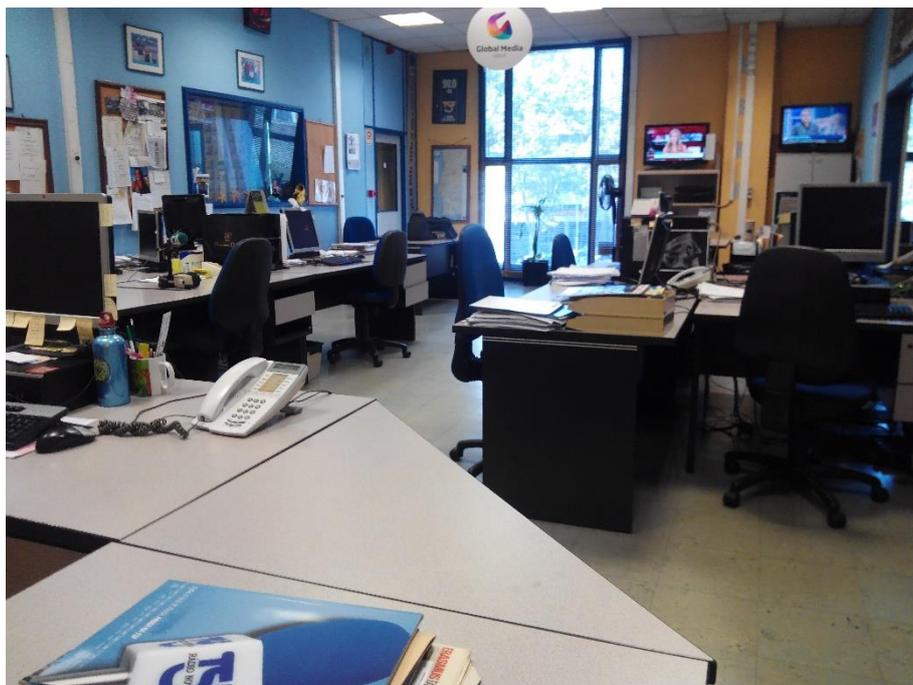


Figura 11 Sala da redação da TSF. Imagem por Marcela Schacht

Passemos aos estúdios. São três e cada um, divide-se em duas partes. Uma, onde está o computador com o programa de edição e todos os “apetrechos” necessários para que o sonoplasta possa realizar o seu trabalho.



Figura 12 Estúdio da TSF - Sala de edição. Imagem por Marcela Schacht

E uma outra, a sala onde o jornalista grava os textos para a composição de uma reportagem, onde são entrevistados os convidados, onde são lidas as notícias que compõe os jornais, etc.



Figura 13 Estúdio da TSF. Imagem por Marcela Schacht

A programação da TSF é vasta e diversificada. Para além dos jornais, de hora em hora e nas meias horas, muitos são os programas que podem ser escutados ao longo do dia e por isso, referimo-nos apenas a alguns dos que aparecem em destaque no site da rádio.

Durante a semana, entre as 10h15 e as 12h, a emissão é ocupada pelo “Fórum TSF”. É debatido o tema que está a marcar o dia com uma particularidade: os ouvintes são desafiados a entrar neste debate, em direto, através de uma chamada telefónica. Uma ou várias personalidades ligadas ao assunto são convidadas e a entrevista, orientada por Manuel Acácio, é intercalada com a opinião dos ouvintes.

A par dos programas diários, existem os programas semanais. “Jogo Jogado” e “Entrelinhas” são programas dedicados ao universo do futebol e contam com debates (o primeiro) e entrevistas (o segundo). “Bloco Central” e “Sem Moderação” analisam os destaques do mundo da política, quer a nível nacional, como internacional. “Sem Moderação” tem a particularidade de ser um programa realizado em parceria com o *Canal Q*, e sem “direito” a moderador (como é habitual). Daí o nome adotado pelo

programa. O “Governo Sombra”, moderado por Carlos Vaz Marques, conta com a participação de Ricardo Araújo Pereira, Pedro Mexia e João Miguel Tavares. A atualidade e os assuntos que marcaram a semana são analisados com um toque de humor e descontração.

Importante assinalar é também o programa “Sinais”, de Fernando Alves, uma das vozes de referência da rádio em Portugal. Sendo impossível não transparecer o carinho e admiração por esta rúbrica, fica desde já admitida a falta de imparcialidade. São sensivelmente dois minutos de um tema, que pode ter origem numa notícia de um jornal, numa fotografia, numa gota de orvalho que caiu no para-brisas do carro. Tudo ganha uma importância acrescida. Este tema é complementado com a descrição de um gesto, de um verso, de um silêncio (ou os que forem precisos). A verdade é que todos os segundos são brutalmente aproveitados para dizer algo realmente pertinente.

“Os "Sinais" nas manhãs da TSF, com a sua marca de água de sempre: anotação pessoalíssima do andar dos dias, dos seus paradoxos, das suas mais perturbadoras singularidades. Todas as manhãs, num minuto, **Fernando Alves** continua um combate corpo a corpo com as imagens, as palavras, as ideias, os rumores que dão vento à actualidade.”

In “Sinais”, <http://www.tsf.pt/>

Apesar de ser uma rádio assumidamente informativa, a TSF dá espaço a alguma música. Um dos programas musicais apresenta-se num formato “fora-da-caixa”, uma vez que quem escolhe a *playlist* é um convidado, que pode ser um político, um desportista, um ator, um professor, um escritor, etc. “A Playlist de...” acontece de segunda a sexta-feira, entre as 13h e as 14h.

Na delegação do Porto, são produzidos alguns dos conteúdos que fazem parte da TSF. São eles:

- TSF Runners – Bárbara Baldaia
- Informação (In)útil – Nuno Miguel Martins
- TSF à mesa – António Catarino
- Mundo Digital – Rui Tukayana
- Magazine Serralves – Joaquim Ferreira
- Entrelinhas – João Ricardo Pateiro

Para além destes conteúdos, a redação do Porto está ainda encarregue de produzir os jornais que começam a partir da 16h. Os jornais na TSF ocorrem de hora em hora e são complementados por jornais de meia em meia hora. O editor encarregue de coordenar estes jornais é Artur Carvalho.

Audiências

Tabela 6 Audiências das rádios mais ouvidas em Portugal, a junho de 2017, in www.marktest.com

RESULTADOS DA VAGA DE JUNHO DE 2017

(3ª Vaga 2017)

GRUPO/ESTAÇÃO	REACH SEMANAL %	AUDIÊNCIA ACUMULADA DE VESPERA %	SHARE DE AUDIÊNCIA %
TOTAL RÁDIO	77,1	53,9	100,0
Grupo Renascença Multimédia (1) *	48,2	23,6	35,3
RFM	34,6	16,2	24,6
Renascença	12,6	4,9	6,5
Mega Hits	7,1	2,7	2,7
R. Sim	1,9	0,9	1,6
Grupo Média Capital Rádios (2) *	44,6	23,4	38,1
R. Comercial	33,1	15,8	24,6
M80	13,9	5,9	9,7
Cidade	8,3	2,6	2,4
Smooth FM	2,2	0,9	1,3
Vodafone FM	0,6	–	–
Grupo RTP (3) *	13,0	6,3	8,1
Antena 1	9,1	4,1	5,5
Antena 3	3,9	1,8	1,9
Antena 2	1,1	0,5	0,5
TSF	7,2	2,9	3,1
Outras Estações	21,5	8,2	14,3
Não Sabe Estação	2,9	1,0	1,2
UNIVERSO	8 563 501	8 563 501	8 563 501

(1) Inclui R.Renascença, RFM, Mega Hits e R. Sim

(2) Inclui R.Comercial, Cidade, M80, Vodafone FM e Smooth FM

(3) Inclui Antena 1, Antena 2, Antena 3 e RDP África

(4) Todas as estações que não fazem parte dos grupos anteriores

Nota 1: Apenas são apresentados resultados das estações que (A) façam parte de um grupo considerado de cobertura nacional (presente nas seis regiões MARKTEST), e (B) tenham um mínimo de 30 referências na amostra, no indicador em questão.

Nota 2: Também para cada grupo só são apresentadas as estações com um mínimo de 30 referências. Por essa razão, o somatório das respectivas estações apresentadas pode não totalizar o valor do respectivo grupo.

TSF EM NÚMEROS



Fonte: Bareme Rádio 2º semestre 2015 + TGI + Facebook + Netscope



Figura 14 Resumo dos nos números relacionados com o público da TSF, in www.tsf.pt

PERFIL DO OUVINTE



Fonte: Bareme Rádio 2º semestre 2015



“ON AIR”

- 75%** dos ouvintes são do sexo masculino
- 59%** com idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos
- 92%** pertencem aos grandes centros urbanos (Lisboa e Porto)
- 62%** pertencem às classes sociais A,B,C1
- 29%** são quadros médios superiores



Figura 15 Perfil do ouvinte da TSF, in www.tsf.pt

3.3. RTP



“Desde o seu início em 1957, a televisão em Portugal tem existido à sombra do poder político. Durante a ditadura salazarista, a RTP foi crescentemente utilizada como instrumento essencial da máquina propagandística do regime.” (Traquina 2001: 48)

Em Portugal, a televisão apareceu nos anos cinquenta. A RTP foi a pioneira neste ramo e surgiu como uma sociedade anónima, tendo participação do Estado e de vários outros acionistas (Sobral 2012:145). As primeiras emissões experimentais aconteceram, num contexto político de ditadura, a setembro de 1956, a partir do recinto da Feira Popular de Lisboa, em Palhavã. As emissões regulares tiveram início em março do ano seguinte. Tudo era feito a partir de Lisboa, mas em 1959 passa a haver, também, um centro de emissões no Porto. Na altura, o então ministro da Presidência, Marcello Caetano, liderou todo o processo de estruturação e fundação da nova empresa de teledifusão com entusiasmo pessoal, desde as regras de concessão às questões mais técnicas. (Sousa e Santos 2003:2). A televisão estatal portuguesa foi criada e consolidada sob pressupostos de apertado controlo e sem interesse visível pela opinião do público.

O aparecimento da televisão teve um grande impacto no mundo da rádio, fazendo com que esta tivesse de se adaptar a este novo meio de comunicação social. Uma das características mais marcantes da rádio – a possibilidade de fazer diretos – começou a ser explorada mais intensamente. Desta forma, conseguiam, por diversas vezes, escapar à censura e, por conseguinte, estar uns passos à frente da televisão. O Estado, o grande detentor da RTP, utilizava este meio como porta-voz, um instrumento de divulgação das políticas praticadas na época. A emissora era controlada pela censura, tal como qualquer outro órgão de comunicação. Ainda assim, tal como a rádio, a televisão ia arranando forma de escapar às malhas da censura. O Festival da Canção e a transmissão de músicas com versos polémicos, como a *Desfolhada*, de Simone de Oliveira, é um dos exemplos.

Não obstante, esta intervenção por parte do Estado, na forma como a televisão pública era utilizada, viria a marcar a história da RTP, que nunca conseguiu desmarcar-se desta ideia de que o Estado controla a emissora.

Numa primeira fase, a programação da RTP era baseada essencialmente em filmes, música e revistas filmadas (Santos 2007:84). Ainda que severamente controlada, através dos programas que emitia, a emissora acabou por apresentar aos espectadores diversas personalidades e atividades, que o público desconhecia.

O final dos anos sessenta ficou marcado por dois fatores. O primeiro centra-se na própria emissão televisiva, que passou a ser processada a nível nacional. O segundo, envolve o aparecimento do segundo canal da RTP, no Natal de 1968. Em 1970, a emissão televisiva deixou de ser transmitida apenas à noite e passaram a haver programas também à hora do almoço. Foi nesta altura que apareceu, pela primeira vez, o *Telejornal*.

O panorama televisivo manteve-se estável até 1974. O fim regime ditatorial, que reinava em Portugal, foi um marco para os meios de comunicação social e a televisão não poderia ficar fora desta equação. Apesar do papel fulcral da rádio, que informou os portugueses da mudança da política em curso, foi a televisão que mostrou, pela primeira vez, os rostos de alguns dos protagonistas (Sousa e Santos 2003:6). Em 1975 a televisão passou por um processo de nacionalização. Nos anos que se seguiram à Revolução dos Cravos, a televisão viria a sofrer algumas alterações. A programação, por exemplo, passou a estar fortemente orientada para o entretenimento. Em 1977, numa altura em que se vivia uma fase de transição, nomeadamente com o pedido de adesão de Portugal à União Europeia, é transmitida, pela primeira vez, uma telenovela brasileira, de seu nome *Gabriela, Cravo e Canela*. A inserção da telenovela no horário nobre fez parte de um processo de reestruturação da RTP. O sucesso alcançado, reconhecido unanimemente, promove novos acordos para a compra de telenovelas, enquadradas, mais uma vez, num outro processo de reestruturação que inclui a repetição da *Gabriela* à hora do almoço.

Mais tardiamente que os restantes países europeus, Portugal começou a dar cartas no mundo audiovisual. O início dos anos 80 é marcado pelo início das emissões a cores, que acompanha também a estreia das telenovelas portuguesas. Na segunda metade da década de oitenta, começam a fazer-se ouvir, em Portugal, ecos europeus no que diz respeito à diversidade da oferta televisiva. A Constituição de 1976 só permitia a existência de televisão pública. Em 1990, a Assembleia da República aprovou a Lei da Televisão

que previa a existência de operadores privados e, no ano seguinte, foi aberto o concurso. Cavaco Silva decidiu atribuir – 1992 – duas frequências de televisão nacionais: uma à SIC (Sociedade Independente de Comunicação), e outra à Televisão Independente (TVI).

A abertura do mercado televisivo teve um grande impacto e a RTP passou a ser obrigada a competir pelo mesmo bolo publicitário com mais dois operadores. Como explica o autor Nelson Traquina, a luta pelas audiências fez com que a RTP passasse a ter um dilema: ou entrava na luta pelas audiências ou reforçava o papel que tinha na área da informação – correndo o risco de estar apenas a servir as minorias. No geral, no panorama europeu, “os canais públicos, confrontados com a nova realidade concorrencial optam pela luta, introduzindo mais programas de divertimento (filmes, series, concursos) em detrimento dos educativos e culturais” (Traquina1995:18). Daí que, analisando a situação, o autor não se mostra surpreso pela RTP ter optado por seguir o mesmo rumo que as restantes televisões públicas europeias.

Esta nova fase da televisão foi marcada por vários momentos atribulados, sobretudo no que toca às decisões tomadas para as diversas programações. Os horários anunciados sofriam trocas constantes, eram realizados diversos contratos de exclusividade e os gastos eram exorbitantes. Tudo, para tentar obter o maior número de audiências possível, durante o maior período de tempo possível.

A RTP aproveitou os anos de avanço que tinha de experiência e tentou segurar o público com telenovelas, futebol e um imenso número de filmes e séries. Em outubro de 1992, a RTP dispunha de uma carteira de programas que ascendia a mais de 12 milhões de contos. Nos anos 1993 e 1994, a emissora pública portuguesa, não se limitou a ser um mero acompanhante do processo de comercialização, mas foi, antes, um líder agressivo. Mais tarde, o estado precário da RTP e as dificuldades financeiras da televisão pública, eram, em grande parte, resultado do sucesso alcançado pelas redes privadas.

Importante será também não deixar esquecer que no ano de 1990 surgiu a RTP Internacional e oito anos mais tarde a RTP África. Estes foram projetos que tiveram um papel fulcral para a aproximação das comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo e na inclusão dos países africanos de língua oficial portuguesa. Este papel de aproximação do público acaba por ser reforçado com a plataforma online RTP Play, disponível desde 2011 e que permite a visualização e escuta de emissões online.

➤ **A RTP de hoje**

O capital social da RTP é integralmente realizado pelo Estado. Paulo Dentine é o diretor de informação da televisão. Jornalista da RTP há 36 anos, estava destacado como correspondente em Paris e ocupou o cargo em 2015.

A delegação do Porto, onde foi realizado o estágio, fica situada no Monte da Virgem, em Vila Nova de Gaia. A conhecida “torre da PT” é facilmente identificável, pelo seu tamanho e robustez, e é um dos pontos de referência. O edifício, de largas dimensões, alberga uma inúmera quantidade de serviços, enquadrando nos três andares, tudo o que seja necessário para o bom funcionamento do setor da televisão e da rádio. A sala de redação dos jornalistas que trabalham em televisão, é similar à do Jornal de Notícias: ampla e extensa.



Figura 16 Redação da RTP. Imagem por Marcela Schacht

Uma vez que o trabalho televisivo não se esgota apenas no trabalho dos repórteres, há também uma sala atribuída aos repórteres de imagem e, no andar inferior, uma sala de edição, onde, por sua vez, estão os editores de imagem. De uma forma geral, o dia-a-dia de um jornalista, passa pelo local de reportagem (se assim for o caso), pela sala de redação e pela sala de edição.

Na delegação do Porto são produzidos muitos dos conteúdos que chegam à casa dos portugueses todos os dias. O *Jornal da Tarde e Manchetes*, da RTP1 ou *3às10, 3às11, Grande Área, Trio D'Ataque, 18|20 e 24 horas*, da RTP3, são alguns exemplos. Ainda assim, é importante ressaltar que, independentemente do local onde é produzido o programa, os jornalistas de todas as delegações trabalham diariamente em reportagens que compõem o produto final dos programas de informação.

Audiências



RESULTADOS VOSDAL

RTP1 **AUDIÊNCIAS DE 2ª FEIRA, 05 DE JUNHO DE 2017**
 ATELEVISAO.COM | FORUM.ATELEVISAO.COM | FACEBOOK.COM/ATELEVISAO Dados: CAEM/GfK

Pos.	Programa	Rtg (%)	Shr (%)	Espectadores
1	TELEJORNAL	7,8	17,9	741.000
2	BRAINSTORM	6,2	12,3	589.000
3	O PREÇO CERTO	5,2	15,6	494.000
4	JORNAL DA TARDE	5	20,5	475.000
5	O SABIO	3,3	16,9	313.500
6	PORTUGAL EM DIRECTO	3,1	14	294.500
7	PROS E CONTRAS – PORTUGAL, PORQUE TE...	3	6,8	285.000
8	A MINHA MAE COZINHA MELHOR QUE A TUA	3	15,5	285.000
9	BEM-VINDOS A BEIRAIS (R)	1,6	9,6	152.000
10	BOM DIA PORTUGAL	1,6	21,4	152.000
11	AGORA NOS	1,6	10,5	152.000
12	A PRAÇA	1,5	14,5	142.500
13	NO LIMAR DA VIDA	1,3	4,5	123.500
14	ONE LOVE MANCHESTER	0,7	10,8	66.500
15	O SABIO (R)	0,5	2,9	47.500

Figura 17 e 18 Audiências por canal e por programa, in www.rtp.pt

4. Jornal de Notícias, TSF e RTP: Breve olhar sobre os períodos de estágio

4.1.



4.1.1. O primeiro contacto com o local de estágio

A primeira vez que entrei no edifício do Jornal de Notícias foi no dia 23 de dezembro de 2015. Era o último ano da licenciatura em Ciências da Comunicação na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e o estágio era uma componente obrigatória do curso.

A primeira fase passava por uma breve entrevista, na qual seriam discutidos os pormenores do estágio. Antes de apanhar o metro para ir para o Porto fui comprar um *Jornal de Notícias* a um quiosque para ir lendo durante a viagem. Lembro-me de nunca ter estado tão atenta ao nome dos jornalistas, e às secções que o jornal tinha. Todos os pormenores em que eu pudesse reparar, eu reparei. Observei com atenção a capa. “Diretor: Afonso Camões; Subdiretor: Domingos de Andrade”. A viagem ainda não ia a meio e eu já estava a ter palpitações e a ficar extremamente preocupada por estar a reparar em coisas nas quais nunca tinha reparado.

“Próxima paragem: Trindade. Next stop: Trindade.”

Era ali que eu ia sair durante todos os dias da semana, durante três meses. Subi a Rua de Camões e virei na primeira à direita. Mais dois minutos e estava à porta do JN, na Rua Gonçalo Cristóvão. Cheguei dez minutos mais cedo do que a hora prevista. Falei com os seguranças que estavam na entrada e mandaram-me esperar. O tempo não passava e as minhas pernas estavam a tremer por todo o lado.

- “Marcela, é só um estágio, não é nenhuma entrevista de emprego! Acalma-te...”, dizia eu, de mim para mim.

Finalmente fui chamada e disseram: “Vai ser o Domingos a entrevistar-te. Ele já te chama ao escritório dele.” Esse foi o momento em que, depois de eu pensar que mais nervosa não podia ficar, percebi que estava redondamente enganada. O único “Domingos” que eu vi no jornal inteiro, foi o que estava na primeira página, o subdiretor. Acho que o meu único pensamento daí para a frente foi “não te esqueças de respirar.”

Hoje percebo que o meu grau de nervosismo e ansiedade era completamente estapafúrdio, mas não era, de todo, controlável. Aquele era o meu primeiro contacto direto com a profissão que um dia gostaria de desempenhar.

Fui chamada pelo Domingos de Andrade. Entrei no escritório e mandou-me sentar. À minha frente estava um homem alto de cabelo e olhos claros, com uma voz grave e com uma atitude altiva. Senti-me a ser bombardeada com perguntas.

“- Afinal porque é que queres ser jornalista? E não me venhas com aquelas respostas feitas romantizadas!”

“- Que notas tiveste?”

“- Sabes o que é o Princípio do Contraditório?”

Quando começava a responder a uma questão, a outra já estava no ar. Nunca me tinha sentido tão pequena ao lado de alguém.

Foi-me apresentado o editor na secção na qual ia estagiar, Miguel Gaspar. Muito acessível e prático. Disse-me o horário que ia fazer e o dia em que começava. Começava passado uma semana e fazia o horário das 14 horas às 20 horas. Até ao dia 5, dia em que começou o estágio propriamente dito fui tentando mentalizar-me que o estágio serve para isso mesmo. Para nos empenharmos, darmos o nosso melhor e se errarmos... Talvez essa seja a melhor forma de aprendermos.

Chegou o dia. Fui apresentada ao resto dos jornalistas da secção do Porto.

A primeira semana serviu para me adaptar à redação. Afinal de contas, era um andar inteiro com dezenas e dezenas de secretárias, de computadores e claro, de jornalistas.

4.1.2. As primeiras tarefas; o primeiro trabalho

No segundo dia encarregaram-me de fazer as “breves” - notícias de 6 /7 linhas, onde se dá algumas informações de pouca relevância. As breves concentravam num pequeno parágrafo informações que apenas respondessem às questões: O quê?, Quando? e Onde?. Para mim, aquilo já era uma responsabilidade extrema. Durante os primeiros dias, esse era o meu papel. Ficar encarregue das breves. Fazia uma ronda pelos sites das Câmaras Municipais dos municípios pertencentes ao Grande Porto, descobrir concursos, atividades, espetáculos, etc. Algo que pudesse ser do interesse dos leitores.

//**BREVES**

Workshop tenta combater desemprego
GONDOMAR “Ferramentas para a procura de emprego”: é assim que se chama o workshop da Casa da Juventude de Gondomar que terá início dia 14 de janeiro. Através de uma inscrição prévia gratuita, qualquer pessoa com mais de 16 anos poderá frequentar esta formação, das 15 às 18 horas. Dicas úteis para conseguir um emprego são o foco do programa.

Jazz e livros no Mercado do Bom Sucesso
PORTO Durante o mês de janeiro, o Mercado do Bom Sucesso tem novos eventos de animação. “Jazz no Mercado”, às quartas-feiras à noite, é a primeira iniciativa, que contará hoje com o quarteto de Isabel Ventura. Na próxima semana, outro artista será anunciado. “Há livros no Mercado”, uma feira de saldos, é outro dos eventos já programados.

Concertos de órgão nos Clérigos vão até dia 31
PORTO Na Igreja dos Clérigos, o mês de janeiro começou com um conjunto de concertos gratuitos de órgãos de tubos que se realizaram diariamente ao meio-dia e que deveriam ter terminado ontem. Mas, dado o sucesso da iniciativa, a Irmandade dos Clérigos vai prolongar os recitais até ao final do mês. Com a entrada gratuita na igreja, mais conhecida pela sua torre, num dos espaços mais emblemáticos da cidade do Porto, e com um dos órgãos históricos do país, é possível ouvir o organista Rui Soares e a soprano Fabiana Magalhães em composições de Vivaldi e Marais, entre outros.



Dois mil cantam as Janeiras nos dias 12 e 13
MATOSINHOS Quase dois mil matosinhenses encerram os festejos natalícios de um modo diferente. Seguindo a tradição já com alguns anos, durante os dias 12 e 13 deste mês, crianças e idosos irão estar nos Paços do Concelho a cantar as Janeiras aos funcionários e aos eleitos da autarquia. Estes cânticos assinalam assim o início do ano.

Exposições de presépios terminam hoje
GONDOMAR Hoje, a partir das 9 horas, é a última oportunidade para visitar o presépio elaborado pela Associação das Donas de Casa de Gondomar, na Biblioteca Municipal, com entrada gratuita. A partir das 14 horas, na Casa Branca de Gramido é também o último dia da mostra de presépios. Ambas as exposições encerram às 18.30 horas.

Figura 19 Exemplo de Breves, escritas no âmbito de estágio curricular, in Jornal de Notícias

Na segunda semana começou aquela que para mim era a verdadeira “prova dos nove”. O meu orientador disse-me que ia acompanhar a Marta (uma das jornalistas da secção do Grande Porto) numa saída, para eu perceber como é que devia fazer tudo quando comesse a sair sozinha.

“Alto e para o baile! Eu vou sair sozinha?!”. Lembro-me perfeitamente de ter sentido o peso da responsabilidade a aumentar cada vez mais. Mas já lá vamos.

A Marta foi sempre muito prestável e conseguia sempre estabelecer uma relação muito próxima com as pessoas que entrevistava. Adaptava-se facilmente às situações. Fomos até aos muros de sustentação dos jardins do Palácio de Cristal, na Rua da Restauração, que estava a ser utilizado, com autorização da câmara, para ser grafitado por artistas selecionados através de um concurso prévio.

No local, com as mãos à obra, estava apenas um rapaz. A Marta tratou-o logo por tu, deixando de lado as formalidades. Tinha um caderno na mão e uma caneta e ia apontando tudo o que o rapaz dizia. No entanto, a Marta fazia uma coisa que por alguma razão me deixou surpresa. Ela raramente olhava para o caderno onde ia tirando as notas. Mantinha o contacto visual com o entrevistado, praticamente o tempo todo. E a rapidez com que escrevia... conseguiu deixar-me apreensiva. Quando saímos do local lembro-me de lhe perguntar se não era mais prático, pura e simplesmente, usar um gravador. A Marta explicou-me que muitas vezes têm de trabalhar sob stress e não há tempo para estar a ouvir as gravações e a transcrever tudo o que foi dito. “Quando chegas à redação usas o que escreveste e a memória”, explicou.

Ligamos para a central, pedimos o táxi, chegamos à redação, o taxista disse o valor e assinou a senha. Saímos do táxi, entramos no edifício e subimos no elevador até à redação. Dirigimo-nos ao conjunto de mesas onde está a secção do Porto e eu, muito tranquilamente, comecei por me dirigir ao meu lugar. A Marta chamou-me. “Sempre que chegamos de um serviço temos de vir falar com um dos editores e explicar como é que correu”. Acabou por se revelar tudo bastante óbvio, mas aquilo tudo era novidade para mim e sentia-me como um peixe fora de água. Ouvei a Marta a explicar ao editor como tudo tinha sido. Agora, era da responsabilidade dele decidir que importância tinha a notícia e que espaço ia dar à Marta para ela escrever.

Chegamos ao tal peso da responsabilidade de que falava à pouco. Chegou a altura de fazer o meu primeiro trabalho sozinha.

A PSP de Matosinhos realiza anualmente um leilão dos objetos que têm guardados na secção dos Perdidos e Achados e a minha tarefa era ir até lá perceber o que é que as pessoas estavam a adquirir e por que preços. Falar com os agentes da PSP que estavam a fazer o leilão foi relativamente fácil. Mostraram-se imediatamente disponíveis para responder às minhas questões. O mesmo não aconteceu, de todo, com as pessoas que rodeavam a bancada onde estavam a ser mostrados os artigos a leiloar. Senti que, a partir do momento em que me apresentei como jornalista, passei a ser um incómodo. Estive no local das 9h da manhã às 12h para conseguir no mínimo três depoimentos que pudessem ser utilizados na notícia. Como habitualmente, estava um fotógrafo comigo. Depois de recolher todas as imagens que considerou serem necessárias, foi-se embora. Passado uns minutos um dos compradores dirigiu-se até mim e perguntou-me quem eu era. Naturalmente, respondi-lhe: “Marcela Vilas Boas, do Jornal de Notícias”. Imediatamente pediu-me: “Olhe, depois pode por favor assegurar-se que eu não apareço nas fotografias que vão sair no jornal. É que eu estou no meu horário de trabalho e o meu patrão não pode saber”.

Era o meu primeiro dia, sozinha em campo. Eu não fazia a mínima ideia se os meus editores iam ceder a este pedido. A resposta que dei, foi a resposta que sempre dei ao longo dos três meses de estágio quando era confrontada com alguma situação deste género. “Terei de falar com os meus editores, para ver o que é possível fazer.” Um outro pedido que me era feito frequentemente pelos entrevistados consistia na possibilidade de terem acesso à notícia antes da mesma ser publicada. A este pedido, os editores sempre me alertaram para responder negativamente, uma vez que não queriam dar a oportunidade aos entrevistados de escolherem o que era dito e como era dito. Os intervenientes têm de partir do princípio que o jornalista sabe fazer o que lhe compete e confiar no trabalho que é feito na redação a partir das informações disponibilizadas.

Na redação, na criação da minha primeira notícia apercebi-me que estava a passar pelo que chamam de “síndrome da folha em branco”. A página estava vazia, o cursor piscava insistentemente e eu não sabia como começar a notícia.

“Mas o que é eles pretendem?”, “O que é que consideram uma boa notícia?”, “Não quero falhar, não quero que pensem que não sei fazer o que é suposto eu já saber...”

Nesse momento tive a necessidade de voltar a lembrar-me de que eu estava num estágio, de me consciencializar que eu ia errar. Naquele dia ou noutro, eu ia errar, e isso era normal. Existiam um orientador e um editor por alguma razão. Ainda assim lembrei mentalmente tudo o que sabia sobre o que é uma notícia, e mais essencial, como é que faço uma boa notícia...

Tinha perfeita noção que uma notícia é constituída pelo título (antetítulo e subtítulo, se necessário), pelo lead e pelo restante texto, onde são desenvolvidas as informações do lead.

No lead devem ser respondidas as seguintes questões, não necessariamente por esta ordem:

- O quê?
- Quem?
- Quando?
- Como?
- Porquê?



Leilão decorreu na esquadra da PSP, em Matosinhos

Até secadores e tostadeiras a PSP vendeu em leilão

MATOSINHOS

ROUPA, CALÇADO, guarda-chuvas, telefones fixos, secadores de cabelo, tostadeiras, malas e mochilas são alguns dos artigos que se venderam no leilão que ocorreu ontem na esquadra de Matosinhos. Já há mais de 20 anos que, todos os meses de janeiro, a PSP organiza a iniciativa que visa vender todos os objetos que foram entregues na esquadra e que, após um ano, não foram reclamados. Só na parte da manhã, entre 80 e 100 sacos foram abertos e

despejados no balcão improvisado. Com mais de 20 pessoas a participar, o leilão decorreu num ambiente descontraído, mas sem um pingo de desconcentração por parte dos licitantes, que iam remexendo nos artigos. Vários motivos levaram as pessoas ao leilão. Algumas foram apenas observar, outras foram comprar artigos para uso próprio ou para venda.

“Interessante” foi o adjetivo mais usado para caracterizar a segunda ronda do leilão, que decorreu durante o período da tarde, onde puderam ser encontrados artigos de mais valor, como é o caso do ouro e da prata. No entanto, este ano, segundo o chefe da Secção de Apoio Geral, Mário Campos, a quantidade de joias ou bijuteria de valor era bastante menor do que nos anos anteriores. “Das duas, uma: ou as pessoas não estão a perder estes objetos, ou as empresas e instituições deixaram de entregar na esquadra estes objetos de valor”, explicou. Mário Campos acrescentou ainda que os lucros do leilão revertem a favor dos serviços sociais da PSP. MARCELA VILAS BOAS

LICITAÇÃO

11

euros foi a licitação mais alta durante o período da manhã. Valeu um saco de roupa e uma mala de senhora.

Figura 20 Primeira notícia escrita em âmbito de estágio, in Jornal de Notícias

Verifiquei tudo o que estava à minha volta, olhei para o computador e para o teclado, fiz questão de ter a certeza que estava bem sentada. Parecia que estava num avião a preparar-me para a descolagem. “Aqui vou eu.”

Terminei o primeiro de muitos trabalhos que fiz sozinha durante o meu estágio. E não doeu. Ninguém me passou um “raspanete”. Estive sempre rodeada de pessoas bem-dispostas e educadas. Não havia razão para ter medos. Com o passar do tempo, percebi que a construção de uma notícia era algo muito natural para mim.

Quase todas as notícias que escrevi eram o resultado de uma entrevista pessoal, o que me deu uma grande satisfação. Quase todos os dias saía da redação, entrava no táxi e ia para um local previamente combinado, onde me encontrava com a pessoa que me ia responder às questões necessárias para ter material suficiente para construir a notícia. E foi assim, que em três meses, contactei com presidentes da câmara e de freguesia, com artistas de rua, com comerciantes, com desportistas, com famílias inteiras... Como já é habitual dizer: “Falei com pessoas que vivem na rua e com pessoas que vivem em palácios.”

4.2.



4.2.1. O primeiro contacto com o local de estágio

A ideia de estagiar na TSF surgiu devido a uma indecisão: a de não saber em que meio me sentiria mais realizada. A única certeza que sempre tive é que o jornalismo era o caminho que queria seguir. Depois de estagiar no Jornal de Notícias, a curiosidade em experimentar outras áreas ditou a minha decisão em querer estagiar em rádio.

Depois da Licenciatura em Ciências da Comunicação segui para o Mestrado em Ciências da Comunicação – especialização em jornalismo. No último ano, havia uma decisão para tomar. Ou optava pela Tese de Mestrado ou pelo estágio. Para mim, a resposta sempre foi a mesma: o estágio. A ideia de estar a terminar o meu percurso académico e se estar a aproximar o momento em que entrava no mercado de trabalho e sentir que as minhas capacidades práticas ainda estavam bastante aquém do que seria suposto fez-me ter a certeza de que queria ter o máximo de experiência possível. Primeira decisão tomada. Agora era necessário fazer mais uma escolha. Tinha seis meses de estágio pela frente e precisava de decidir onde é que queria estagiar esses meses. Mais uma vez, as indecisões voltaram e a quantidade de opiniões que pedi a várias pessoas – professores, familiares e amigos – foram importantes. No meio de várias questões que coloquei à professora Inês Aroso, minha orientadora, uma das respostas, foi aquela que eu precisava: - “Há a possibilidade de dividires o estágio em duas partes e assim podes escolher dois locais diferentes”. Era exatamente disto que eu precisava. Assim podia optar por estagiar em rádio e televisão. Mas ainda assim havia um pedido a fazer: se possível, por favor, primeiro o estágio em rádio. E porquê? A exposição a que a televisão “obriga” sempre me deixou insegura e no momento ainda não me sentia preparada para enfrentar esse “bicho papão” da caixinha mágica.

Optar pela TSF foi bastante intuitivo. Uma rádio de informação, de referência a nível nacional, de presença assídua no carro e com delegação no Porto. A candidatura foi entregue e uns dias depois fui contactada para marcar a entrevista. Depois de combinar o dia e a hora, desliguei a chamada e só me conseguia lembrar da entrevista que tive no Jornal de Notícias. Tive de me auto aconselhar. Senti a necessidade de ter uma postura mais pragmática da situação. Desta vez, já não era a primeira entrevista e já tinha uma noção de como funcionavam as coisas. Repeti exatamente o mesmo processo que tinha levado a cabo aquando da entrevista no Jornal de Notícias. Pesquisei a história da TSF, procurei saber quem fazia parte da direção e quem eram alguns dos jornalistas mais conhecidos.

A delegação da TSF no Porto fica no mesmo edifício que o Jornal de Notícias por isso já sabia exatamente onde tinha de me dirigir. Sabia qual era a porta de acesso à rádio, mas nunca tinha estado lá dentro. Cheguei, toquei à campainha e apresentei-me. Pediram-me para esperar pela Rute Fonseca. Através dos emails e dos contactos telefónicos que foram feitos antes da entrevista, já sabia de antemão que a Rute seria a minha orientadora.

Estava preparada para tudo, mas sempre com a esperança de que a minha orientadora fosse uma pessoa acessível. Afinal, ela ia ser a pessoa a guiar-me durante três meses e eu queria sentir-me à vontade para falar com ela sobre as minhas dúvidas. O que se passou a seguir foi uma lufada de ar fresco. A pessoa que veio ter comigo, de cabelos escuros e pele morena, tinha uma camisola amarelo-torrado vestida e trazia um sorriso sincero. Indicou-me o caminho e disse-me para falarmos um bocadinho antes de me apresentar os “cantos à casa”.

Pôs-me logo à vontade e disse-me que a podia tratar por “tu”. Perguntou-me se era o meu primeiro estágio, o porquê do meu interesse em estagiar em rádio e se tinha algum tipo de ideia de como é que as coisas funcionavam. Uma conversa simples e franca que terminou com um desabafo por parte da Rute: “Olha Marcela, não fiques nervosa por ser o teu primeiro estágio em rádio, tu estás aqui é para aprender e olha, já somos duas, porque és a minha primeira orientanda. Por isso, é uma estreia para as duas.”

Passamos às apresentações do espaço e da restante equipa. Tudo completamente diferente. Era inevitável não fazer comparações. Enquanto que no Jornal de Notícias, devido à dimensão da equipa de jornalistas, fotógrafos e restantes colaboradores, muitos foram aqueles com quem não estabeleci qualquer contacto. Na TSF, era tudo em tamanho XS. O espaço, muito mais pequeno, a equipa, bastante mais reduzida, mas tudo com uma vantagem considerável: ali, soube o nome de cada elemento e todos sabiam o meu. Uma relação muito mais próxima.

4.2.2. As primeiras tarefas; o primeiro trabalho

O meu horário era das 9h às 16h e uma das minhas rotinas – que também já vinha da altura em que estive no JN – era chegar à redação e ver os jornais, observar as capas e ler as principais notícias. Estar informada sobre o que se passa no mundo é um dos fatores fundamentais para que se possa fazer um bom trabalho. E lembro-me de, logo no primeiro dia, estar a ler tranquilamente uma notícia que me interessava no Público e ter ouvido: “Ui! Uma estagiária que lê jornais? Deve ser de uma espécie rara.”

Isto fez-me sentir um sabor agridoce. Por um lado, senti uma sensação de bem-estar. Afinal, estava a fazer o que é suposto. Por outro, senti um nó na garganta por

perceber que outros colegas estagiários têm deixado para trás normas e comportamentos que são fundamentais para uma boa evolução das suas competências.

Feito o desabafo, passamos às tarefas desempenhadas ao longo do estágio. À semelhança do que aconteceu no Jornal de Notícias, nos primeiros dias, as notícias desenvolvidas eram de pequena dimensão e foi logo aqui que as dificuldades começaram. É fácil perceber que o jornal e a rádio têm as suas diferenças e que a forma de elaborar uma notícia é necessariamente diferente, mas o difícil foi pôr isso em prática.

A Rute entregou-me duas folhas com informações da lusa sobre dois casos diferentes e a ideia era utilizar essas informações e elaborar duas breves. Para já, tudo simples. Li os dois textos e escrevi as minhas notícias e dei-lhe a ler. A resposta que obtive foi: “Marcela, as breves estão bem mas para um jornal. Tens de adaptar isto para rádio.” Muito bem, fazia todo o sentido. A verdade é que sempre me guiei muito pela intuição e pelo que “soava bem”, mas ali seria preciso utilizar algumas regras. Uma das coisas que a Rute me disse que me ajudou a reformular o que tinha escrito ajudou-me imenso: - “Imagina que estás a chegar a casa e queres contar o que se passou aos teus pais.”

A escrita tinha de ser mais direta e sem complicações. Para além disso, na rádio os ouvintes não se podiam valer de títulos como os leitores do jornal. À medida que iam ouvindo a notícia é que iam percebendo do que se tratava.

Assim, o que inicialmente estava assim:

Casas destelhadas, quedas de árvores e de muros foram alguns dos danos provocados por um episódio de vento forte, registado ontem numa aldeia de Gouveia, distrito da Guarda. Glória Lourenço, presidente da junta de freguesia de São Paio refere que tudo terá acontecido por volta das 6 da tarde e que tudo indica que se tenha tratado de um minitornado.

O fenómeno durou apenas 10 segundos e provocou danos materiais visíveis na extensão de 1 quilometro.

Apesar da intensidade do vento que atingiu a aldeia, não houve feridos e não foi necessário realojar ninguém.

A contabilização dos prejuízos estará a ser realizada durante o dia de hoje.

Figura 21 Primeira versão de notícia escrita em âmbito de estágio

Passou a estar assim:

Um minitornado atingiu uma aldeia em Gouveia, distrito da Guarda. Foram apenas 10 segundos, mas foi o suficiente para provocar casas destelhadas, quedas de árvores e muros. A presidente da junta de freguesia de São Paio, Glória Lourenço, disse à lusa que tudo se passou ontem por volta das 6 da tarde. Os estragos podem ser vistos ao longo de 1 km. de extensão. Apesar da força do vento que atingiu a localidade não houve feridos nem foi preciso realojar ninguém. Durante o dia de hoje vão ser avaliados os prejuízos causados.

Figura 22 Versão final da primeira notícia escrita em âmbito de estágio

Passei da forma como iniciaria esta notícia num jornal para uma abordagem bastante mais direta e ainda consegui dar a mesma informação em menos tempo. Afinal, em rádio, se uma notícia deste género for demasiado extensa o ouvinte acaba por perder “o fio à meada”. Claro que neste caso, a dimensão da breve 1 para a breve 1.1 não sofreu uma alteração gritante, mas foi o suficiente para que percebesse que esta é uma norma importante a seguir.

Na segunda semana chega a altura de acompanhar a Rute numa saída em reportagem. Entramos no carro e fomos até à Reitoria da Universidade do Porto, onde estava montada uma exposição peculiar, digamos. Com o nome “Histórias de Vida e Rostos de Morte” o que nos esperava na sala com baixa iluminação e tons escuros, eram moldes de gesso de rostos de pessoas que se suicidaram por enforcamento. Calma, tudo tem uma explicação. A coleção de rostos fazia parte de um estudo que teve início no século passado, pela mão do primeiro diretor do Instituto de Medicina Legal, que tentava perceber se existia alguma relação entre a última expressão facial do cadáver e as circunstâncias em que ocorreu a morte. Os outros meios de comunicação já tinham chegado e demos início à visita guiada. Ainda antes de começarmos a Rute ligou o gravador e testou o microfone. Estava tudo pronto. Sempre de microfone em punho, e o mais próximo do responsável pela exposição, que ia explicando a par e passo as diferentes fases da exposição, fomos seguindo o grupo. Depois de terminada a visita, entrevistamos o responsável. Quando a entrevista terminou, dirigi-me à Rute para lhe colocar uma questão, mas fui interrompida. “- Pergunta-me mais daqui a bocadinho, por favor. Agora tenho de aproveitar enquanto as pessoas estão a ver a exposição para recolher som ambiente”. A única coisa que sei é que a pergunta que tinha para lhe fazer, esvaneceu-se e foi automaticamente substituída por outra: som ambiente? Já tínhamos a entrevista

gravada, o que é que faltava? Entretanto a Rute desligou o gravador e expus a minha mais recente questão. O som ambiente ia servir para isso mesmo, para dar ambiente, para dar vida à reportagem. Se a reportagem fosse constituída apenas pela voz-off e pelo som da entrevista perdia o encanto. Assim, tudo se tornou muito mais interessante quando pude ouvir o resultado final. Lá ao fundo, quase impercetível, atrás da voz *off*, ouvia-se um burburinho das pessoas a falarem e a movimentarem-se de um lado para o outro. Foi aqui que percebi que a maior parte das reportagens que ouvia na rádio do carro tinham todos estes componentes, simplesmente nunca tinha percebido a importância deles.

A minha rotina na TSF era bastante diferente da que tinha no Jornal de Notícias. Não saía tantas vezes em reportagem e escrevia mais notícias na redação a partir de informações das Agências de Notícias. Quando saía da redação, acompanhava os repórteres, observava e tirava notas do que me parecia importante. Quando regressávamos à TSF, utilizava as gravações das entrevistas que tinham sido feitas e montava a minha própria reportagem. A diferença é que aqui não era eu a fazer as perguntas, eram os repórteres. Seleccionava os sons que me pareciam indicados e escrevia a voz-off. Depois de receber a aprovação da Rute ia pedir a um dos três sonoplastas para editar. Sentava-me em frente ao microfone e lia o meu texto. Do lado de lá do vidro ia recebendo algumas indicações. Ou para fechar mais as vogais, ou para ler com mais ritmo. Costumo dizer que foi na TSF que percebi que tenho sotaque. Foi também na TSF que aprendi a ter a capacidade de realmente ouvir. Não só ouvir, mas escutar. Escutar as respirações nas minhas pausas, escutar todas as pequenas arestas que foram sendo limadas ao longo do estágio.

É fundamental deixar bem claro uma coisa. Efetivamente, nas reportagens que são agendadas e que vão para o “ar”, o trabalho é desenvolvido pelos repórteres da TSF, mas isso não significa que não foi possível ter as minhas oportunidades enquanto estagiária. Na redação do Porto sempre me deixaram à vontade para, tendo alguma ideia, pegar no gravador e no microfone, e ir para a rua pô-la em prática. Tinha apenas de ter o cuidado de explicar às pessoas que era um trabalho de estágio e que não ia passar na emissão da TSF. Foi assim que desenvolvi duas reportagens, que vou explorar no subcapítulo “Experiências Marcantes”.

4.3.



4.3.1. O primeiro contacto com o local de estágio

O estágio na RTP teve início um mês depois de ter terminado o estágio na TSF. O meu receio em estagiar em televisão, que, entretanto, tinha caído no esquecimento voltou a estar presente. Um nervoso miudinho passou a fazer parte do meu dia-a-dia enquanto esperava pelo início do estágio. Não fazia ideia do que estava à minha espera e não conhecia ninguém que já lá tivesse estado com quem pudesse partilhar as minhas inseguranças. O meu medo? Não estar à altura do desafio. Durante o meu percurso académico fiz alguns trabalhos para a UTAD TV (um projeto académico que consiste numa televisão online onde todos os programas são desenvolvidos por alunos) e a presença das câmaras não me incomodava, desde que não estivessem viradas para mim. Quando a câmara estava virada para os entrevistados, era capaz de fazer dezenas de perguntas sem me engasgar. Por outro lado, quando era necessário dizer alguma coisa diretamente para a câmara, tudo mudava: a minha postura, a minha expressão facial, a minha dicção, a minha descontração. Eu sabia que um estágio em televisão ia ser um desafio para mim, mas era exatamente disso que eu precisava. Recusei-me a aceitar que um medo ou uma paranoia tomasse conta do meu percurso.

Primeira semana de maio. Lá fui eu. À entrada, apresentei-me e pediram-me para aguardar. Veio ter comigo uma das senhoras dos recursos humanos que me levou a fazer uma visita guiada. Sobe escadas, corredor, abre portas, desce escadas, mais um corredor, elevador, segundo andar, corredor, salas e portas dos dois lados. A sensação que estava a ter era a mesma que tive quando passei para o 5º ano e deixei para trás a escola primária, pequena e reconhecível, e fui apresentada a um edifício muito maior, com muito mais pessoas. Na altura, com 10 anos, pensei: “Vou-me perder aqui”. Agora, com 23 anos, voltei a pensar: “Vou-me perder aqui”. Finalmente, chegamos à redação. À semelhança do Jornal de Notícias, encontrei uma sala ampla, com dezenas de computadoras e dezenas

de secretárias. Disseram-me que a minha orientadora, Fátima Faria, só vinha dali a dois dias e apresentaram-me à Susana Santos, coordenadora do Jornal da Tarde. Era ela que me ia orientar enquanto a Fátima não chegasse. A segunda pessoa a que me apresentaram foi ao jornalista Hélder Silva. Ver uma pessoa que apresenta as notícias, desde que me lembro, ali à minha frente, foi absolutamente avassalador. Ia ter a oportunidade de ver com os meus próprios olhos algumas das pessoas que sempre tive como referência em ação e, para mim, essa, era uma oportunidade única.

4.3.2. As primeiras tarefas; o primeiro trabalho

A Susana disse-me que íamos começar com calma e que era importante eu perceber como é que funciona a redação e por isso, na primeira semana ia acompanhar o trabalho de cada secção, que irei abordar de uma forma resumida mais à frente. Quando a Fátima chegou pôs-me a par de tudo, de como funcionam os programas informáticos que utilizam, que sites e agências de notícias costumam consultar, como são atribuídas as reportagens aos jornalistas, etc. Depois de receber todas as informações essenciais, nada melhor do que ver como realmente fazem (e mais tarde fazer eu mesma as minhas próprias reportagens), por isso, comecei por acompanhar o dia da Fátima. Era meio da manhã e foi-lhe pedido que fizesse uma reportagem sobre um naufrágio de um bote que levava centenas de refugiados. Começar assim foi difícil, as imagens nem precisam de voz. No entanto, ali era necessário deixar as emoções de parte e tentar concentrar-me em absorver todas as questões técnicas, nomeadamente no momento em que descemos à sala de edição. Aquele processo não me era estranho, uma vez que já tinha algumas noções básicas por ter desenvolvido alguns trabalhos para a UTAD TV. A sala de edição está dividida em quatro compartimentos, cada um deles com dois computadores e um microfone. Um dos computadores é utilizado pelo editor e o outro está à disposição do jornalista, que pode aceder à sua conta e conseqüentemente às informações, textos e documentos ali guardados. O primeiro passo consiste na leitura da voz-off e de seguida procede-se ao que podemos chamar de “pintar a reportagem”, ou seja, escolher as imagens que acompanham a voz-off. Normalmente, o repórter tem uma ideia das imagens que pretende, mas, ainda assim, é um trabalho de equipa e a opinião do editor também tem o seu peso e o ideal é que se chegue a um consenso. Uma vez que estamos a trabalhar em televisão é fulcral perceber que a imagem é um elemento de extrema importância e

sempre que possível a voz-off deve ser escrita para as imagens que temos disponíveis. Esta é uma tarefa que deve ser dominada pelo jornalista, pois permite que seja construída uma reportagem dinâmica e apelativa aos olhos do espetador.

No início da segunda semana marcaram-me o meu primeiro serviço fora da redação. Ia acompanhar a jornalista Joana França Martins, que tinha de fazer um direto à porta das instalações do grupo Trivalor onde estavam dezenas de trabalhadores de cantinas e refeitórios de escolas, hospitais e outros serviços a protestar por falta de condições de trabalho e a exigir melhorias nos contratos. Esta primeira saída acabou por ser muito rica porque pude observar a jornalista a preparar e a fazer um direto e a recolher material para posteriormente montar uma reportagem. Vamos por partes. Primeiro, chegados ao local é importante identificar o líder sindical que está a apoiar a greve, abordá-lo e explicar que dali “X” minutos entraremos em direto e que gostaríamos de obter uma declaração. Depois de observar o ambiente e ter uma noção do que vai dizer e com quem vai falar, por norma o jornalista comunica à coordenadora o que se está a passar e quais são os seus planos para o direto. Isto permite que a coordenadora possa decidir em que fase vai aparecer o direto no alinhamento e quanto tempo vai ser necessário. Os funcionários estão todos juntos enquanto gritam frases de protesto, enquanto isso, pelo auricular, comunicam à Joana França Martins quanto tempo falta para entrar em direto, a jornalista posiciona-se em frente à câmara e faz testes de som.

Estamos em direto. Inicialmente é feita uma breve abordagem a explicar o que se está a passar no local e de seguida a jornalista “fura” entre os protestantes e vai ao encontro do dirigente sindical. Depois de responder a duas ou três perguntas, dirige-se a alguns dos manifestantes e escolhe três a quem faz uma ou duas perguntas. Esta referência ao número de perguntas é importante, para que se perceba que dependendo do tempo que o repórter tem para fazer um direto, deve gerir da melhor forma a quantidade de perguntas e o número de entrevistados que participam. Feitas as perguntas, a Joana retorna à posição inicial, de frente para a câmara e faz o fecho da reportagem. O direto está feito. Agora passamos à segunda fase: a recolha de depoimentos e material para a reportagem. Neste ponto há algumas variáveis que devem ser exploradas. Num caso normal, depois (ou antes) do direto seriam recolhidos os depoimentos necessários para a construção da reportagem. Porquê que não podem (ou não devem) ser utilizados os mesmos depoimentos que foram recolhidos no direto? Bem, por norma, num direto, o repórter de imagem está com a câmara ao ombro e a imagem não é fixa, ou seja, enquanto o repórter

fala com os intervenientes – e apesar de em algum momento a câmara estar focada no entrevistado – o repórter de imagem explora o ambiente envolvente. Neste caso, o que se teria passado, era que enquanto a Joana falava com o dirigente sindical ou com alguns dos funcionários, depois de mostrar a pessoa que está a responder às perguntas, seriam mostradas imagens da manifestação, das frases escritas nos cartazes, etc. enquanto se continua a ouvir o entrevistado a falar. Agora, observemos o início da frase anterior: “o que se teria passado”. Não, não foi isto que se passou. E porquê? Porque, uma vez que a Joana já sabia que teria de fazer uma reportagem sobre o assunto quando chegasse à redação, combinou previamente com o repórter de imagem, que quando estivessem a falar os entrevistados, a imagem estaria “presa” neles. Deste modo, foi desnecessário entrevistar mais pessoas do que as que entraram em direto e, portanto, chegada à RTP, a Joana escolheu que partes pretendia usar de cada entrevistado. Logo nesta primeira saída, a Joana alertou-me para uma situação à qual é sensível: - “Nunca entrevistastes ninguém por cortesia. É preferível entrevistares duas ou três pessoas e incluíres esses depoimentos na reportagem, do que entrevistares cinco pessoas e só utilizares duas. É uma questão de respeito pelas pessoas. Se se disponibilizaram em falar connosco, estão à espera de aparecer.” Fica o conselho.

A minha “técnica” de aprendizagem sempre foi chegando à redação, escrever o meu próprio texto, escolher as bocas, (em televisão utilizam o termo “boca” à declaração do entrevistado), pensar nas imagens que ficariam bem para pintar a reportagem e escrever a proposta de pivô (a proposta de pivô consiste no texto que é sugerido pelo repórter, que aparece no teleponto e que é lido pelo pivô para apresentar as peças que são de seguida reproduzidas). Só depois pedia para ver ao jornalista que tinha acompanhado, o seu texto e o resultado final da sua reportagem. Quando iniciei esta fase de sair em reportagem e acompanhar o trabalho dos repórteres, a minha orientadora disse-me que o ideal, seria serem os próprios repórteres a corrigir o meu texto, uma vez que estavam por dentro do assunto, e que para isso devia pedir-lhes, sempre tendo a consciência que nem todos poderiam ter a disponibilidade ou gentileza de o fazerem. Felizmente não aconteceu. Todas as peças que desenvolvi ao longo do estágio foram revistas pelos próprios repórteres que estiveram no local de reportagem.

O estágio na TSF tinha terminado há um mês e os “tiques” de rádio ainda estavam muito presentes. Quando escrevi a primeira versão da minha voz-off sobre a greve dos funcionários das cantinas, tinha-me cativado uma imagem em que eles aparecem em

grupo a dirigir-se para as portas das instalações, a cantar músicas de protesto e com os cartazes nas mãos. Achei que poderia ser uma boa imagem para começar a reportagem e por isso a minha primeira frase era: “Chegaram de cartazes em punho.” Quando dei a ler o texto à Joana França Martins ela começou por dizer/questionar: - “Marcela, tu tens uma imagem que te mostra precisamente isso, porquê dizê-lo? Em televisão temos de tirar proveito das imagens e por isso, se tens uma imagem que te permite cortar palavras ou frases na voz-off, podes e deves fazê-lo, desde que faça sentido, claro. Cada caso é um caso.” Ora aqui está. Tinha estado durante três meses a focar-me na questão de que era preciso transmitir ao ouvinte as imagens do que o repórter observou e estava a aplicá-lo em televisão sem dar por isso.

Saía em reportagem quase todos os dias. Caso não saísse fazia, por exemplo, reportagem de internacional, que não implica sair da redação para obter informações. Neste caso, é tudo pesquisado em plataformas online de agências de notícias. A maior parte dos temas é acompanhado por um vídeo com imagens e as declarações essenciais dos intervenientes da notícia. Este vídeo, por norma é acompanhado de várias legendas que vão descrevendo os acontecimentos, praticamente ao minuto, para que o jornalista possa ir diretamente procurar o que lhe interessa mais. Por exemplo, uma das notícias de internacional que foi desenvolvida era sobre um homem que, dentro de um avião da Malasya Airlines ameaçava estar na posse de uma bomba e que num determinado momento foi imobilizado pelos passageiros. Paralelamente ao vídeo, o texto explica em que momento aparece a imagem dos passageiros dentro do avião, o momento em que o conseguem imobilizar, o minuto em que aparece a imagem dos passageiros a saírem do avião, etc. Para além de todas estas descrições, o texto inclui ainda a identificação de todas as pessoas que foram entrevistadas. Podemos continuar a utilizar esta reportagem para darmos mais um exemplo. A questão de que falámos há pouco sobre evitar dizer na voz-off o que aparece na imagem? Este caso pode ser diferente da situação anterior. Falemos mais concretamente. Como já foi referido anteriormente, no vídeo disponibilizado pela agência noticiosa, aparecia num determinado momento o suspeito imobilizado, a ser levado pelos seguranças. Esta era, sem dúvida, a imagem mais marcante de todas as filmagens e por isso decidi começar por aí. A acompanhar esta imagem, escrevi: “Foi assim que saiu do avião, imobilizado com cintos de segurança.” Onde é que este exemplo difere do anterior? É que neste caso, para além da imagem a

que o espectador tem acesso, estamos a acrescentar a informação de que o suspeito foi imobilizado através do recurso aos cintos de segurança do próprio avião.

Depois de uma semana a sair em reportagem e a escrever sobre todas elas, chegava a parte difícil: só podia escolher uma das reportagens para editar. A estratégia foi tentar escolher reportagens com diferentes temas. Uma vez que o fim do estágio seria marcado pela simulação da apresentação de um telejornal, em que as reportagens apresentadas seriam aquelas que foram desenvolvidas ao longo dos três meses, a estratégia foi escolher reportagens com diferentes temas, para que o jornal fosse o mais diversificado possível. Assim, se numa semana tinha sido editada uma reportagem de Sociedade, na outra semana a tendência seria escolher uma de Política ou Internacional, por exemplo.

A primeira reportagem a ser editada foi sobre Cultura. Tinha saído com a Helena Cruz Lopes e o tema da reportagem pareceu-me logo à partida interessante. Íamos assistir ao último ensaio de uma peça de teatro que ia estrear naquela noite. No entanto, esta não era uma peça de teatro qualquer, era sim uma peça em que o grupo de atores era constituído por reclusos e que, juntamente com atores profissionais, iam protagonizar a primeira peça de teatro com reclusos apresentada fora de um estabelecimento prisional, em Portugal. O fator “inclusão social” chamou-me logo a atenção. Chegamos e, no espaço intimista, esperamos que todos os órgãos de comunicação convocados chegassem. Quando estavam todos prontos, deu-se início ao ensaio. No fim, depois dos aplausos, os intervenientes estavam disponíveis para serem entrevistados. Começamos pela responsável do projeto e de seguida falamos com duas das reclusas que participavam na peça. Salientaram a importância de o projeto ser apresentado a pessoas “cá de fora” e ao facto de lhes ter sido dado um voto de confiança. Quando estávamos de regresso à redação sabia que aquela tinha de ser uma das minhas peças editadas. Já sentada em frente ao computador, quis começar de imediato a escrever sobre o assunto para que a inspiração não “fugisse”. Aquela era a minha quarta saída, ou seja, era a quarta reportagem que escrevia. Já estava, portanto, mais à vontade na escrita televisiva. Depois da peça ter sido escrita e aprovada pela Helena, desci até à sala de edição. O editor responsável por editar as minhas peças mudava de semana para semana, consoante a disponibilidade de cada um. Comecei por ler a voz-off. A Dores Queirós, a editora de imagem que ficou comigo naquele dia, pôs-me imediatamente à vontade para tirar todas as dúvidas que surgissem e para repetir ou fazer as alterações que entender. A verdade é que nem sempre a imagem que tínhamos pensado, ou o texto que escrevemos funciona da maneira que

imaginávamos inicialmente. Não há razão para medos. A ideia é que o resultado final esteja do nosso agrado.

4.4. As Experiências Marcantes

Dada a variedade de pessoas e assuntos abordados tive de me adaptar a várias situações e ambientes. A minha linguagem corporal e verbal era adaptada consoante as circunstâncias em que me encontrasse.

4.4.1. Jornal de Notícias

- Foi o caso de uma esposa que queria honrar a memória do marido, um pescador que tinha falecido há um ano num naufrágio nas Astúrias. “Faço de conta que ele foi numa viagem longa e que ainda vai voltar”, foi o título da notícia. Entrar no lar de uma mulher ainda de luto pelo marido, acompanhada pela filha de cinco anos não foi fácil. Falar da morte do marido também não. E vê-las chorar ao relembrares momentos vividos em família, muito menos. O que se faz nestas situações? Julgo que a resposta não seja encontrada em nenhum livro. São sentimentos e momentos vividos muito intensamente e eu, estava ali como jornalista. Mas um jornalista também é um ser humano e um jornalista pode, a meu ver, pousar a mão nas mãos de alguém e dizer “certamente que melhores momentos virão”. Imparcialidade, uma característica associada aos jornalistas, não é o mesmo que frieza ou distanciamento.

- Outra situação que de certa forma me marcou foi o caso do Filipe, um menino com nove anos com uma doença rara, a Síndrome de Norie. Esta doença faz com que Filipe não veja, não ande e não fale. Fui visitá-lo, a ele e à mãe, na clínica onde costuma fazer as horas diárias de fisioterapia. O “ganhar calo” deve acontecer com os anos e definitivamente, como estagiária, não me sentia imune a estas situações e foram várias as vezes que estava na viagem de volta, no táxi, em direção à redação e sentia alguma coisa a corroer a minha consciência cívica e a deparar-me com a minha incapacidade de mudar drasticamente a vida ou o futuro de pessoas que pareciam merecer uma luz ao fundo do túnel.

4.4.2. **TSF**

• No centro histórico do Porto é possível encontrar em alguns locais (por norma, são sempre os mesmos) onde estão, todos os dias, os famosos engraxadores de sapatos. Outrora, estes profissionais do engraxar de sapatos não tinham mãos a medir. Apenas numa rua, podiam estar mais de meia dúzia, cada um com o seu “banquinho” e o material de trabalho numa caixa, que havia trabalho de sobra para todos. Hoje, ainda que o turismo ajude a manter esta atividade viva, já não há comparação possível. Foi sobre estes engraxadores de sapatos, os poucos que ainda há, que decidi fazer a minha primeira reportagem sozinha na TSF. Pesquisei um pouco sobre o assunto, peguei no microfone e saí da redação. O facto de ter de utilizar um microfone dificultou-me o trabalho, porque para muitas pessoas é um objeto intimidatório. Imediatamente, acharam que eu ia falar-lhes de política ou que os ia comprometer de alguma forma. Foi preciso uns bons minutos de conversa antes de os conseguir convencer a ligar o gravador. Falaram-me das suas vidas, do porquê de estarem ali e das memórias que têm das antigas ruas do Porto. Depois de recolher os depoimentos que pretendia para a reportagem, permaneci no local durante algum tempo de microfone ligado para apanhar o som ambiente. Procurei captar o som da escova a passar nos sapatos, as conversas de circunstância com os clientes, o som das moedas aquando o momento do pagamento. Durante o processo de edição da reportagem, esses sons foram verdadeiramente fundamentais para dar “vida” aquilo que tinha idealizado.

• Depois de conseguir terminar a minha primeira reportagem, a única coisa que me passava pela cabeça era: “eu não quero que isto fique por aqui”. Cabeça a trabalhar. Era preciso mais uma ideia para uma outra reportagem, até porque o estágio estava a terminar e já não ia ter muito tempo para pensar com tempo como é que ia querer desenvolver o trabalho. Abri o jornal *Público* e havia algures numa das páginas, uma notícia que falava sobre as lojas centenárias que estão a fechar por não conseguirem competir com a concorrência. Era isto. Comecei a fazer pesquisa sobre as lojas centenárias no centro do Porto. Fiz uma lista com as quatro mais antigas e entrei em contacto telefónico a explicar que gostava de fazer um trabalho – que ia apenas ficar em portefólio – sobre as suas histórias, as memórias e a atualidade. Receberam todas muito bem a ideia. Em dois dias percorri uma quantidade infindável de quilómetros pelo Porto.

Perdi-me, pelo menos, umas três vezes enquanto tentava encontrar as moradas que tinha apontado, mas compensou. Recolhi histórias fantásticas de lojas com mais de 110 anos em que a maior parte continua nas mãos da mesma família. Entrevistei pessoas que começaram a trabalhar com 12 anos e que mal chegavam ao balcão. Todos recordam com muita saudade os tempos antigos e têm receio de que as suas lojas tenham de fechar portas em breve. As pessoas preferem ir às grandes superfícies, mas para além disso os donos destas lojas centenárias estão a sentir uma enorme pressão pela indústria hoteleira que quer comprar os edifícios onde estas lojas “moram” para construir *hostels*.

4.4.3. RTP

- Na RTP pude acompanhar reportagens muito interessantes e das mais diversas áreas. Mas se me perguntarem qual é a que mais me marcou? Não preciso de pensar duas vezes. Deslocamo-nos a Braga para conhecer uma família venezuelana que se tinha mudado para Portugal há relativamente pouco tempo para fugir do clima de tensão que se estava a viver na Venezuela. Estavam a trabalhar num *franchising* de uma cadeia de restaurantes e era possível sentir uma certa tranquilidade e estabilidade. Realmente é impressionante como as coisas mudam quando damos um rosto aos problemas. Durante vários dias, assistimos na televisão a reportagens na Venezuela que falavam de violência policial, de pobreza, corrupção, enfim. Ali, estávamos num ambiente tranquilo, mas estarmos frente a frente, olhos nos olhos com uma mulher que efetivamente passou por todas as situações imagináveis, incluindo o sequestro do próprio marido, parece que torna tudo muito mais real. É praticamente impossível não criar um sentimento de empatia e solidariedade. O mais difícil, jornalisticamente falando, foi ter de optar por umas declarações em detrimento de outras, uma vez que o tempo médio de uma peça televisiva são 1.30min/2min.

4.5. As rotinas

Apresentamos agora algumas das rotinas que fazem parte do dia-a-dia das redações de que temos vindo a falar. Estas ações apresentam-se como sendo absolutamente fundamentais para que os resultados que chegam ao público sejam o mais satisfatórios possível. Pretendemos também apresentar algumas informações mais técnicas, mas que podem ser do interesse do leitor.

4.5.1. A Volta telefónica

Mais conhecida apenas por “volta”, esta é uma tarefa levada a cabo em todas as redações e consiste em ligar para uma lista de contactos desde bombeiros, PSP, GNR, CDOS, etc. para saber se houve alguma ocorrência que justificasse ser notícia. Cada redação adapta esta tarefa consoante as suas necessidades. Por exemplo, no Jornal de Notícias cada secção (Porto, Nacional, Justiça e por aí a diante) tem que fazer quatro vezes a “Volta Telefónica”, ou seja, (no caso da secção do Porto, contactos do distrito do Porto) as “voltas” eram feitas às 10 horas, às 14 horas, às 18 horas e às 20 horas. Um gesto simples, mas de grande importância.

4.5.2. A Reunião

Outra rotina essencial para o bom funcionamento de qualquer redação. Mais uma vez, cada meio comunicacional adapta esta fase às suas necessidades. A reunião de que falamos por norma junta os editores, coordenadores, um elemento da direção e um da chefia para discutir e decidir o que vai ser feito naquele dia. Avançamos com alguns exemplos para que se possa perceber a dinâmica destas reuniões. No JN, a reunião junta os editores de cada secção (Porto, Nacional, Justiça, Desporto, Artes, etc) e é realizada duas vezes por dia, uma às 10h e outra às 17h. Isto permite perceber de que forma as secções se vão organizar para manter o planeamento para aquele dia. Na TSF (da delegação do Porto), uma vez que só produzem os jornais a partir das 16h, a reunião que junta o editor, o Artur Carvalho, e todos os outros repórteres e jornalistas que estão de apoio à produção dos jornais, só se realiza às 14h. São discutidos os temas que serão desenvolvidos nos jornais, quais as reportagens que devem ser feitas e quais as personalidades que podem entrar em direto para uma breve discussão sobre o assunto do

dia. Na RTP (na delegação do Porto), o jornal que é produzido é o Jornal da Tarde, às 13h. Deste modo é necessário programar o que é necessário bem mais cedo. A reunião acontece por volta das 9h da manhã e é feita com o coordenador e produtor do jornal e é ainda realizada uma ligação Skype para a delegação de Lisboa, de forma a esclarecer quais as reportagens que precisam de ser feitas pelos jornalistas de ambas as redações.

4.5.3. A agenda

A Agenda é um serviço imprescindível a qualquer redação. É na agenda onde estão marcados os serviços para os dias seguintes, os horários, os locais e os repórteres destacados para o serviço. A agenda, enquanto documento, conserva informações relevantes, durante o seu tempo de vida útil.

No Jornal de Notícias, os serviços destinados a cada jornalista são afixados num quadro de cortiça, à entrada da redação. Quando iniciam o seu turno, os jornalistas devem dirigir-se a esse quadro e encontrar a folha correspondente à sua secção. Nas folhas estavam destacadas as principais informações a que o jornalista deve ter acesso: o jornalista destacado, as horas a que deve estar no local (no caso de ter de marcar presença nalgum local fora da redação) e se a notícia for acompanhada de fotografia, qual o fotógrafo destacado.

A TSF e o JN, como já observamos anteriormente, fazem parte do mesmo grupo e partilham até o mesmo edifício. Acontece então uma situação peculiar. É que um dos responsáveis pela Agenda do JN é o mesmo que executa este trabalho na TSF. Falamos de Jorge Sousa. Uma vez que partilham tanto em comum, a Agenda da TSF funciona de forma idêntica à Agenda do Jornal de Notícias.

Na RTP, o trabalho da Agenda passa por perceber o que é que pode dar uma boa reportagem em televisão e para isso, muito do trabalho desenvolvido, passa por fazer pesquisa e estabelecer vários contactos. É preciso ter em conta que, por vezes, existem boas iniciativas ou bons assuntos para serem tratados jornalisticamente, mas nem sempre isso significa que dará uma boa reportagem televisiva, isto porque a imagem é um elemento fulcral e sendo assim, é importante garantir que o tema sugerido pode resultar numa boa recolha de imagens. Depois de estar encontrado o tema, seja um festival, seja uma greve, é necessário contactar os responsáveis e perceber se estão disponíveis para serem entrevistados e alinhar de que forma será conduzida a reportagem. Tudo isto

taxista vá ao nosso encontro. Sempre que a viagem é concluída, quer na ida, quer na volta, o taxista assina o seu nome nas folhas. Um exemplar fica para nós, e outro para ele. Quando chegamos à redação a senha de táxi deve ser colocada numa caixa própria para o efeito. Caso a viagem seja de ida e volta, são emitidas quatro senhas, dois exemplares de ida e dois exemplares de volta. Caso o que tivermos a fazer seja rápido ou seja muito longe da redação, há a possibilidade de pedir um táxi com espera e assim não é necessário estar a ligar novamente à Central para ser destacado um novo transporte nos ir buscar.

Ainda, em algumas situações, (mas nunca aplicada a estagiários) os jornalistas têm também a possibilidade de utilizar um dos carros da empresa que estão ao seu dispor. Neste caso, é preenchida uma folha com o nome do repórter, com os Km que o carro tinha quando se deu início à viagem e quantos Km tinha, já de regresso à redação.

4.5.5. Coordenação do Jornal da Tarde (RTP)

Durante o estágio tive a oportunidade de acompanhar o trabalho da Susana, uma das coordenadoras do Jornal da Tarde. Uma das suas principais funções consistia em fazer o alinhamento do Jornal da Tarde, ou seja, conforme as reportagens desenvolvidas pelos jornalistas, é necessário decidir em que altura e a ordem em que devem aparecer no decorrer do jornal. É importante perceber que o alinhamento não é fixo e que a qualquer altura pode ser alterado, por isso existem sempre reportagens que ficam fora do alinhamento inicial, mas que a qualquer altura podem ser utilizadas. Aliás, a maior parte das vezes é exatamente isso que acontece e também podem ser várias as razões que levam a ser necessário fazer estas alterações, por exemplo, se um direto que estava planeado, por algum motivo é impossível de acontecer, ou se por outro lado, acontece, mas demora mais tempo do que estava previsto, nestes casos pode ser necessário, respetivamente, acrescentar ou retirar uma peça do alinhamento. Algo que acontece várias vezes e que também implica fazer alterações no alinhamento é no caso de existir uma notícia de última hora. Depois do alinhamento feito, quando faltam apenas uns breves minutos para começar o Jornal da Tarde, a Susana (ou a pessoa responsável pela coordenação do jornal), desce para a *régie*. Ali, através dos auriculares está sempre em contacto com o pivô e com os repórteres que estão no exterior preparados para entrar em direto. Vai dando orientações e fazendo alterações no alinhamento à medida que o jornal decorre.

4.5.6. Produção Jornal da Tarde (RTP)

Mais tarde tive também a oportunidade de acompanhar o trabalho da produção do jornal. No Jornal da Tarde, por norma, a produção está ao encargo da Irene Camoezas. De uma forma bastante resumida, à Irene cabe-lhe ter a certeza que os repórteres que estão no exterior têm ao seu dispor todos os meios que necessitam para que corra tudo com o mínimo de imprevistos possíveis. No caso de ser necessário ter um carro satélite é a Irene que estabelece este contacto e faz o pedido.

4.5.7. Rotina do Pivô (RTP)

Por fim, acompanhei igualmente o trabalho da Estela Machado, pivô do programa da RTP3, *18/20*: “Duas horas de informação ao final da tarde. Quando os portugueses regressam a casa, o *18/20* propõe a análise, a reportagem e o direto dos acontecimentos que estão a marcar a agenda informativa. Em direto a partir do Porto, inclui as rubricas *Economia 3*, *Desporto 3* e *Opinião 3*”. A Estela chega à redação ao princípio da tarde e dá início a um processo que é levado a cabo de forma muito idêntica por todos os pivôs. É essencial que haja tempo para ver o alinhamento e, linha a linha, analisar o que está escrito na proposta de pivô, fazer modificações e adaptar o texto que vai aparecer no teleponto de forma a que seja possível lê-lo de uma forma confortável. Como é natural, cada pivô tem as suas preferências. A Estela, por exemplo, prefere que o texto que aparece no teleponto esteja mais espaçado, de forma a conseguir situar-se melhor quando olha para o computador que está na mesa do pivô e depois para o teleponto, ou vice-versa.

5. Apreciação Crítica dos Estágios

Há três anos atrás disse: “Definitivamente o estágio foi o auge, o ponto alto dos meus três anos de licenciatura”. Hoje continuo a dizê-lo. São vários os cursos em que provavelmente faz sentido optar por fazer uma Tese de Mestrado em detrimento do Estágio, mas no jornalismo penso que faz todo o sentido apostar na segunda opção. É fundamental pôr em prática o que é lecionado nas salas de aula antes de entrar no mercado de trabalho. Ganhar “calo” como é habitual ouvirmos dizer. Nas redações vivem-se, diversas vezes, ambientes de stress e de pressão. É fulcral estar minimamente vacinado para isso antes de começar a trabalhar. Principalmente nos dias de hoje, onde todos os anos milhares de jornalistas recém-formados anseiam em integrar as redações do nosso país e quando temos o nosso currículo num monte onde estão outras largas dezenas, devemos procurar distinguirmo-nos de alguma forma. Não me arrependo por um segundo por, primeiro, ter optado pelos estágios, segundo, por me ter candidatado às redações onde acabei por estagiar e, terceiro, por ter decidido que seria benéfico dividir o estágio de Mestrado, de seis meses, em dois. Desta forma, consegui experimentar as três principais áreas em que atua o jornalismo: imprensa, rádio e televisão (tendo em conta que o jornalismo online é adotado por estas três áreas).

Foram, por três vezes, três meses a ir de segunda a sexta (por vezes sábados e domingos) para as respetivas redações. Foram três meses de profunda aprendizagem, quer a nível profissional, como a nível pessoal. Contactei com centenas de pessoas, realizei dezenas e dezenas de reportagens, sobre os mais diversos temas. Fui posta à prova outras quantas e surpreendi-me comigo mesmo mais vezes do que esperava. Certamente o leitor poderá pensar: “Aí vem mais um *clichê*”, mas a verdade é que as experiências menos boas (porque, felizmente, não posso dizer que tenha tido más experiências), também foram uma aprendizagem e contribuíram para um crescimento constante. Essa é realmente a riqueza dos estágios para um estudante em jornalismo. Tudo é uma aprendizagem, até porque muito dificilmente um dia é igual ao anterior. Há sempre novas situações para absorver.

Antes de iniciar qualquer um dos estágios havia sempre algum receio. Nunca podemos ter a certeza de como vai ser, de que forma nos vão receber, se vai ser proveitoso para nós, se vamos gostar. São mais do que muitas as inseguranças, os receios. Além

disso, não faltam histórias de estagiários que passaram os meses a tirar cafés e fotocópias, que contribuem para que tenhamos um desejo profundo de que isso não nos aconteça a nós. Posso dizer que tive sorte? Muita. Não tinha qualquer *feedback* de alguém que já tivesse passado pelos locais onde estive. Posso dizer que, para qualquer um deles, fui completamente “às escuras”. Tanto no Jornal de Notícias, como na TSF e na RTP estavam à minha espera equipas fantásticas e orientadores que me receberam sempre com a maior das disponibilidades.

Como já tinha referido anteriormente, há estágios mais ativos do que outros, em que delegam mais tarefas aos estagiários do que outros, mas a cima de tudo é preciso perceber que seja por execução, seja por observação, há sempre novos conhecimentos a reter. Por exemplo, no Jornal de Notícias a partir da segunda semana de estágio saí eram-me atribuídas reportagens todos os dias. A oportunidade de ir sozinha fazer uma reportagem aguça-nos muito mais o sentido de responsabilidade. Sabemos que só podemos contar com nós próprios e isso faz-nos ser cada vez melhor. Na TSF, inicialmente foi difícil adaptar-me à escrita de rádio. Nas primeiras semanas, foram várias as notícias que tive de refazer uma e duas vezes. Ainda assim, em momento nenhum senti que perderam a paciência, que não tinham vontade de me explicar o porquê do meu erro. Senti, pelo contrário, que puxavam por mim e que me incentivavam a fazer mais e melhor. Tanto na escrita das notícias, como na gravação das mesmas. Inclusivamente, a meio do estágio, por vezes, de forma inconsciente, acabava por me mostrar desanimada por achar que de alguma forma não estava a conseguir corresponder às expectativas que tinha estabelecido para mim própria e a forma como lidaram com a minha própria frustração foi fundamental para que o balanço, no fim dos três meses tenha sido bastante positivo. Já dizia o ditado popular: “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura” e com toda a razão. Consegui perceber que estava tão preocupada em fazer um bom trabalho, que acabava por me bloquear. Tudo o que fazia, repensava vezes sem conta e às vezes, basta termos uma boa base de conhecimentos e confiarmos no nosso instinto. Depois dessa fase um pouco conturbada, melhorei os meus trabalhos exponencialmente e recuperei a vontade de ter iniciativa, de fazer mais e melhor. Foi nessa altura que acabei por fazer as duas reportagens (Engraxadores de Sapatos e Lojas Centenárias) que, com o apoio da orientadora, Rute Fonseca, e o sonoplasta, Joaquim Dias, acabaram por ter críticas muito positivas de toda a redação. Na RTP, assim como na TSF, por norma os estagiários só acompanham as equipas de reportagem e, à semelhança do que acontecia na rádio,

chegando à redação, com os depoimentos e filmagens recolhidas, o estagiário constrói a sua própria reportagem. No fim de uma semana, o estagiário deve optar por uma das reportagens que escreveu para que a mesma seja editada por um dos editores de imagem, aquele que esteja mais disponível.

O projeto final do estágio na RTP consiste na simulação de uma apresentação de telejornal, onde todas as peças apresentadas são precisamente as que foram desenvolvidas pelo estagiário ao longo dos meses de estágio. Todo o processo de preparação para este telejornal é extremamente interessante, uma vez que é necessário escolher qual o melhor alinhamento, verificar os temas/frases que devem aparecer em rodapé e confirmar se a informação dos oráculos está correta. É certo que, como foi abordado no subcapítulo “Rotinas”, tive a oportunidade de acompanhar o trabalho da pivô Estela Machado. Ainda assim, acompanhar, um dia, o trabalho de um pivô, na primeira semana de estágio, não me preparou de forma alguma para, três meses depois, estar sentada no estúdio com um teleponto à frente. Penso que esta foi a verdadeira falha do estágio na RTP. A UTAD TV foi uma grande aprendizagem e permitiu-me ter muitas noções importantes e que me ajudaram a estar mais integrada no que se passava na redação da RTP. No entanto, apresentar um telejornal tem uma outra dimensão e requer preparação para que tudo corra da melhor forma. Teria sido fundamental, antecipadamente passar por algumas situações antes de ouvir o “vamos começar”, nomeadamente:

- Ter passado algum tempo no estúdio, de forma a perceber a dinâmica dos operadores de câmara.
- Ter tido a oportunidade de treinar com o teleponto – que, como se costuma dizer é preciso saber ler um teleponto, e a falta de prática foi determinante para o resultado final;
- Fazer um breve teste para que, estando sentada na mesa do pivô, conseguisse adaptar-me às contagens decrescentes, ao lançamento das peças na *régie* e às indicações que me iam sendo dadas através do auricular. Provavelmente, uma simulação de cinco minutos teria sido o suficiente para que tudo não fosse uma novidade.

Obviamente, todos conseguirão entender que uma redação inteira não vai parar por causa de uma estagiária. Até porque a simulação da apresentação do telejornal envolve um conjunto de pessoas que têm de parar o que estão a fazer. Mas não posso deixar de

dar a minha perspectiva enquanto estagiária e eventualmente tentar perceber o que poderia ter corrido melhor. Não podemos, ainda assim, generalizar. Cada um tem as suas características, qualidades e defeitos. A minha experiência nesse projeto final foi emocionalmente atribulada porque estava numa posição onde não me sentia confiante, nem preparada, o que não quer dizer que um outro estagiário não possa sentir-se imensamente confortável exatamente na mesma posição.

No que toca ao trabalho que desenvolvi nos três estágios só posso fazer um balanço positivo. Agora, olho em perspectiva e consigo perceber que por diversas vezes procurei a aprovação dos meus trabalhos junto dos meus orientadores. Percebo também que a minha insegurança em relação aos trabalhos que me eram propostos foi prejudicial, uma vez que se tornava um sentimento incomodativo, de que nada estava bom o suficiente. É importante mantermos em mente que estamos, constantemente, num processo de aprendizagem e que é normal termos dúvidas, mas não podemos permitir que isso nos bloqueie. Sem dúvida nenhuma, que os períodos de estágio devem ser aproveitados ao máximo. É uma oportunidade única e dar sempre o melhor, deve ser a nossa máxima. Afinal, não sabemos o dia de amanhã.

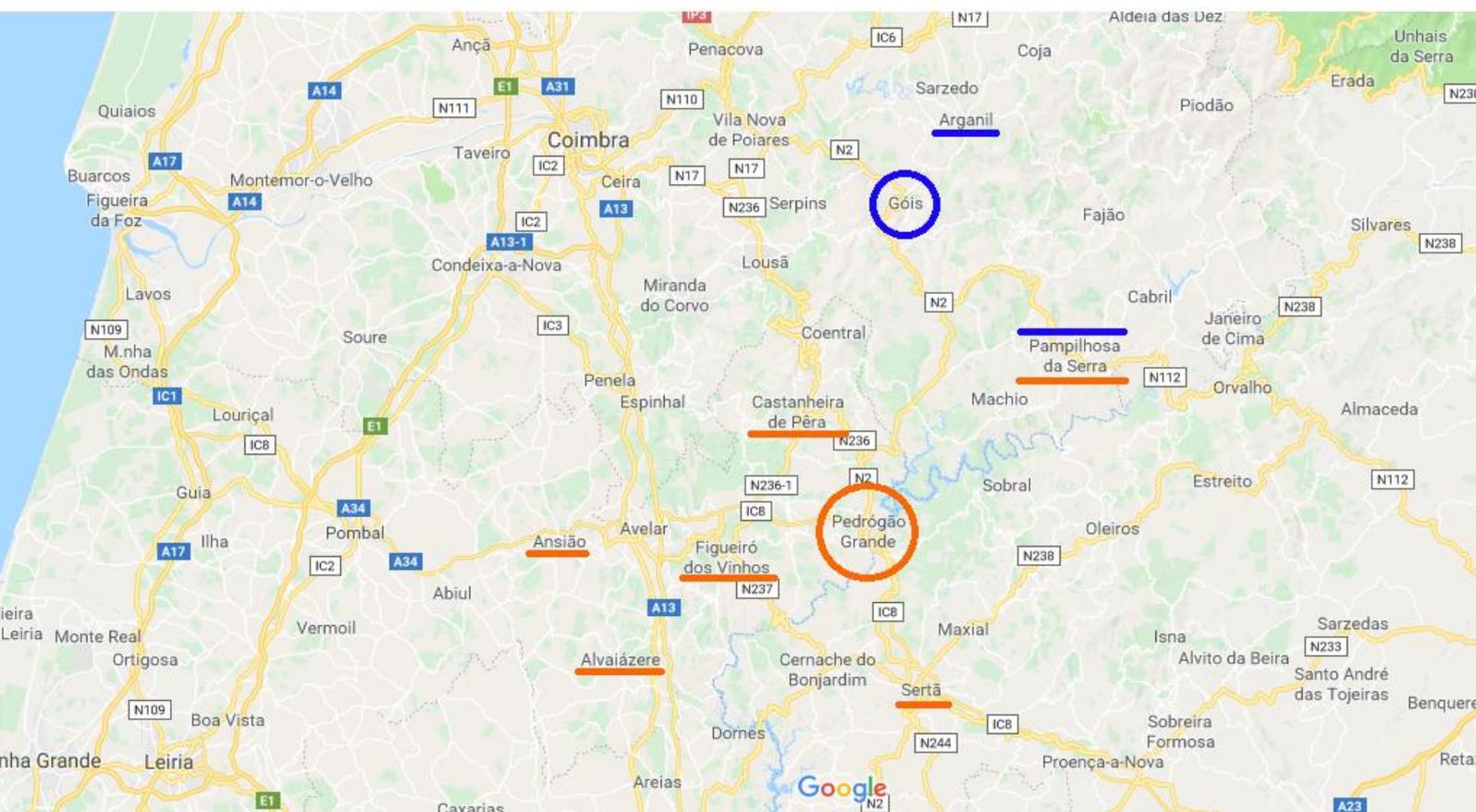
A cima de tudo, foram dias felizes e de profunda realização profissional.

PARTE II:

O Jornalismo visto de dentro para fora

6. Ser repórter em Pedrogão Grande

6.1. Pedrogão Grande: o incêndio a 17 de junho



Incêndio que deflagrou em Pedrogão Grande	Incêndio que deflagrou em Góis
Concelhos afetados pelo incêndio que deflagrou em Pedrogão Grande	Concelhos afetados pelo incêndio que deflagrou em Góis

A 17 de junho, sábado, perto das 14h, deflagrou um incêndio numa povoação chamada Escalos Fundeiros, no Concelho de Pedrogão Grande, distrito de Leiria. No mesmo dia começou um outro incêndio em Góis. Mais tarde, estas duas frentes acabaram por se encontrar dando origem a um incêndio de grandes dimensões, que afetaram vários concelhos vizinhos. Um conjunto de vários fatores foram apontados como causas para o facto do incêndio ter tido repercussões desastrosas para o país, entre as quais: altas temperaturas, baixa humidade, assim como o facto de na região em causa habitarem espécies de árvores altamente inflamáveis. O IPMA (Instituto Português do Mar e da Atmosfera) levantou também a hipótese de ter ocorrido um fenómeno meteorológico ao

qual chamam de *downburst*, que consiste numa massa de ar descendente, que até ao solo e se espalha de forma radial, causando ventos fortes. Quando chega ao solo, essa descarga de ar dispara em todas as direções. Os entendidos na matéria acreditam que este fenómeno contribuiu eficazmente para a aceleração da propagação do incêndio. Na altura, a ainda Ministra da Administração Interna (que mais tarde haveria de apresentar a demissão), Constança Urbano de Sousa, adiantou que “a própria dinâmica do incêndio provocou ventos convectivos e fez aquilo que os especialistas chamam incêndio eruptivo, ou seja, faz uma espécie de um tornado de vento em que lança bolas de fogo, aliás muitos populares descreviam isso mesmo: como se tivesse havido um furacão, um tornado com bolas de fogo e a uma velocidade absolutamente estonteante”. (*Público*: “Tragédia de Pedrógão: O que já sabemos e o que ainda falta saber”).

Inicialmente a causa do incêndio foi revelada pela Polícia Judiciária, que afirmava que tudo se deveu à trovoadas seca, a uma descarga elétrica que atingiu uma árvore e que deu início ao incêndio. Mais tarde Jaime Marta Soares veio contrariar esta tese, dizendo que acreditava numa versão que tinha como origem mão criminosa. Recentemente, é possível ler num relatório (“O complexo de incêndios de Pedrógão Grande e concelhos limítrofes, iniciado a 17 de junho”), coordenado por Domingues Xavier Viegas, que a ignição que causou o incêndio de Pedrogão Grande deveu-se a contactos entre a vegetação e uma linha elétrica de média tensão, que terá produzido várias descargas elétricas. “Esta situação configura, em nossa opinião, uma deficiente gestão de combustíveis na faixa de proteção da linha, por parte da entidade gestora”, a EDP. No relatório é ainda possível ler-se que “a falta de manutenção destas faixas faz com que existam ao longo dos muitos quilómetros de linhas que percorrem todo o território e o abastecem de energia elétrica, pontos ou zonas em que a distância entre os cabos e a vegetação é inferior à requerida para que em dias de vento o movimento dos cabos e da vegetação não dê origem a toques entre ambos, que podem originar descargas elétricas e causar incêndios”.

Independentemente da causa apontada para a ignição, vários órgãos de comunicação social denunciaram a falta de meios de combate a incêndios no local. A jornalista do *Público*, Natália Faria, questiona o facto de apesar de haver um aviso prévio de risco de incêndio, e o alerta ter sido dado às 14.43h, mais de cinco horas depois, estarem apenas 180 bombeiros no local e dois meios aéreos. Por sua vez, aponta algumas possíveis respostas. Salienta que a então Ministra da Administração Interna, Constança Urbano de Sousa, admitiu que pode ter havido por parte da ANPC (Autoridade Nacional

de Proteção Civil) uma subvalorização dos alertas, mas lembrou também que nesse sábado foram registados 156 incêndios, que envolveram mais de 9000 operacionais e quase 300 viaturas. A jornalista chama ainda a atenção para as falhas nas comunicações, como sendo uma outra causa para uma assistência deficiente às populações cercadas pelo fogo. Num artigo publicado pelo *Correio da Manhã* (“Conheça as falhas de comunicações que deixaram vítimas do fogo do Pedrógão Grande sem assistência”) é possível ler-se que a ANPC enviou um relatório ao gabinete do Primeiro-Ministro que aprofunda trinta momentos em que foram registadas falhas no sistema de comunicações, onde são reportados problemas no envio e receção de mensagens cruciais. Estas falhas foram detetadas especialmente na rede SIRESP (Sistema Integrado de Redes de Emergência e Segurança de Portugal), que possibilita o contacto entre polícias, bombeiros meios de socorro e proteção civil. “O que se percebe nas gravações é que o sistema falhou repetidamente desde o final da tarde de sábado e durante a madrugada de domingo, a altura em que morreram a maior parte das vítimas.”, pode ler-se.

Ao todo, o número oficial dá conta de sessenta e quatro óbitos. Quarenta e sete é o número de vidas que se perderam na estrada nacional EN 236-1. Há ainda uma outra vítima que não sendo contabilizada causou alguma polémica. O semanário *Expresso* avançou com a informação: Alzira Costa, 71 anos e viúva, morreu atropelada enquanto fugia das chamas. A filha da idosa relatou ao jornal que a mãe “levava uma lanterna, o telemóvel e o dinheiro que tinha em casa e foi encontrada na estrada, com a cabeça e o braço partido”. A justificação dada pelas entidades competentes por não terem contado esta 65ª vítima, prende-se com o facto de Alzira não ter morrido vítima de consequências diretas do incêndio (queimaduras ou inalação de fumo). No entanto, uma situação idêntica ocorreu com o bombeiro Gonçalo Conceição que perdeu a vida num acidente rodoviário quando combatia o incêndio. Ainda assim, o nome deste bombeiro está incluído na lista oficial de vítimas do incêndio em Pedrógão Grande.

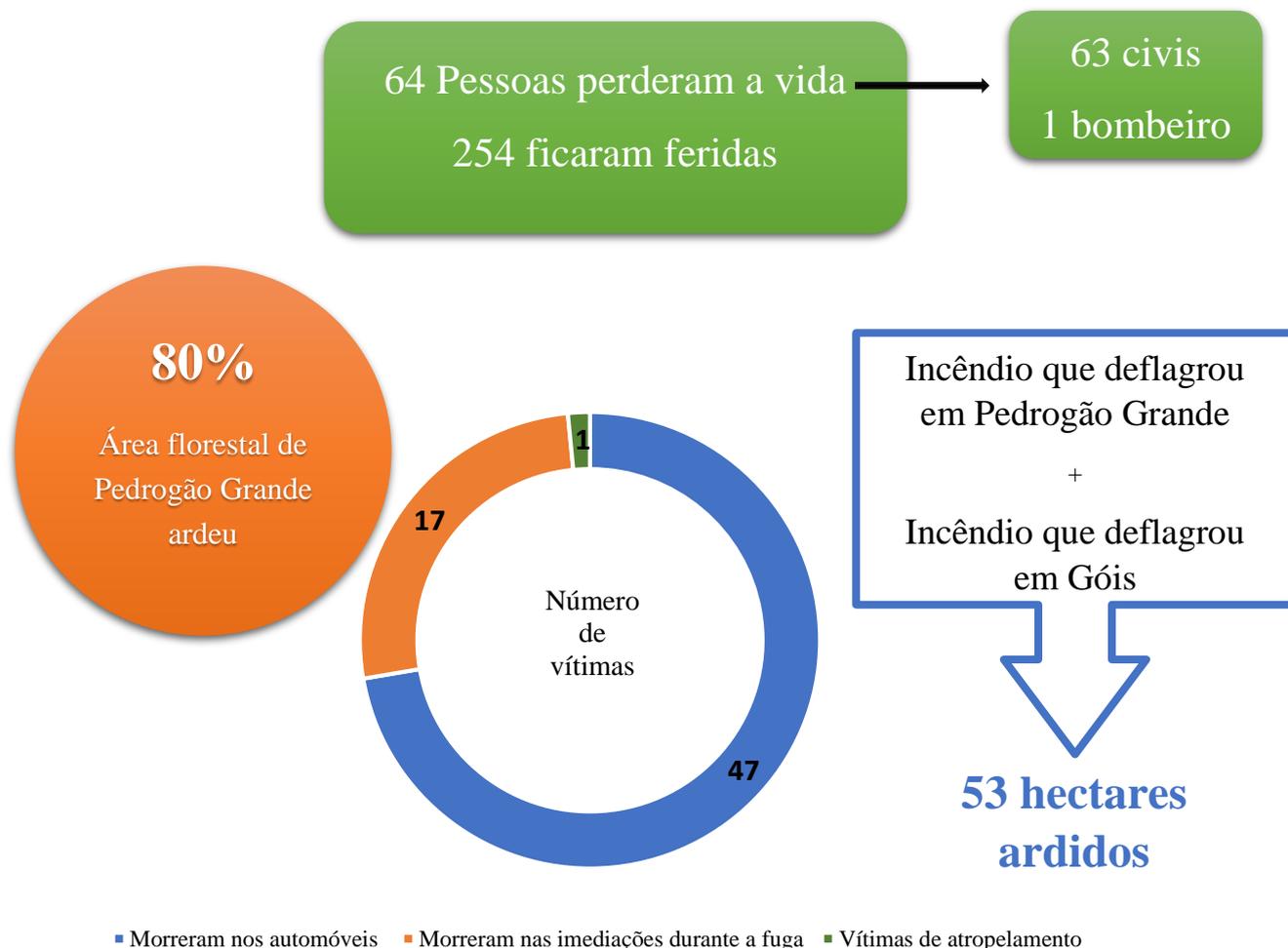
Por volta das 19h o Itinerário Complementar 8 (IC8), entre o nó da zona Industrial de Pedrógão Grande e o nó de Outão foi cortado ao trânsito. A estrada nacional que passou a ficar conhecida como “A estrada da morte” era um dos caminhos alternativos. As chamas que começaram em Pedrógão Grande avançavam a grande velocidade e acabaram por chegar às bermas da estrada, tanto de um lado como do outro. “Num ápice as chamas iniciadas do lado de Pedrógão Grande varreram eucaliptos, pinheiros, castanheiros, acácias e também figueiras, unindo as labaredas os dois lados da N-236”, pode ler-se

numa notícia publicada no site da Rádio Renascença. (Varela, 2017). No mesmo artigo são apresentadas algumas das respostas dadas pela GNR ao Primeiro-Ministro, António Costa, sobre o porquê daquela estrada não ter sido cortada e até ter sido indicada aos condutores como alternativa ao IC8. “Não havia qualquer indicador ou informação que apontasse a existência de um risco potencial ou efetivo em seguir por esta estrada (EN 236-1) em qualquer dos sentidos”, é uma das justificações apresentadas. Na carta enviada ao Primeiro-Ministro, a GNR deixou ainda bem claro que esta foi uma situação que apanhou toda a gente desprevenida, “uma vez que o fogo terá atingido esta estrada de forma totalmente inesperada, inusitada e assustadoramente repentina, surpreendendo todos, desde as vítimas aos agentes de proteção civil, nos quais se incluem os militares da Guarda destacados para local.” A estrada acabou por ser cortada, mais tarde, quando se percebeu o que tinha acontecido ali.

No dia seguinte, a 18 de junho, o Governo decretou três dias de luto nacional. O incêndio só foi dado como extinto uma semana depois.

O incêndio em Pedrogão Grande que vitimou mais de sessenta pessoas é a maior tragédia no país dos últimos 50 anos, é o maior incêndio florestal de sempre em Portugal, o mais mortífero da história do País e o 11º mais mortífero a nível mundial.

6.2. Os números



500 habitações destruídas

parcial ou totalmente

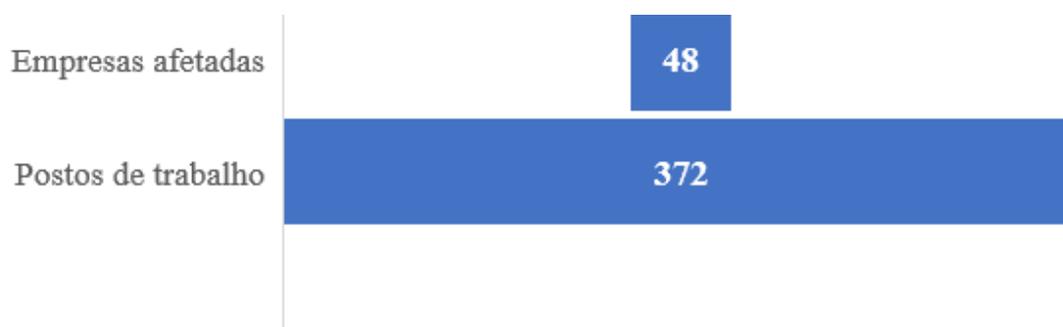


Fig.24 Imagem ilustrativa dos números associados ao incêndio de Pedrogão Grande. Dados retirados em www.observador.pt

6.3. Contextualização das Entrevistas

Quando se percebeu que o incêndio em Pedrogão Grande não era “apenas” mais um incêndio como muitos que fustigam o país, ano após ano, as direções dos diferentes meios de comunicação apressaram-se a enviar repórteres para o local. Foram várias as equipas destacadas e que fizeram a viagem nas horas que se seguiram. Também o Jornal de Notícias, a TSF e a RTP, três dos órgãos de comunicação com mais expressão em Portugal, enviaram as suas equipas para o terreno. Era urgente perceber o que se estava a passar e haviam demasiados “porquês” e “comos” para esperarem que as informações chegassem aos computadores das redações através das agências de notícias.

Curiosamente, três dos repórteres destes órgãos de comunicação social fizeram parte do dia-a-dia da estagiária que assina este Relatório de Estágio. Assim, fez todo o sentido falarmos com eles e percebermos como foi essa experiência. Já esperávamos que todos eles nos dissessem que foi chocante e bastante difícil estar naquela localidade depois de tudo o que o fogo levou. Foi para todos, mesmo para nós, os que acompanhamos tudo a partir do conforto de casa. Sabíamos que ia ser uma conversa algo dolorosa, com memórias pesadas, mas mesmo assim quisemos ouvi-los e perceber como foi para eles trabalhar em condições tão adversas, numa situação em que a abrangência emocional parece apoderar-se de tudo. Afinal, e como todos eles acabam por concluir, há sempre aprendizagens a retirar de tudo o que acontece à nossa volta.

Decidimos que se queríamos saber o que se passou, que decisões tiveram de tomar, de que forma lidaram com as pessoas, de que forma decidiram abordar isso nos seus trabalhos, não faria sentido fazê-lo de uma outra forma que não fosse através de uma entrevista, falada e presencial. Apesar do trabalho destes três repórteres ter sido acompanhado à medida que os acontecimentos se iam desenrolando, foi feito um levantamento mais pormenorizado das reportagens que estes jornalistas assinaram de forma a que as entrevistas pudessem decorrer com fluidez e focadas nos “bastidores” do que chegou ao público. Podíamos ter optado por escrever as perguntas e tê-las enviado por e-mail. Podíamos, mas o objetivo era obter respostas que fossem genuínas e não o “politicamente correto”, que teria certamente tendência em aparecer em respostas escritas, com tempo para serem pensadas e ponderadas. Quisemos estar presentes para desta forma reviver com os jornalistas todo este processo. Captar as expressões faciais, os gestos, os silêncios e as respirações pareceu-nos fundamental para conseguirmos

efetivamente entrar neste espaço das suas memórias. A cima de tudo, queríamos uma conversa frontal, sem regras, tempos ou limitações. Estabelecemos certos temas que eram essenciais abordar, mas optamos que eles surgissem de forma natural em cada uma das conversas. Assim, e como poderão observar nos Anexos, em nenhuma das entrevistas é repetida exatamente a mesma pergunta, mas sim abordado o mesmo tema, consoante o decorrer da conversa. Como já referimos, não estipulamos nenhuma limitação para estas entrevistas, nomeadamente para o tempo, o que resultou em conversas que duram em média uma hora, cada uma. Falamos de tudo o que estava previsto e de tudo o que surgiu de forma natural. Assim, e para que a análise a estas entrevistas não fosse demasiado extenuante, optamos por escolher seis temas que foram abordados pelos três jornalistas em diferentes partes da conversa. Recolhemos os depoimentos mais pertinentes e fizemos uma reflexão sobre os mesmos. Os seis temas em análise são: (1) **O impacto: preparação e o primeiro confronto com aquela realidade**; (2) **Abordagem às pessoas**; (3) **Eu jornalista <> Eu “indivíduo/a”**; (4) **Os limites no jornalismo**; (5) **Os reencontros e** (6) **Deixar Pedrogão Grande**.

O que podemos observar, depois de uma análise às entrevistas, é que cada jornalista viveu aqueles dias respeitando a sua individualidade, como não poderia deixar de ser. Apesar do meio envolvente ser exatamente o mesmo, os jornalistas – apesar de partilharem, em diversos momentos, os mesmos sentimentos e opiniões – lidaram com as situações de formas muito diferentes, o que torna este trabalho ainda mais rico. Como será possível perceber, podemos dizer que os três jornalistas nos trouxeram três abordagens diferentes. José Miguel Gaspar (Jornal de Notícias) partilha uma vivência muito próxima, relatando diversas vezes uma entrega muito pessoal e uma envolvência extremamente próxima com aqueles com quem falou. Bárbara Baldaia (TSF) fez um trabalho muito individual na tentativa de não se deixar envolver emocionalmente pelo que a rodeava. Para a jornalista era fundamental ter algum distanciamento para que as emoções não “contaminassem” o seu trabalho. Já o António José Pereira (RTP), podemos dizer que é um meio termo. Conta-nos que em várias alturas era impossível não se sentir afetado por tudo aquilo, e que nem sempre foi fácil seguir em frente. Refere a necessidade de usar uma “capa” para que, estando em frente à câmara, pudesse ser fiel à sua ideia de bom jornalismo, mas que após a câmara ser desligada, era muito difícil não reconfortar os protagonistas daquelas histórias e não se emocionar com os seus relatos. As entrevistas podem ser lidas na íntegra, nos Anexos.

6.3.1. Apresentação dos repórteres



José Miguel Gaspar é editor da secção de Artes do Jornal de Notícias, mas já passou por quase todas as outras secções. Elogiado pela sua escrita criativa escreveu uma crónica que se tornou viral: “Não disse à minha mãe que estou sempre quase a chorar”. O jornalista, e o fotógrafo que o acompanhava, chegaram a Pedrogão na manhã seguinte ao incêndio.



Bárbara Baldaia é jornalista da TSF e quando percebeu o que estava a acontecer quis imediatamente ir para o local, mas a mensagem que enviou à direção, a oferecer-se para ir, foi tarde demais e os repórteres já estavam atribuídos. Ainda assim, a oportunidade chegou uns dias depois, quando alguns meios de comunicação já começavam a abandonar o terreno. Na altura, a TSF decidiu manter alguns jornalistas em Pedrogão e falaram com a Bárbara para ir. A ideia era focar-se no que as pessoas estavam a precisar. E precisavam de tanto... e de tão pouco.



José António Pereira é um jovem jornalista da RTP. Tem 24 anos e esta foi uma experiência que não lhe há de sair da memória. A jovialidade não se manifestou na qualidade do trabalho que desenvolveu no terreno. O “Zé”, como é frequentemente chamado na redação, foi elogiado publicamente por apresentar um trabalho sereno e sóbrio, “sem fogos de artifício”.

6.3.2. Análise das respostas

Três repórteres, um local. Ao longo das entrevistas, (que podem ser encontradas na íntegra nos anexos) é salientado diversas vezes o facto de que a chegada a Pedrogão Grande foi marcante e que quando se lida com uma situação tão atípica como a que se passou ali, é difícil conter as emoções, ainda que esta seja uma característica quase que exigida aos jornalistas.

6.3.2.1.O impacto: preparação e o primeiro confronto com aquela realidade

Tentamos perceber junto destes jornalistas como e quando é que se aperceberam do que se estava a passar naquela vila do distrito de Leiria. Quisemos saber quais foram os primeiros pensamentos, as primeiras sensações, as expectativas e a forma como se sentiram quando chegaram a Pedrogão Grande e foram confrontados com aquela realidade, tão distante do que é, habitualmente, o dia-a-dia nas redações.

José Miguel Gaspar estava em casa quando se apercebeu do que se estava a passar. Lembra-se primeiramente de ter percebido que aquele não era um incêndio com dimensões “normais”, mas quando começam a ser divulgados os números de mortos (que iam cavalgando de hora para hora) foi quando percebeu realmente a gravidade da situação e a vontade de fazer essa cobertura foi praticamente imediata. (...) “ia ser preciso enviar muitos jornalistas para lá, e eu percebi logo que tinha de ser uma dessas pessoas”. Por volta da uma da manhã recebe uma chamada da Inês Cardoso, subdiretora do JN, que lhe pergunta se está disponível para ir para Pedrogão Grande. “Eu disse-lhe imediatamente que ia, e disse-lhe imediatamente que devíamos ir, imediatamente”. Era urgente ir até ao local onde tudo estava a acontecer e tentar perceber o porquê. Optaram por sair no domingo de manhã bem cedo (o incêndio deflagrou no sábado ao fim do dia). Na redação deram-lhes a indicação de que ficariam encarregues por fazer a cobertura da estrada nacional 236-1. Quando chegaram, os carros daqueles que ficaram encurralados naqueles metros de estrada ainda lá estavam. Os corpos também. “Estavam, evidentemente, cobertos e com faixas de segurança delimitadas pela polícia, mas os corpos estavam lá. Nós vimos e fotografámo-los. Publicamos isso e as televisões também mostraram e os jornalistas de rádio também relataram isso. Claro que é chocante tu teres de fazer uma notícia sobre um corpo que estás a ver ali ao lado, mas não há de ser nada comparado com aquela pessoa, o pai, a mãe, o filho daquela pessoa. Para essas pessoas é que é realmente difícil.”

Quando perguntamos se de alguma forma era possível estar preparado para aquele cenário, Miguel Gaspar respondeu que ninguém está preparado e fala no peso emocional envolvido em todo o trabalho. “Tu não consegues antecipar, escudar ou vedar as tuas emoções, porque este trabalho teve sempre uma carga emocional muito vincada, muito forte. Não só porque nós falávamos com pessoas que tinham acabado de perder amigos, conhecidos, familiares, o pai e a mãe, o filho!”

António José Pereira soube por volta da meia noite, desse sábado, que ia partir em direção a Pedrogão Grande às seis da manhã do dia seguinte. Confessa que ele e o Filipe Valente, o repórter de imagem, não conseguiram dormir nada. Passaram quase a noite toda a trocar mensagens um com o outro, imaginando como seria quando chegassem ao destino. A incógnita do que os esperava manteve-os despertos e ansiosos pela viagem. “A viagem é absolutamente stressante. Uma viagem que parece que não acaba e depois, na rádio, o número de mortos ia sendo atualizado: afinal são 25. Subiu para 32. Subiu para 37. E nós a caminho.” A sensação de que estavam a ir em direção ao inferno era cada vez mais real, até porque à medida que se iam aproximando, o cenário aparecia-lhes cada vez pior, cada vez mais negro. “Naqueles curtos quilómetros do IC8 até Pedrogão Grande, tu percebes que o cenário é realmente desolador. Tudo queimado à volta”. O jovem jornalista conta-nos a quantidade de obstáculos que encontram na estrada até chegar ao destino, desde postes de eletricidade, árvores, pedras. Ainda assim, claro está, o pior são as pessoas. A forma como olham para quem chega, a desorientação e o desespero. (...) “quando estamos por nossa conta e risco, a fazer reportagem... são os olhares das pessoas que estão encostadas à soleira da porta, com olheiras profundas, com lágrimas nos olhos”. O que se passou em Pedrogão Grande foi de tal forma atípico, que José Antonio Pereira sente necessidade de frisar que até as autoridades demonstravam desorientação. Conta inclusivamente que, quando estavam já muito próximos daquele que seria o principal local de reportagem (também eles ficaram encarregues de fazer a cobertura do fatídico troço da N 236-1), pararam o carro numa estrada – que não estava fechada ao trânsito e onde circulavam outros veículos – para fazer um direto para o Bom Dia Portugal. “Lembro-me que a meio do direto um GNR disse: “Essa merda tem de acabar já!” Eu fiz de conta que não ouvi e apontei-lhe o microfone e disse: “Desculpe?” e ele respondeu: “Não é desculpe. Essa porcaria tem de acabar já!”. Eu viro-me para a câmara para terminar o direto: “Por indicações das autoridades será melhor realmente terminar este direto. A situação continua ainda muito grave...” e nisto estava ele a tentar tirar os fios

da câmara”. Como poderemos perceber mais adiante, os três jornalistas que entrevistamos sentiram-se extremamente bem recebidos pelas populações. As pessoas sentiam-se gratas por terem ali alguém que pudesse dar voz aquela tragédia. No entanto, nem sempre as condições de trabalho são as ideais e ali, não era com certeza. Foram precisas várias horas e dias para que as pessoas, e inclusive, as autoridades, pudessem assimilar o que lhes tinha acontecido e de que forma deveriam abordar e lidar com a situação.

Ao contrário dos primeiros dois entrevistados, **Bárbara Baldaia** não foi a tempo de conseguir uma vaga para fazer parte do primeiro grupo de jornalistas da TSF a ir para o terreno. Apercebeu-se do que estava a passar enquanto jantava num restaurante que tinha a televisão ligada. No início não deu muita importância, afinal, incêndios no verão é algo bastante mais comum do que todos gostaríamos. Percebeu que não era um incêndio qualquer quando vai vendo o número de mortos sendo atualizado no rodapé. “Aquilo começou a ser uma coisa absolutamente inacreditável. Obviamente foi chocante para toda a gente. Acho que toda a gente terá sentido o que eu senti: incredibilidade.” Contactou um dos diretores a perguntar se podia ir para Pedrogão, mas “o jogo já estava distribuído”. Passado uns dias foi contactada. Muitas das equipas de reportagem estavam a vir embora e a TSF quis manter-se no terreno. Era preciso perceber, agora que as coisas já estavam mais calmas, do que é que as pessoas estavam a precisar, de que forma o país podia ajudar. Reconhece que o facto de ter ido mais tarde para Pedrogão Grande, permitiu-lhe “escapar” dos cenários mais chocantes. No entanto, foi confrontada com outros de que já estava à espera: carros queimados, casas queimadas, paisagem queimada. “Quilómetros e quilómetros de destruição. Tudo negro”.

6.3.2.2. Abordagem às pessoas

Chegados ao local que lhes era destinado, a grande pergunta que se impõe é: como é que se aborda alguém que acabou de perder praticamente tudo? Foi precisamente esta a pergunta que lhes fizemos.

O jornalista do JN, **José Miguel Gaspar**, teve algumas dificuldades em dar esta resposta de uma forma espontânea, porque percebeu que o que ia dizer podia ser chocante para muitas das pessoas que eventualmente lessem a sua entrevista. Ele diz-nos assim: “Trabalhar nestas circunstâncias, que são obviamente muito difíceis, mas depois, na prática... não quero que este comentário que vou fazer envolva alguma espécie de perspectiva cínica sobre o que é o trabalho jornalístico ou não, mas trabalhar nestas

circunstâncias – jornalisticamente – para recolheres informação, é bastante mais fácil.” E explica que é mais fácil porque as pessoas estão todas muito disponíveis, muitas querem contar o que lhes aconteceu. “Em Pedrogão e à volta de Pedrogão, a notícia estava lá, sempre. Qualquer coisa era motivo de notícia, porque tudo aquilo era notícia”. Miguel Gaspar assume inclusivamente a dificuldade em manter uma das principais características do jornalismo: a imparcialidade. “Colher notícias e colher factos nessas circunstâncias... obriga-nos a ter uma atenção redobrada sobre aquilo que é, e deve ser, a nossa postura ética – que aqui, não acho que deve, de todo, envolver um distanciamento e aquela coisa da objetividade, da imparcialidade jornalística. Eu tentei, evidentemente, fazer notícias e reportagens que fossem objetivas e imparciais, mas numa circunstância dessas eu acho que a objetividade não será aquilo que as pessoas estão à espera, primeiramente, de encontrar. Claro que querem saber as coisas com rigor. O que aconteceu, como aconteceu, porquê que aconteceu. Isso tem de ser relatado com objetividade. Agora, nós estamos a lidar com situações muito emocionais...”. Percebemos ao longo do discurso do jornalista que naquele momento o importante era ouvir as pessoas, prestar apoio e as regras deontológicas, numa situação daquelas, tinham passado para segundo plano. Em primeiro, estava o valor humano.

António José Pereira acredita que o “truque” para lidar com uma situação tão delicada é algo relativamente simples e que, na verdade, deveríamos pôr em prática no nosso dia-a-dia. “Se eu estivesse aqui no meu sofrimento e logo à tarde fosse enterrar um filho... Eu queria receber a comunicação social agora? Deus me livre. Não. Acho que o truque é pormo-nos no lugar das outras pessoas, sempre.” (...) “Obviamente que temos de perguntar e tentar sempre perceber os contornos. Não nos podemos descartar disso, porque é a nossa missão. Agora, como agir? Aí já tem de ser pensando nas pessoas”. Também José António toca no mesmo ponto que Miguel Gaspar no que diz respeito à disponibilidade das pessoas, da vontade que estas revelam em contar a sua história. Querem ser ouvidas, querem que o resto do país perceba a gravidade do que lhes aconteceu. O jornalista da RTP diz-nos que “essa é a ponderação que é importante ter, porque, quantas vezes, nestes momentos de desespero, vêm ter connosco, porque os bombeiros não pararam, porque a GNR ainda não foi lá, o Presidente da Câmara não teve tempo para ir lá... e está ali a comunicação social, que pode levar o eco deles ou as queixas deles mais longe.” Trabalhar na televisão traz ainda uma outra dificuldade que, embora um jornalista de rádio também possa sentir, mas não com o mesmo impacto.

Falamos dos diretos. A imprevisibilidade “normal” de um direto acontece de uma forma bastante diferente, não fosse a carga emocional envolvida e não faltam exemplos de diretos, feitos em todas as televisões e rádios, onde foi possível ver e ouvir, de uma forma muito dura, a dor e o desespero das pessoas. “Às vezes é difícil. Em direto é impossível controlar porque a pessoa simplesmente diz”. Claro está que, havendo possibilidade e tempo para tal, seja o direto que for, sobre qual quer que seja o tema, o repórter deve sempre sondar as pessoas com as quais eventualmente poderá fazer o direto. Com uma breve troca de palavras é possível percebermos a capacidade oral do possível entrevistado, se está por dentro do assunto sobre o qual o jornalista pretende abordar e o seu estado anímico.

“(…) a abordagem que eu acho mais correta, a abordagem que nós usávamos, eu e o Filipe, era: sem câmara e conversar com as pessoas um bocadinho antes e, de certa forma, sentirmos um bocadinho a dor delas. “Até que ponto é que podemos ir?”, “A pessoa está realmente perturbada e não quer falar? Ou será melhor não falar?”. Muitas vezes é uma espécie de avaliação porque eu não quero que uma pessoa que não está bem, vá para a televisão dizer coisas que, passados uns meses, sente vergonha... Provavelmente, quando passar um ano, o arquivo vai recuperar as imagens. Daqui a cinco anos, vai voltar a recuperar as imagens e aquelas imagens vão perseguir sempre a história daquela pessoa. Eu tenho de ter a certeza de que quando as pessoas querem falar, que o estão a fazer com a mínima ponderação. (...) Percebendo que a pessoa pode falar perguntar: “Olhe, nós estamos a fazer uma reportagem sobre isto. A senhora fala connosco?” e esperar pela resposta dela, que é sempre a resposta que impera e nesses casos não adianta sermos chatos, nem estar a insistir porque a cima de tudo, está tudo o que foi perdido. Estão os sentimentos à mistura... e muitas vezes as pessoas ainda não caíram nelas”

Ainda assim, sabemos que nem sempre é possível fazer este rastreio e não podemos deixar cair no esquecimento que as condições de trabalho daqueles que se deslocaram a Pedrogão Grande, eram bastante diferentes do que costumam ser as suas rotinas produtivas. Neste caso, José António Pereira, privilegiou a reportagem ao invés do direto e dá-nos um exemplo que nos parece pertinente partilhar aqui. Fala-nos de um pai com quem falaram numa fase inicial, a quem o fogo lhe roubou um filho, o Diogo, de vinte e um anos. Passado um mês foram procurá-lo, no sentido de perceber que apoios tinha recebido, o que é que continuava por fazer, etc. O pai de Diogo respondeu-lhes assim: “Olha, eu disse tanta coisa na altura de que me arrependo agora. Não quero voltar a falar.”

José António Pereira explica-nos que na altura esse senhor disse num direto, à SIC, em lágrimas, aos gritos, que ninguém tinha feito nada. Arrependeu-se de o ter dito, sentiu que tinha sido injusto com todos os que ofereceram tempo e disponibilidade para ajudar no que fosse preciso. “Portanto, nós temos de nos por no papel das pessoas. Será que é isto que eles querem dizer? Será que é realmente isto que estão a sentir, de forma fria?”, termina.

A jornalista da TSF, **Bárbara Baldaia** refere que este trabalho foi completamente diferente de qualquer outro que já tenha feito. Num dia normal de trabalho, quando tem de entrevistar alguém prepara-se com alguma pesquisa e recolha de informações úteis sobre a pessoa e sobre o tema a debater. “Neste caso não tinha nada preparado. Nada. Nada. Zero. Um dos meus receios era: como é que eu vou fazer?; o que é que eu vou fazer?; com quem é que vou falar? Não tenho aqui nenhum contacto. Quer dizer, há sempre aqueles contactos institucionais, mas eu não queria ir por aí, não era esse o caminho que eu queria fazer”. Optou por deixar que as coisas seguissem o seu rumo natural. Quando se começou a aproximar da área afetada pelos incêndios (ao contrário dos outros dois jornalistas entrevistados, Bárbara não ia com um destino traçado), abrandou o carro e foi absorvendo o que a rodeava. Em Nodeirinho, uma das aldeias mais afetadas, encontrou uma senhora sentada numa paragem de autocarro. “Eu estacionei e deixei a mochila no carro, com o microfone. Não levei nada comigo. Apresentei-me, disse: “Então como está?”. Bárbara Baldaia explica-nos que é extremamente importante que as pessoas não se sintam obrigadas, nem pressionadas a nada. A jornalista da TSF não foi exceção e também ela sentiu a disponibilidade das pessoas em falar e contar as suas histórias. “As pessoas estão a viver um luto e estão com muita necessidade de falar e de exorcizar aquilo que acabaram de viver. Fiquei ali sentada e começamos a conversar e depois de estarmos um bocado a conversar – e eu percebi que ela queria conversar, porque se percebesse o contrário, ou se eventualmente a reação fosse a oposta, não ia estar ali a insistir – e entretanto eu disse: “Olhe, deixe-me só ir ali buscar o microfone e continuamos a nossa conversa se não se importar.” No fundo foi aquilo que aconteceu. Ficamos ali a falar, iam aparecendo mais e mais pessoas e eu nem precisei de sair do sítio”. Podemos até dizer que tanto a Bárbara Baldaia, como o José Miguel Gaspar puderam usufruir de uma vantagem, no sentido em que um simples gravador ou um bloco de notas, não são objetos tão invasivos para o entrevistado como uma câmara de televisão. Para além de que, enquanto que os dois jornalistas agora mencionados podem, muito mais facilmente, usufruir de uma conversa intimista de **jornalista – entrevistado**, o António

José Pereira, acaba por sentir uma maior dificuldade na construção de uma relação mais próxima com a pessoa entrevistada, uma vez que a obrigatoriedade de haver um repórter de imagem, numa situação destas, pode aparecer como um elemento “estranho” e distanciador. Certo será dizer que esta situação ocorre em qualquer tipo de reportagem, mas como estamos a falar (e reforçamos a ideia, mais uma vez) de assuntos bastante delicados e que envolvem diretamente a vida daquelas pessoas, parece-nos pertinente chamar a atenção para esta diferença entre os órgãos de comunicação social.

6.3.2.3. Eu “jornalista” ↔ Eu “indivíduo/a”

Era impossível fugir ao tema. Já o abordamos por diversas vezes até chegar aqui, até porque é indissociável quando falamos de Pedrogão Grande. Falamos de emoção. Se voltarmos atrás no tempo, certamente podemos ver-nos a olhar para as imagens que iam aparecendo, para os textos que iam sendo publicados e a ouvir os testemunhos que iam passando na rádio. Se voltarmos, o mais certo é encontrarmo-nos com dificuldade em digerir todas as informações, mesmo estando no conforto das nossas casas. Quisemos saber como foi para os nossos entrevistados manter o profissionalismo, o papel de jornalistas, mesmo estando rodeados por um cenário tão dramático como aquele.

“Eu sou jornalista há 30 anos. Não são assim tantas as circunstâncias em que me lembro de estar a escrever as notícias e estar a chorar. Isso não é normal. Naquela situação ali... era normal! Não havia outra hipótese. Estavas ali no meio, tinhas de chorar com as pessoas”. Foi desta forma que **José Miguel Gaspar** começou por nos responder. Diz que era impensável manter-se distante e com um olhar pragmático sobre o que se passava à sua volta. A experiência de lidar com algo tão impactante, estando ali mesmo, no local onde tudo estava a acontecer, fez com que o jornalista fosse, antes de tudo, um ser humano. “Quando lá chegamos não eramos primeiramente jornalistas, eramos pessoas que estavam ali, a lidar com pessoas com uma dor extrema e com uma confusão de falta de informação extrema e falta de explicação... uma série de coisas misturadas”. Garante até que este foi um sentimento partilhado por todos os jornalistas que passaram por Pedrogão Grande naquela semana. É importante não deixar fugir esse sentimento de solidariedade e de apoio para com quem está verdadeiramente a sofrer. O jornalista deve, mais do que nunca, ter a sensibilidade de não tratar as pessoas única e exclusivamente como uma fonte de informação. “Nós só temos é que estar próximos daquelas pessoas, temos de dizer que estamos com elas e não estamos só lá porque queremos colher as notícias. Estamos lá porque é preciso que esteja lá alguém com elas e é preciso que toda

a gente que lá está, esteja com essas pessoas. Isto não dificulta o nosso trabalho, nós temos é de conseguir integrar essa necessidade de nos comportarmos enquanto seres humanos e depois não desvirtuarmos aquilo que é o nosso trabalho jornalístico.” José Miguel Gaspar dá-nos um exemplo: “Se a gente vê uma pessoa que está a chorar à nossa beira, não vamos ignorar e continuar a fazer perguntas e a tomar notas. Temos que parar e... se calhar temos que chorar com ela. Tentamos apaziguá-la, mas aquilo que eu tenho mesmo que fazer, independentemente de poder ser também um bom assistente social para essas pessoas e de ser solidário, aquilo que eu tenho mesmo de fazer é fazer um bom trabalho jornalístico. Isso aguça-nos a necessidade de sermos bons.”

António José Pereira não esconde as dificuldades que passou para tentar manter a postura. “Nós somos jornalistas, mas a cima de tudo somos pessoas. Portanto, nós também choramos, também nos rimos, também temos vontade de abraçar alguém, e às vezes temos de respirar fundo para desempenhar a nossa função de jornalistas, porque se estamos ali, temos de relatar e as pessoas em casa querem ver o que é que está a acontecer. Às vezes é um desafio grande, é quase engolir em seco e seguir”. Estar a desempenhar um papel, que à partida tem de ser caracterizado por uma postura imparcial num ambiente tão carregado de emoções não é fácil e exige muito da aptidão psicológica de cada um. Claro que há truques e conselhos que podem ser partilhados nas salas de aula e nas redações, entre colegas de trabalho, mas ainda assim, estamos a falar de uma capacidade muito intrínseca a cada pessoa e à sua personalidade. Ainda assim, o mais importante é percebermos que o fundamental não é barrarmos as nossas emoções, mas sim conseguirmos trabalhar com elas. “Por exemplo, entrar numa casa e perguntar se já tinham conseguido descansar e voltado à normalidade e um dos senhores me dizer: “Normalidade, não, porque vou enterrar o meu filho de vinte e um anos...” Não há resposta possível. Aquilo toca-nos e depois as lágrimas correm na cara daquele homem. Também começam a correr pela nossa cara e... é um abraço e a câmara aí já se desligou, porque é a dor daquelas pessoas e nós não temos o direito de perturbar”.

Enquanto que José Miguel Gaspar e António José Pereira abordam muito a questão da quase impossibilidade não se envolverem emocionalmente, **Bárbara Baldaia** tem uma perspetiva ligeiramente diferente. Apesar de não ter estado em Pedrogão Grande no mesmo período que os jornalistas da RTP e do JN, Bárbara acredita que é imprescindível para um bom trabalho jornalístico que haja o máximo de imparcialidade possível. “Não é fria, mas com algum distanciamento”. A prioridade é informar as pessoas e apesar de reconhecer que não é fácil, dá-nos um exemplo que ouviu numa entrevista a Rodrigo

Guedes de Carvalho: “Os jornalistas acabam por ser um bocadinho como os médicos, têm de ter um determinado distanciamento. Não se podem deixar envolver pelas histórias, porque eles têm que contar a história”. Trouxemos à conversa uma reportagem que escreveu, à qual escolheu uma das frases que lhe foi dita para utilizar como título: “Neste momento, o que precisamos é de abraços”. Neste seguimento, perguntamos-lhe: “Deste alguns desses abraços ou preferiste manter esse distanciamento de que falavas?”. A jornalista responde-nos dizendo que não, não deu abraços... de forma literal. “Há várias formas de abraçar. Eu procurei conversar com as pessoas, mais do que entrevistá-las ou fazer perguntas. A minha “técnica” de entrevista aí foi mais deixar as pessoas falar. Deixá-las falar. De vez em quando fazia perguntas, como é evidente, mas...ouvir o que elas tinham para dizer, mais do que: “Diga-me o que é que acha sobre isto; O que é que aconteceu ali?”. Não. Ouvir o que elas tinham para contar. Senti que era uma forma de um abraço”. Bárbara fala-nos também que as ajudas que conseguiu reunir, por ter incluído nas suas peças algumas das necessidades que aquelas pessoas estavam a passar – sendo que várias empresas se mobilizaram depois de ouvirem as reportagens na rádio – é também uma forma de se sentir próxima daquelas populações. De uma forma geral, acredita que o segredo para conseguir um bom trabalho (principalmente em rádio, já que não conta com o auxílio da imagem, fotografada ou filmada) é descrever com o máximo de rigor possível. “O texto é importantíssimo. Tens de observar e descrever, porque na televisão as imagens mostram-te, no jornal também tens as fotografias – mas apesar de tudo também precisas de descrever no jornal, como é evidente”, e enaltecendo os pormenores que mais podem enriquecer a reportagem.

6.3.2.4.Os limites no jornalismo

Depois de tantas reportagens, notícias, crónicas, diretos, tanto em rádio como em televisão, a opinião pública dividiu-se. Enquanto uns criticaram duramente as posições de alguns jornalistas e redações, por terem optado por uma abordagem considerada sensacionalista, aproveitadora da tragédia em Pedrogão Grande, outros defenderam que a realidade devia ser mostrada tal e qual como era a Portugal. Afinal, num caso como este, em que as imagens e os relatos são absolutamente devastadores, quais são os limites? Há alguma coisa que não deva ser dita, mostrada ou ouvida?

Para **José Miguel Gaspar** é sempre importante ter em mente as regras básicas do jornalismo, mas a cima de tudo sensatez e o bom-senso. Ainda assim, relembra que esta foi uma situação extraordinária. Considera que globalmente o Jornal de Notícias fez um bom trabalho, mas a verdade é que todas as notícias sobre o incêndio em Pedrogão Grande não foram normais, apenas porque o tema em si não era um tema normal. “Houve muitas notícias na altura que foram escritas na primeira pessoa, umas em registo de crónica, outras em registo de comentário, outras em colunas de opinião, mas eu acho que essa é a forma mais honesta, é nós dizermos: “Eu estou emocionado e vou tentar explicar porquê que estou emocionado”. Não vale a pena fazer de conta que não estou emocionado, ou que consigo estar ali a falar com aquela gente toda e estar apenas a relatar”. O jornalista diz que, ali, com toda aquela envolvência seria até “bizarro” que o jornalista se comportasse de uma forma “normal”. “Para situações extraordinários, temos de responder com algumas medidas, enfim, extraordinárias, parece-me”. Quando lhe perguntamos como é que não se cai no sensacionalismo estando a fazer reportagem num sítio onde houve tantas mortes e tantos estragos, Miguel Gaspar responde: “Como é que não se cai no sensacionalismo? Trabalhando com bons repórteres, trabalhando com bons editores, tendo bons chefes de redação e tendo bons diretores”, mas à pergunta se há coisas que não devem ser noticiadas diz que “não há nenhuma notícia que não possa ser dada. Agora, as notícias não podem é ser mal executadas, mal produzidas. Não podem ser mal escritas. Depende sempre da forma como nós fazemos as coisas. O “como” é aqui a parte mais relevante. Quando as notícias são mais complicadas, como nesta circunstância, temos que ter ainda mais cuidado sobre a forma como as vamos apresentar, mas não, não há nenhuma notícia que não possa ser dada, nem nenhuma história que não possa ser contada”. O jornalista garante que o importante é que se saiba como é que se vai contar uma história tao difícil, como eram as que haviam para ser contadas.

Fazendo uma retrospectiva sobre o que foi dito e como foi dito, um pouco por toda a comunicação social, **José António Pereira** percebe agora que as televisões, em particular, “tomaram posições completamente sensacionalistas”. Fala principalmente das imagens que foram transmitidas, pois considera que “passaram imagens que nunca deviam ter passado, que nunca foram privadas, que nunca foram minimamente ponderadas”. O jovem jornalista acredita que os jornalistas tinham uma responsabilidade ainda maior para com aquelas pessoas e que muitas vezes não tiveram a sensibilidade para respeitar o desespero daqueles que perderam tudo e que, numa outra altura, com mais

calma e ponderação, provavelmente não fariam as mesmas declarações que fizeram no calor da emoção. Explica-nos que foi fundamental conversar com Filipe Valente, o repórter de imagem, para perceberem que tipo de trabalho gostariam de apresentar e dá-nos um exemplo: “No primeiro dia, nós fizemos um direto para o 360º, às nove da noite e estávamos na estrada. Já tinha sido tudo limpo. Já não havia carros, os corpos já tinham sido levados para o Instituto de Medicina Legal. No entanto, continuava ali um carro, com os quatro piscas ligados...que seria de alguém que provavelmente morreu no fogo, mas ninguém apareceu para reclamar aquele carro. Provavelmente a família ainda estava a tentar lidar com tudo, ou teriam perdido outras coisas, e eu tinha de o dizer: “Está aqui um carro”. Nós mostramos o carro de uma forma discreta. Evitamos mostrar a matrícula. Pensamos nisso porque... Não adianta mais. As pessoas em casa, se calhar até conheciam... Não adianta. Contamos o caso em concreto, mas não adianta sermos tão evasivos, temos de preservar de certa forma isto, já que a tragédia foi tão grande. Portanto, pensando sempre em dupla, até porque o trabalho final é dos dois - e no caso de haver edição, também do editor – e irmos pensando caso a caso e, no caso de haver dúvidas, partilhá-las”. Confessa que é impossível, num ambiente daqueles, lembrar-se do Código Deontológico. Foi tudo demasiado rápido e o tempo para ponderar não era muito. Assim como José Miguel Gaspar, o jornalista da RTP crê que o que impera é o recurso ao bom-senso e a sensibilidade do jornalista para perceber a vontade das pessoas que o rodeiam. “Pormo-nos no papel das pessoas é fundamental. Fundamental.” Diz com confiança que a missão do jornalista deveria ser perturbar o menos possível a dor das pessoas e que, para isso, a mensagem deve ser o mais “limpa” possível.

A jornalista da TSF, **Bárbara Baldaia**, começa por abordar esta questão olhando para o trabalho desenvolvido pela sua rádio com orgulho. Ainda assim, não deixa escapar aqueles que considera terem sido trabalhos de um jornalismo que não podia ter sido feito. “Houve entrevistas que não se podiam ter feito e que foram feitas. Não se pode entrevistar o pai de duas crianças e o marido de uma mulher que acabaram de morrer. Ele acabou de perder a família toda! Não se pode entrevistar uma pessoa que está nessa circunstância. Acabou. Ponto final. Não há entrevista possível com uma pessoa que está completamente fragilizada, que está sem capacidade de discernimento. Não se pode entrevistar pessoas que estão na mais total fragilidade. Eu isso sabia que não ia fazer. Acho que é uma questão de bom senso.” Podemos agora ver que os três entrevistados referem a mesma conjugação de palavras: bom senso. É, portanto, imprescindível para estes jornalistas que se perceba

a importância de que, muito para além da formação académica, seja feito um trabalho mental, no sentido do jornalista se situar no espaço e no tempo, e perceber o que deve, pode ou tem de fazer. Bárbara Baldaia, categoriza todas as reportagens que exploraram o sofrimento e o desespero das pessoas, aproveitando-se da fragilidade emocional, que era muitas vezes responsável pelo toldar do pensamento, assim: “Isso é voyeurismo. Ponto. É sensacionalismo. O que nós estamos ali a fazer não é com esse intuito, é com o intuito de informar. E não é preciso escarafunchar na dor das pessoas para informar”.

6.3.2.5.Os reencontros

Foram várias as semanas em que as mais diversas redações mantiveram equipas no terreno, para acompanharem a evolução de todo o processo de recuperação, material e espiritual. Depois de vários dias em contacto com o mesmo círculo de pessoas, ficaram as memórias e os gestos de carinho, de parte a parte. José Miguel Gaspar voltou a Pedrogão Grande passado um mês e António José Pereira regressou passado um mês e novamente passados quatro meses. No momento em que realizamos a entrevista a Bárbara Baldaia ainda não tinha tido oportunidade de lá ir novamente. Como foi voltar a Pedrogão Grande?

Para **José Miguel Gaspar** a grande diferença que sentiu passado um mês foi “a carga emocional não tão vincada”. “Voltar lá um mês depois, é evidente que não é tão difícil como na circunstância em que eu cheguei e quando eu me cheguei com proximidade a esse troço da estrada 236, onde estava a maior quantidade e mortos, que foi o primeiro sítio onde nós fomos...”.

Apesar de, como nos diz, muita coisa continuar a ser muito difícil de lidar, “as pessoas depois também têm tempo de ponderar melhor aquilo que aconteceu, aquilo que querem relatar. Algumas se calhar já se apaziguaram com os factos, outras ainda não.” Não se esqueceu de quem conheceu e de quem não pôde conhecer. Lembra-se dos sítios e das pessoas e sabe que as pessoas também se lembravam deles. Ainda assim, o sentimento que trouxe depois de regressar é inquietante: “Aquilo que eu vi um mês depois foi uma necessidade de nós nunca mais sairmos dali, de nós nunca mais deixarmos aquela gente esquecida”.

Também **António José Pereira** fala da sensação de resignação de algumas pessoas. Noutras nem tanto. De qualquer das formas, o jornalista da RTP percebeu igualmente o efeito do tempo nas pessoas. “À medida que o tempo passa nós vamos sentido que as

peças também vão tendo menos disponibilidade. Um mês depois se calhar já não querem falar porque já disseram muito e porque já perceberam que o momento agora é outro, muito mais deles.” O processo de luto vai avançando e as populações mostraram vontade de seguir em frente. “É a forma deles darem a volta à situação e nós isso temos de respeitar, mas a nossa profissão é um compromisso constante. Temos de continuar a estar atentos, muito atentos, porque apesar das pessoas precisarem do espaço, precisam de alguém que lhes dê voz”. António José Pereira explica que, seja como for, os jornalistas e toda a sociedade deve continuar atenta às necessidades que possam ir surgindo e põe a tónica na responsabilidade social dos jornalistas em não deixarem que o que se passou em Pedrogão Grande caia no esquecimento, porque as consequências daquele incêndio vão ter repercussões no resto da vida das vítimas que fez. “Nós não podemos descartar-nos ao fim de um ano e deixar de ir a Pedrogão. Nós vamos ter de continuar a ir a Pedrogão durante anos! Foi uma tragédia que vai demorar muito tempo a recompor-se e na memória das pessoas vai continuar a estar sempre toda a vida. Até nas crianças que viveram isto de muito perto. Voltar à escola, voltar a uma sala de aulas e não teres os colegas que tinhas...”

Bárbara Baldaia, à data da entrevista, ainda não tinha tido oportunidade de voltar aos locais onde tinha estado, mas deixou bem claro que tem essa vontade e que gostaria de voltar a encontrar as pessoas com quem esteve.

6.3.2.6. Deixar Pedrogão Grande

Dias seguidos num ambiente tão inóspito, dezenas de histórias ouvidas, gravadas e escritas. Conheceram pessoas que ficaram sem nada. Como é regressar ao dia-a-dia de uma redação depois de passar por esses momentos tão caracterizados pela emoção?

Perguntamos a **José Miguel Gaspar** se ficou alguma história por contar e ele responde-nos prontamente que sim. Na verdade, confessa que é uma sensação que tem muitas vezes relativamente ao seu trabalho, até porque muito frequentemente os jornalistas, falando de uma forma global, recolhem muito mais material do que aquele que utilizam no trabalho jornalístico que produzem. “Essa é que é a parte angustiante. Tu sentires que tens ainda mais coisas para contar e não as consegues contar. Não as consegues, não é porque não tenhas competência, é porque depois o tempo também passa. O tempo passa e é preciso produzir outro tipo de notícias”. Sair de Pedrogão Grande e voltar ao dia-a-dia no JN era inevitável, mas não foi fácil. Como Miguel Gaspar explica,

é difícil “abandonar” aquele local e aquelas pessoas depois de ter estado tão envolvido. “(...) é difícil porque tu tens que abandonar uma coisa na qual tu estiveste metido e quem fez notícias sobre Pedrogão... fica metido naquilo até ao pescoço. É a única forma de trabalhar ali, é tu meteres-te naquilo até ao pescoço e a partir de ali conseguires manobrar, não para te desvencilhares daquilo, mas para tentar desvencilhar todos os nós, todas as notícias que é preciso fazer”. Não será difícil prever que o que viram e vivenciaram em Pedrogão Grande não lhes foi indiferente. O jornalista do JN não se atreve a comparar o impacto que o incêndio teve em si, relativamente ao impacto que teve na vida dos habitantes de todas as localidades que arderam, mas também não deixa passar em branco o que aqueles dias significaram para si. “É muito difícil sair daquilo e voltar à nossa vida normal. A vida daquelas pessoas mudou para sempre. A minha não mudou para sempre, mas mudou. Aquilo fica em mim... é evidente”. Diz-nos que o jornalista que fez a viagem de ida, já não é o mesmo que fez a viagem de volta, deixando ainda a ideia de que uma parte de si ficou com aquelas pessoas. “Trabalhar com material humano deste tipo e com todas as condicionantes emocionais é evidente que também te transforma, também te muda. Em certo sentido, quem esteve em Pedrogão nunca mais saiu de Pedrogão..., mas temos que sair”.

“O meu último direto era o direto em que estava mais nervoso. Não sei se era por vir embora e por saber que tudo ia continuar ali...”, recorda **António José Pereira**. Esta foi a sua grande inquietação. A sensação de que todos os que estavam ali em trabalho, mais tarde ou mais cedo, iriam acabar por ir embora ainda que todas as pessoas afetadas pelo incêndio continuassem a precisar de todo o apoio possível. O jornalista vai mais longe e explica-nos que a sua angústia tinha mais a ver com o facto de ele próprio vir embora, porque na altura em que teve de regressar, uma outra equipa assegurou a continuidade das reportagens. Ainda assim, como esteve em Pedrogão Grande desde o início, ficou com uma sensação de compromisso para com aquelas famílias, que na altura de vir embora, era como se lhes estivesse a faltar a uma promessa. “Aquela segunda-feira, para mim foi terrível. Precisei muito do meu espaço, de estar sossegado em casa, sozinho. Era quase como se eu tivesse de fazer o meu luto. O nosso regresso foi uma coisa que mexeu muito connosco.”

Esteve em Pedrogão Grande apenas três dias, mas o pouco tempo que lá esteve não se traduz no número de histórias que recolheu. Muitas delas só foram trabalhadas quando regressou à redação da TSF. “Foram muitas horas de trabalho lá, porque estive

sempre a trabalhar. Ia ao hotel para dormir e comer e ia outra vez para o terreno. O que eu senti é que foi muito pouco tempo... e sentes sempre que são lições de vida”. Diz-nos que tudo o que viu e ouviu, essas tais lições de vida, a obrigaram a por tudo em perspetiva. Acredita até que isso tenha acontecido com todos os que foram acompanhando as notícias, já que facilmente se caía na tendência de fazer o exercício: e se fosse eu? “Perderam tudo! Perderam familiares. Perderam a casa, os bens todos. Perderam uma vida de trabalho. As pessoas mais velhas... Eu não quero estar aqui com a conversa de puxar a lagriminha e de puxar ao sentimento, mas de facto uma pessoa pensa: “Caramba pah! Estiveram a vida toda a trabalhar e ficam sem nada?” Recorda com carinho a força interior das pessoas que conheceu, que apesar de tudo o que estavam a passar continuavam a mostrar-se disponíveis e prontas a ajudar em tudo o que fosse possível. Fala-nos de uma resiliência, que a maior parte de nós não conhece, que deve ser valorizada. “É uma coisa incrível. Incrível. É uma lição de vida do caraças. Para nós... Nós somos uns meninos! Nós temos tudo. Vivemos bem. Não nos falta nada. Há que dar valor à vida e perceber que de facto o mais importante não é aquilo que podemos comprar num *Black Friday*, por amor de Deus. Há coisas muito, muito importantes e estas situações, estas histórias, estas pessoas, ajudam-nos a lembrar-nos disso...”.

7. Conclusão

“JN, TSF e RTP: A tragédia de Pedrogão Grande pelo olhar dos repórteres” foi uma aventura. Um Relatório de Estágio com vontade de ser um pouco mais do que apenas um relatório. Procuramos levar o leitor a conhecer as redações das três entidades acolhedoras, apresentá-lo aos pequenos pormenores do dia-a-dia. Um diário de bordo de uma estagiária que pretendeu partilhar os receios, inseguranças e pequenas notas de ajuda a quem possa estar a iniciar uma viagem idêntica.

Passamos pelo impacto de um recente mundo digital no jornalismo, porque seria imprudente falar de uma realidade atual sem explorar as mudanças que foram ocorrendo nas redações nas últimas décadas. Todos percebemos essas mudanças no nosso quotidiano e os meios de comunicação social não ficaram à parte desta nova realidade. Hoje vive-se numa urgência constante de chegar primeiro, de contar primeiro, de partilhar primeiro, de comentar primeiro. Enfim. Teríamos uma lista quase infindável. Esta nova forma de viver o mundo teve repercussões elevadas na forma de fazer jornalismo. Se por um lado, as notícias chegam a mais gente, por outro é muito mais difícil controlar a qualidade das informações que são disseminadas. Os diferentes veículos de informação adaptaram-se a esta corrente digital e atualmente será uma tarefa quase impossível encontrar um órgão de comunicação social que não tenha a vertente digital, seja através de um site ou da utilização das redes sociais. Ainda assim e, apesar da evolução dos meios digitais, o jornal impresso continua a ser respeitado pela comunidade jornalística ainda que o número de tiragens tenha reduzido brutalmente nos últimos anos. Há inclusive exemplos de jornais impressos que optaram por operar única e exclusivamente através da versão digital. À parte desta nova massa de consumidores ligados à internet, há ainda muitas pessoas que não abrem mão de ter o contacto físico com o jornal e se recusam a se adaptar aos novos meios.

Aquando o início de cada um dos três estágios já estávamos a par desta realidade, pelo que não podemos dizer que fomos surpreendidos, até porque a geração de meados dos anos noventa, cresceu juntamente com esta adesão da sociedade à internet. Muitas outras situações, foram alvo de alguma surpresa, pela positiva, felizmente. Uma delas? Três das redações mais reconhecidas a nível nacional e as três receberam esta estagiária (e acredito que outros que por lá passaram igualmente) com uma disponibilidade e

simpatia que muito dificilmente poderão ser explicadas. Enfatizo muitas vezes este facto, porque naturalmente, foi um elemento imprescindível para que os estágios tenham sido experiências fascinantes.

No Jornal de Notícias, estando a estagiar na secção do Porto, surgiram todos os dias oportunidades de sair da redação e desenvolver o meu próprio trabalho. Deram-me esse espaço, essa independência e foi absolutamente gratificante escrever para um público alargado sobre as mais diversas histórias. Para uma aluna do curso de Ciências da Comunicação sem qualquer experiência no mundo do jornalismo, abrir o jornal no dia seguinte e ver mesmo ali à frente uma notícia escrita e assinada por mim é uma sensação de orgulho quase indescritível. Posso até dizer que, apesar de ter o “bichinho” do gosto pela escrita desde que me lembro, o deslumbramento pelo jornalismo, pelo poder de contar a história de vida das outras pessoas, momentos que as marcaram, começou no Jornal de Notícias.

A TSF abriu-me os horizontes para outra forma de fazer notícias. A rádio era o meio com que estava menos familiarizada. O poder do som e das boas reportagens feitas em rádio foi uma agradável surpresa. Claro que nem sempre podemos dar largas à imaginação, já que muitas vezes temos de compor uma notícia de menos de um minuto e temos de nos resumir às declarações de alguém e contextualizar o tema. Mas quando há a possibilidade de produzir uma média reportagem, onde é possível explorar os sons e os silêncios, é magia. A oportunidade que me foi dada de realizar duas reportagens e o empenho com que me ajudaram a idealizar o resultado final, as sugestões que me foram dando quer ao nível da respiração, quer da dicção mostraram-me um mundo que não conhecia. Em perspetiva, provavelmente foi na TSF onde mais me confrontei comigo mesma, com as minhas dificuldades e com o potencial de evoluir. Ouvir a primeira notícia que foi gravada e a última, passados três meses, foi a verdadeira afirmação de que vale a pena continuar a trabalhar todos os dias para nos melhorarmos.

Se na TSF falamos do poder do som, na RTP é obrigatório falarmos do poder da imagem. O facto de a escrita surgir no papel de uma forma muito natural sempre foi algo que considerei benéfico para mim. E certamente, será. Mas aqui, o exercício tinha de ser obrigatoriamente diferente, tinha de ser ponderado e refletido. “Uma imagem vale mais do que mil palavras” é absolutamente verdade e quanto mais rápido eu me apercebesse disso, melhor. Por vezes, na viagem de volta à redação ia mentalmente estruturando a reportagem e surgiam-me frases e palavras que, na minha perspetiva, poderiam encaixar

no tema na perfeição. Acontece que, quando temos uma imagem de qualidade que pode perfeitamente passar a mesma mensagem que inicialmente tínhamos perspetivado para a voz-off, não faz sentido estar a dizer algo que uma ou mais imagens já dizem. Acabaria por ser uma legendagem do que está a aparecer no ecrã, o que seria redundante, portanto, não estaria a acrescentar nenhuma informação válida para o telespectador. No entanto, é importante percebermos que não há verdades absolutas e que apesar de haver um consenso geral sobre como deverá ser contruída uma peça televisiva, cada caso é um caso e cabe ao jornalista fazer essa avaliação.

De um modo geral, cada um nos seus moldes, as redações articulam-se de formas muito idênticas. Todas elas apoiam-se fundamentalmente no serviço prestado pela Agenda, já que é ali que vão parar a maior parte das sugestões de reportagens e contactos. Também todas elas estão organizadas por secções, sendo que, se necessário, um jornalista de política pode ser destacado para fazer uma notícia de justiça ou de sociedade, por exemplo. Os jornalistas de cada secção são destacados para determinados trabalhos (notícias, reportagens, entrevistas, etc.) pelos responsáveis dessas mesmas secções ou pelas próprias direções das redações.

Numa perspetiva mais isolada, cada veículo de comunicação caracteriza-se pelo seu elemento dominante. No jornal, as atenções estão todas voltadas para o texto, na rádio para o som e na televisão para a imagem. O interessante de juntar estes três meios de comunicação no mesmo Relatório de Estágio é perceber os comportamentos, os idênticos e os diferentes, dos repórteres de cada “casa”, sendo que forçosamente trabalham com “instrumentos” diferentes. Nessa linha, quisemos perceber as características do trabalho dos jornalistas quando têm de abordar o mesmo assunto. Acontece que a esta ideia, de teor mais prático sobre o trabalho desenvolvido pelos repórteres das diferentes entidades acolhedoras, veio juntar-se (tragicamente) o incêndio de 17 de junho em Pedrogão Grande, que vitimou 66 pessoas. Tornou-se muito evidente de que este era o caminho que tinha de seguir, porque todos os meios de comunicação foram para o terreno, todos os jornais, revistas e televisões falaram sobre o assunto. Coincidentemente, tanto o Jornal de Notícias, como a TSF e a RTP, destacaram jornalistas com os quais tive contacto diário durante os estágios e a grande pergunta que me fazia vezes e vezes sem conta era: “Como é que eles conseguem manter a postura no meio daquela tragédia toda?”. No conforto de nossas casas, chegaram-nos todo o tipo de reportagens e notícias sobre o assunto e em diversos momentos foi o jornalismo - produzido à volta deste incêndio - que teve os

holofotes apontados. Foram vários os casos de reportagens e jornalistas carimbados com a palavra sensacionalista. Quisemos saber a opinião de quem realmente lá esteve e de que forma é que lidaram com todas as adversidades e obstáculos.

Como falamos de pessoas e não de máquinas, é evidente cada um tem a sua personalidade, a sua forma de encarar a vida e a sua forma de fazer jornalismo. Todos eles foram para Pedrogão Grande sem saber bem o que iam encontrar ou como iam reagir. Referem o impacto emocional e as dificuldades de manterem a calma num sítio onde tudo parece estar mal. A cima de tudo, falam na importância em pôr a dimensão humana à frente de qualquer furo jornalístico, no respeito que era necessário haver por aquelas pessoas e na absoluta necessidade de existir uma sensibilidade extremamente apurada para não cair no erro de recolher depoimentos a pessoas que não estivessem na presença de todas as suas faculdades mentais. As pessoas estavam desesperadas, confusas e precisavam de falar, mas como referem os três repórteres, muitas disseram coisas que, depois de estarem mais calmas, se arrependeram.

José Miguel Gaspar (Jornal de Notícias), António José Pereira (RTP) e Bárbara Baldaia (TSF) partilham a opinião de ser fundamental ter a capacidade de nos pormos no lugar do outro. Enquanto José Miguel Gaspar, sem a presença de microfones, nem câmaras, acabou por estabelecer uma relação mais próxima com as pessoas com quem entrevistava, chegando a “abraçá-las e a chorar com elas”, como diz o próprio, Bárbara Baldaia optou por manter alguma distância. Conta-nos que, a certo ponto estava tão frustrada com as reportagens que estavam a ser feitas, onde “foram adotadas linhas absolutamente sensacionalistas”, que decidiu de antemão que ia fazer o trabalho mais “limpo” possível. O José António Pereira, o jovem jornalista de apenas 24 anos, viu o seu trabalho ser elogiado por todos os nomes sonantes do jornalismo. Apelidaram o seu trabalho de sóbrio e sereno. Aliás, sobre o trabalho que apresentou aos portugueses, Carlos Vaz Marques escreve o seguinte: “Fazer informação é um exercício de equilíbrio numa corda bamba, que tem de um lado o perigo do desinteresse e do outro os abismos do mau gosto e do sensacionalismo”.

Podemos então dizer que apesar do dia-a-dia frenético das redações, das rotinas produtivas, dos movimentos mecanizados e das regras jornalísticas, que já fazem parte da genética dos jornalistas, a verdade é que há sempre a possibilidade do trabalho jornalístico não poder ser avaliado de “preto no branco” ou de certo ou errado. É verdade que existe um código deontológico e é verdade que há uma série de questões que no quotidiano não

nos atreveríamos a pôr em causa. O que percebemos é que em situações dramáticas como esta, mais do que o cumprimento das regras impostas, foi fundamental o recurso ao bom-senso.

Antes de formar bons jornalistas, impera formar boas pessoas.

8. Referências Bibliográficas

- ABREU, Karen e SILVA, Rodolfo (2012). História e Tecnologias da Televisão. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abreu-silva-historia-e-tecnologias-da-televisao.pdf> (consultado em 4 de março de 2018)
- AMORIM, Paulo Henrique. (2015). O quarto poder: uma outra história. Disponível em https://books.google.pt/books?id=540BCwAAQBAJ&pg=PT60&lpg=PT60&dq=discurso+1939+Franklin+Roosevelt+Feira+de+Amostras+de+Nova+Iorque&source=bl&ots=qzZ4B0C33q&sig=W-4hoLmVPE7AT5YLMWdtY07_psw&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKEwiF156W7aLeAhUExYUKHaWKCqYQ6AEwCXoECAEQAQ#v=onepage&q=discurso%201939%20Franklin%20Roosevelt%20Feira%20de%20Amostras%20de%20Nova%20Iorque&f=false (consultado em 13 de fevereiro de 2018)
- ANTUNES, Maria; CASTRO, Eduardo e MEALHA, Óscar (2001). Tecnologias da comunicação e informação na reconfiguração das redes de relações dos sujeitos. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/antunes-maria-joao-reconfiguracao-redes.pdf>(consultado em 7 de maio de 2018)
- AROSO, Inês Mendes (2003). A Internet e o novo papel do jornalista. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/aroso-ines-internet-jornalista.pdf> (consultado em 4 de março de 2018)
- BASTOS, HELDER (2010). Origens e evolução do ciberjornalismo em Portugal. 1336 ed. Santa Maria da Feira. Edições Afrontamento
- BIANCO, Nelia R. (2005). Noticiabilidade no rádio em tempos de Internet. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bianco-nelia-noticiabilidade-radio-tempos-internet.pdf> (consultado em 26 de janeiro de 2018)
- BOUCHER, Jean – Dominique A Reportagem Escrita. 824ed. Sintra. Editorial Inquérito.
- BOURDIEU, Pierre (2001). Sobre a televisão. 1 ed. Paris. Celta Editora

BRANDÃO, Nuno Goulart (2002). O espetáculo das notícias: a televisão generalista e a abertura dos telejornais. 1 ed. Lisboa. Editorial Notícias.

CANAVILHAS, João Messias (2004). Os Jornalistas Portugueses e a Internet. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalistas-portugueses-internet.pdf> (consultado em 21 de abril de 2018)

CARDOSO, Gustavo (2006). Os Media na Sociedade em Rede. Mudou a Internet, realmente, os Mass Media? Disponível em https://www.researchgate.net/publication/301869906_Os_Media_na_Sociedade_em_Rede_Gustavo_Cardoso_draft_Capitulo_10_Media_Mobilizacao_e_Protestos (consultado em 13 de outubro de 2017)

COLOMBO, Furio (1998). Conhecer o jornalismo hoje. Como se faz informação. 1 ed. Lisboa. Editorial Presença.

CHAN, Kara e FANG, Wei. (2007). Use of the internet and traditional media among young people. Disponível em https://repository.hkbu.edu.hk/cgi/viewcontent.cgi?article=1099&context=coms_ja (consultado em 14 de novembro de 2017)

DAYAN, Daniel e KATZ, Elihu (1994). A História em direto. Os acontecimentos mediáticos na televisão. Coimbra. Minerva

DN (2016). Primeira demonstração do "aparelho" das imagens em direto foi há 90 anos. Disponível em <https://www.dn.pt/media/interior/primeira-demonstracao-do-aparato-que-dava-imagens-foi-ha-90-anos-4999697.html> (consultado em 15 de julho de 2018)

DURÃES, Pedro (2017). Jovens dos 25 aos 34 anos são os que mais ouvem rádio online em Portugal. Disponível em <http://www.meiosepublicidade.pt/2017/09/jovens-dos-25-aos-34-anos-sao-os-ouvem-radio-online-portugal/> (consultado em 3 de agosto de 2018)

EDO, Concha (2000). Las ediciones digitales de la prensa: los comunistas y la interactividade com los lectores. Disponível em <http://revistas.ucm.es/index.php/ESMP/article/view/ESMP0000110063A/12911> (consultado em 2 de julho de 2018)

GANZ, Pierre. A Reportagem em Rádio e Televisão. 824 ed. Sintra. Editorial Inquérito

FERREIRA, Gil Batista (2012). Novos Media e a Vida Cívica. Estudos sobre deliberação, internet e jornalismo. Disponível em http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20121227-gil_ferreira_novos_media_e_vida_civica.pdf (consultado em 6 de janeiro de 2018)

FIDALGO, António (2002). Percepção e experiência na internet. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-percepcao-na-rede.pdf> (consultado em 21 de janeiro de 2018)

HALL, Jim (2001). Online Journalism. A critical primer. Disponível em <https://epdf.tips/online-journalism-a-critical-primer.html> (consultado em 4 de agosto de 2018)

LOPES, Felisbela (1999). O telejornal e o serviço público. Coimbra. Minerva

MAGALHÃES, Bárbara Sofia (2014). As potencialidades da internet no jornalismo digital:

Jornal de Notícias vs Diário de Notícias. Disponível em <file:///C:/Users/marce/Downloads/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Mestrado%20B%C3%A1rbara%20Magalh%C3%A3es.pdf> (consultado em 7 de maio de 2018)

MCLUHAN, Marshall (1964). Os meios de comunicação como extensões do homem. 18 ed. São Paulo. Editora Pensamento Cultrix.

MENESES, João Paulo (2003). Tudo o que se passa na TSF... Para um “Livro de Estilo”. 1 ed. Porto. Edição Jornal de Notícias

MOUTA, Rui Manuel Tavares. (2010). Projecto de Divulgação Comunicacional da Escola Rádio Escolar. Disponível em <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/2591/1/Projecto%20de%20Divulga%C3%A7%C3%A3o%20Comunicacional%20da%20Escola%20-%20R%C3%A1dio%20Escola.pdf> (consultado em 16 de fevereiro de 2018)

- OLIVEIRA, Caroline e GLANZMANN, José Honório. (2010). Jornalismo na era da Web 2.0. Disponível em https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2010/06_COMUNICACAO_jornalismoeraadaweb.pdf (consultado em 5 de junho de 2018)
- PINTO, Ricardo e SOUSA, Jorge Pedro (1998). O futuro incerto da Internet: intercomunicar além do comércio e da publicidade. Disponível em http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-futuro_net.pdf (consultado em 9 de julho de 2018)
- REBELO, José (2003). Comunicação: temas e argumentos. 1 ed. Coimbra. Minerva
- RIBEIRO, Nelson. (2007). A Emissora Nacional: das emissões experimentais à oficialização (1933-1936). Disponível em https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/10386/1/03_10_Nelson_Ribeiro.pdf. (consultado em 16 de fevereiro de 2018)
- RTP. Criação da Emissora Nacional. Disponível em <http://media.rtp.pt/80anosradio/historia/criacao-da-emissora-nacional/> (consultado em 3 de agosto de 2018)
- SANTOS, Joana Raposo (2017). A Imposição do Jornalismo Online na Era Digital: O Caso da RTP. Disponível em <file:///C:/Users/marce/Downloads/Relat%C3%B3rio%20de%20est%C3%A1gio%20Joana%20Santos.pdf> (consultado em 20 de janeiro de 2018)
- SILVA, Cláudia Carvalho. (2016). Alterações impostas pela internet no percurso da informação e nas práticas de produção jornalística. O caso do jornalismo local no PÚBLICO. Disponível em [file:///C:/Users/marce/Downloads/Altera%C3%A7%C3%B5es%20impostas%20pela%20Internet%20no%20percurso%20da%20informa%C3%A7%C3%A3o%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/marce/Downloads/Altera%C3%A7%C3%B5es%20impostas%20pela%20Internet%20no%20percurso%20da%20informa%C3%A7%C3%A3o%20(1).pdf) (consultado em 13 de julho de 2018)
- SILVA, Helson e MOREIRA Benedito. (2015) A Prática Jornalística e o Nomadismo Digital: Potencialidades e Possíveis Caminhos. Disponível em <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3725-1.pdf> (consultado em 6 de junho de 2018)
- SOARES, Manuela. (2018). Foi o primeiro jornal português. E ajudou D. João IV a consolidar o poder em 1640. Disponível em <https://expresso.sapo.pt/sociedade/2016-12-01-Foi-o-primeiro-jornal-portugues.-E-ajudou-D.-Joao-IV-a-consolidar-o-poder-em-1#gs.cvoO7Jg> (consultado em 1 de maio de 2018)
- SOUSA, Moacir. (2002). Evolução tecnológica da radiodifusão. Disponível em

http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP6SOUSA.pdf (consultado em 12 de julho de 2018)

SOUSA, J. e FINO, C. N. (2008). As TIC abrindo caminho a um novo paradigma educacional, in Revista Educação & Cultura Contemporânea. Disponível em <https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/789/1/58AsTICabrindocaminhoaumnovoparadigmaeducacional.pdf> (consultado em 25 de setembro de 2017)

STEGANHA, Roberta. (2010). Jornalismo na internet: A influência das redes sociais no processo de confecção das notícias de entretenimento e celebridade. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/steganha-roberta-jornalismo-na-internet.pdf> (consultado em 4 de janeiro de 2018)

TEIXEIRA, Marcelo. (2012). Da comunicação humana a comunicação em rede: uma pluralidade de convergências. Disponível em: http://www.insite.pro.br/2012/fevereiro/comunicacao_redes_convergencias.pdf (consultado em 4 de janeiro de 2018)

TRAQUINA, Nelson (1997). Big Show Media: viagem pelo mundo do audiovisual português. 1 ed. Lisboa. Editorial Notícias.

TRAQUINA, Nelson; CABRERA, Ana; PONTE, Cristina e SANTOS, Rogério (2001). O jornalismo português em análise de casos. 1 ed. Lisboa. Editorial Caminho.

WOLF, Mauro (1987). Teorias da Comunicação. 7 ed. Lisboa. Editorial Presença.

WOODROW, Alain (1996). Os meios de comunicação. Quarto poder ou quinta coluna?. 1 ed. Lisboa. Publicações Dom Quixote.

WOODROW, Alain (1996). Informação, Manipulação. 2 ed. Lisboa. Publicações Dom Quixote.

9. Anexos

1. Entrevistas

1.1. Entrevista: José Miguel Gaspar (JN)

Comecemos por falar um pouco sobre ti. Descobri que és natural de Braga, correto?

Sim.

E que tiraste o curso na escola superior de jornalismo no porto. Esta escolha de jornalismo sempre foi uma escolha óbvia para ti? Como é que foi esta decisão de “eu quero ser jornalista”.

Foi sempre mais ou menos óbvio ou, pelo menos, nunca equacionei ter uma vida artística que não passasse por jornalismo, que não passasse por escrever. Observar e relatar factos, acho que isso foi uma coisa que eu percebi desde cedo gostava de fazer. Podia não ser exatamente jornalismo, mas depois acabou por ser jornalismo. Quando tirei o curso na escola - que foi dos primeiros cursos de formação superior exclusivamente dedicados ao jornalismo ou com uma vertente de comunicação social, mas depois com especialização em jornalismo - os da escola foram os primeiros, eu acho que o meu ano foi o segundo curso. Não havia até aí jornalismo. O que não quer dizer que não se fizesse um bom jornalismo em Portugal, não é? Fazia-se, evidentemente. Os jornalistas não tinham era formação superior.

E quando decidiste que tinhas esse gosto pela escrita e por relatar aquilo que observavas e a decisão que querias ser um jornalista passava necessariamente por trabalhar num jornal impresso ou estavam abertas outras possibilidades?

Naquela altura - e isto estamos a falar dos anos 90 do século passado e era definitivamente outro tempo - nós tínhamos, isso eu lembro-me com muita clareza, no primeiro ano de escola (e o curso inicialmente era só 3 anos havia uma parte do curso que era 3 anos depois podias optar por fazer uma especialização ou um mestrado e aí podias ficar 4 anos ou até 5)... Logo no primeiro ano e no primeiro ano não tens nenhuma espécie de experiência, estás só no primeiro ano, nós recebíamos propostas de emprego diretas na escola. Tínhamos pessoas que apareciam lá, de canais de televisão, de estações de rádio... houve pessoas ligadas a jornais que vinham à procura de jornalistas, nós não eramos sequer jornalistas, ainda não eramos porque não tínhamos passado por nenhuma redação,

não tínhamos acabado o curso. Estávamos no primeiro ano e tínhamos propostas de emprego que - parece-me que é uma situação oposta daquela que se passa agora - nós tínhamos 3 ofertas de emprego para cada um, ou seja, eu podia literalmente escolher onde queria trabalhar. Ou era televisão ou era rádio ou era nos jornais. Na altura comecei por trabalhar em rádio e depois vim para o JN onde fiz todo o meu percurso.

E esse teu percurso em rádio passou por onde?

Na altura, na Rádio Press, que era uma frequência regional nova em que havia 3 zonas centrais, do norte, centro e sul, e eram frequências novas e isso acabou por ser uma bela escola de jornalismo, tanto para mim como para muita gente. Fui colega de curso do ex-diretor da TSF, do Paulo Baldaia, e também do diretor atual da TSF, o Arsénio. Foi uma excelente escola de jornalismo. O curso é sempre bom e o nosso curso apesar de ser iniciático na escola de jornalismo tinha uma vertente teórica muito boa. O que nos faltava realmente era a vertente prática, que acabou por ser compensada pelo fato de podermos fazer logo jornalismo a sério.

Falo enquanto estudante, mas acho que a parte prática, sem dúvida, que não se aprende nas salas de aula, nem a escrever uma espécie de notícia baseada em informações fictícias, mas sim, nos locais, nos estágios por exemplo.

Sim, sim. Os jornalistas fazem evidentemente as redações, apesar de ter o curso completo quando cheguei a redação do JN, só se começa a ser jornalista a partir do momento quando entras numa redação. Por uma razão muito simples, o que nós aprendemos realmente de valioso em termos humanísticos, aprendemos com os jornalistas (que podem ser só jornalistas, ou diretores, ou chefes de redação) mas é esse trabalho, ou contacto direto com os jornalistas e... enfim, com os casos reais de jornalismo que se aprende a ser jornalista.

Na altura saltaste da Rádio Press e foste logo imediatamente para o Jornal de Notícias? Entraste em que ano lembras-te?

Houve uma experiência no início de anos 90, não sei se foi 91 ou 92, (eu lembro-me de ter um cartão de colaborador e eu lembro-me que a data era 1992) e na altura, era diretor do JN ainda o Freitas Cruz, que foi um grande diretor, um dos grandes diretores históricos do Jornal de Notícias e eu... a minha primeira parte do percurso foi feita em rádio... houve depois uma expansão porque a frequência regional abriu, nós abrimos uma redação

em Lisboa e houve muita gente que quis tentar essa experiência e eu fui um deles. Acabei por trabalhar só seis meses em Lisboa. Não era, definitivamente, a minha cidade. Eu sou de Braga, nasci em Braga, mas já moro há mais tempo no Porto do que morei em qualquer outro sítio.

E é aqui que te sentes bem?

Sim, e é no Porto que quero trabalhar. É muito melhor trabalhar no Porto do que em Lisboa.

Qualidade de vida?

Sim, sim.

Neste momento estás como editor da secção de Cultura. Na altura em que iniciei o meu estágio, estavas como editor da secção do Porto. Que mais outros cargos tiveste no Jornal de Notícias?

Aqui no jornal já passei por, não direi todas as secções, porque nunca trabalhei no Desporto, nem na Polícia, mas já trabalhei e fiz notícias para todas as secções do jornal, incluindo, claro, o Desporto. Já fiz crónicas, não exatamente desportivas, mas crónicas a propósito do desporto e já fiz, evidentemente, notícias para a Polícia e para todas as secções, mas onde eu trabalhei realmente foi nas Artes. Quando entrei para o jornal, as Artes, na altura, chamavam-se Cultura...

E é onde te identificas mais?

Sim, sim. O meu editor, na altura, era o Manuel António Pina, o que é um privilégio ter podido aprender com o Manuel António Pina, que já morreu. É uma oportunidade que... enfim, que não aparece a toda a gente e se pudesse escolher eu acho que nunca poderia escolher ninguém melhor do que ele para ser meu editor. Editor e colega de trabalho, porque podia-se ter qualquer conversa com o Manuel António Pina, um homem com aquela qualidade literária, jornalística e humana! E ainda por cima era sportinguista e eu sou sportinguista também, e isso acaba por ser relevante, porque estamos numa redação do Porto, e há muito mais adeptos do Porto, do que do Sporting (risos). É, mas foi um privilégio. Se eu fosse argentino, escolheria ser formado pelo Jorge Luís Borges. Sendo português, ou era o Fernando Pessoa ou o Manuel António Pina. O Fernando Pessoa já tinha morrido...

Portanto, acabaste por ter essa oportunidade fantástica.

Foi um editor... Eu nunca tive um editor tão... Eu nunca tive um editor tão bom. Nunca trabalhei com um jornalista com tanta qualidade como ele.

E agora, como editor, identificas-te de alguma forma com o trabalho que ele desenvolvia? Ou nem te passa pela cabeça fazer essa comparação?

As coisas mudaram muito em termos jornalísticos. Não mudou só o panorama no Jornal de Notícias, mudou no país todo. A partir dos anos 2000 aconteceu uma coisa chamada internet, que abriu um novo canal de difusão de notícias, de conteúdos informativos e de toda a espécie de conteúdos, não é?! Porque aquilo que veicula na internet, nos diversos canais, não é só jornalismo. Muita da comunicação que por lá passa, alguma é jornalística e essa é produzida pelos jornalistas, mas o maior fluxo de comunicação nem sequer é de matéria jornalística. Mas o aparecimento da internet, de um canal tão poderoso, mudou... Mudou radicalmente o modelo de negócio que estava estabelecido há séculos, desde a invenção da palavra impressa e da difusão de notícias, desde que Guttenberg inventou a prensa e a partir dos anos 2000, esse modelo de negócio, pura e simplesmente, pulverizou-se e desapareceu e nunca mais volta. O jornalismo vai existir sempre e a necessidade de termos jornalistas e bons jornalistas e jornalismo vigilante, essa é cada vez maior... Mas esse modelo de funcionamento dos jornais, em que as pessoas pagavam para ler notícias, esse aparentemente vai extinguir-se. Nós vamos continuar a produzir notícias, as pessoas vão continuar a lê-las, não vão é ser impressas em papel. Os miúdos que nascem agora já não aprendem a ler em papel como nós aprendemos, aprendem a ler em ecrãs. Os ecrãs não têm, evidentemente, só palavras. Têm som, têm imagem em movimento e é a partir daí que temos de fazer jornalismo hoje, com as ferramentas que temos. Eu quando comecei a trabalhar e quando entrei na redação, ainda havia máquinas de escrever nas redações. Eu ainda cheguei a fazer notícias em máquinas de escrever. Aliás! O primeiro festival de cinema do qual eu fiz a cobertura, que foi o Festival das Curtas em Vila do Conde, fez este ano 25 anos, eu tenho uma fotografia como enviado especial do Jornal de Notícias, com a minha malinha e tenho uma foto dessas em frente ao auditório municipal lá de Vila do Conde, a enviar o trabalho para o jornal em máquina de escrever. A gente depois metia aquilo no fax, o fax depois chegava cá e alguém havia de bater aquilo outra vez e as notícias saiam. Curiosamente, nós hoje temos formas de difusão de informação imediatas em vídeo, por exemplo. Se a Torre dos Clérigos cair e eu for fazer a notícia, a primeira coisa que eu faço é fazer um direto e posso fazê-lo imediatamente, até com o

iphone que tenho no bolso. Consigo transmitir essa notícia para todo o auditório que esteja ligado, ou ao canal do JN no Facebook, ou a partir do site, ou seja, a necessidade jornalística...

Está cada vez mais situada no imediato...

Essa é a mesma. Precisamos sempre do imediatismo. No século passado, se a Torre dos Clérigos estivesse a arder ou tivesse caído, a necessidade de chegarmos lá com toda a urgência... essa é a mesma. Só que dantes, a gente ainda esperava 24 horas para publicar a notícia. Hoje já não é possível esperar esse tempo, a notícia tem que ser difundida logo. Se nós temos ferramentas e meios de difusão imediatos, massivos, globais... não faz sentido que não os usemos. É evidente que os jornais tiveram que abraçar a internet, quer gostem dela, quer não, mas é nesta altura o maior canal de difusão de conteúdos – no caso dos jornalistas, conteúdos informativos. Isso pode ser maravilhoso. Eu comecei com máquina de escrever e hoje posso fazer diretos com um iphone.

Sim, mas tendo aquela formação, que acaba por ser essencial também, não é?

Claro, claro. O que temos de aprender nas redações, nessa altura, é um bocadinho diferente, sobretudo em termos técnicos, do que temos que aprender hoje. Eu tenho que saber filmar, tenho que saber colher som, tenho que saber editar imagens, tenho que saber misturá-las para poder produzir um conteúdo multimédia – se quiser misturar fotografia, som, vídeo e texto, ou fotografias animadas, ou infografias -, mas aquilo que nós fazemos continua a ser o mesmo. Responder às perguntas essenciais de o que é que aconteceu, onde é que aconteceu, quando, como e sobretudo porquê, não é?! No meio das fundamentais, estas são as duas perguntas mais importantes: como é que aconteceu? e porquê que aconteceu?

Enquanto estava a fazer a minha pesquisa sobre ti, eu deparei-me com uma página no Facebook, da qual eu penso que deves ter conhecimento, que tem o nome: “Clube de fãs do jornalista José Miguel Gaspar”...

É... Isso aconteceu... (risos)

E para além de algumas notícias que são partilhadas, que são assinadas por ti, é possível ler-se alguns comentários que, pelo menos eu, considero bastante agradáveis. Como é o caso de pessoas que vão passar a comprar o Jornal de Notícias por tua causa, chamam-te “o grande, o enorme, José Miguel Gaspar”. A descrição

da própria página é: “É preciso fazer uma homenagem em condições ao maior trapezista do jornalismo sem rede”. Estes elogios mexem com o teu ego? Ou tentas manter-te à margem?

Isso foi divertido. Não tive nada a ver com a criação dessa página, mas evidentemente que depois agradeci aos autores e volta e meia continuo a encontrar essas pessoas que fizeram essa página. Já ficamos amigos. Encontramo-nos com muita frequência nos festivais de rock, nos festivais de verão e às vezes falamos nisso. Essa página teve origem numa notícia que eu fiz quando estava a trabalhar na secção do Grande Porto, mas até foi uma notícia publicada na secção de Polícia, se bem me lembro...

Foi a notícia do acidente do camião?

Sim, de um acidente de um camião. Até foi um acidente sem grande importância, ali na VCI, no Porto...um camião tombou e ficou virado ao contrário. O trânsito ficou interrompido, não houve feridos para além do condutor do camião, e ele esteve encarcerado duas ou três horas. A notícia tem só essa importância, foi um camião que virou e interrompeu-se o trânsito, houve uma certa confusão, mas o senhor foi retirado pelos bombeiros e não foi nada de grave. O senhor recuperou bem...

A forma como tu escreveste a notícia...

Eu suponho que tenha sido a forma como eu escrevi a notícia, porque era uma notícia relativamente banal, era uma notícia de meia página, mas eu resolvi escrevê-la com algum sentido visual mais apurado, ou apliquei se calhar uma técnica cinematográfica e a notícia, que era uma notícia bastante visualista – e eu admito que quebrei algumas regras de objetividade, de adjetivação que às vezes não se devem utilizar nas notícias, mas com franqueza, a única desculpa que eu tenho, é que estava entediado. Resolvi fazer de uma notícia banal, tentar transformá-la numa coisa um bocadinho mais entusiasmante. Aparentemente funcionou, porque toda a gente leu aquela notícia e foi até motivo de debate. Isso acontece-me com alguma, não diria com alguma frequência, mas às vezes acontece-me, da mesma forma que levanto muito entusiasmo e muitos fãs, levanto na mesma medida um lote desagradável de haters e pessoas que acham insuportável e absolutamente indigno aquilo que eu faço.

Mas o que interessa, se calhar, no meio disto tudo é que te identifies com o teu trabalho e que te sintas confortável com o que estás a fazer...

Sim. Essa notícia em concreto, do camião que virou e do condutor que ficou duas horas e meia de pernas para o ar, é que era uma notícia banal e as notícias banais, se tivesse sido escrita de uma forma rotineira e banal também, ninguém tinha ligado à notícia e ela tinha passado. Assim, pelo menos houve algum entusiasmo e... enfim. As pessoas podem ter questionado como é que a gente faz as notícias e se devemos fazê-las todas da mesma forma. Eu acho que não. Acho que às vezes é preciso pisar um bocadinho o risco e tentar levantar um bocadinho o entusiasmo, para que as pessoas possam questionar aquilo que fazem todos os dias.

As regras não serem sempre seguidas à risca.

Sim. A notícia não estava, evidentemente, incorreta. Podia estar um bocadinho exagerada, se tivesse sido editada por um editor mais espartano ou um editor mais chato, por hipótese.

Pedrogão Grande

As chamadas deflagraram num fim-de-semana. Lembraste de como lidaste com tudo quando te apercebeste de que não era só mais um incêndio?

Sim... Nós percebemos, percebi eu e toda a gente, que não era só mais um incêndio. Aquilo foi numa noite de sábado e eu estava em casa. Aquilo foi já meio tarde, perto da meia noite, acho que foi por volta dessa hora, que se percebeu que o incêndio tinha proporções que não eram normais. Até porque a primeira notícia de mortos, se bem me lembro, falava logo em 14 pessoas que tinham morrido, o que não é, de todo, natural morrer essa quantidade de gente. Claro que, depois, no fim o número é..

Sim, os números iam sendo atualizados.

Absurdo, absurdo. Absurdo e assustador. Foram 66 pessoas que morreram que morreram naquele incêndio em Pedrogão. Em Pedrogão e nos outros concelhos à volta. Isto foi noite já, perto da meia noite, julgo eu, e lembro-me de estar a lavar a loiça, porque tinha tido um jantar mais prolongado lá em casa, com uns amigos. Eles já tinham ido embora e eu estava a lavar a loiça e tinha a televisão ligada num canal de notícias e percebi logo que aquilo não era uma notícia normal. Apesar de ser editor de cultura e não ter nada a ver com a secção de Sociedade ou de Nacional, nem com esse tipo de notícias no dia-a-dia do jornal, eu percebi que íamos precisar de muitos jornalistas - nós o jornal, e julgo que todos os meios de comunicação social devem ter percebido isso -, ia ser preciso enviar muitos jornalistas para lá, e eu percebi logo que tinha de ser uma dessas pessoas.

Foste tu que entraste em contacto com a direção do jornal e pediste para ir ou ficaste à espera que te contactassem?

Fiquei a ver ainda o desenvolvimento das notícias e isto, entre a meia noite e a uma, a informação foi cavalgando. Chegamos há uma da manhã e já havia, mais ou menos, o dobro do número de mortos que havia quando a primeira notícia saiu, cerca de uma hora antes. Nesse período de tempo, a Inês Cardoso, subdiretora do JN, ligou-me e perguntou-me se eu estava disponível para ir para Pedrogão. Eu disse-lhe imediatamente que ia, e disse-lhe imediatamente que devíamos ir, imediatamente. Nesta altura, acho que já eram umas duas da manhã, mas acabamos por decidir ir só na manhã seguinte, muito cedo. Saímos aqui do Porto por volta das 6h da manhã, eu e o Rui Oliveira, o fotógrafo.

Nessa altura foram só os dois?

Sim, fomos os primeiros a chegar lá. Mas durante o dia acabaram por ir lá ter mais. No fim do primeiro dia de trabalho, não sei se eramos oito ou dez.

E eram necessários esses oito ou dez?

Eram necessários. Eram absolutamente necessários. Ainda havia muita coisa para descobrir. A partir do momento em que tu tens 66 pessoas que morreram e que morreram naquelas circunstâncias, tu sabes que – quer trabalhes para uma televisão, para uma radio ou para um jornal – há no mínimo 66 histórias que tu tens de contar, porque quando morre uma pessoa tu tens de contar a história dela. E depois no meio daquelas circunstâncias todas, muito estranhas, muito nebulosas... Algumas circunstâncias, eventualmente, criminosas... Ou seja, para lá das 66 histórias que é preciso contar – e que continua a ser preciso contar, apesar de todas as milhares de páginas que já se escreveram sobre o aquilo que aconteceu, continua a ser preciso contar, contar aquela história, até porque ela também ainda não acabou.

E porque é importante que não nos esqueçamos do que aconteceu ali.

Que não nos esqueçamos do que aconteceu ali, apesar de que os incêndios que nós tivemos meia dúzia de meses depois, em outubro... Não replicaram exatamente o que aconteceu ali, mas boa parte dos erros, boa parte da confusão, boa parte da desordem e da falta de proteção das pessoas...esses erros parece-me que foram na mesma cometidos. Há de haver julgamento sobre isso. Não vai ser só o julgamento da história, há de haver julgamentos institucionais e julgamentos de justiça, para que isto, de facto, nunca mais

volte a acontecer. Foram cometidos demasiados erros, houve demasiado caos, houve coisas incontroláveis, coisas que certamente tenham escapado às previsões das autoridades, mas uma coisa é nós estarmos de fora e darmos uma opinião sobre aquilo que podia ter sido feito. Outra é, nós percebemos que há pessoas que são responsáveis por aquele tipo de atuação, por aquele tipo de previsão, pela distribuição de pessoas e meios no terreno – porque isso não foi bem feito – e isso nunca mais pode voltar a acontecer. Por isso é que este caso tem de permanecer como um exemplo vivo de todos os erros que nós não podemos cometer. Tanto erros políticos, como erros cívicos, sociais.

Vocês saíram no domingo de manhã, certo?

Sim, o primeiro sítio onde chegamos – o nosso objetivo era logo esse, a informação naquelas primeiras horas era muito nublada.

O vosso destino era Pedrogão?

O nosso destino era Pedrogão e era aquela faixa da estrada nacional 236, onde estavam concentrados a maior parte dos mortos. Hoje sabemos que 80% das pessoas que morreram, morreram ali, numa faixa de 500 metros de estrada, tragicamente desviadas pelas autoridades. Houve pessoas que saíram dos sítios onde estavam, e estavam perfeitamente seguras, e foram desviadas para a estrada nacional 236-1 e foi aí que morreram. Aquela estrada, aquele bloco de estrada, aquela faixa de terreno, onde morreu a maioria das pessoas, muitas delas, dentro dos carros. Outras, a pé. Havia ali uma conjugação de fatores que desaconselhava totalmente que as pessoas pudessem ser desviadas para ali. Evidentemente ninguém as desviou para lá com o sentido criminal, mas houve muita incúria por parte das autoridades e isso também está a ser apurado ainda. Mas as pessoas nunca poderiam ter sido desviadas para aquele sítio. Era como tu desviares as pessoas de um sítio onde estavam seguras, no caso, o IC8, e encaminhá-las diretamente para uma fornalha. As pessoas morreram a arder. Isso aconteceu. Isso não pode acontecer.

Achas que quando vocês partiram daqui, no domingo, e durante a viagem para lá, estavam de alguma forma preparados para o que iam encontrar? Ou não há preparação possível?

Acho que ninguém está preparado para isso. Tu não consegues antecipar, ou não consegues escudar, vedar as tuas emoções, porque este trabalho teve sempre uma carga emocional muito vincada, muito forte. Não só porque nós falávamos com pessoas que

tinham acabado de perder amigos, conhecidos, familiares, o pai e a mãe, o filho! Falar com pessoas nessa circunstância é muito difícil. Quer dizer, falar com elas, até pode ser extremamente fácil, lidar depois com a informação que precisas de colher... Isso depois é que é difícil, até porque não são assim tantas as circunstâncias da minha vida, e eu sou jornalista há 30 anos, não são assim tantas as circunstâncias em que eu me lembro de estar a escrever as notícias e estar a chorar. Isso não é normal. Naquela situação ali era normal! Não havia outra hipótese. Estavas ali no meio, tinhas de chorar com as pessoas. Não havia outra maneira de fazer aquilo a não ser chorar com elas. Acho até que essa era a nossa, enfim, a nossa obrigação: partilhar a dor daquelas pessoas. Quando lá chegamos não éramos primeiramente jornalistas, éramos pessoas que estavam ali a lidar com pessoas com uma dor extrema e com uma confusão de falta de informação extrema e de falta de explicação... uma serie de coisas todas misturadas. Trabalhar nessas circunstâncias é evidentemente muito difícil. Eu senti isso e todos os jornalistas que por lá passaram naqueles dias, naquela semana. Mesmo voltar a Pedrogão, e eu já voltei um mês depois, não é fácil. Há já meia dúzia de meses que não volto lá, mas quando lá voltar, não há de ter comparação com esses primeiros dias.

Mas voltas a sentir o mesmo de quando estiveste lá?

Sim, sim. Eu acho que sim, porque nós, confrontando as pessoas com isso e nós confrontarmo-nos também com as pessoas que estão a lidar com isso, porque nós os jornalistas, fazemos isso. Acontece uma tragédia, a gente aterra lá, relata a tragédia, partilha a tragédia da forma que pode ou da forma que consegue, mas depois vem embora. Nós voltamos para as nossas casas e para a nossa vida - e a nossa vida... apesar dessas interferências, e estas, emocionalmente, foram brutais, é uma coisa que não se esquece e que fará parte de mim até... enfim, até que eu tenha memória – mas não há, para responder mais diretamente à tua pergunta, não há forma de uma pessoa se preparar para isso. A única coisa que tu podes fazer é tentar preparar-te para encontrares o pior. Nós não vimos exatamente as pessoas mortas e queimadas.

Mas tiveram de lidar com o sofrimento de quem ficou.

Tivemos de lidar com isso, sem dúvida.

E como é que se faz isso? Como é que se chega a um sítio, onde muita gente perdeu muita coisa, não só bens materiais, como familiares... Como é que se pede a alguém para falar sobre o assunto? São as pessoas que vêm ter convosco, são vocês que

procuram a informação? Como é que foi este processo de recolherem estes testemunhos?

Trabalhar nestas circunstâncias, que são obviamente muito difíceis, mas depois, na prática... hum... Não quero que este comentário que vou fazer envolva alguma espécie de perspetiva cínica sobre o que é o trabalho jornalístico ou não, mas trabalhar nestas circunstâncias, jornalisticamente, para tu recolheres informação, é bastante mais fácil. As pessoas estão muito mais disponíveis, estão ali! Em qualquer localidade a que um jornalista nesses dias chegasse, em Pedrogão e à volta de Pedrogão, a notícia estava lá sempre. Qualquer coisa era motivo de notícia, porque tudo aquilo era notícia. Todas as pessoas estavam envolvidas. Às tantas, até os próprios jornalistas eram notícia. Nesse sentido, colher informação era mais fácil. As pessoas estavam todas disponíveis. Estavam a chorar na rua, estavam a chorar nas suas casas. Qualquer pessoa que a gente encontrasse tinha uma história para contar, ou seja, tinha matéria jornalística válida e matéria jornalística boa. Era relativamente fácil colher. Agora, colher notícias e colher factos nessas circunstâncias... obriga-nos a ter uma atenção mais redobrada sobre aquilo que é, e deve ser, a nossa postura ética – que aqui, não acho que não deve, de todo, envolver um distanciamento e aquela coisa da objetividade, da imparcialidade jornalística. Eu tentei, evidentemente, fazer notícias e reportagens que fossem objetivas e imparciais, mas numa circunstância dessas eu acho que a objetividade não será aquilo que as pessoas estão à espera, primeiramente, de encontrar. Claro que querem saber as coisas com rigor. O que aconteceu, como aconteceu, porquê que aconteceu. Isso tem de ser relatado com objetividade. Agora... Nós estamos a lidar com situações muito emocionais. Se eu estou a falar com uma pessoa que me está a descrever, ou que está a tentar descrever, ou a tentar reconstruir, ela própria a perceber como é que tudo aconteceu...

Sentiste isso? Que à medida que as pessoas iam falando contigo, iam começando a encarar a realidade e que realmente aquilo tinha acontecido?

Suponho que sim. Terá acontecido. Eu nunca perdi ninguém da minha família numa circunstância tão adversa, tão grave e emocionalmente, tão chocante como aconteceu a muitas dessas pessoas. Porque morreram 66. Sessenta e seis, são sessenta e seis famílias, no mínimo, e depois essas sessenta e seis, conhecem muitas outras, ou seja, centenas de pessoas, milhares de pessoas. Envolve milhares de pessoas. Quando trabalhamos numa circunstância assim, com uma teia tão complexa, é bom que estejamos ainda mais vigilantes sobre aquele que deve ser o nosso papel. O nosso papel, o relato da objetividade

e da imparcialidade, eu acho que deve passar também, se o jornalista está a experimentar uma emoção que, de todo, não é normal no exercício das suas funções, isso passa a ser também objeto de trabalho jornalístico. Eu ao segundo dia escrevi uma crónica e uma crónica que foi, enfim, foi o texto que teve uma capacidade viral um bocadinho inusitada, porque não é habitual o JN ter textos virais ou ter matéria jornalística viral, e nós nesse dia tivemos. Era uma crónica que eu escrevi à minha mãe a tentar explicar-lhe o que é que eu estava lá a fazer, as circunstâncias em que tinha ido e as circunstâncias em que estava a trabalhar, como forma de poder sossegar a minha mãe, porque eu tinha saído para lá e não lhe tinha dito que tinha ido. Só lhe disse que estava a fazer reportagem em Pedrogão quando já lá estava. As mães ficam sempre preocupadas. As mães e as outras pessoas também. Essa viralidade que aconteceu com esse texto que eu escrevi, em que eu tentava explicar a minha mãe que eu estava sempre à beira de chorar, mas tu és jornalista, tens que tentar, no mínimo, não estar sempre a chorar... e isso era muito difícil, foi muito difícil para mim. Essa crónica, que eu suponho que seja uma boa crónica, suponho que estava bem escrita e suponho que tenha sido viral também por essa capacidade das pessoas emocionarem-se ao lerem... e o país inteiro estava a precisar de chorar e aparentemente essa crónica que eu escrevi, deu oportunidade às pessoas de poderem chorar coletivamente. Isso nunca me tinha acontecido também. Já tinha tido textos virais, falamos há pouco da notícia do camião, mas essa era uma notícia sem importância nenhuma, e esta crónica, e estas reportagens que eu escrevi antes e depois da crónica, eu acho que foram dos melhores trabalhos jornalísticos que eu já fiz. Tenho pena de não ter ficado sempre com Pedrogão. Por mim, eu tinha ficado sempre com Pedrogão. Ainda hoje estava a escrever notícias sobre Pedrogão, mas sou o editor das Artes e tive de voltar às minhas funções.

Falaste agora nesse texto e era precisamente sobre isso que eu te ia falar mais adiante. Aquilo que se aprende é que o jornalista deve manter um certo distanciamento, uma certa frieza. Neste caso, as regras ficam um pouco de fora? Não é possível controlarmos isto, as emoções são emoções e não é possível...

É evidente que nós temos de cumprir na mesma uma série de regras básicas e temos de aplicar a sensatez, aplicar o bom-senso, aplicar na mesma o sentido de justiça... Mas estamos a lidar com uma notícia que tem um carácter tao extraordinário, tão invulgar. As notícias que nós produzimos, não foram só as minhas, não foram só as nossas do Jornal de Notícias, (e nós fizemos globalmente, muito bom trabalho) ...toda a gente fez notícias

que não eram normais e fez-se as notícias em condições que também não eram normais. Se tu bem te lembras, nos primeiros dias, foi muito criticada a posição da TVI, e concretamente da Judite de Sousa, por causa de um ou dois diretos que ela fez com demasiada proximidade com um cadáver e sobretudo pela forma como ela apresentava a notícia, em que ela se colocava fora daquele cenário, mas com muita proximidade relativamente a um cadáver...

E explora ali aquela imagem...

Havia ali qualquer coisa que não batia certo, daquilo que era uma postura televisiva e daquilo que era um cenário que estava aparentemente ali quase composto para que essa notícia fosse apresentada. Na altura ela foi muitíssimo criticada, Judite de Sousa, que é uma belíssima jornalista, em certas circunstâncias. Nesse caso, não foi. Não foi uma boa jornalista. Ali o problema da postura da Judite de Sousa e da postura da TVI, relativamente aquele acontecimento, era exatamente esse. Era uma questão de postura. A forma como ela estava a apresentar a notícia, ela estava de costas para esse acontecimento, ela exteriorizava-se a si própria relativamente aquela notícia. Eu não acho que seja possível relatar aquilo, a não ser a partir de dentro, a não ser a olhar aquilo de frente, quase como se nós fizéssemos parte daquela notícia. Não fazemos parte, evidentemente, da notícia, mas a partir do momento que alguma da nossa emoção ou da forma como estamos a sentir tudo aquilo, vai contaminar aquilo que nós estamos a fazer. Acho que só temos que assumir isso. E houve muitas notícias na altura que foram escritas na primeira pessoa, umas em registo de crónica, outras em registo de comentário, outras em colunas de opinião, mas eu acho que essa é a forma mais honesta, é nós dizermos: “Eu estou emocionado e vou tentar explicar porquê que estou emocionado”. Não vale a pena fazer de conta que não estou emocionado, ou que consigo estar ali a falar com aquela gente toda e estar a relatar.

De certa forma, nem seria normal, numa situação daquelas uma pessoa não se emocionar, não?

Isso é que não seria normal! Isso seria quase bizarro. Para situações extraordinários, temos de responder com algumas medidas, enfim, extraordinárias, parece-me.

Principalmente nessa semana, quando ainda era tudo muito recente, houve muitos trabalhos jornalísticos que foram criticados. Ao nível do que se escreve no jornal,

há alguma história que não deva ser escrita, ou tem a ver com a forma como é escrita? No fundo, como é que se faz para não cair nesta linha do sensacionalismo?

Como é que não se cai no sensacionalismo? Trabalhando com bons repórteres, trabalhando com bons editores, tendo bons chefes de redação e tendo bons diretores. Nem toda a gente os terá. Nem nós os temos sempre aqui no jornal, porque também cometemos os nossos erros, também somos humanos e sobretudo, quando trabalhamos num diário, num jornal diário cometem-se demasiados erros, é natural. É um produto diário, é sempre feito com a pressão do dia, apesar de demorar 24 horas a ser impresso, o que tem uma coisa muito boa e tem uma coisa muito má: quando nós trabalhamos bem, no dia a seguir temos que fazer melhor ainda e isso às vezes é terrível, porque podemos fazer o melhor trabalho do mundo, mas no dia a seguir, ele desaparece. Tu trabalhas num diário, no dia a seguir tens que fazer outra vez, aquilo que fizeste no dia anterior já não conta. Por outro lado, se tu trabalhas mal, tens a oportunidade de emendar o teu erro logo a seguir. Tu perguntas-me se há notícias que não possam ser dadas? Não há nenhuma notícia que não possa ser dada. Agora, as notícias não podem é ser mal executadas, mal produzidas. Não podem ser mal escritas. Depende sempre da forma como nós fazemos as coisas. O “como” é aqui a parte mais relevante. Quando as notícias são mais complicadas, como nesta circunstância, temos que ter ainda mais cuidado sobre a forma como as vamos apresentar, mas não, não há nenhuma notícia que não possa ser dada, nem nenhuma história que não possa ser contada, é preciso é saber como, como é que a vamos contar.

Neste tipo de situação é preciso ter uma sensibilidade um bocadinho mais apurada?

Eu suponho que ajuda. É evidente que todos os jornalistas também têm que ser pessoas sensíveis, mas eu acho que em todas as profissões... Eu acho que é bom se as pessoas forem sensíveis. Até para um funcionário público ou para um agente das finanças. Eu suponho que pode ajudar se o agente das finanças tiver sensibilidade poética, ou ler poesia, ainda que não tenha nada a ver com o trabalho que ele faz. Mas isso sou eu, eu sou editor de Artes... Mas acho que ajuda sempre se tiveres pessoas sensíveis a fazer trabalhos que possam envolver sensibilidade.

Daquilo que eu pude perceber ao ler as tuas reportagens, as pessoas de lá abriram-vos a porta, receberam-vos sempre bem. Isto diz muito acerca daquelas pessoas, porque quem passou por tudo aquilo e continuar a ter essa capacidade de abrir a porta e de vos receber bem...

Sim, sim. São pessoas que estão também a atravessar circunstâncias muito particulares, muito disruptivas, mas sim, nós vimos isso no interior e de resto quem conhece o país, percebe isso. Nós somos um povo muito... em termos gerais, em termos genéricos, os portugueses são assim, acolhem muito bem, abrem a porta da casa. Isto depende também muito das regiões do país, se estamos a falar do Litoral, do Interior, ou às vezes até do Norte ou do Sul, mas desaparecendo alguma desconfiança, a partir daí, nós, enquanto povo, e isto acho que é uma característica cultural, nós acolhemos bem, ou seja, abrimos sempre a porta da casa. Muitas vezes quando a gente abre a porta da casa, abre imediatamente o coração, para muita gente é a mesma coisa. Naquelas circunstâncias havia ainda este pormenor: as pessoas precisavam todas de falar. De falar, de compreender, de perceber o que é que tinha acontecido. Precisavam de deitar cá para fora, literalmente, e nós jornalistas, beneficiamos neste sentido – outra vez sem cinismo nenhum – nós beneficiamos muito disso. Era relativamente fácil colher boas histórias naqueles dias, porque as histórias estavam lá todas.

E sentiste isso? Que as pessoas olhavam para vocês e tinham necessidade de vos contar, que precisavam que vocês fossem os porta-vozes delas?

Sim. Não só que nós pudéssemos ser porta-vozes e que pudéssemos amplificar a indignação das pessoas, a dor das pessoas e que pudéssemos dar eco aquela tragédia, mas sobretudo que pudéssemos contribuir para ajudar a compreender. Ainda hoje, e já passou meio ano, não se compreende muito bem como é que aquilo aconteceu. Como é que foi possível aquilo ter acontecido, não é? Ainda estamos a fazer a reconstituição. Aliás, dos relatórios que foram feitos, e o famoso capítulo seis, que está nesta altura retirado da observação do olhar público, em que é descrito no relatório de observações dos factos, em que é descrita a forma como morreram muitas daquelas pessoas, e isso está vedado à família. Mas muitas das famílias querem partilhar essa informação, não querem que isso fique escondido, querem que isso faça parte do domínio público. Justamente porque todos podemos aprender com isso. Quanto mais a informação for partilhada, acho que mais facilmente e melhor, nós podemos perceber o que é que aconteceu e podemos prevenir e é isso que importa agora. Prevenir para que isto não volte a acontecer.

Uma das reportagens que escreveste, à qual deste o título: “Nem pudemos ver os nossos mortos! Imagina o que isso é?”. Vou ser absolutamente sincera. Eu tive de parar de ler a reportagem umas três vezes, porque lá tens descrições e relatos que são muito marcantes. Principalmente aquela senhora, a D. Albina, que falou contigo,

e a forma como tu descreveste essa conversa, dá a ideia que foi num ambiente muito íntimo e de proximidade dela para contigo. Como é que é escrever a história desta pessoa, que não conhecias de lado nenhum e em tão pouco tempo ficaste a conhecer uma parte tão marcante da história dela? Quando estás a escrever, imaginas como será quando ela ler a notícia?

Quando estamos a escrever é evidente que também temos que tratar com justiça aquela pessoa e trata-la com justiça, às vezes, passa por aí, passa por a gente expor o máximo que puder ou o melhor que puder. Expor também os sentimentos das pessoas. Aquilo que interessa, ou aquilo que me interessa, porque estamos a falar da reportagem e as reportagens têm que ter um sentido mais visual do que as notícias, que têm sempre uma forma mais seca..., mas a vantagem das reportagens é exatamente essa, é a gente conseguir transportar o leitor para os factos. Aquilo que estamos a fazer é sempre uma tentativa de reconstituição de uma coisa que já passou, que já aconteceu. Quando estamos a escrever ou a relatar, ou a notícia ainda está a desenrolar-se - pode estar o fogo a acontecer e nós estamos à frente do fogo e estamos a relatar a forma como o fogo está a evoluir, mas mesmo isso já é passado, porque o segundo a seguir, atira o acontecimento para trás de ti. Aquilo que eu penso sempre, tentando sempre e supondo que na maior parte das vezes o consigo fazer, aquilo que eu tento sempre é fazer justiça aquelas pessoas, ou aquela história. Às vezes a melhor forma é mesmo entrar, o máximo que eu conseguir, não na intimidade das pessoas, mas a maior proximidade que eu puder com aquelas pessoas. E é transformar-me, também eu, não exatamente num ator dos factos, que eu não faço parte dos factos, mas a partir do momento em que sou um relator dos factos e estou ali a falar com aquela pessoa, estou também a intervir naquilo que é a ação. Não sou eu, evidentemente, o protagonista da notícia, essa é sempre a pessoa a quem aconteceram os factos... Mas fazer com que as pessoas também sintam, e isto não é só para eu colher informação mais valiosa, é porque esse é o sentido humano das coisas. Se eu estou a falar com alguém que teve uma perda tão grande, eu primeiro não chego lá como jornalista. Eu primeiro chego lá como cidadão, como pessoa, e tento ajudar no que eu puder. Para uma pessoa que acaba de perder a casa ou acaba de perder a família, a melhor forma de a gente ajudar é fazendo bem aquilo que sabe fazer. No caso, eu sou jornalista, é isso que eu tenho que fazer, é fazer boas notícias. Às vezes a gente consegue, às vezes não consegue. No mínimo, o que temos de fazer é trabalhar mais e na semana que eu passei em Pedrogão... trabalhar é mesmo trabalhar. Quando estamos na redação nós trabalhamos sete horas por

dia, aquelas a que somos obrigados, ou dez, porque depois é preciso, ou catorze, porque é mesmo preciso... Quando se vai em reportagem e nós temos de lidar com circunstâncias como as de Pedrogão, o que acontece é que estamos sempre a trabalhar. Toda a gente tem histórias para contar. Nunca se desliga. O que aconteceu nessa semana que estive em Pedrogão, é que estive 24h sobre 24h – eu e toda a gente – a trabalhar. A única altura em que eventualmente não estamos a trabalhar é quando estamos a dormir...

E é fácil dormir, estando em Pedrogão?

Eu tive noites muito más, tive outras em que consegui dormir. Aquilo eu me recordo é de ter dormido muito pouco, muito pouco. Não exatamente ter dormido mal, mas de ter dormido pouco. Ou porque não tinha tempo, porque precisava de continuar a trabalhar, ou porque não estava interessado em dormir, não sei. Não sei se é uma coisa que consiga explicar. E aquilo tudo aquilo é muito cansativo. Cansativo fisicamente, porque tínhamos de bater territórios um bocadinho extensos e andar atrás do fogo e a fugir do fogo... e quando os factos ainda estão a desenrolar-se... ainda é mais cansativo. Depois, é emocionalmente esgotante, porque todas as pessoas com que tu falas... eu acho que não colhi um paragrafo de informação sem que as pessoas não estivessem a chorar, ou na iminência de chorar, mesmo que só estejam a relatar que lhe morreram dois coelhos e quatro galinhas. Mas com a devida proporção, claro que quem perde a vida inteira é diferente de quem perde os animais domésticos, mas para cada pessoa, à sua escala, a dor foi profunda, foi muito grande. Não é fácil. É evidente que não é fácil fazer isso, claro que não é fácil. No entanto, pode ser – e outra vez sem cinismo nenhum – pode ser a melhor coisa do mundo, porque aí tu percebes que tu estás a dar voz concreta aquelas pessoas, que aquilo que estás a fazer vai ajudar alguma coisa ou pelo menos serviu para aliviar aquela pessoa e há-de servir para aliviar, se a notícia for bem feita e tiver capacidade de explicar o que é que aconteceu, tiver capacidade de que a gente possa compreender o que é que se sucedeu... isso é muito gratificante. Trabalhar nessas circunstâncias, apesar de esgotante, apesar de ter tudo, emocionalmente, ter uma série de contraindicações, é muito gratificante, porque o trabalho pode ser bom e o trabalho pode marcar. É isso que a gente faz. É chegar aos sítios, observar e reportar. Se contribuir para esclarecer alguma coisa, mudar alguma coisa, isso é ótimo.

Nem que seja para quem não esteve lá, tentar perceber um bocadinho o que é que realmente se passou.

Ou que seja só isso. Toda a gente que não esteve lá, a partir da leitura das tuas notícias, ou das tuas imagens, ou dos teus relatos, ser atirada para lá... tu consegues levar os leitores para o centro do acontecimento.

Estavas a dizer há pouco que voltaste lá passado um mês. Encontraste algumas das pessoas que tinhas entrevistado na primeira semana?

Sim.

Recordavam-se de ti? Como é que foi esse reencontro?

Sim. Claro que um mês depois, a carga emocional não é tão vincada, mas há coisas que são muito fortes. As pessoas depois também têm tempo de ponderar melhor aquilo que aconteceu, aquilo que querem relatar. Algumas se calhar já se apaziguaram com os factos, outras ainda não. Encontrei pessoas que estavam ainda em circunstâncias muito difíceis, outras que já estavam um bocadinho mais apaziguadas, depende muito das pessoas. Claro que toda a gente se recorda de nós e a gente também se recorda das pessoas. Aquilo que eu vi um mês depois foi uma necessidade de nós nunca mais sairmos dali, de nós nunca mais deixarmos aquela gente esquecida. Voltar lá um mês depois, é evidente que não é tão difícil como na circunstância em que eu cheguei e quando eu me cheguei com proximidade a esse troço da estrada 236, onde estava a maior quantidade e mortos, que foi o primeiro sitio onde nós fomos.

Vocês quando chegaram lá ainda estavam os carros na estrada?

Sim, estavam os carros que não foram removidos, só foram removidos ao fim do dia, e estavam os corpos ainda na estrada. Estavam, evidentemente, cobertos e com faixas de segurança delimitadas pela polícia, mas os corpos estavam lá. Nós vimos e fotografamos... e publicamos isso e as televisões também mostraram e os jornalistas de rádio também relataram isso. Claro que é chocante tu teres que fazer uma notícia sobre um corpo que estás a ver ali ao lado, mas não há de ser nada comparado com aquela pessoa, o pai, a mãe, o filho daquela pessoa. Para essas pessoas é que é realmente difícil. Para nós, é uma coisa que é complicada na hora, mas não tem comparação aquilo que essas pessoas atravessam. O que eu senti é que o meu trabalho jornalístico... Nós somos sempre porta-vozes das notícias. É essa a nossa função. Nos fogos de Pedrogão, nós somos, não só da notícia, mas daquelas pessoas também, porque o desespero era tão grande, a falta de informação era também tão grande, a falta de explicações era enorme. Ainda é,

imaginemos naquela altura. Nós só temos é que estar próximos daquelas pessoas, temos de dizer que estamos com elas e não estamos só lá porque queremos colher as notícias. Estamos lá porque é preciso que esteja lá alguém com elas e é preciso que toda a gente que lá está, esteja com essas pessoas. Isto não dificulta o nosso trabalho, nós temos é de conseguir integrar essa necessidade de nos comportarmos enquanto seres humanos e depois não desvirtuarmos aquilo que é o nosso trabalho jornalístico, porque se eu sou jornalista não faz sentido que esteja lá a fazer o trabalho de assistente social, mas muito do meu trabalho que fiz nessa altura, passa também por um trabalho muito semelhante ao que fazem as assistentes sociais. Isso é evidente. Se a gente vê uma pessoa que está a chorar à nossa beira, não vamos ignorar e continuar a fazer perguntas e a tomar notas. Temos que parar e... se calhar temos que chorar com ela. Tentamos apaziguá-la, mas aquilo que eu tenho mesmo que fazer, independentemente de poder ser também um bom assistente social para essas pessoas e de ser solidário, aquilo que eu tenho mesmo de fazer, é fazer bom trabalho jornalístico. Isso aguça-nos a necessidade de nós sermos bons.

E sermos bons, independentemente da profissão que temos.

Sim, sermos bons e competentes independentemente da profissão que temos. Claro que é importante a gente abraçar as pessoas e poder partilhar a dor delas, porque uma dor que é partilhada é exatamente isso, é dividida ao meio. Ao contrário das alegrias. As alegrias são multiplicadas quando a gente conta alguma coisa a alguém. Quando partilhamos uma dor com alguém é exatamente isso, é partilhá-la, é dividi-la ao meio, fazer com que ela seja mais pequena e que possa ser suportada, a partir daí, por duas pessoas, ou mais... Mas aquilo que é realmente relevante é que nós sejamos bons naquilo que fazemos. Isso é que é importante, porque senão... eu se for jornalista e me dedicar só ao trabalho de assistente social, não estou a cumprir a minha função. E é isso que é preciso: que nós sejamos todos melhores naquilo que fazemos, tanto os jornalistas, como os polícias, como os políticos... toda a gente.

O regresso, o voltar ao teu dia-a-dia normal, depois de teres estado lá.... Acredito que nos primeiros dias não tenha sido fácil deixar para trás tudo aquilo. Sentes que ficou alguma coisa por contar, alguma história por explorar?

Ficou, ficou. Fica sempre muita coisa por contar. Ficam sempre milhares de coisas por contar. Eu sinto sempre isso. Para mim, a maior parte das vezes, eu sinto que só consegui contar 10% do que eu sabia. Ou porque o jornal não tinha espaço, ou porque eu não

conseguia fazer melhor, ou porque... enfim, por uma série de circunstâncias. Nós recolhemos sempre muito mais material do que aquele que depois conseguimos fazer expelir e isso às vezes é muito angustiante. Essa é que é a parte angustiante. Tu sentires que tens ainda mais coisas por contar e não as consegues contar. Não as consegues, não é porque não tenhas competência, é porque depois o tempo também passa. O tempo passa e é preciso produzir outro tipo de notícias. Voltar... é difícil porque tu tens que abandonar uma coisa na qual tu estiveste metido e quem fez notícias sobre Pedrogão... fica metido naquilo até ao pescoço. É a única forma de trabalhar ali, é tu meteres-te naquilo até ao pescoço e a partir de ali conseguires manobrar, não para te desvencilhares daquilo, mas para tentar desvencilhar todos os nós, todas as notícias que é preciso fazer. Se há circunstâncias ainda que não estão ainda esclarecidas, como as coisas aconteceram e porque é que elas aconteceram – e ainda vamos passar para a próxima fase, que é, a partir deste exemplo que temos, vamos ter que ter capacidade de previsão e de prevenção para que isto não volte a acontecer. É muito difícil sair daquilo e voltar à nossa vida normal. A vida daquelas pessoas mudou para sempre. A minha não mudou para sempre, mas mudou. Aquilo fica em mim... é evidente.

Podemos dizer que o José Miguel Gaspar que foi, não é o mesmo que voltou?

Ah, isso definitivamente não. Claro que não... claro que não. Numa situação assim... Já mesmo quando vamos de férias e voltamos, independentemente de as férias serem boas ou serem más, nós voltamos diferentes, mudamos sempre. As viagens transformam-nos, sejam viagens em que mudamos de continente ou de planeta, ou aquelas em que mudamos só de rua. Trabalhar com material humano deste tipo e com todas as condicionantes emocionais que tens ao trabalhar com este tipo de material é evidente que também te transforma, também te muda. Em certo sentido, quem esteve em Pedrogão nunca mais saiu de Pedrogão..., mas temos que sair.

Esse distanciamento, depois, quando se regressa, também é importante?

É importante para nós termos também a capacidade de ver outras coisas que o turbilhão dos acontecimentos e enquanto a notícia ainda está a acontecer, a gente não consegue ver. Às vezes, a melhor forma de ter um panorama geral, conseguir a *big picture* sobre um acontecimento é justamente distanciar-se dele. Sair dele, vê-lo de fora e conseguir vê-lo todo. Quando nós estamos no terreno, quando estamos a fazer reportagem, é como se estivéssemos a ver permanentemente em zoom. Vemos grandes planos, mas não temos a

perceção de qual é o quadro geral, essa só a temos quando saímos do terreno, ou quando alguém, que não está no terreno e está na redação, que nos diz, nos explica. Mas chega a uma altura em que temos de sair, porque, logisticamente não podemos continuar lá e porque emocionalmente também não faz sentido que continuemos lá..., mas sair numa circunstância assim, quando as coisas ainda estão por explicar, quando há histórias ainda por contar... é muito difícil. Mesmo muito difícil... eu tenho apontamentos ainda que... que eu não sei o que lhes faço. Tenho histórias... Todas as pessoas com quem eu falei, todas essas pessoas foram representadas. Não houve ninguém que eu tivesse desaproveitado, ou seja, não há ninguém com quem eu falei que não tenha usado, até porque isso não seria correto..., mas há parte de histórias que não consegui publicar. Porque não tinha espaço, porque não fazia sentido naquele dia, no dia a seguir já havia outra coisa que era preciso perseguir, já havia outra notícia que tinha que ir noutro sentido e há sempre coisas que vão ficando para trás. Comigo acontece, e suponho que com todos os outros jornalistas, nós recolhemos sempre muito mais material do que aquele que depois temos capacidade de publicar, editar, de fazer chegar às pessoas. Nestas situações, tu ficares com esses apontamentos ou ficares fotografias, ou com essas imagens ou com essas gravações... é um bocadinho difícil. É um bocadinho difícil porque isso vai ficar sempre, não digo exatamente por resolver, mas fica ali uma coisa latente, que depois adormece e eventualmente, depois desaparece, mas vai ficar sempre um sentido de incompletude relativamente a isto tudo. Eu acho que isto pode atravessar todos os jornalistas que fizeram, concretamente, trabalhos sobre estes acontecimentos, justamente porque são mais... são mais gravosos, são mais extraordinários. Nós, nas redações, temos um exercício que é fazer “a Volta”, que é quando a gente liga para uma série de instituições, polícia, bombeiros, e por aí. Quando nós apanhamos uma notícia de suicídio - as coisas agora mudaram um bocadinho e os meios de comunicação já noticiam os suicídios, mas não os noticiam sempre - e eu já apanhei no início da minha carreira... essa coisa simples, de uma pessoa ligar para um quartel de bombeiros e perguntar o que é que aconteceu e tu apanhas uma notícia de um suicídio... e o teu editorial diz-te que não vais escrever uma notícia sobre um suicídio, mas tu tens aquela informação. O que é que tu fazes aquilo? Aquilo fica só para ti. Não vais publicar em lado nenhum. Tu sabes que uma pessoa morreu, vais escavar no sentido de saberes o que é que aconteceu aquela pessoa, como é que ela se chama, de onde é que ela era, que idade é que tinha, que profissão é que tinha, em que circunstâncias é que ela morreu e depois chegas ao fim e percebes que foi um suicídio, ou seja, tens uma série de informação sobre a morte de uma

peessoa e que não vais publicar... e isso às vezes é terrível. Aqui acontece uma coisa um bocadinho semelhante: eu tenho pormenores de notícias... Não é pela necessidade de eu as querer publicar, é só porque é como se fosse matéria viva, que depois continua viva, mas que fica só contigo... e eu sou jornalista... só faz sentido que toda a matéria que eu tenho...eventualmente isso depois resolve-se! Com a publicação de livros, com reportagens posteriores, com evocações de datas, em que voltas aos locais, voltas às pessoas. Podes voltar a recuperar histórias... há sempre formas de resolver isto... práticas, mas as emocionais ou as sentimentais...é evidente, os jornalistas também têm emoções e também têm sentimentos ... isso depois é um bocadinho mais complicado. Sobretudo porque depois nós temos que reentrar na nossa vida, mas tu conhecestes pessoas e estiveste uma semana a conviver só com pessoas cuja vida mudou para sempre, mas a tua não... a tua, depois tu vais voltar, a tua casa está lá, tu tens ainda pai, tens mãe, tens os irmãos todos, a ti não te aconteceu nada. Tu estiveste só a partilhar uma dor profunda e estiveste a chorar com as pessoas, mas aquilo que tu sentiste, não é minimamente comparável a quem isso aconteceu... e esta circunstância é difícil, porque depois tu lembraste das pessoas, queres continuar a estar com elas, queres continuar a ampará-las, queres continuar a ajudá-las, queres continuar a fazer notícias sobre elas. Mas depois, o tempo das notícias já passa e tu tens que fazer outras notícias e a tua vida tem que continuar e isto de “a vida tem que continuar” é uma coisa muito cruel, porque a vida daquela gente não continuou. Mas eu sou jornalista. Não faz sentido que eu me transforme num assistente social e me mude para Pedrogão Grande e fique lá a viver com aquelas pessoas, e podia evidentemente ajudá-las, mas aí deixava e ser jornalista. E eu não quero deixar de ser jornalista. Quero continuar a ajudar as pessoas, dentro daquilo que puder. Enfim, se é que o jornalismo ajuda alguém ou alguma coisa, serve para alguém ou para alguma coisa, pode servir para isso.

1.2. Entrevista: José António Pereira (RTP)

Para além de seres um jornalista da RTP com 24 anos, o que é que te parece mais importante saber sobre ti?

Olha essencialmente, em termos profissionais, eu gostava de ser conhecido por um trabalho isento, imparcial e que deixasse uma marca nas pessoas, porque realmente o jornalismo tem essa missão também, porque nós temos a capacidade para abrir horizontes, para levar aquilo que é desconhecido às pessoas e tantas vezes vamos a sítios onde ninguém imagina... Por exemplo, ainda ontem entrei num sitio que não fazia ideia que ali, no Teatro Anatómico, que a mim próprio me surpreendeu... E nós temos essa missão de mostrar isso às pessoas, ou seja, em termos profissionais gostava que as pessoas associassem o meu trabalho a um trabalho sério, a um trabalho limpo e isento, que de certa forma, as fizesse olhar para as coisas... pelo menos de uma maneira pensada.

E acho que estás a atingir esse objetivo, mas já lá vamos. Voltando um bocadinho atrás. Porquê jornalismo? Tu cresceste em Resende, certo?

Sim, certo.

Como é que um rapaz de Resende decide vir para o centro da cidade do Porto, estudar jornalismo?

Eu acho que até ao 12º ano foi sempre um caminho de negação ao óbvio, porque eu desde pequeno me lembro de querer ser jornalista. Brincava com a minha avó, aliás, ela diz isso imensas vezes, que o rolo dos guardanapos era o microfone e ela respondia-me todos os dias a mil e quinhentas perguntas. Lembro-me de imitar telejornais em criança, de andar com a vassoura como se fosse um daqueles pés do som... Lembro-me perfeitamente de que na minha rotina havia muito essa imitação, daquilo que eu via na televisão, daquilo que eu lia no jornal. Gostava de escrever notícias, de inventar telejornais... E depois o caminho foi-se desenvolvendo todo, secalhar lá está, no sentido de negação ao óbvio, porque... Eu queria ser jornalista (!), mas, ali no 9º ano, quando nós temos de escolher um curso – e em Resende havia tão poucas oportunidades – ou ias para Letras ou ias para Ciências, e a idade é tão tenra. Nós somos muito jovens e acho que ainda não temos horizontes para decidir aquilo que queremos seguir. E vamos muito influenciados pelas pessoas que nos são próximas, pelos pais – não tanto pelos amigos, porque também estão na dúvida – pelos professores... E eles acham que o cinco a matemática, que o cinco a ciências, que o cinco a físico-química, nos vai levar mais longe em Ciências. E muitas vezes, nessa altura é descartado aquilo que nos faz felizes. Pronto, e eu na altura, os meus pais diziam-me: “Tu devias ir para Ciências, porque pode dar-te mais garantias de futuro”. E eu fui efetivamente para Ciências e até correu bem, até tinha boas notas, só que punha-

me a pensar: “O que é que eu vou seguir em Ciências?!”. Não havia ali nada óbvio que me fizesse feliz.

Não havia ali a possibilidade de seres um Sr. Engenheiro, ou um Sr. Doutor?

(risos)

Pois. Enfermagem? Hum... Saúde? Hum... O quê? Engenharia? Hum... O que é que eu vou ser aqui? Não havia nenhuma escolha óbvia que me fizesse feliz. Então decidi no 11º ano e comecei a ver os cursos de Ciências da Comunicação. Os meus pais perceberam que realmente passaria por aí, apesar de inicialmente ser um bocadinho contra a vontade deles, percebi que aqui no Porto dava para concorrer com o exame de Português e foquei-me nisso.

Mas quando dizes que para os teus pais não foi muito fácil aceitar essa decisão... Eles consideravam que área da Comunicação não te ia dar tantas garantias?

Muito provavelmente. Primeiro pelo desemprego e depois por aquela imagem – que eu acho que já não será tão generalizada, mas que ainda é – que o jornalista é sempre aquele ser incomodo, que está a fazer o direto à chuva, que está à porta do tribunal e faz as perguntas em vez de deixar os arguidos irem descansados, não é?! se calhar, eu acho que essa era a visão que eles tinham, um bocadinho comparado com o resto das pessoas... Não sei se em algum momento eles achavam que o jornalismo podia colidir com aquilo que eles tinham visto crescer, não sei, não sei se é por aí...

E hoje?

Tiveram de aceitar e acho que estão orgulhosos e no fundo sempre me apoiaram, apesar dessa reticência, disseram sempre que sim... E até na carolice, por exemplo, no primeiro ano de faculdade ter ido bater à porta da rádio de Resende e nos terem dado um programa em direto todas as semanas ao sábado de manhã e nunca ganhei um cêntimo, mas aquilo que nós fizemos na rádio, eu e a Diana, que era a minha amiga que estudava lá comigo, aquilo que nós escrevíamos para os jornais... Tudo, literalmente, por carolice, porque nunca ganhamos um cêntimo, e eles aceitaram sempre isso tudo. Perceberam que era para mim, que era formação, para além daquilo que se aprende na universidade.

Ainda tiveste essas experiências, na rádio em Resende e em Lamego... normalmente costuma-se dizer que quando o bichinho da rádio morde, não larga mais. Mas tu optaste por televisão. Como é que foi essa escolha?

Não sei, eu nunca tive muito a ambição da televisão. Eu sabia que queria ser jornalista. O meu primeiro contacto foi com um jornal, um jornal da minha freguesia. Lembro-me perfeitamente que na altura fui falar com o diretor e disse-lhe: “Eu gostava de participar convosco” e ele disse: “Ótimo, estamos a precisar de gente”. Eu tinha 16 anos, portanto, foi o meu primeiro contacto na imprensa. Era uma edição mensal e eu fazia muita coisa para o jornal. Fazia as entrevistas, fazia artigos sobre tudo o que acontecia na terra, tirava fotografias, ajudava a ver textos daqueles que não se sentiam tão à vontade a escrever... A rádio, foi uma descoberta, que... lá está, era aquele bichinho: deixa lá experimentar isto, como é que será? E eu e a Diana, que estava a tirar Ciências da Comunicação, em Vila Real, fomos bater à porta da rádio de Resende. Sem a menor experiência, nunca tínhamos feito nada de rádio. Eles disseram: “Ok, vamos fazer então um programa zero”. Fizemos e eles disseram: “Queremos-vos ao sábado de manhã, em direto, três horas”. (!)

E era um programa sobre o quê?

Chamava-se “Gente com História” e era um programa que tinha sempre uma hora de entrevista com alguém de Resende. Não precisava de ser uma pessoa conhecida, mas que tivesse alguma coisa para contar. Aliás, chegamos a levar lá muitos idosos do lar que, por alguma razão tinham uma história de vida incrível, e que merecia ser partilhada. Pronto e fazíamos o programa todas as semanas. Eram três horas, a primeira hora fazíamos imensos passatempos, íamos avançando com algumas notícias, o tempo, essas coisas todas. Depois fazíamos uma hora de discos pedidos, que ainda é o grande trunfo das rádios locais, porque, nós esquecemo-nos muitas vezes que a rádio é a companhia para quem está sozinho, muito mais até do que a televisão. Num meio pequeno, é fundamental. Depois, na terceira hora, tínhamos então a entrevista. E na altura, aquele programa notava-se na grelha da rádio, porque durante a semana...As pessoas andam lá há muitos anos e era sempre um bocadinho mais do mesmo, e aquilo notava-se! Até porque o programa não acabou, foi a rádio que fechou.

Mas sentes, que nessa altura, foi uma lufada de ar fresco, vocês fazerem algo diferente do que é o habitual?

Foi, nós sentíamos isso. Primeiro, não sei se foi por estarmos a trabalhar os dois, juntos, por ser um programa em dupla, se foi por... não sei, por ter essa diversidade toda e ser uma coisa muito dinâmica durante as três horas. Não dávamos pelas três horas passarem. Quando o programa acabava dizíamos sempre: “Já passaram as três horas?!”. E depois porque tínhamos coisas engraçadas. Por exemplo, levávamos a Dona Laura, que tinha 97 anos na altura, que ia lá todas as semanas comentar a atualidade nacional e era um encher de riso, porque sempre nas descrições dela, íamos à infância dela, e ela contava que, por exemplo, se falássemos do aborto, ela dizia: “Ai, no meu tempo! Nós andávamos todos lá a brincar no campo, o meu marido veio uma vez dar-me um beijo, levou logo duas bofetadas!”. Ela contava estas histórias e isso prendia as pessoas, de certa forma. Foi sem dúvida, uma marca na altura. Nós tivemos pena de como acabou, porque a rádio depois fechou e o programa ficou ali... no ar. Depois surgiu a rádio de Lamego. Estava mais ou menos há meio ano sem fazer rádio e fui lá, também bater à porta. Pronto, e fizemos também lá um programa, que não era igual, mas também ao sábado de manhã. Durou ainda um ano e meio, depois tive de deixar por causa da Correio da Manhã e da RTP, mas com pena, porque... a rádio é uma marca muito forte.

A tua experiência no Correio da Manhã... Essa foi a tua primeira experiência numa televisão “mais a sério”.

Sim. Nós na faculdade, o nosso curso é muito prático. Estamos sempre na rua a fazer trabalhos de rádio, de online, porque temos o JPN e obriga-nos a isso e as próprias cadeiras obrigam-nos a fazer esses trabalhos. Mas, o primeiro grande contacto com a televisão foi no Correio da Manhã, porque no terceiro ano – nós éramos muitos, éramos oitenta – e as empresas não estavam a aceitar estágios de dois meses, portanto houve a necessidade de se dividirem: dois meses no JPN, dois meses numa empresa. A TVI e a SIC não abriram vagas para estágio, abriu uma vaga na RTP e foi para lá uma colega minha que tinha melhores notas. Depois havia o Correio da Manhã e o Porto Canal. Todos os estagiários que tinham passado pelo Porto Canal até então, não tinham relatado grandes experiências, ou porque os tinham posto a tirar fotocópias, ou porque os tinham posto a servir cafés... Não é isso que nós procuramos quando queremos fazer um estágio, queremos aprender. Na altura, a Sandra Sá Couto foi a minha coordenadora do estágio e ela disse: “Olha, experimenta o Correio da Manhã, pode ser uma oportunidade de ficares, vais aprender de certeza.” E pronto, assim foi. Ao fim da primeira semana já estava a fazer a minha primeira reportagem sozinho. E um estagiário que nem sequer podia

assinar. Ao fim desses dois meses eles perguntaram-me se eu queria ficar e eu claro que aceitei. Ao fim de dois dias, já estava a fazer o meu primeiro direto. Depois, passados uns tempos, a Sandra Sá Couto disse-me que iam abrir vagas para estágio profissional na RTP e se eu queria ir fazer os testes e eu disse: “Claro que sim”. Depois soube que fiquei. Fui parar à televisão, primeiro pela descoberta, porque era o meio onde eu tinha menos experiência, porque rádio já tinha tido alguma e jornal também, o online também durante o curso. O Correio da Manhã foi uma aventura do princípio ao fim, do princípio ao fim. Até pela linha editorial, mas mesmo assim uma escola tremenda...

Pois, era isso que te ia perguntar, a própria linha editorial, como estavas a dizer, criou ali vários desafios que te obrigaram a crescer profissionalmente.

Muitos desafios! Imagina o que é tu teres de estar em direto durante 10 minutos e sem grande coisa a dizer... é um desafio. Depois quando chegas por exemplo à RTP e tens um direto de dois minutos, isso não te afliges porque já estivestes dez e sem grandes temas à acrescentar. Portanto, para o bem e para o mal, é uma escola. Mesmo “como não fazer” em certas situações. O dilema...por exemplo, estás numa situação em que até tu própria tens dúvidas e o Correio da Manhã, por ser uma linha mais sensacionalista, tu percebes que eles gostavam que até fosses por “ali”, mas tu própria assumes o teu papel e dizes: “Não, vamos por aqui”. Fazer frente a isso também, percebes? É uma escola...

E tu quiseste deixar isso bem claro?

Deixei, sempre. E nunca me senti pressionado nada que não quisesse na televisão. Os meus diretos... Se eu achasse que não havia mais nada para dizer, eu calava-me, apesar da vontade deles, muitas vezes, ser que eu continuasse por ali fora. No jornal é que sentíamos mais aquele poder das vendas, aquela luta pela audiência, porque os títulos são muito feitos para apelar às pessoas que comprem os jornais, mas na televisão... Quer dizer, até porque o direto é uma coisa minha, sou eu que estou a fazer o direto, portanto, eu decido.

Sentes-te responsável pelo que estás a fazer.

Claro, claro. Para o bem e para o mal, somos nós os responsáveis por aquilo que está no ar, seja muito bom, seja péssimo. E lá está, estando num direto, eu decido quando acaba, decido o que vou dizer. Nunca tive essa pressão na televisão, portanto foi uma escola, sem dúvida. E hoje, se alguém me vier perguntar se deve ir estagiar para o Correio da Manhã, acho que sim. Deve ir, deve ir mesmo. Claro que deve levar um espírito mais

aberto e ciente de que vai à descoberta e tendo a noção que se calhar há coisas que o vão confrontar mesmo, mas numa situação futura, vai estar melhor preparado.

Na altura, quando ficaste no Correio da Manhã, era em estágio profissional?

Não, era a recibos verdes.

E quiseste arriscar na RTP?

Quis arriscar. Eu sabia que para a RTP ia nove meses, não sabia mais do que isso. Mas era a RTP, era o sítio onde eu sempre quis trabalhar. Em termos de televisões, era a televisão onde eu me revia e quando surgiu aquela oportunidade eu não podia dizer que não. Era uma casa com tanta história, era o serviço público em Portugal. Por mais garantias que eu tivesse ali (Correio da Manhã), que não eram muitas, entre optar por 9 meses ou por continuar ali... A resposta tinha de ser essa.

Neste teu percurso, que não é um percurso muito longo, mas que já te deu a oportunidade para fazeres tanta coisa, que reportagens te marcaram mais?

Olho para algumas com muito carinho, sobretudo as médias reportagens, porque são espaços mais alargados que te permitem ir um bocadinho mais além do que aquilo que às vezes é tão superficial num jornal, onde tens um minuto e meio ou dois, e fica sempre alguma coisa por dizer, mas um jornal de televisão é assim. Nas médias reportagens, nós temos seis, sete minutos e então conseguimos pôr um cunho mais pessoal naquilo porque é uma ideia pensada por nós, trabalhada por nós, - nós, equipa, claro, repórter de imagem e editor – e, portanto, é um produto muito nosso. Olho com carinho para alguns trabalhos que fiz: “Os mortos que ninguém quer”, a reclamação dos cadáveres que não é feita, corpos que chegam a estar dois anos no Instituto de Medicina Legal... E eu próprio confrontar-me com essa realidade, foi uma descoberta. Na altura, nós conseguimos pôr um cunho muito pessoal nesse trabalho porque descobrimos um caso – esperamos alguns meses para o conseguirmos fazer – de, chamam-lhes no Instituto de Medicina Legal, os indigentes, que são as pessoas pobres que não têm quem se lembre delas, de um ucraniano que foi enterrado com... Não foi desprezo, porque houve uma funerária que se importou com ele, mas num funeral que provavelmente, por pior pessoa que tivesse sido na vida, não era merecido. Um desaparego imenso. Estava a equipa de reportagem, estavam quatro coveiros e estavam as pessoas da funerária. Não havia um familiar, não havia um amigo. Será que aquela pessoa esteve a vida toda sem familiares e sem amigos? Leva-nos a

pensar... Até porque depois, a cruzeta que diz o “73”, é uma cruzeta que não tem identificação, provavelmente nunca irá ter um jazigo, as flores que lá estão foram aproveitadas de outro funeral – porque o senhor tinha sido cremado e a família não se importou de doar. É a tal dignidade, o mínimo sinal de dignidade e do respeito por alguém... Fazem-nos pensar e nós conseguimos mostrar isso na reportagem. Na altura, conseguimos ter esse funeral e em sentido contrário, conseguimos uma entrevista com uma familiar, uma jovem que em criança tinha sido retirada à mãe, porque a mãe se dedicou à prostituição e consumia droga. Retiraram-na porque na altura entendeu-se que aquela relação estava a pôr a própria criança em risco, e ela nunca mais soube do paradeiro da mãe. Até que aos dezoito anos, quando ficou livre do outro lado da família, que também a castrou de saber da mãe, foi à procura e conseguiu saber que a mãe tinha morrido. Mas onde é que a mãe estaria enterrada? Onde é que eu posso pôr uma flor? A mãe tinha sido também uma indigente, porque também ninguém foi ao funeral da mãe. O funeral foi pago por alguma instituição de solidariedade. Mas aquele encontro, aquela descoberta passados alguns anos... Foi um processo único, agarrado a uma única e velha fotografia, que depois também nos faz pensar e de certa forma relativizar as coisas que no dia-a-dia são fúteis. Por isso, essa reportagem guardo com muito carinho.

Uma outra que fiz, sobre os discos pedidos, por ser se calhar uma realidade próxima. E uma que eu fiz sobre outra realidade que também é próxima, porque sou de uma aldeia e porque adoro o campo, mais do que da cidade, que tem a ver com o despovoamento, com as aldeias que morrem, com quem continua a viver sozinho... e depois, nós vimos isso em Pedrogão. Idosos que morreram, fechados nas casas, porque a opção deles de vida foi ficar ali. Temos visto um desinvestimento tão grande no interior, que na hora da aflição ninguém se lembra daquelas pessoas. Dá que pensar. Tudo isto acaba por nos moldar como pessoas. Se eu vejo uma situação destas, não consigo ser indiferente. Se eu vou fazer uma reportagem a uma aldeia de Vila Pouca de Aguiar, que só há três anos é que a estrada, de quatro ou cinco quilómetros, foi alcatroada. E eles continuam ali os dois a trabalhar no campo, sozinhos, com uma genica imensa, por exemplo, a fazer um rego com umas barras de cimento enormes. Os dois com mais de 70 anos e continuam ali. É porque aquele sítio é deles. É uma opção deles, deixem-nos ficar, deem-lhes condições para estar ali. O que nós vimos este verão foi pessoas deixadas à própria sorte e isso mexe connosco. É impossível...

Quando és posto frente a frente com todas aquelas emoções, com as tuas e as dos outros, como é que lidas com isso? A ideia é que no final, esteja um trabalho honesto, mas isento?

Isto é o que eu digo sempre e não adianta escondê-lo porque nós somos jornalistas, mas a cima de tudo somos pessoas. Portanto, nós também choramos, também nos rimos, também temos vontade de abraçar alguém... e às vezes temos de respirar fundo para desempenhar a nossa missão de jornalistas, porque se estamos ali, temos de relatar e as pessoas em casa querem ver o que é que está a acontecer. Às vezes é um desafio grande, é quase engolir em seco e seguir. Mas aquilo também mexeu connosco, também nos tocou de alguma forma e em Pedrogão foi de uma forma excepcional. Por exemplo, entrar numa casa e perguntar se já tinham conseguido descansar e voltado à normalidade e um dos senhores me dizer: “Normalidade não, porque hoje vou enterrar o meu filho de vinte e um anos.”... Não há resposta possível. Aquilo toca-nos e depois as lágrimas correm na cara daquele homem... também começam a correr pela nossa cara e... é um abraço e a câmara aí já se desligou, porque é a dor daquelas pessoas e nós não temos o direito de perturbar.

E ali é a relação de pessoa-pessoa e não de jornalista-entrevistado...

Ali passa a ser pessoa-pessoa, e nós no lugar daquela pessoa, se eu estivesse aqui no meu sofrimento e logo à tarde fosse enterrar um filho... Eu queria receber a comunicação social agora? Deus me livre. Não. Acho que o truque é pômo-nos no lugar das outras pessoas, sempre. Se gostávamos que nos fizessem assim também. Obviamente que temos de perguntar e tentar sempre perceber os contornos. Não nos podemos descartar disso, porque é a nossa missão. Agora, como agir? Aí já tem de ser pensado nas pessoas.

Voltando um bocadinho atrás. Tu já tinhas outras experiências de fazer, reportagens ou diretos, noutros incêndios?

Já, desde o princípio que fiz logo diretos na RTP e no Correio da Manhã também fiz imensos. Na RTP, passadas três semanas fiz logo o primeiro direto, por acaso num duplo homicídio, um homem que em Ermesinde matou a mulher e o filho de seis anos. Lembrome perfeitamente desse direto. Foi o primeiro na RTP, mas foi pesado pela história e porque, naquele sítio, o nosso direto é visto pelas pessoas que estão em casa, mas mais pelas pessoas que ali vivem, que estão ali, na rua, a ouvir o que nós estamos a dizer. Foram para também perceber o que tinha acontecido, porque ouviram os gritos da mulher

ou da criança – que eram alertas para ajuda – e aquelas pessoas estão ali. A linha é muito ténue, porque de alguma forma tinham ligações com aquelas pessoas, mas o nosso discurso, não tem de ser frio, mas tem de ser isento e nós sabemos que as palavras que estamos a dizer podem magoar, ainda que lá para casa sejam palavras normais, e até de uma forma imparcial, mas ali podem magoar porque aquelas pessoas eram alguém para elas.

Mas sentes que o facto de estar ali alguém que pertence àquele lugar ou que está relacionada com a situação que estás a noticiar, molda de alguma forma o que estás a dizer?

Eu acho que não molda o trabalho, porque nós temos de assumir as responsabilidades pelo nosso trabalho e o que eu disser, é o que eu vou dizer, ponto final. Não posso dizer mentiras, portanto o que eu disser, não pode incomodá-los, ou pode incomodar se for uma verdade que incomoda alguém. Mas o facto de, às vezes, termos ali pessoas é lembrarmos do que estamos a dizer, ou seja, aquela capa que nos protege às vezes, do jornalista insensível... às vezes vestimos essa capa porque se calhar nos vai ajudar, mas aquelas pessoas lembram-nos de que realmente aquilo existiu, que realmente aconteceu alguma coisa, estão ali quase como um alerta, tocou também a estas pessoas. Acima de tudo, mais do que moldar o nosso discurso, porque eu acho que isso não acontece, é lembra-nos que aquilo aconteceu e que alguém o viveu.

E essas experiências, desses diretos e dessas reportagens que foram fazendo... Achas que vos prepararam, a ti e ao Filipe Valente, que foi contigo como repórter de imagem, para aquilo que iam encontrar? Quando vocês estavam no carro a ir para lá, o que é que vos estava a passar pela cabeça?

Completamente ansiosos, muito nervosos. Aliás, nessa noite, eu não dormi nada, confesso...

Soubeste que ias no dia anterior?

Soube por volta da meia noite que tinha de arrancar às seis da manhã para lá. O Filipe também soube nessa altura. Começamos logo a trocar umas mensagens, do género: “Aquele cenário parece horrível, o que é que vamos encontrar?”. A nossa preocupação era mesmo essa, era saber se estaríamos preparados para ver o que estava a ser anunciado. A viagem é absolutamente stressante, uma viagem que parece que não acaba e depois na

rádio o número de mortos ia sendo atualizado. “Afinal são 25, subiu para 32, subiu para 37”. E nós a caminho. Em vez de aquilo acalmar, parecia que estava a agravar. E nós a caminho. Até que chegamos à A13 e dali ninguém passava, tivemos de ser escoltados pela polícia. Naqueles curtos quilómetros do IC8 até Pedrogão Grande, tu percebes que o cenário é... é realmente desolador. Tudo queimado à volta, nas estradas há destroços. A nossa viagem não consegue ser reta porque tem pedras, tem árvores e então temos de ir ao ziguezague porque há muito lixo nas estradas. Os postes estão caídos, os fios de electricidade estão derretidos e depois, quando estamos por nossa conta e risco, a fazer reportagem, são os olhares das pessoas que estão encostadas, por exemplo, à soleira da porta, com olheiras profundas, com lágrimas nos olhos... o desespero. As próprias autoridades estão desesperadas porque ainda não tinham conseguido perceber o que é que aconteceu. Há aldeias que ainda não foram visitadas e sabe-se lá quem terá lá morrido... Bombeiros que passavam, que não paravam porque não tinham ordens para isso, mas que perante o desespero das pessoas, é um gesto tão condenável. E depois, por exemplo, na estrada nacional, ao pé de umas casas, passar-nos à frente um veado, que não sendo um animal doméstico, nos passa a coxear completamente queimado e percebes: “Para estar aqui este animal é porque a floresta está destruída”. A aflição é tremenda. Depois quando as pessoas nos dizem que não sabem se os familiares estão vivos ou mortos...

Vocês chegaram numa fase ainda muito prematura, quando ainda se estava a tentar perceber o que é que estava à acontecer...

Muito, muito, muito. Ainda se faziam balanços, as autoridades... desorientadas. Nós chegamos numa fase mesmo muito inicial. Os corpos ainda não tinham sido encontrados todos, as perícias do Instituto de Medicina Legal estavam a ser feitas ali na estrada. Em cerca de trezentos metros morreram trinta pessoas e nós estávamos a fazer reportagem lá. Foi o ponto de reportagem que nos calhou.

Vocês quando estavam a ir para lá, já estava definido para onde é que vocês iam?

Disseram-nos que provavelmente o Vítor Gonçalves ficaria no posto de comando e que eu iria para a estrada onde tinham morrido as pessoas. Eu para ir para a estrada passei por outros pontos que não estava a contar porque... Eu fui pelo lado sul e imediatamente ali um GNR virou-se para o nosso carro satélite e para nós e disse: “Vocês têm de ir já embora.” e não nos deu tempo sequer de argumentar. Até que depois nós andamos um quilómetro, a estrada estava aberta, estavam a passar carros e fizemos ali um direto para

o “Bom Dia Portugal” e lembro-me que esse GNR chegou a meio do direto e disse: “Essa merda tem de acabar já”. Eu fiz de conta que não ouvi e meti-lhe o microfone e disse: “Desculpe?” e ele respondeu: “Não é desculpe. Essa porcaria tem de acabar já”. Eu viro-me para a câmara para terminar o direto: “Por indicações das autoridades, será melhor realmente terminar este direto. A situação continua ainda muito grave...” e nisto estava ele a tentar tirar os fios da câmara. Para vermos o desespero. Eles estavam desorientados. Eu acabei identificado, ele pediu-me a identificação. Eu disse-lhe: “Peço imensa desculpa, mas de certeza que este será o seu menor problema. Nós não estamos aqui com vontade de atrapalhar o trabalho de ninguém, pelo contrário. Aquilo que está a acontecer parece-me de certa forma surreal. Acho que o senhor tem outras preocupações agora, vai-me desculpar. – “Ah, vocês não podem estar aqui!” e eu disse assim: “Mas a estrada está aberta, estão a passar carros, porque é que nós não podemos estar aqui?” . Foi esta conversa oca do principio ao fim, porque não adiantava nada...

Nem ele tinha uma justificação para vos dar provavelmente...

Ficou com a minha identificação, queria ver as imagens da câmara e eu disse: “Desculpe, isso não vai acontecer nunca.”. E para ir para o lado norte da estrada eu tive de passar por aldeias... e ao passar por aldeias... vi realmente cenas muito difíceis. Cada aldeia era um ponto de reportagem, um ponto de direto. Nós fomos descrevendo isso ao longo da manhã, até que ao meio dia chegamos ao ponto norte da estrada. E ali, completamente à vontade. Estava o diretor da Polícia Judiciária a falar lá com a comunicação social. Também já tinham passado algumas horas, mas percebes? O desespero das autoridades notava-se claramente. E nós não percebemos bem o porquê. Nós ali, se calhar fomos alguém em quem ele descarregou porque tinha de descarregar a frustração e a impotência dele. Mas no caminho para essa estrada, nós realmente percebemos que a destruição era imensa, imensa. Eram carros caídos nas valetas, eram casas destruídas, eram fitas da polícia que não nos deixavam avançar para determinada casa porque estavam lá mortos... Tu pensas que realmente isto é... dramático. É muito dramático. E claro que te emocionas, mas depois não sei se é a adrenalina do trabalho porque tens sempre os diretos para fazer, tens reportagem... e vais-te envolvendo no teu trabalho e se calhar passas um bocadinho ao lado naquele momento, mas depois quando chegas à noite no hotel, aí sim... Cai tudo ali. Pensas “nós estamos a viver um dia histórico, é um dia de tragédia absoluta, mas isto é histórico”. E emocionaste, claro, porque te lembras depois do que te foram dizendo.

Durante esses dias houveram vários casos de imagens que foram mostradas as quais o público reagiu mal. Como é que vocês fizeram essa escolha? Como é que foi feito esse balancear: isto aconteceu, mas não devemos mostrar isto.

A esta distância eu consigo perceber que as televisões de uma maneira geral tomaram posições completamente sensacionalistas. Passaram imagens que nunca deviam ter passado, que nunca foram privadas, que nunca foram minimamente ponderadas. Nós, o nosso trabalho... Em primeiro lugar, eu tenho uma relação muito boa com o Filipe, o que acho que ajudou ao trabalho final, mas aquilo que nós decidimos logo foi que o nosso trabalho ia ser feito de acordo com a nossa consciência e conversávamos. Se houvesse alguma dúvida, conversávamos. Por exemplo, para te dar um caso em concreto: Na segunda-feira, nós estávamos a fazer reportagem numa das aldeias que tinha perdido mais gente e estávamos a fazer entrevista a uma senhora que disse que tinha perdido uma filha, mas disse-o com tamanha frieza que eu perguntei-lhe outra vez: “Perdeu a sua filha?” e ela disse: “Sim, perdi a minha filha. Tinha 35 anos e o marido está no hospital”. Eu perguntei-lhe: “Como é que a senhora está a lidar com isto tudo?” e ela disse: “Temos que aceitar. Gostava muito dela e gostava muito da minha prima, que também morreu.” Aquele discurso parecia-nos tão estranho que eu até tive vontade de, com um vizinho, perceber se havia ali alguma ligação e ele disse-me que não. Na edição da reportagem, nós decidimos não usar aquele testemunho porque, em casa, aquela mulher ia ser julgada pela frieza com que o disse. Como é que uma mãe diz aquilo? Provavelmente seria essa a pergunta das pessoas. Tal como por exemplo, um mês depois, quando eu fui lá fazer reportagens de balanço eu fui perguntar ao pai do Diogo se queria falar connosco para percebermos se já tinham chegado apoios para agricultura, o apoio psicológico também... E ele disse-me: “Olha, eu disse tanta coisa na altura de que me arrependo agora. Não quero voltar a falar.” E o que é que ele disse na altura? Disse à SIC, em lágrimas, em gritos, que ninguém tinha feito nada e não era o que ele estava a sentir no momento, ou se calhar até era, mas que nunca teria dito sem ponderação. Portanto, nós temos de nos por no papel das pessoas. Será que é isto que eles querem dizer? Será que é realmente isto que estão a sentir, de forma fria?

Percebermos que o próprio momento acaba por moldar o que é dito na altura...

A nossa responsabilidade é ainda maior porque aquelas pessoas, provavelmente, com ponderação, não vão dizer aquilo. E depois em termos de imagens, por exemplo, no primeiro dia nós fizemos um direto para o 360º, às nove da noite e estávamos na estrada.

Já tinha sido tudo limpo. Já não havia carros, os corpos já tinham sido levados para o Instituto de Medicina Legal... No entanto, continuava ali um carro, com os quatro piscas ligados...que seria de alguém que provavelmente morreu no fogo, mas ninguém apareceu para reclamar aquele carro. Provavelmente a família ainda estava a tentar lidar com tudo, ou teriam perdido outras coisas... e eu tinha de o dizer: “Está aqui um carro”. Nós mostramos o carro de uma forma... discreta. Evitamos mostrar a matrícula. Pensamos nisso porque... Não adianta mais. As pessoas em casa, se calhar até conheciam... Não adianta. Contamos o caso em concreto, mas não adianta sermos tão evasivos, temos de preservar de certa forma isto já que a tragédia foi tão grande. Portanto, pensando sempre em dupla, até porque o trabalho final é dos dois - e no caso de haver edição, também do editor – e irmos pensando caso a caso e no caso de haver dúvidas, partilhá-las.

E quando estás em frente à câmara, prestes a entrar em direto... Qual era a tua preocupação?

De uma maneira muito pessoal é a concentração para saber que o direto pode correr bem e para isso eu tenho de estar concentrado naquilo que vou dizer e naquilo que quero dizer. Tenho de pensar muito rápido no que quero dizer, nos pontos essenciais, até para depois não me repetir e, portanto, obviamente que o discurso é uma preocupação. Depois é a preocupação em não ser invasivo. “O que é que vamos mostrar Filipe? Não vamos fazer zoom aos carros. Não, já basta. Fazemos um plano geral, já é o suficiente para perceber a dimensão do que se passou aqui.”. Portanto, há a preocupação em ter uma imagem discutida, quando se pode discutir e depois com a linguagem. Por exemplo, não posso ter um discurso muito sensacionalista, pesado... tenho de ser real, sem exageros. Claro que naquela situação, é dramática, eu tenho de ser real, mas também não posso exagerar. Não posso fazer uma descrição que incomode ainda mais a dor das pessoas. Eu acho que se calhar foi isso, que depois, aos olhos das outras pessoas, distinguiu o nosso trabalho. Os órgãos de comunicação estavam a ser tão invasivos que as pessoas se cansaram um bocado disso. Se calhar viram no nosso trabalho uma alternativa mais imparcial. Nós na altura não conseguimos ver nada. Nós, por exemplo, vimos a foto da Judite de Sousa a circular, mas não conseguimos ver mais que isso, ou seja, não sabíamos em concreto o que tinha acontecido porque não tínhamos tempo para ver televisão, mas o que é certo é que nós tentávamos agir sempre com bom senso e com aquilo que nos deixava livre a consciência. Nós, todos os dias, se não dormíssemos, não era pelo nosso trabalho nos pesar, era porque aquelas pessoas e os relatos nos incomodavam como cidadãos. Acho

que é isso, a serenidade, que depois nos leva à imparcialidade, o bom senso e a missão de nos pormos no papel dos outros. Acho que é fundamental em qualquer trabalho.

É engraçado porque falaste em serenidade e era exatamente sobre isso que eu te ia falar agora. Serenidade, factualidade, seriedade... Foram algumas das características que atribuíram ao teu trabalho. No meio do sensacionalismo, de toda a confusão, os media todos reunidos à procura de histórias para contar... Tu mantiveste-te sempre sereno. Era o “personagem” jornalista sereno ou o José António Pereira que cresceu em Resende?

Não sei, acho que estavam os dois (risos). Lá está, não descolam um do outro. Apesar de tudo, às vezes é difícil separa-los porque o zé que cresceu em Resende já queria ser jornalista. Apesar de às vezes haver a tal capa que nós temos de vestir, inevitavelmente, eu acho que ali era um bocadinho de tudo. Era lembrar-me do que a minha mãe às vezes me ia dizendo, daquilo que os meus amigos também iam dizendo... e sobre tudo isso, que tendo em conta a minha formação, eu pensava ser o caminho certo. Num cenário daqueles, do que é que me adiantava estar ali com uma linguagem sensacionalista, com uma linguagem que ia incomodar mais a dor das pessoas? Não, eu não tenho esse direito. Eu tenho de dizer o que aconteceu realmente, mas devo dizê-lo de uma maneira objetiva. Há muitos anos, um jornalista disse-me que todas as histórias que nós contássemos, todos os diretos que fizéssemos, era como se estivéssemos a contar uma história á nossa mãe ou à nossa avó. Lá está, a linguagem tem de ser simples, toda a gente tem que entender, mas de uma maneira muito objetiva. Não adianta estar ali a dizer que trinta pessoas morreram queimadas e os corpos ficaram irreconhecíveis, quase cremados...

E as imagens já falam por si...

Exatamente, as imagens já são tão evidentes que o discurso deve ser o mais claro possível, o mais sereno, mais limpo... se calhar vou estar a dizer mais ao dizer que em 300 metros de estrada morreram 30 pessoas e várias famílias, o que já por si só mostra que a tragédia foi imensa, do que estar a dizer que as pessoas morreram carbonizadas e que o cenário é dantesco e que é um filme de terror. Eu acho que a mensagem quanto mais limpa for, mais chega às pessoas e menos perturba a dor das que a viveram. É a nossa missão.

E como é que se pede a alguém, que perdeu tudo, para ser entrevistado? Se bem que vocês também tiveram casos de pessoas que foram ter convosco...

Lá está. Essa é a ponderação que é importante ter, porque, quantas vezes, nestes momentos de desespero, vêm ter connosco, porque os bombeiros não pararam, porque a GNR ainda não foi lá, o Presidente da Câmara ainda não teve tempo para ir lá... e está ali a comunicação social, que pode levar o eco deles ou as queixas deles mais longe. Às vezes é difícil. Em direto é impossível controlar porque a pessoa simplesmente diz. Em reportagem nós podemos controlar porque, por exemplo, aquela mãe, numa situação diferente provavelmente não diria aquilo. Naquele caso nós decidimos não usar porque ela ia ser julgada em praça pública e não é isso que nós queremos. No caso de pedir... Obviamente que eu tinha de fazer muitas reportagens e a abordagem que eu acho mais correta, a abordagem que nós usávamos, eu e o Filipe, era: sem câmara e conversar com as pessoas um bocadinho antes e, de certa forma, sentirmos um bocadinho a dor delas. “Até que ponto é que podemos ir?”, “A pessoa está realmente perturbada e não quer falar? Ou será melhor não falar?”. Muitas vezes é uma espécie de avaliação porque eu não quero que uma pessoa que não está bem, vá para a televisão dizer coisas que, passados uns meses, sente vergonha... Provavelmente, quando passar uma no o arquivo vai recuperar as imagens, daqui a cinco anos, vai voltar a recuperar as imagens e aquelas imagens vão perseguir sempre a história daquela pessoa. Eu tenho de ter a certeza de que quando as pessoas querem falar, que o estão a fazer com a mínima ponderação. Lá está, essa espécie de triagem, que não é uma triagem, mas sim uma conversa, para percebermos o que é aquela pessoa está a sentir, se o discurso dela vai ser mais natural ou mais... tido com exaltação. É conversar, chegar sem câmara, ouvir o que é que aquelas pessoas nos têm a dizer e avaliar ali... e percebendo que a pessoa pode falar perguntar: “Olhe, nós estamos a fazer uma reportagem sobre isto. A senhora fala connosco?” e esperar pela resposta dela que é sempre a resposta que impera e nesses casos não adianta sermos chatos, nem estar a insistir porque a cima de tudo está tudo o que foi perdido. Estão os sentimentos à mistura... e muitas vezes as pessoas ainda não caíram nelas. Aliás, há um caso curioso – no último direto falamos disso – que tem precisamente a ver com muitas pessoas ainda não tinham parado para pensar no que aconteceu porque precisavam primeiro de enterrar os mortos.

Passar pelo processo do luto...

Sim, passar por esse processo. É a despedida e naqueles primeiros dias ninguém tinha enterrado os mortos, ninguém tinha caído na realidade. Só depois dos primeiros funerais é que as pessoas começaram a precisar do espaço próprio, para refletirem, para pensarem,

ponderarem a vida, para pensarem “E agora?”, para darem a volta. O nosso trabalho aí, a responsabilidade é muito maior. Claro que nós temos uma responsabilidade tremenda em todos os trabalhos, até porque têm sempre muita visibilidade e às vezes esquecemo-nos disso, mas nesta situação, que envolve tanto os sentimentos das pessoas, a dor delas... invadimos tanto o espaço delas, que tem de ser de acordo com o que elas querem, não pode ser de outra forma.

Sei que para ti foi importante salientar que as pessoas iam continuar a precisar de ajuda... Esta era a grande mensagem que que querias passar?

E acima de tudo como cidadão, era assim que eu o dizia, porque depois de toda esta semana dura de trabalho, pediram-me para ir ao Concerto Solidário falar com a Catarina Furtado sobre o meu trabalho. Eu não queria ir. Não queria ir porque achava que aquilo até podia ser mal interpretado. O Hugo Gilberto disse-me para ir, o Helder Silva aconselhou-me a ir, disse que fazia todo o sentido eu ir. E então eu disse que ia com a condição de falar sobre o estado das pessoas, sobre aquilo que elas viveram e sobre aquilo que estavam a atravessar. A Catarina Furtado acabou por me lançar a dizer que eu era tão jovem, que tinha apenas 23 anos, mas o meu discurso, eu tentei levá-lo sempre para as pessoas, porque era isso que realmente me importava dizer.

Não querias os holofotes virados para ti..

Não, não queria mesmo. Acho que não ia fazer sentido. Aquelas pessoas, a viverem aquilo tudo e o que eu queria dizer era essencialmente isso, que com uma onda de solidariedade tão grande a chegar a Pedrogão, o medo deles era que ela acabasse num instante, que passado, por exemplo, 15 dias, já ninguém se lembrasse deles. E eles precisavam de ajuda. Felizmente, a onda de solidariedade não acabou passados os 15 dias, mas era isso... e o apoio psicológico. São precisos psicólogos no terreno, é preciso alguém lhes dar um abraço. Até coisas banais que fazem toda a diferença: sentar cinco minutos a conversar com as pessoas. Foi essencialmente isso que eu quis dizer, como jornalista, obviamente, mas como cidadão era a minha preocupação e se calhar por isso é que o regresso custou tanto. O meu último direto era o direto em que estava mais nervoso. Não sei se era por vir embora e por saber que tudo ia continuar ali...

Achaste que ia ficar alguma coisa por dizer?

Era o meu receio e depois... não sei. Era pensar que afinal vai continuar tudo ali, sabes?! E que no dia seguinte nós vamos regressar às nossas vidas e secalhar interessa queixarmonos que dormimos menos uma hora... Caraças! Aquelas pessoas perderam tudo e continuam ali. E era o facto da comunicação social sair dali, não saiu porque continuaram outras equipas, mas nós acompanhamos a dor das pessoas desde o início, era quase como se houvesse um corte no compromisso que tínhamos como jornalistas de lhes dar voz. Aquela segunda-feira, para mim foi terrível. Precisei muito do meu espaço, de estar sossegado em casa, sozinho. Era quase como se eu tivesse de fazer o meu luto. O nosso regresso foi uma coisa que mexeu muito connosco.

E agora? Sentes necessidade de saber como é que as pessoas com quem falaste estão a lidar com a situação?

Eu fui passado um mês fazer algumas reportagens, voltei a estar com algumas pessoas que tinha estado.

Reconheceram-te?

Reconheceram... e sentiram-nos preocupados com eles. Voltei também passado quatro meses. À medida que o tempo passa nós vamos sentido que as pessoas também vão tendo menos disponibilidade. Um mês depois se calhar já não querem falar porque já disseram muito e porque já perceberam que o momento agora é outro, muito mais deles. É o tempo que vai passando, é o luto que vão enfrentando... é a forma deles darem a volta à situação e nós isso temos de respeitar, mas a nossa profissão é m compromisso constante, é continuar a estarmos atentos, muito atentos porque apesar das pessoas precisarem do espaço, precisam de alguém que lhes dê voz. Nós não podemos descartar-nos ao fim de um ano e deixar de ir a Pedrogão. Nós vamos ter de continuar a ir a Pedrogão durante anos! Foi uma tragédia que vai demorar muito tempo a recompor-se e na memória das pessoas vai continuar a estar sempre toda a vida. Até nas crianças que viveram isto de muito perto. Voltar à escola, voltar a uma sala de aulas e não teres os colegas que tinhas...depois toda a gente se conhece. Por exemplo, no primeiro dia, na estrada, às 7h da tarde veio ter connosco um rapaz de 17 anos numa mota, com umas olheiras tremendas, com um ar completamente desesperado e perguntou-nos se tínhamos visto o Diogo de 21 anos, que era o irmão dele. Eu disse-lhe: “Olha, não faço ideia, mas é melhor ligares para a GNR, eles criaram uma linha de apoio, pode ser que ele até nem esteja a conseguir comunicar convosco”. Foi por estupidez, não sei, que eu tive esse discurso mais positivo,

mas provavelmente o Diogo teria morrido... mas disse-lhe: “Pergunta aquele senhor dos reboques, ele está a levar os carros daqui, ele pode ter visto o teu irmão”. Ele perguntou-lhe e o senhor dos reboques disse que não o viu. Ouvimos a mota dele, na floresta, num ziguezaguear constante, numa aflição tremenda... era o desespero por não saber de alguém que lhe era tudo. O senhor dos reboques veio ter connosco e disse: “Eu acabei de levar a carrinha do irmão dele, mas não posso ser eu a dizer-lhe que morreu”...

Passado uma semana, na tal casa, dois senhores a conversar, perguntei se já tinham voltado à normalidade e ele diz-me que não porque vai enterrar o filho, o Diogo de 21 anos. Ao lado, olhas para uma mota parada e é a mota do irmão, que foi ter connosco no primeiro dia. Nisto sai uma senhora de casa com uma camisola preta e disse-lhe: “Marido, veste. Temos de ir embora” e os dois a chorar... é impossível tu ficares indiferente a isto tudo.

Passado um mês, entras numa empresa e perguntas se já receberam algum apoio e responderam: “Recebemos muito pouco, porque nós perdemos tanto. Perdemos todas as alfaias que tínhamos na floresta, perdemos todas as máquinas, os camiões, mas a cima de tudo perdemos as pessoas. Perdemos o nosso Diogo de 21 anos”. Para percebermos que, em sítios diferentes, as pessoas conhecem-se.

Depois, passadas umas horas, eu estou a fazer uma entrevista a uma senhora que consegue ter um discurso muito sereno e perguntava-lhe se as pessoas já tinham conseguido realmente parar para perceber o que tinha acontecido e passa por nós um jovem, numa moto⁴, completamente esgazeado, fora de si e ela disse: “Olhe, está aqui a resposta. Este Pedro, este barulho da moto são os gritos que ele não deu porque perdeu o irmão, perdeu o Diogo. São os gritos que ele não, são as lágrimas que ele não conseguiu dar e anda aí, completamente desorientado de moto de um lado para o outro.” Percebes? É uma dimensão social incrível. Toda a gente se conhece ali. Toca-nos. Toca-nos muito... como cidadãos, como profissionais, mas a cima de tudo como cidadãos.

O teu trabalho foi publicamente elogiado por imensas pessoas, algumas da área do jornalismo, Dina Aguiar, Sandra Sá Couto, José Manuel Cardoso (da Antena 1)... Este reconhecimento foi importante para ti?

Foi importante sobretudo pela forma como as pessoas falaram dele, porque foi, felizmente, um trabalho bem conseguido, julgo eu. Tanto eu como o Filipe passamos um bocado ao lado das redes sociais, até porque estávamos sempre a viver tudo com

adrenalina e aquilo que íamos vendo, chegava-nos por mensagem ou links que partilhavam. Chegou a uma altura que nós começamos a ficar assustados, “isto está tudo louco”! Quando eu abri o Facebook a dada altura e tinha 200 notificações...aparecia que alguém mencionou e mencionou e mencionou...a minha primeira reação foi: “eu disse asneira nalgum direto; o que é que eu disse de errado?” (risos). Depois começamos a perceber que era por boas razões e ficamos, obviamente, satisfeitos. Mas... eu não quero dizer que a responsabilidade aumentou, mas... “temos de continuar isto da mesma maneira que estamos a fazer porque se calhar é este o caminho certo.” Obviamente que foi muito importante, num cenário daqueles, sentir aquele alento e sentir que as pessoas se estavam a identificar e que era aquilo que queriam ver ou, que de certa forma, era aquilo que procuravam ver, deixa-nos muito lisonjeados e deu alento para também enfrentar a situação.

Num texto em que Carlos Vaz Marques elogia o teu trabalho e o da pivot Carolina Freitas, numa emissão da RTP 3, diz o seguinte: “Fazer informação é um exercício de equilíbrio numa corda bamba que tem de um lado o perigo do desinteresse e do outro os abismos do mau gosto e do sensacionalismo”. Tu mantiveste-te em cima da corda. Sentes isso?

Exatamente. É sempre uma linha muito, muito muito ténue, porque... qualquer coisa pode descambar. Se eu metesse aquela senhora na minha reportagem provavelmente, para além dela ser mal interpretada, iam dizer: “Porque é que este tono foi ouvi-la?”. É uma linha muito ténue, é uma ponderação que cresce ali num meio daqueles. O truque é, tão simples, mas muito exigente, que é o recurso ao bom-senso e aquilo que é nosso, à consciência, para não cairmos dessa linha que nos leva por... como aconteceu com alguns colegas e que depois... hoje em dia as redes sociais têm amplamente esse efeito – até mais para o mal do que para o bem – e portanto, todas as pessoas têm uma opinião, todas as pessoas são muito críticas e basta deslizes um bocadinho da linha que essa é a consequência imediata.

Esta questão do bom senso e de conseguires manter a serenidade, a verdade é que não há nenhum curso que te ensine isso, ou achas que tem a ver com a tua formação académica?

Não há. Tem a ver com as pessoas, eu acho isso. Assim como o Filipe, por exemplo, que teve sempre do meu lado. Ele foi incansável e o nosso trabalho foi assim porque eu

trabalhei com o Filipe e é como eu digo: por mais aulas de ética que nós tivéssemos tido, por mais formação...isto não se aprende. Nós nunca tínhamos estado numa tragédia e chegamos ali e só pensamos: “Como agir numa tragédia?; Como é que eu vou fazer?”. É pormo-nos no lugar daquelas pessoas, obviamente sempre com a missão de relatar, porque é para isso que estamos ali e por isso é que às vezes temos de respirar fundo para, pessoalmente, não nos incomodarmos, mas é...pormo-nos no lugar deles. “Era assim que eu queria ser tratado?; Não, eu se calhar agora não queria falar? Então não incomodes Zé. Há de haver outra altura. Diz tu os factos que sabes.”. Houve diretos que eu fiz sozinho porque, na altura achei que não valia a pena falar com ninguém. Eu dizia os factos que tinha e em vez de fazer um direto com 5 minutos, fazia com 2 e estava feito. E os meus coordenadores compreenderam todos muito bem. Não adiantava estar a alimentar a edição com uma coisa que não ia acrescentar nada, que ia estar ainda a incomodar as pessoas. “Não. Não tenho ninguém que vá falar comigo, falo sozinho. – Pronto.Ok”. Entenderam, felizmente. Era o que eu te estava a dizer, por mais formação que exista nas universidades, a melhor formação é esta, no terreno.

Numa situação destas não deve ser fácil lembrarmo-nos de todas as regras que se aprendem nos cursos superiores...

Lá não dá para nos lembrarmos do Código Deontológico. Esquece. É o que vês, é o que te aparece à frente e conforme isso, a decisão que tu tomas, de acordo com os teus princípios e de acordo com a vontade das pessoas. Tu ali... sabes lá qual é o artigo 7 do Código Deontológico, qual é o artigo 2... não sabes, não te lembras sequer. É o recurso ao bom senso, acho que é isso que impera. Acho eu que é isso... e o Filipe diz o mesmo. Pormo-nos no papel das pessoas é fundamental. Fundamental. Quando temos dúvidas é pormo-nos no papel delas.

1.3. Entrevista: Bárbara Baldaia (TSF)

Falar do teu percurso e sobre o porquê do jornalismo é quase impossível sem falar do teu tio, Paulo Baldaia. Eu sei que percebeste que querias seguir jornalismo, depois de teres feito uma reportagem ficcionada, no 8º ano. Depois de perceberes

que o jornalismo podia ser o teu caminho começaste a olhar para o trabalho dele de uma outra forma? Tentavas absorver tudo o que ele tinha para te dizer?

Tentava, sim, sem dúvida e não só naquela fase. Ele obviamente ajudou-me muito a aprender jornalismo e a evoluir enquanto jornalista e foi um bom professor. Foi e ainda é, porque muitas vezes, menos agora confesso.

E nessa fase inicial procuravas a aprovação dele para os teus trabalhos?

Sim, sem dúvida, porque confiava nele enquanto jornalista, como é evidente e portanto, obviamente que a aprovação dele jornalisticamente de um trabalho jornalístico que eu tinha feito, era importante para mim nesse sentido, claro.

Agora falando mais sobre o teu percurso. Começaste no Comércio do Porto, mas foi uma passagem muito breve, de apenas um ano.

Até acho que foi menos um ano, sim. Foi um estágio. Eu estava a estudar na altura, eu tirei Comunicação Social em Braga, quando tirei o curso, o curso era de 5 anos, foi antes de Bolonha. O 5º ano era dividido, o primeiro semestre era curricular e o 2º semestre era estágio. O estágio fi-lo na TSF, em Lisboa, mas antes do estágio do curso pedi ao Comércio do Porto para fazer lá um estágio também e então, estagiava de manhã no Comércio e à tarde tinha as aulas na faculdade, na Universidade do Minho.

E depois do Comércio do Porto, estiveste na TSF, durante 4 anos.

Depois do Comércio do Porto fui para a TSF em Lisboa, fazer estágio para o curso. O estágio curricular foram três meses e depois, o Carlos Andrade era o diretor da TSF e ele convidou-me para ficar e fiquei, dessa primeira vez, de 2000 a 2004. Em 2004 fui para o Diário Económico.

Lá ficaste 3 anos.

Sim, lá fiquei de 2004 a 2007.

Depois, voltaste a casa.

(Risos) Voltei a casa, dessa segunda vez que voltei à TSF, era o José Fragoso o diretor.

Mas também em Lisboa, na altura?

Sim, também em Lisboa. Já tinha manifestado vontade de voltar para casa (Porto) e em 2014 houve uma porta que se abriu, houve uma jornalista do Porto também interessada

em ir para Lisboa e eu estava interessada em vir para o Porto e conjugaram-se aí essas duas vontades.

Na minha pesquisa, descobri no site doo Tiago Figueiredo (fotógrafo e realizador) uma publicação sobre e ti e escreve um pequeno texto sobre as coisas que gosta em ti e ele diz a uma certa altura que gosta das histórias que tu contas, nomeadamente das histórias de bairro que só te acontecem a ti. Isto é razão para te perguntar por onde é que tu andas, Bárbara Baldaia?

(Risos) Eu acho que provavelmente ele escreveu isso porque eu em Lisboa vivia em São Bento, no bairro de São Bento, mesmo em frente à Assembleia e é um bairro muito característico, muito típico, onde vivem ainda muitas pessoas, ou pelo menos viviam na altura, eu já saí de Lisboa em 2014, mas na altura viviam pessoas... Lisboaetas. Verdadeiros lisboetas e não penas migrantes e imigrantes e turistas, porque lisboa é uma mescla de gente, vive muito disso. Mas havia muitas personagens, muitas *caracteres*, gente muito típica e havia sempre histórias muito engraçadas que me aconteciam na rua, com lisboetas de gema e com gente de fora que se cruzavam ali e havia histórias curiosas. Eu acho que é a isso que o Tiago se deve estar a referir (risos).

Pedrogão Grande

Quando deflagraram os fogos e fomos percebendo a dimensão dos estragos e o número de vítimas mortais, como é que foste recebendo essas notícias?

Com incredibilidade. Aquela madrugada, como toda a gente sabe obviamente, foi uma coisa muito atípica. Ao fim-de-semana tenho um bocado a tendência de desligar das notícias e estar mais numa onda de família e em casa, vejo pouca televisão, vejo poucas notícias.

Nesse fim-de-semana foi difícil manteres-te afastada das notícias...

Nesse fim-de-semana eu apercebi-me ao jantar, porque estava a jantar num restaurante que tinha televisão. Apercebi-me que já estava a acontecer um direto em Pedrogão e o rodapé dizia “um morto”. Eu pensei: “Um incêndio... Normal. Normal, quer dizer... Enfim, como muitos que acontecem”. Depois quando cheguei a casa, lembro-me que já havia... Não tenho a certeza, mas havia um push da TSF que dizia, creio que, 19 mortos. A contagem foi sempre aumentado.

E muito repentinamente. Passamos de ter um ou dois mortos para mais de uma dezena.

Sim, sim. Aqueles 19 mortos à noite já me fez uma confusão... Wow! Como é que é possível 19 mortos num incêndio?! E não imaginava o que vinha a seguir. Depois lembro-me que a meio da noite acordei e por acaso espreeitei o telemóvel e tinha um novo push já com 24, acho que eram 24 mortos, e fiquei: “Não estou a acreditar!” De manhã havia outra vez numa informação, eram 32 se não estou em erro. Aquilo começou a ser uma coisa absolutamente inacreditável. Obviamente foi chocante para toda a gente. Acho que toda a gente terá sentido o que eu senti, essa incredibilidade. Na segunda-feira de manhã, aquilo estava a mexer muito comigo - como estava a mexer com toda a gente, repito, porque ninguém é imune a estas circunstâncias. Ainda mandei uma mensagem a um dos nossos diretores a perguntar se podia ir e ele disse-me que já tinham distribuído o jogo, digamos assim, e que já estavam pessoas a caminho e que, portanto, naquele momento não era preciso. Agradeceu-me, mas não era preciso. Eu fiquei com alguma pena como é evidente...

A Bárbara Baldaia, jornalista, sentiu essa necessidade de estar lá e ver com os próprios olhos o que estava a acontecer.

Senti obviamente... e confesso-te aqui uma coisa. Senti um arrependimento até de aquela mensagem que eu mandei à direção na segunda de manhã, não ter mandado antes. Não ter tido a lucidez, porque não a tive, de ter mandado antes. “Não, eu devia ter ido logo! Como é que eu não fui logo? Como é que isto me passou?” E aquele click só me deu na segunda quando acordei. Eu pensei: “Não, isto não pode ser, eu quero ir para lá”. Pronto, e na altura não fui de facto, porque já estavam lá colegas meus, a fazer reportagem e fizeram bem. Ao contrário de... enfim, de outras reportagens. Honestamente eu sou muito crítica de muito do trabalho que se fez em Pedrogão. Claro que a minha opinião é um bocado parcial aqui, mas eu acho que a TSF fez um bom trabalho. O João Alexandre foi um dos repórteres que lá estive e fez uma grande reportagem maravilhosa. Mas pronto, de facto não fui nessa altura e fiquei com aquela pena... Pena, no sentido jornalístico, entenda-se. Passados uns dias ligaram-me a pedir para ir e eu fiquei toda contente.

Ligaram-te? Como é que foi este processo? Tu já não estavas à espera de ir ou continuavas com essa vontade?

Não, nessa altura não estava à espera de ir. Eu continuava com vontade de ir lá, mas numa marca qualquer, sei lá, um mês depois, por exemplo. Estava à espera que isso pudesse acontecer, não estava à espera que eles quisessem manter a reportagem no terreno naquela fase. A TSF também decidir mantê-la porque foi uma fase em que os jornalistas começaram a sair, não todos evidentemente, mas a TSF decidiu que não ia sair e que era preciso continuar a acompanhar o que se estava a passar era demasiado grave. Nesse aspeto foi relativamente surpreendente para mim, porque pensava que ia para lá mais tarde, mas fui nessa altura e ainda bem.

Acredito que tenhas acompanhado na televisão e através de fotografias, as imagens que foste vendo, achas que te foram preparando de alguma forma para o que ias encontrar lá?

Foram, porque na verdade não encontrei coisas que são difíceis de digerir como outros colegas encontraram. Não encontrei corpos. Não vi pessoas naquele estado. Vi carros queimados, claro, é inevitável, vi casas queimadas, vi a paisagem, quilómetros e quilómetros de destruição, tudo negro. É muito emocionante. Agora, também é preciso que essa emoção, a que ninguém é imune, não transpareça nas notícias, ou não transpareça de forma a que consuma a própria notícia.

E tu conseguiste fazer bem, essa gestão das emoções?

Eu espero que sim...

Acabaste por ouvir histórias de pessoas que perderam tudo e talvez não seja fácil fazer essa gestão e separar o “nós” pessoa e o “nós” jornalista.

Tem que ser. Na altura em que uma pessoa está a escrever tem que ser e eu, confesso que tinha algum medo de não conseguir, acho que toda a gente tem. Confesso-te aqui outras coisas. Enquanto estava a ir para lá, liguei a alguns jornalistas meus amigos que estavam lá a dizer precisamente isso: “Eu estou com medo de cair no ridículo de fazer coisas que eu já vi a serem feitas”, e portanto, queria ouvir opiniões e conselhos, porque acho que ninguém é perfeito sozinho.

Os anos de trabalho não te deixam a salvo de cometer esses erros, não é?

Nunca estamos. Nunca estaremos. Estamos sempre a cometer erros, quer queiramos, quer não. Uns aqui, outros ali. Eu ia com isso muito presente, era uma preocupação minha: “Eu não quero ser contaminada pela emoção. Não quero transmitir o que eu sinto enquanto pessoa a um trabalho que eu tenho de fazer de forma o mais imparcial possível, o mais... Não é fria, mas com algum distanciamento” Nós temos de informar as pessoas. Ainda hoje estava a ouvir uma entrevista do Rodrigo Guedes de Carvalho e ele dizia que os jornalistas acabam por ser um bocadinho como os médicos, têm de ter um determinado distanciamento, não se podem deixar envolver pelas histórias, porque eles têm que contar a história, e é isso mesmo, ele resume bem essa questão.

Contar a história é a prioridade.

Sim, contar a história é a prioridade. Não é a prioridade contar que eu jornalista, eu Bárbara Baldaia fiquei muito emocionada a ver o que vi. Obviamente! Quem é que não ficou emocionado ao ver aquilo?!

E as próprias imagens e entrevistas que foram feitas, já eram, de certa forma suficientes, para que se percebesse o que é que aquelas pessoas estavam a sentir.

Certo. Sendo que houve entrevistas que não se podiam ter feito e que foram feitas. Não se pode entrevistar o pai de duas crianças e o marido de uma mulher que acabaram de morrer. Ele acabou de perder a família toda! Não se pode entrevistar uma pessoa que está nessa circunstância. Acabou. Ponto final. Não há entrevista possível com uma pessoa que está completamente fragilizada, que está sem capacidade de discernimento. Não se pode entrevistar pessoas que estão na mais total fragilidade. Eu isso sabia que não ia fazer. Acho que é uma questão de bom senso. O meu receio até era mais que pudesse cair para aquela escrita melodramática, com aqueles floreados e aquela poesia escondida, que é uma coisa que me irrita quando estou a ler uma reportagem. Uma reportagem não é uma poesia, é uma reportagem. É óbvio que se uma pessoa escrever bem, melhor, mas não tem que ir buscar aqueles floreados e aquelas frases bonitas. Isso não é jornalista, no meu ponto de vista.

Num dia-a-dia normal de trabalho, preparas as tuas reportagens como? Com alguma pesquisa, fazes alguns contactos...

Sim, depende sempre do tipo de reportagem. Há coisas mais simples do que outras.

Mas por norma sabes para onde vais, com quem vais falar, não é?

Sim.

Neste caso...

Neste caso não tinha nada preparado. Nada. Nada. Zero. Neste caso, e era outro dos meus receios: “Como é que eu vou fazer?; O que é que eu vou fazer?; Com quem é que vou falar? Não tenho aqui nenhum contacto”, quer dizer, há sempre aqueles contactos institucionais, mas eu não queria ir por aí, não era esse o caminho que eu queria fazer. Então o que é eu fiz? Quando entrei ali na área ardida abrandei, o carro ia mais devagarinho para eu ir absorvendo o que é que eu estava à minha volta, e uma das primeiras localidades que encontrei – porque não ia com destino traçado, ia para a zona que ardeu em Pedrogão Grande, o que é muito vasto – e acabei por encontrar primeiro Nodeirinho, que foi uma aldeia onde morreram, se não estou em erro, 11 pessoas. E... Opah... Chegando a Nodeirinho, aquilo é muito impactante porque, chegas e tens a placa a dizer “Nodeirinho” toda queimada, a paisagem toda queimada. Eu entrei devagarinho na aldeia e, quando entras na aldeia há um tanque e em frente ao tanque há uma paragem de autocarro. Estava uma senhora sentada na paragem de autocarro. Eu estacionei o carro e deixei a mochila no carro, com o microfone, não levei nada comigo. Fui ter com a senhora e sentei-me lá com ela. Apresentei-me, disse: “Então como está?”, fazes conversa, cumprimentas as pessoas normalmente, “sabe, eu sou jornalista e estou cá porque vim fazer reportagem sobre o que aconteceu aqui”, e basicamente não é preciso dizeres mais nada. As pessoas estão a viver um luto e estão com muita necessidade de falar e de exorcizar aquilo que acabaram de viver. Fiquei ali sentada e começamos a conversar e depois de estarmos um bocado a conversar - e eu percebi que ela queria conversar, porque se percebesse o contrário, ou que eventualmente a reação fosse a oposta, não ia estar ali a insistir. Pronto, a senhora queria conversar e então comecei a falar e entretanto começaram a juntar-se pessoas. Entretanto eu disse: “Olhe, deixe-me só ir ali buscar o microfone e continuamos a nossa conversa só que com o meu microfone, se não se importam”. No fundo foi aquilo que aconteceu, ficamos ali a falar, iam aparecendo mais pessoas e mais pessoas e eu nem precisei de sair do sítio. Conheci ali imensa gente, gente fantástica e gente que depois me fez conhecer outras pessoas, que me levaram a outros sítios, que me deram a conhecer outras realidades que estavam ali à volta. Eu acho que a coisa mais fácil que há... mais fácil, mais gratificante e mais rica, é falar com pessoas. Quando eu digo pessoas, é pessoas normais, como nós.

E cada uma tem a sua história para contar.

Exato. Mas sabes, eu digo isto, e para mim isto é gratificante, porque durante muitos anos, fiz política. Falar com políticos é diferente de falar com pessoas, se é que me faço entender.

Tu ao falar com as pessoas sentes a própria essência delas, elas estão ali e aquela é a verdade delas.

Exatamente.

Numa das tuas reportagens, há uma à qual deste o título: “Ainda há Oásis em Pedrogão”, uma das pessoas que entrevistaste, um senhor chamado Luís Dias, falava a propósito de alguns cancelamentos de reservas de pessoas que iam para lá de férias, e ele diz que a imagem que passou foi que Pedrogão desapareceu, “mas Pedrogão não desapareceu, está cá. A arte de bem servir e de bem receber, continua cá.” Isto mostra uma resiliência por parte das pessoas, uma vontade de seguir em frente. Tu sentiste isso?

Senti. Esse senhor falava como empresário e eu senti muito isso nos empresários, nas pessoas que tinham negócios, como é evidente, porque as pessoas precisam de continuar a trabalhar. Mas, para além dessa resiliência, também senti as pessoas muito revoltadas com aquilo que tinha acontecido, ou seja, não é só resiliência, “nós queremos continuar a lutar e vamos para a frente, vamos dar a volta a isto.”, isso há sem dúvida. Não sei se é característico do povo português, se não é, eu acho que é mais característico até do ser humano, temos de continuar com a vida. Mas o que mais me impressionou não foi essa resiliência, foi a revolta. As pessoas estavam revoltadas com o Estado, que lhes falhou naquela altura.

Não sentiam o apoio que estavam a precisar naquele momento.

Não sentiam porque, de facto, não tiveram esse apoio. Não tiveram bombeiros, não tiveram SIRESP, não tiveram nada, aquilo ardeu tudo. As pessoas... elas próprias arderam. Estavam ainda sem telefone, sem internet, sem luz, sem água, sem casas. Aquilo era uma sensação de um cenário abandonado. Parecia um apocalipse, era uma sensação de filme de... de filme. Eu acho que isso é que foi mais impactante. “Nós estamos aqui abandonados. Onde é que está o Estado?”

Essa revolta aconteceu mais pela falta de apoio pós incêndio ou pelo incêndio em si?

Pelas duas coisas. Pela falta de apoio durante o incêndio em si e pelo pós incêndio. Muitas pessoas contavam que andaram a recolher corpos. “Eu andei a recolher corpos. Eu não tinha que andar a recolher corpos. Era o Estado que devia ter recolhido os corpos”. Os corpos ficaram na estrada um, dois dias, não sei, não quero estar a dizer mentiras agora, mas as pessoas queixavam-se disso, “Está ali um corpo com um lençol em cima há não sei quantas horas”, esta sensação de “não está cá ninguém!” e foram as próprias pessoas que tiveram de se chegar à frente. Isso acho que é muito... Isso é mais violento.

Quando foste para Pedrogão e começaste a ter esse contacto com as pessoas, o teu objetivo passou a ser um bocado esse? Contar as histórias das pessoas que foste encontrando? Porque a ideia com que eu fiquei é que à medida que as notícias iam chegando, nós ficamos a julgar que conhecíamos aquelas pessoas, porque passaram por tudo aquilo, e achamos que isso é o suficiente para sabermos a história delas. Tu sentiste essa necessidade de contar algo mais acerca daquelas pessoas?

Sim, dar um nome e um rosto às pessoas e de alguma forma também, homenagear as vítimas. Se bem que uma das minhas funções quando fui para lá, e que me foi pedido pela TSF, foi “vai contar o que é que as pessoas estão a precisar neste momento, o que é que está a fazer falta, se falta roupa, se faltam alimentos, se falta luz, se falta gás, se falta a água, se falta apoio psicológico. O que é que faz falta aquela população atingida pelo incêndio”. Quando estás a contar isso, obviamente, tens que dizer quem são as pessoas, dar-lhes um rosto. Umas das pessoas que eu entrevistei, enfim, acho que todos os testemunhos muito marcantes e muito emocionados, mas há uma rapariga que eu entrevisto, e ela tinha uma frase... que é demolidora, porque ela está a contar como é que fugiu do incêndio, ela estava com a filha, fugiu com a filha e com uns amigos, os melhores amigos dela, e quando há uma bifurcação na estrada, ela vai para um lado e os amigos vão para o outro... e os amigos morrem e ela não. Isto faz-nos pensar numa quantidade de coisas, faz-nos pensar naquela questão, como é que um pequeno pormenor, um acaso, pode mudar radicalmente a nossa vida e pode determinar a nossa vida ou a nossa morte. Ela perdeu os melhores amigos dela. A melhor amiga dela, perdeu a filha, que era uma bebé de 2 anos e ela... enfim, estava a lidar com isto tudo ao mesmo tempo, com a morte dos melhores amigos, com a morte da filha da melhor amiga, e isso é... Uma pessoa está a entrevista-la e está a pensar: “Caramba, como é que esta gente resiste?”

Contaste a história de tantas pessoas e contaste por exemplo a história do Sebastião Esteves, a quem só sobrou o carro vermelho, onde costumava ouvir rádio, e histórias

de muitas outras pessoas e apesar da ideia de que os jornalistas foram incomodar, atrapalhar o processo de luto, é um pouco aquilo que estavas a dizer no início, as pessoas precisavam de falar.

Os jornalistas só foram atrapalhar o processo de luto quando desrespeitaram esse luto. Porque, de facto, fez-se alguns trabalhos que desrespeitaram esse luto, porque quando um jornalista está lá para contar as histórias das pessoas de forma... Como é que eu hei-de dizer... respeitadora e de forma a proteger a própria fragilidade das pessoas, proteger a fragilidade que as pessoas estão a viver naquele momento, acho que os jornalistas ajudaram e muitas pessoas disseram-me isso: “Contem o que se está a passar aqui!”

Precisavam que alguém lhes desse voz.

Precisavam que alguém lhes desse voz. “Contem o que nós estamos a viver, contem o que nos está a faltar”, e para além disso, desabafavam, aproveitavam para desabafar, e falavam e recontavam, vezes sem conta, aquela noite, porque os ajudava a ultrapassar aquele momento. Por isso, acho que os jornalistas também podem ter tido, e tiveram, um papel positivo nesse luto.

No teu gravador, ficaram algumas histórias que decidiste não contar? No meio daquela dor, as pessoas acabam por contar coisas que são muito marcantes. Foi fácil decidires o que deves contar e o que não deves contar? O que é que deve chegar ao público e o que não deve chegar ao público.

Não ficaram muitas histórias por contar. Ficou uma por contar, porque eu não tinha a confirmação dessa história. Havia algumas pessoas que estavam a dizer que estavam a acontecer naquela altura saques nalgumas casas, ladrões que entravam em casas que tinham ardido para tirar o resto do recheio, isso chegou a ser noticiado. Entretanto foi desmentido e eu não consegui confirmar isto com as autoridades, só tinha uma ou duas pessoas que me contavam esta história, e achei que era arriscado contar a história em antena e não a contei, porque não tinha a certeza que houvesse, de facto, pessoas a roubar. Acho que foi a única que ficou no gravador. Lá está, como te disse no início, eu tinha a certeza que não queria entrevistar ninguém que tivesse perdido um familiar muito próximo, porque acho que as pessoas estão a viver uma dor tão grande e estão de tal forma expostas, que nós não podemos expô-las ainda mais.

E já tinham sido contadas tantas histórias dessas...

Isso é voyeurismo. Ponto. É sensacionalismo. O que nós estamos ali a fazer não é com esse intuito, é com o intuito de informar. E não é preciso escarafunchar na dor das pessoas para informar.

Ainda sobre as tuas reportagens, houve uma em que utilizaste como título uma frase que te foi dita em entrevista: “Neste momento, o que precisamos é de abraços”. Deste alguns destes abraços ou preferiste manter-te mais distante?

Dei abraços, não... Não literalmente, mas há várias formas de abraçar. Eu procurei conversar com as pessoas, mais do que entrevistá-las ou fazer perguntas. A minha “técnica” de entrevista aí foi mais deixar as pessoas falar. Deixá-las falar. De vez em quando fazia perguntas, como é evidente, mas...Ouvir o que elas tinham para dizer, mais do que: “Diga-me o que é que acha sobre isto; O que é que aconteceu ali?”. Não. Ouvir o que elas tinham para contar. Senti que era uma forma de um abraço.

A tua disponibilidade também.

Sim, a minha disponibilidade para ouvir, até com o microfone desligado, porque não estava sempre com o microfone ligado, e a empatia que podes criar com as pessoas também são abraços. Depois aconteceu também uma coisa muito curiosa, acabamos (nós, TSF) por ajudar um senhor - não sei se viste essa reportagem também – que era, creio que era pedreiro, tinham-lhe ardido os materiais de trabalho todos, a rebarbadeiras, toda a oficina onde ele guardava os materiais de trabalho, ardeu...

É o senhor que estava a falar com alguém e que diz que precisa de uma rebarbadeira para poder trabalhar?

Exatamente. Eu estava naquele momento com a Dina, que é uma das pessoas que faz parte da Associação de Vítimas de Pedrogão Grande e ela na altura, estava a fazer um papel para canalizar os pedidos de ajuda e as ajudas, para que a ajuda chegasse a quem precisava e para distribuir as coisas por quem precisava. Uma pessoa super dinâmica e ela estava com esse papel, ali naquela localidade de Nodeirinho. Eu estava com ela e outro senhor que estava connosco disse: “Vai ali “não sei quem”(que eu agora não me lembro do nome do outro senhor), ele perdeu tudo e precisava de uma rebarbadeira” e ela chamou-o “Venha cá. Como é que o senhor se chama? O que é que é preciso? Nós vamos tentar arranjar. Vamos ver se juntamos algum dinheiro para comprarmos pelo menos a

rebarbadeira, porque o senhor precisa de trabalhar, etc, etc”. Eu estava a gravar aquilo e acabei por fazer uma peça com aquilo.

Sim, que depois essa senhora acorda com ele que depois a rebarbadeira vai servir também para ajudar uma outra vizinha.

Exato, a senhora que tinha ficado sem os currais. Pronto, depois a peça vai para o ar e houve pelo menos duas empresas, ligadas à maquinaria, que me contactaram a dizer que queriam oferecer a rebarbadeira ao senhor e ofereceram. Portanto, o jornalismo também pode ter esse lado, de ajudar as pessoas. Eu não pedi diretamente ajuda a ninguém, mas dei a conhecer aquela situação, que havia essa necessidade, e essas empresas chegaram-se à frente. E como esta história, terão acontecido outros casos, seguramente.

Depois, chegaste a voltar a Pedrogão? Sentes essa necessidade de voltar a estar com essas pessoas?

Sinto. Sinto. Eu queria ter ido em setembro, quando fazia três meses. Acabei por não ir porque estava de férias e...

Mas querias ir enquanto jornalista ou a título pessoal?

Queria ir enquanto jornalista. Queria ir enquanto jornalista para procurar as mesmas pessoas com quem tinha estado

E perceber como é que tinha sido o processo até lá.

Exatamente. E... e ainda quero, portanto...

Está por agendar.

(risos) Pois, vamos ver se agendamos.

Quando regressas, quando fazes a viagem de volta, qual é o sentimento que trazes contigo, o que é deixaste ficar lá de ti? Esses dias que passaste lá marcaram-te de alguma forma?

Marcou, sem dúvida, sim. (silêncio). Eu estive lá muito pouco tempo. Eu fui numa quarta de manhã e voltei numa sexta à noite, estive lá duas noites, três dias de trabalho. Ah... (silêncio) Trouxe inúmeras histórias, trouxe muita coisa gravada, que só trabalhei depois cá, quando cheguei. Foram muitas horas de trabalho lá, porque estive sempre a trabalhar. Ia ao hotel para dormir e comer e ia outra vez para o terreno. O que eu senti é que foi

muito pouco tempo... e sentes sempre que são lições de vida. Há muitas circunstâncias na nossa vida que nos ajudam a pôr as coisas em perspetiva e esta, de facto, ajuda. Uma pessoa pensa “e se fosse eu?”. Perderam tudo! Perderam familiares. Perderam a casa, os bens todos. Perderam uma vida de trabalho. As pessoas mais velhas...Eu não quero estar aqui com a conversa de puxar a lagriminha e de puxar ao sentimento, mas de facto uma pessoa pensa: “Caramba pah! Estiveram a vida toda a trabalhar e ficam sem nada?” Já viviam com dificuldades... e depois se tu reparares, são essas pessoas as primeiras a estarem disponíveis para ajudar. Elas precisam de ajuda, mas estão sempre disponíveis para ajudar os outros. É uma coisa incrível. Incrível. É uma lição de vida do caraças. Para nós... Nós somos uns meninos! Nós temos tudo. Vivemos bem. Não nos falta nada. Há que dar valor à vida e perceber que de facto o mais importante não é aquilo que podemos comprar num Black Friday, por amor de Deus. Há coisas muito, muito importantes e estas situações, estas histórias, estas pessoas, ajudam-nos a lembrar-nos disso...

Do que é mais importante.

Para terminar, uma questão um bocadinho mais técnica. És uma jornalista de rádio, como é que fizeste esse trabalho de, não podendo recorrer às imagens impactantes que havia do incêndio, dar aos ouvintes essas imagens mentais?

Descrevendo. O texto é importantíssimo. Tens de observar e descrever, porque na televisão as imagens mostram-te, no jornal também tens as fotografias – mas apesar de tudo também precisas de descrever no jornal, como é evidente. Tens que descrever. Descrever da forma mais correta e rigorosa que conseguires e com os pormenores que considerares relevantes para a história, mas isso é o que eu mais gosto de fazer.

Alguém que não seja da área do jornalismo, pode achar insignificante tu descreveres o ligar de um carro, que foi o que aconteceu quando contaste a história do Sr. Sebastião, mas a verdade é que quando estamos a ler ou a ouvir essa descrição imaginamos todos os gestos. Quando estava a ouvir essa reportagem, foi isso que aconteceu, imaginei uma mão mais grossa, com umas unhas desgastadas, a ligar a chave no carro e isso é importante em rádio.

Contar uma história é isso, é pôr as pessoas a ver o filme na sua cabeça. É isso, tu tens que descrever com pormenores, de forma a que as pessoas consigam ver a história com as imagens que elas próprias criam na sua cabeça, mas que devem ser, o mais possível,

próximas da realidade, senão não estás a contar uma história, estás a pôr declarações no ar e a ideia é contar a história e que as pessoas consigam vê-la de olhos fechados.

2. RÁDIO COMEMORA 15 ANOS DE VIDA

TSF, a história da primeira emissão pirata

Sofia Rodrigues | 2 de março de 2003, 11:31

“A TSF comemorou na sexta-feira 15 anos de emissões regulares. Cinco anos antes, na pré-história da rádio de notícias, um punhado de homens - alguns dos quais viriam a estar no seu lançamento como projecto profissional - fez uma emissão pirata decisiva para a legalização das frequências privadas. O PÚBLICO conta como esse "programa" foi para o ar.

Foi do alto de dois prédios - um no Lumiar, o outro em S. João da Caparica -, que saíram os primeiros sons de uma emissão pirata daquela que mais tarde viria a ser a TSF, a 17 de Junho de 1984. Eram apenas quatro horas de depoimentos de perto de 60 personalidades portuguesas, que soaram em Lisboa, num domingo de manhã, através de dois emissores quase artesanais, construídos por um engenheiro holandês e instalados em segredo naqueles dois edifícios.

Muito poucos terão ouvido as vozes de figuras públicas a defender a legalização de novas rádios, mas o acto valeu pelo simbolismo dessa luta, numa paisagem radiofónica monocromática, um duopólio da RDP, a emissora do Estado, e da Renascença, propriedade da Igreja Católica. No início dos anos 80, quando as rádios piratas (ou livres como eram chamadas) cresciam um pouco por todo o país, e cansados de uma batalha por uma lei que permitisse lançar novos projectos nas ondas hertzianas, travada há anos nos corredores da política, um grupo de jornalistas da RDP teve a ideia de fazer uma emissão e pô-la no ar para trazer a discussão dos gabinetes para a rua. "Foi decisiva para que o Parlamento viesse a criar a Lei da Rádio", diz Emídio Rangel, um dos impulsionadores desta provocação às autoridades, e que viria a ser o primeiro director da TSF.

Ao longo de vários dias, os depoimentos dos "nomes mais importantes do país", foram gravados (a área de desporto, por exemplo, ficou a cargo de David Borges que viria a estar na fundação da rádio) e entrelaçados com música e poesia, numa cave na sede da Cooperativa TSF, em Lisboa. Figuras do teatro, do cinema, da televisão, do desporto, da economia e da política (incluindo os então primeiro-ministro Mário Soares e o Presidente da República Ramalho Eanes) aceitaram defender a abertura das rádios à iniciativa privada aos microfones da TSF. "Era preciso mostrar que havia consenso na sociedade portuguesa sobre isto", afirma Rangel.

Depois foi necessário encontrar um local para transmitir a mensagem, a partir de emissores construídos por um engenheiro holandês, entretanto já falecido, mas

"brilhante" nas palavras de João Canedo, sonoplasta e sócio fundador da Cooperativa TSF, que acompanhou toda a operação a partir do estrangeiro. "Falava todos os dias com Rangel sobre a forma como haveríamos de evoluir a estrutura técnica da emissão. A ideia era trazer um bocadinho da rádio que fazíamos em Angola", recorda João Canedo. Para tentar ludibriar as autoridades foram gravadas duas cópias da emissão para serem transmitidas em dois pontos diferentes de Lisboa, mas exactamente ao mesmo tempo. Com a cumplicidade de um casal amigo de Rangel, um dos emissores foi colocado num terraço de um prédio no Lumiar. O outro, de forma a chegar a toda a linha de Cascais, foi instalado no cimo de uma torre de apartamentos, o mais alto das redondezas naquela altura, em S. João da Caparica. A entrada foi facilitada por um porteiro que ficou convencido das boas intenções do grupo em fazer apenas "umas experiências com equipamentos", conta Rangel. Através de um sistema de comunicação via rádio, as duas equipas - Mário Pereira (que viria a ser o primeiro administrador da TSF) no Lumiar e Rangel, acompanhado de dois engenheiros na Margem Sul, conseguiram largar a fita ao mesmo tempo, precisamente às nove da manhã. Dias antes, tiras de publicidade publicadas em toda a imprensa anunciavam a emissão pirata, em 102 Mz. "Toda a gente se convenceu que a emissão seria em directo", relembra, com um sorriso. Logo pela manhã, as autoridades policiais cercaram a sede da cooperativa TSF, convencidas que seria ali que Mário Soares ou Ramalho Eanes estariam a prestar declarações. Mas não estava ninguém naquela morada. Os serviços radioelétricos, "uma espécie de polícia das ondas hertzianas", começaram então a procurar a origem do sinal pelas ruas de Lisboa, com um aparelho próprio instalado num carro, e facilmente chegaram ao prédio do Lumiar. Mas esbarraram na resistência do casal, por coincidência administradores do condomínio, que recusaram a entrada à polícia por falta de qualquer mandado judicial. Foi então que as autoridades colocaram no ar uma emissão cheia de ruídos por cima da gravação da TSF e, por isso, a partir da segunda hora, foi difícil ouvi-la em Lisboa. "Só que não contaram com a outra cópia que continuou a soar na linha de Cascais e nunca chegaram a dar por ela", revela o fundador da TSF.

Mas, naquele domingo, o grupo que estava em S. João da Caparica, ficou apreensivo quando começou a ouvir vozes no andar imediatamente por baixo do topo do prédio. "Mais tarde viémos a saber que aí vivia um coronel das Forças Armadas. Por pouco, não fomos todos presos", ri-se Emídio Rangel.

A operação foi considerada um sucesso. "Queríamos agitar as águas e o objectivo foi conseguido. Os jornais falaram muito disso e até o próprio Governo se viu obrigado a comentar o assunto", conta Mário Pereira, também sócio fundador da Cooperativa TSF. Só anos mais tarde, já próximo do concurso de atribuição de frequências, a TSF começou as suas emissões regulares, a 29 de Fevereiro de 1989."